UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NELIANE ALVES DE FREITAS

"É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

MACAPÁ
2023

NELIANE ALVES DE FREITAS

"É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Educação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Amapá, na Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades

Orientadora: Profa. Dra. Piedade Lino Videira

MACAPÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

F866 Freitas, Neliane Alves de.
"É uma questão de pele, é uma questão de cor, Curiaú mostra tua cara!": a identidade cultural e institucional da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio / Neliane Alves de Freitas. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 218 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Educação, Macapá, 2023.
Orientador: Piedade Lino Videira.

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Quilombo do Cria-ú. 2. Projeto Curiaú Mostra Tua Cara. 3. Educação Escolar Quilombola. I. Videira, Piedade Lino, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 370

FREITAS, Neliane Alves de. **"É uma questão de pele, é uma questão de cor, Curiaú mostra tua cara!"**: a identidade cultural e institucional da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio. Orientador: Piedade Lino Videira. 2023. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

NELIANE ALVES DE FREITAS

"É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Piedade Lino Videira (Orientadora)
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

_____

Profa. Dra. Ângela do Céu Ubaiara Brito (Titular Interno)
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

_____

Profa. Dra. Cícera Nunes (Titular Externo)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

_____

Prof. Dr. Alexandre Adalberto Pereira (Suplente Interno)
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

_____

Prof. Dr. Elivaldo Serrão Custódio (Suplente Externo)
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Dedico esta pesquisa aos meus pais, Luiz e Ana Carmen que, juntos, me conduziram ao caminho dos estudos. Aos meus irmãos, Luiz Fernando, Carlos Felipe e Ana Laís e aos criauenses, moradores do Quilombo do Cria-ú pelo exemplo de força e resistência!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, na sua infinita bondade, me protege como a menina de seus olhos e permitiu que eu chegasse até aqui, nos momentos de atribulação e fraqueza ele foi o meu refúgio e a minha fortaleza. Por isso, toda honra e toda glória a ti, Senhor!

Aos meus pais, Luiz e Ana Carmen, cujo sentimento de amor e gratidão são imensuráveis. Por acreditarem no poder transformador da educação, guiaram-me para o caminho dos estudos e fizeram-me acreditar que a realização de mais esse sonho seria possível. Só consigo dizer, obrigada por tanto!

Aos meus irmãos, Luiz Fernando e Carlos Felipe, pela compreensão de minha ausência nos momentos importantes de nossa família. Um agradecimento especial à minha irmã, Ana Laís, por contribuir através de seu talento artístico na construção do recurso didático pedagógico que faz parte desta dissertação.

Gratidão e admiração à minha orientadora Profa. Dra. Piedade Lino Videira, um exemplo de mulher negra intelectual, com sua inteligência e paciência, me conduziu na construção dessa dissertação, me edificando como acadêmica e ser humano.

Agradeço à sensibilidade do Colegiado do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/Unifap), diante das adversidades enfrentadas por mim nesta longa jornada, especialmente aos professores: Ilma Barleta, Arthane Figueirêdo, Eliana Paixão, Alexandre Pereira e Tadeu Machado.

À Idanilde Rocha, secretária do PPGED/Unifap, pelas palavras amigas e por toda orientação quanto ao tratamento dos documentos referentes ao Programa.

À CAPES/FAPEAP pelo subsídio financeiro prestado para a realização da pesquisa, através do Código de Financiamento-001. Aos colegas bolsistas pelo apoio ao longo das visitas de campo e seminários.

Aos colegas de curso da turma PPGED/2020 pelos momentos de partilha do conhecimento durante essa caminhada que fora atravessada pelo contexto pandêmico da COVID-19 o qual nos impôs o estudo através do ensino remoto emergencial. Mesmo diante dessas adversidades, foi possível criar laços de amizade para além das telas.

Aos laços de amizade, fortalecidos durante as “dores da dissertação”: Angleson Pinheiro, Betel Castro, Fabiana Marques e Leslie Jovana Santos. Meus nobres companheiros, utilizo-me das palavras do cantor Raul Seixas para dizer: “sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto, é realidade”.

À minha amiga Rosiani Barros que se fez presente na minha vida durante esta jornada. Obrigada pelos cafés, pelas visitas, pelos momentos de conversa acadêmica e troca de figurinhas.

Ao Quilombo do Cria-ú, por toda receptividade e contribuições fornecidas para a realização da pesquisa, especialmente aos moradores que abriram as portas de suas casas para me receber: Esmeraldina dos Santos, Joaquim Araújo da Paixão (seu Carolina), Raimunda Leite da Paixão, Maria Fernanda Ramos Lopes (tia Roca) e Sebastião Menezes da Silva (seu Sabá). À equipe técnico-pedagógica, professores, demais funcionários/as e estudantes da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio por todo acolhimento, especialmente às "meninas" do *Projeto Curiaú Mostra Tua Cara* por terem me recebido, a saber: Deusiana da Silva Machado, Francinete Rodrigues Dias, Maria do Socorro Lino Videira, Nilma Maria Ramos Lopes, Núbia Maria Ramos Lopes e Roseany Maciel Brito.

Para concluir, agradeço aos demais familiares e colegas que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, através de atitudes, palavras de encorajamento e orações.

Gratidão, boas energias e proteção divina a todos/as!

A descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. (GOMES, 2012, p. 107).

RESUMO

A presente Dissertação: **"É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!: A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO"** teve por intuito investigar as circunstâncias que deram origem ao Projeto "Curiaú Mostra Tua Cara" e como ele vem sendo interpretado e executado pela escola através da ótica da gestão escolar, equipe de projetos e dos professores dos componentes curriculares de História, Artes, Literatura, Ensino Religioso e Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental. Outrossim, observar como está ocorrendo a implementação da legislação antirracismo na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio a partir da implementação da Lei n. 10.639/03 e da Resolução n. 08/2012. O estudo consiste em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e os dados foram colhidos através de observação, entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionários, análise de cadernos de planejamento e ofícios (2004-2022). Os resultados apontam para o esforço coletivo da comunidade escolar na garantia de um currículo afrorreferenciado; no entanto, o seu desempenho tem esbarrado em alguns problemas recorrentes como a falta de engajamento por parte de alguns professores nas ações do projeto durante o ano letivo, a falta de recurso financeiro para arcar com as despesas do projeto, por este motivo o desembolso financeiro (de custo alto) tem ficado a cargo da equipe de projetos. Além disso, a rotatividade de professores tem implicado na efetivação de um currículo afrorreferenciado. Dialogamos sobre a gamificação e apresentamos tal metodologia à comunidade escolar visando seu uso e emprego para fins didático-pedagógico pelos professores da escola como estratégia metodológica para que possam aliar a base tecnológica à educação escolar quilombola e, por fim, a indicação da construção de um recurso didático-pedagógico sobre o projeto em tela como possibilidade de estimular e contribuir com a identidade do quilombo para os professores recém-chegados e para toda a comunidade escolar, colaborando na proteção dos saberes tradicionais na escola com o intuito de desenvolver a garantia da identidade da cultura afrodescendente seguindo o que prevê a orientação da Lei n. 10.639/03, Resolução n. 08/2012 e as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Palavras-Chave: Quilombo do Cria-ú; Projeto Curiaú Mostra Tua Cara; Educação Escolar Quilombola; Descolonização do Currículo; Gamificação.

ABSTRACT

This Dissertation: **"IT'S A MATTER OF SKIN, IT'S A MATTER OF COLOR, CURIAÚ SHOWS YOUR FACE!: THE CULTURAL AND INSTITUTIONAL IDENTITY OF ESCOLA QUILOMBOLA STATE JOSÉ BONIFÁCIO"** aimed to investigate the circumstances that gave rise to the Project "Curiaú Shows Yourself Cara" and how it has been interpreted and executed by the school through the perspective of school management, project teams and teachers of the curricular components of History, Arts, Literature, Religious Education and Geography in the final years of Elementary School. Furthermore, observe how the implementation of anti-racism legislation is taking place at the José Bonifácio State Quilombola School following the implementation of Law no. 10,639/03 and Resolution no. 08/2012. The study consists of a qualitative case study approach and data was collected through observation, semi-structured interviews, application of questionnaires, analysis of planning notebooks and letters (2004-2022). The results point to the collective effort of the school community to guarantee an Afro-referenced curriculum; however, its performance has come up against some recurring problems such as the lack of engagement on the part of some teachers in project actions during the school year, the lack of financial resources to cover project expenses, for this reason the financial disbursement (high cost) has been the responsibility of the project team. Furthermore, teacher turnover has resulted in the implementation of an Afro-referenced curriculum. We discussed gamification and presented this methodology to the school community aiming at its use and employment for didactic-pedagogical purposes by school teachers as a methodological strategy so that they can combine the technological base with quilombola school education and, finally, the indication of the construction of a didactic-pedagogical resource about the project on screen as a possibility to stimulate and contribute to the identity of the quilombo for newly arrived teachers and the entire school community, collaborating in the protection of traditional knowledge in the school with the aim of developing the guarantee of identity of Afro-descendant culture, following the guidelines of Law no. 10,639/03, Resolution no. 08/2012 and the National Curricular Guidelines.

Keywords: Quilombo do Cria-ú; Curiaú Show Your Face Project; Quilombola School Education; Decolonization of the Curriculum; Gamification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Territórios do Cria-ú.....29
Figura 2 – Pássaro *Sankofa*, símbolo da Pretagogia.....48
Figura 3 – Território do Cria-ú de Fora ou de Cima.....61
Figura 4 - Campos alagados do Cria-ú.....62
Figura 5 – Campos de várzea no Cria-ú de Dentro ou de Baixo.....62
Figura 6 – Rio Curiaú.....63
Figura 7 – Poluição nas águas do Deck no Rio Curiaú.....64
Figura 8 - Estudantes auxiliando na limpeza do Deck do Curiaú.....65
Figura 9 - Sebastião Menezes da Silva, 63 anos.....67
Figura 10 – Esmeraldina dos Santos, escritora criauense e dançadeira de Marabaixo.....68
Figura 11 - O encanto do boto (2021) 66
Figura 1 2- As aventuras de Dona Florzinha (2011) 66
Figura 13 - O melhor caminho é a escola (2014) 66
Figura 14 - O Tamanduá (2023) 66
Figura 15 - Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha) 73
Figura 16 – Maloca da Tia Chiquinha 73
Figura 17 – Igreja de Santo Expedito 73
Figura 18 – Entrada da Creche Tia Chiquinha, após reforma em 2022 75
Figura 19 – Escultura de Francisca Ramos do Santos (Tia Chiquinha) 75
Figura 20 - Crianças aguardando o café da manhã 78
Figura 21 - Homens no preparo dos cortes do boi 78
Figura 22 – Maria Fernanda Ramos Lopes (Tia Roca) e Izídia Ramos da Costa.....79
Figura 23 – Igreja de São Joaquim 79
Figura 24 – Joaquim Araújo da Paixão (seu Carolina) e Raimunda Leite da Paixão 81
Figura 25 – Sr. João da Cruz 81
Figura 26 – Mastro de São Joaquim 85
Figura 27 - Localização via satélite da EQE José Bonifácio 88
Figura 28 – Entrada da EQEJB 89
Figura 29 – Corredor principal da EQEJB.....91
Figura 30 – Vista para o refeitório EQEJB.....91
Figura 31 – Biblioteca da EQEJB 92

Figura 32 - Pinturas santorais na EQEJB 92
Figura 33 – Estudantes e professores comemoram a vitória do título 98
Figura 34 – Mapa da localização das escolas quilombolas no Amapá 109
Figura 35- Atividade semelhante a Cartilha do Saber 115
Figura 36 – Profa. Irene Bonfim 117
Figura 37 – Rossilda Joaquina Santos 118
Figura 38 - Algumas produções do seu Sabá 118
Figura 39- Desfile na UNA 119
Figura 40 - Objetivo do desfile 119
Figura 41- Projeto Folclore 120
Figura 42- Ações do Projeto Folclore 123
Figura 43 – Registro das ações do PCMTC 125
Figura 44 - Profa. Rosa Elanha 125
Figura 45- Descrição do PCMTC – Fest Folk 126
Figura 46- Objetivo inicial do PCMTC 127
Figura 47 - PCMTC 2005 128
Figura 48 – PCMTC 2008 129
Figura 49 – *Folder* de divulgação PCMTC 2019 133
Figura 50 – *Folder* de divulgação PCMTC 2019 134
Figura 51 - Celebridades compondo a mesa 143
Figura 52 – Garrafas de gengibirra para brinde 143
Figura 54 – Livro PCMTC 2021 145
Figura 55 – *Folder* do PCMTC 2022 147
Figura 56 – Obras de arte do pintor M. Silva 148
Figura 57- Estudantes do 6º-A durante exibição de filmes 150
Figura 58– Máscaras africanas em produção 152
Figura 59 – Exposição das máscaras no mural 152
Figura 60 – Escritores amapaenses homenageados 153
Figura 61 - Exposição da literatura negra 154
Figura 62- Autores afroamapaenses e estudantes.....155
Figura 63 – Mural com fotos dos estudantes do 6º-A.....156
Figura 64- Apresentação de hip-hop 7º-A e 7º-B.....157
Figura 65- Exposição de cordel da turma do 9º ano 158
Figura 66 - Cordel: Um branco no Quilombo 161

Figura 67 – Capa da cartilha “Curiaú, mostra a tua cara” 183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Apresentação dos Professores Colaboradores da Pesquisa 33
Quadro 2 – Equipe responsável pelo PCMTC 2022.....34
Quadro 3 – Santos (as) celebrados(as) no Quilombo do Cria-ú.....76
Quadro 4 – Projetos realizados na EQEJB 2022.....99
Quadro 5 – Professores atuantes na EQEJB.....102
Quadro 6 – Relação das Escolas Quilombolas no Amapá 108
Quadro 7 – Linha do tempo do PCMTC.....132
Quadro 8 – Divisão de atividades do PCMTC por turma.....149
Quadro 9 – Proposta pedagógica gamificada de Língua Portuguesa/Literatura 175
Quadro 10 – Proposta pedagógica gamificada de Artes.....176
Quadro 11 – Proposta pedagógica gamificada de Geografia.....177
Quadro 12 – Proposta pedagógica gamificada de História.....179
Quadro 13 – Proposta pedagógica gamificada de Ensino Religioso.....180

LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Preservação Ambiental
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
EQE	Escola Quilombola Estadual
EQEJB	Escola Quilombola Estadual José Bonifácio
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
GEPEI	Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFAP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NEER	Núcleo de Educação Étnico-Racial
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PCMTC	Projeto Curiaú Mostra tua Cara
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPPQ	Projeto Político Pedagógico Quilombola
SEED	Secretaria de Estado de Educação do Amapá
UNA	União dos Negros do Amapá
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 15

1 "O CAMINHO PERCORRIDO PARA SE CHEGAR ATÉ AQUI!": PRIMEIROS PASSOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS..... 25

1.1 O ATO DE PESQUISAR..... 27

1.2 QUILOMBO DO CRIA-Ú: ASSENTAMENTO DA PESQUISA..... 28

1.3 NATUREZA DA PESQUISA E BASES EPISTEMOLÓGICAS..... 29

1.4 SUJEITOS/COLABORADORES DA CAMINHADA CIENTÍFICA..... 31

1.5 CATEGORIAS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..... 35

1.5.1 Território Quilombola..... 35

1.5.2 Memória Individual e Coletiva..... 36

1.5.3 Identidade Quilombola..... 39

1.5.4 Cultura Quilombola..... 41

1.5.5 Educação Escolar Quilombola..... 43

1.5.6 Currículo Afrorreferenciado..... 46

1.5.7 Gamificação..... 49

2 "O QUILOMBO É VISTO, O QUILOMBO É HISTÓRIA!": LÓCUS DA PESQUISA.....53

2.1 O QUILOMBO DO CRIA-Ú: BASE IDENTITÁRIA.....58

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS, DO TERRITÓRIO, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS/RELIGIOSOS 59

2.3 ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO.....87

2.4 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....107

3 "É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO.....114

3.1 O PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA PELA ÓTICA DA EQUIPE DE PROJETOS E DOS PROFESSORES.....134

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PROFESSORES PARA O PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA NO ANO DE 2022.....146

3.3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO SARAU CURIAÚ MOSTRA TUA CARA 2022.....162

4 “O HOJE PEDE VALORIZAÇÃO DO ESSENCIAL”: A GAMIFICAÇÃO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....165

4.1 TECENDO PRÁTICAS GAMIFICADAS PARA UM CURRÍCULO AFRORREFERENCIADO.....172

4.2 RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO.....181

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....184

REFERÊNCIAS 187

APÊNDICES.....194

ANEXOS.....214

INTRODUÇÃO

O Quilombo do Cria-ú guarda a memória dos ancestrais negros amapaenses, sendo o Marabaixo, o Batuque e as Festas Santorais elementos culturais constituintes da identidade criauense. Assim, as narrativas tecidas nesta pesquisa fazem parte de um esforço coletivo para a preservação dos saberes tradicionais e a valorização da vivência do território quilombola amapaense no currículo escolar do extremo norte da Amazônia, esta que é heterogênea em inúmeros movimentos que se entrelaçam ao decorrer da história.

A Amazônia é rica, é diversa, é plural, berço da biodiversidade e abriga sujeitos ribeirinhos, indígenas, quilombolas, migrantes, agricultores, pescadores, extrativistas, entre outros, os quais fazem uso dos recursos naturais através da pesca artesanal, cultivo de plantas e a prática da caça como forma de subsistência. Portanto, constituem a perspectiva das "Amazônias", por apresentar faces expressas na presença de características espaciais, sociais, culturais e econômicas, do mesmo modo que é definida por Carlos Walter Gonçalves (2022, p.12):

> A Amazônia é, sobretudo, diversidade. Em um hectare de floresta existem inúmeras espécies que não se repetem, em sua maior parte, no hectare vizinho. Há a Amazônia da várzea e a da terra firme. Há a Amazônia dos rios de água branca e a dos rios de águas pretas. Há a Amazônia dos terrenos movimentados e serranos do Tumucumaque e do Parima, ao norte, e a da serra dos Carajás, no Pará, e há a Amazônia das planícies litorâneas do Pará e do Amapá. Há a Amazônia dos cerrados, a Amazônia dos manguezais e a Amazônia das Florestas.

Nesse sentido, me vejo como gente ribeirinha que tem a oportunidade de estar em contato com a diversidade amazônida, fui criada na beira do rio, como diz Gonçalves (2022) na "Amazônia da várzea", às margens do Rio Veados, situado no município de Gurupá-PA. Este rio avizinha-se às terras dos munícipios de Breves-PA, Melgaço-PA e com o estado do Amapá. Lá fiz morada até os meus 14 anos de idade, lembro-me das aventuras nos galhos das árvores frutíferas e dos passeios de canoa no fim de tarde.

No inverno, a diversão era tomar banho de chuva e pular na água durante o lançante – período em que há o aumento do nível da água inundando as terras de várzea. No verão amazônico, o nível da água nos rios reduz bastante e é característico dessa época os temporais durante as tardes. Costumava acompanhar minha avó Luiza Fernandes de Freitas nas pescarias de caniço nos igapós, que são os pequenos lagos formados dentro dos igarapés e, como os peixes não conseguem acompanhar a vazão dos rios, eles permanecem lá; muitas

memórias afetivas foram construídas durante minha infância em terras gurupaenses no convívio com meus familiares e amigos (as).

Compreendo que a diversidade cultural amazônida se constitui como um berço para reflexões, debates e compartilhamento de experiências vivenciadas por pesquisadores no Brasil e nas Instituições de Ensino Superior localizadas nos estados que formam a Região Amazônica, a saber: Piedade Videira (2013), Moisés Bezerra (2019), Eugénia Foster (2019), Elivaldo Custódio (2019), Zélia Amador de Deus (2019), Albert Alan Cordeiro (2022) e Ângela do Céu Brito (2021) que tem se dedicado aos estudos no âmbito da descolonização do currículo, formação de professores, implementação da Lei n. 10.639/03, educação escolar quilombola, educação para as relações étnico-raciais e da cultura das infâncias na Amazônia amapaense.

Desse modo, a presente pesquisa dialoga sobre a efetivação da Lei n. 10.639/03 na perspectiva antirracista dentro do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara (PCMTC) com os professores dos componentes curriculares História, Artes, Literatura, Geografia e Ensino Religioso que atuam no Ensino Fundamental – Anos Finais na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio (EQEJB) situada no Quilombo do Cria-ú[1] em Macapá-AP.

O PCMTC surgiu na escola antes mesmo da promulgação da Lei n.10.639/03 no ano 2000 dada a especificidade de uma atividade realizada na Educação Infantil. Nesta, as crianças criauenses não se reconheceram como negras nos personagens indicados no livro didático e este acontecimento chamou a atenção da coordenadora à época que enxergou a necessidade de desenvolver um Projeto para a valorização da identidade negra das crianças e desde então, anualmente há a culminância das atividades do Projeto.

O meu despertar para este estudo científico surgiu durante a graduação no curso de Licenciatura em Informática, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) através do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) e fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/BRASIL). Fiz parte da linha de pesquisa intitulada: "Valorização das Culturas Tradicionais: seus saberes, linguagens e tecnologias como inclusão nas escolas estaduais de Macapá", no período de março/2014 a outubro/2016 e tendo como orientador de área o Prof. Roberto França (*in memorian*) da Escola Estadual Prof. Esther da Silva Virgolino.

[1]De acordo com os estudos de Piedade Videira (2013), o termo "Cria-ú" foi escolhido para batizar o território quilombola, assim feito pelos primeiros moradores da comunidade para referir-se a um "lugar bom para criar bois". Nesse sentido, esta pesquisa compreende a importância da valorização dos saberes tradicionais para a preservação da identidade quilombola por esse motivo utilizarei o termo no decorrer do texto.

Estive no Quilombo do Cria-ú pela primeira vez no mês de outubro de 2015 por ocasião do PIBID/CAPES. A paisagem do lugar marcada pela presença de matas de várzea, dos pássaros e rios fizeram-me recordar memórias afetivas vividas na infância pelo fato de a paisagem me remeter ao lugar onde fui criada. Durante as andanças pela comunidade, entrevistei o escritor e morador do Quilombo do Cria-ú, o Sr. Sebastião Menezes da Silva, o seu Sabá, como é conhecido popularmente: ele relatou que as pessoas que se deslocam para lá afim de realizar pesquisas veem a comunidade através de uma "vitrine", apenas para "sugar" informações em benefício próprio e não fazem algo de fato que vá beneficiar a comunidade.

Na ocasião, meus colegas e eu desenvolvemos uma maquete acessível para deficientes visuais conhecerem o Quilombo. No entanto, vez ou outra recordava-me da fala de Seu Sabá e, ao escrever o projeto para concorrer ao mestrado, visualizei a oportunidade de contribuir para a comunidade e submeti a proposta intitulada: "A valorização da identidade quilombola da comunidade do Curiaú através de Histórias em Quadrinhos com o uso do *software* HagáQuê".

Reconhecendo-me como uma pessoa de fora, mas que é sensível aos anseios da comunidade, visualizei nas palavras do seu Sabá a oportunidade desta pesquisa ser uma qualificada contribuição acadêmico-científica para a Escola Quilombola Estadual José Bonifácio e ao Quilombo do Cria-ú mediante a valorização dos saberes tradicionais afroamapaenses e os aspectos culturais, sociais e religiosos que caracterizam o território criauense no currículo escolar.

A ideia inicial era desenvolver histórias em quadrinhos valorizando todos estes aspectos citados acima nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras, como recomenda o texto da Lei n. 10.639/03. Os estudantes teriam que utilizar o *software* para desenvolver histórias em quadrinhos de acordo com o currículo utilizado na escola para promover a valorização dos saberes, a constituição histórica e social dentro e fora da comunidade do Cria-ú.

Ao retornar à escola para apresentar-me como mestranda e a intenção do estudo seguindo as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa da Unifap (CEP) e a Resolução n. 510 de 2016 que regulamenta pesquisas com seres humanos, deparei-me com a ausência do laboratório de informática e fui informada que as máquinas foram se perdendo por falta de manutenção e atualização dos *softwares.* Dada esta realidade, minha orientadora e eu tivemos que redirecionar o motor de nosso barco para ventos que viabilizassem o desenvolvimento da pesquisa.

Tivemos que levar em consideração o contexto pandêmico da COVID-19 que provocou a perda de milhares de entes queridos influenciando fortemente o modo de viver das pessoas através do isolamento social, a suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino, criando-se um formato de estratégia didática denominada de Ensino Remoto Emergencial. Assim, a pesquisa foi direcionada para os professores da EQE José Bonifácio pelo fato de este público ter mais condições de acesso às ferramentas tecnológicas naquele momento.

Nesse sentido, o estudo ganhou nova roupagem: a utilização do *software* HagáQuê como dispositivo didático para a implementação da Lei n. 10.639/03 e da Resolução Escolar Quilombola n. 08/2012 na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio. Esta ação tinha como intuito proporcionar uma formação tecnológica para os educadores criarem HQs de acordo com os conteúdos do livro e relacionando a cultura do Quilombo nestas produções a fim de promover a descolonização do currículo.

Seguindo o itinerário de pesquisa que perpassa por várias etapas e formações que visam fortalecer o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa, ressalto que os encontros do ~~Grupo~~ de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola - GEPEI foram primordiais para que eu pudesse ampliar o meu horizonte quanto à literatura negra. O que eu sabia era muito pouco diante da especificidade e complexidade da pesquisa, os momentos de debates serviram para que eu pudesse compreender os aspectos da Educação para as Relações Étnico-raciais, da Literatura Negra e das Legislações antirracistas fruto de anos de luta do Movimento Negro.

Através do Livro "O Movimento Negro educador" de Nilma Gomes (2017), pude compreender que as legislações antirracistas são oriundas das lutas por direito à educação de qualidade. Esse movimento é visto "como uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e constituem-se identidades" (GOMES, 2017, p. 47), além disso, pode ser compreendido como um ato político que dá espaço para "uma nova interpretação da trajetória dos negros no Brasil" (ibidem).

A obra "Festa dos Quilombos" de Glória Moura (2012) e a Tese de Doutoramento da Profa. Piedade Videira (2013) intitulada: "Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação" foram essenciais para que eu compreendesse a importância da cultura do quilombo para o currículo e o que viria a ser o "currículo oculto". Em ambas, há a ênfase no território, na tradição oral e nas festas religiosas como ponto de partida para a descolonização do currículo. Moura (2012, p. 69) nos diz que "tambores são

arautos de vida e morte, de nascimentos, de casamentos, aniversários, de solução de problemas da terra tomada, da morte real e da simbólica". Neste sentido, utilizar os aspectos da vivência do estudante quilombola no contexto educacional constitui-se como o combustível para manter acesa a chama da salvaguarda dos saberes tradicionais.

Assim, mergulhamos nesta seara investigativa após adentrarmos o *lócus* da pesquisa e identificarmos a limitação de acesso à internet e a ausência do Laboratório de Informática. Atrelado a isso, nos deparamos também com o contexto pandêmico que nos atravessou durante o início do mestrado, dado este que nos levou a repensarmos a realização da pesquisa sem perder o sentido de valorização dos saberes tradicionais do Quilombo. Nesse sentido, considerando o que pondera Minayo (1994, p. 62) acerca da pesquisa "o processo de campo nos leva à reformulação dos caminhos da pesquisa, através das descobertas de novas pistas", reorganizamos nossa metodologia para a realização da investigação e consideramos novas hipóteses.

Para uma fundamentação teórica acerca de nossa pesquisa, consolidamos encontros de estudos no GEPEI, assim como encontros de orientação individual e em grupo, com minha orientadora a qual pontuou aspectos relevantes acerca do campo de estudos e pesquisas acadêmico-científicas das relações étnico-raciais. Tais discussões levaram aos estudos no que tangem à efetiva implementação das políticas de ações afirmativas, com destaque para as políticas educacionais antirracistas, que, mesmo com o passar dos anos, após 20 anos de aprovação, ainda se encontra em meio a uma implementação precária da Lei n. 10.639/03 e da Resolução Escolar Quilombola 08/2012.

Agregando o contexto de base teórica do GEPEI à visitação do território de pesquisa, pude conhecer melhor o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara, a dinâmica da escola e dos funcionários, as dificuldades enfrentadas no âmbito escolar e no que se refere ao uso das tecnologias no quilombo. Optamos por investigar as circunstâncias que deram origem ao projeto em tela, como ele vem sendo realizado no decorrer desses 22 anos e de que forma ocorre a prática pedagógica dos professores dos componentes curriculares História, Artes, Literatura, Ensino Religioso e Geografia. Em relação às ações do projeto, (como ele) tem contribuído para a efetivação da Lei 10.639/03?

A partir da formulação da questão problema, busco *compreender* o processo educacional na EQE José Bonifácio e a sua relação com a vivência do Quilombo; *analisar* o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara, sua origem e efetivação além de buscar *contribuir* para as

pautas antirracistas, evidenciando as contribuições tecnológicas do povo africano propondo a utilização de práticas pedagógicas gamificadas.

As pesquisas em áreas quilombolas são geradas em um campo cultural muito rico. Por isso, quem se propõe investigar na área deve se certificar de que a pesquisa acadêmica em si é relevante. Porém, ainda há lacunas no "chão das escolas" e cotidianos escolares no combate ao racismo, bem como nas práticas, atitudes, comportamentos racistas antinegro e cultura negra que vigoram em tais instituições e no seio da sociedade brasileira.

A partir dessas informações, proponho a gamificação como estratégia metodológica. O termo, segundo Kapp (2012, p.10), pode ser compreendido como sendo uma estratégia "baseada em jogos, estética e pensamento de jogo para envolver as pessoas, motivar a ação, promover a aprendizagem, e resolver problemas". Nesse sentindo, a gamificação é utilizada para promover o desenvolvimento de atividades na perspectiva tecnológica e antirracista conforme o objetivo do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* com os professores colaboradores da pesquisa que atuam no Ensino Fundamental – Anos Finais a fim de aprimorar estratégias didático-pedagógicas na escola quilombola a partir da experiência vivenciada.

O uso dessa estratégia é uma iniciativa para estabelecer um elo entre o contexto de base tecnológica e os estudantes, visto que a ausência do uso de tecnologias educacionais na escola se dá pela ausência de conexão com a internet. Estes alunos não podem permanecer excluídos desse fenômeno tecnológico e a gamificação pode ser inserida em contextos *offline* através do uso da mecânica dos jogos digitais que eles têm contato fora da escola, sob a ótica de que tecnologia é tudo aquilo que ajuda as pessoas na realização de suas tarefas diárias, assim como a forma de organização da sociedade até mesmo na criação de elementos que facilitam a sobrevivência das culturas, como o ato de contar história, fazendo da oralidade uma estratégia tecnológica da salvaguarda dos saberes ancestrais.

Nesse contexto, além das áreas de ensino de História, Literatura e Arte proposta pela Lei n. 10.639/03 e a Resolução n. 08/2012 que considera as "práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino e aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico" (BRASIL, 2012, p. 4), houve, nesta pesquisa, a necessidade de acrescentar o componente curricular de geografia para atender a especificidade da localização do Quilombo do Cria-ú que compreende uma Área de Preservação Ambiental (APA), criada através do Decreto 1499/1992, entendendo que é importante ressaltar esta característica de dupla proteção no contexto escolar.

O componente de Ensino Religioso é importante para valorizar as religiões de matriz africana, trabalhando com o reconhecimento e a preservação da cultura/religiosidade negra local. No contexto das Amazônias, é oportuno considerar, de acordo com Bezerra (2019, p. 40), "as trocas culturais e as alianças sociais estabelecidas entre negros e indígenas em suas cosmovisões e simbologias, para a formação da identidade e territorialidade local". O Quilombo apresenta uma diversidade de crenças que precisam ser enfatizadas no currículo.

Nesse sentido, preservar a cultura das comunidades quilombolas significa garantir que os seus saberes não sejam perdidos ao longo do tempo, e, para que gerações futuras possam compreender e preservar a sua identidade histórica, é necessário garantir meios educativos que valorizem as histórias que as relações sociais criam no decorrer do processo histórico de uma sociedade. Assim, deve haver a compreensão de que a formação cultural e identitária evoluem conforme a vivência dos grupos sociais passando por fases históricas de geração a geração conforme propõe a Lei n.10.639/03 e a Resolução n. 08/2012.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua competência da Cultura Digital, afirma que a tecnologia deve fazer parte da vivência escolar do estudante e ser utilizada de maneira crítica, reflexiva e ética para produzir conhecimentos e resolver problemas didático-pedagógicos. Diante do exposto, a Resolução n. 08/2012 busca conscientizar a comunidade escolar quilombola a orientar a nova geração sobre a importância do seu lugar para a preservação da memória de seus ancestrais e um dos espaços de construção desse saber e preservação dessa memória são as escolas.

No entanto, este documento norteador dos currículos apresenta-se universal e por isso não atende às especificidades de um país como o nosso, plural, diverso e que considere a nossa realidade amazônida, em face das singularidades geográficas, de povos, culturas, religiosidades e modos de vida. Das "Gentes" que residem nas Amazônias, a esse respeito, John Carth (2019, p. 13) nos diz que a "Base Nacional Comum Curricular não pode ser levada em conta como o único documento utilizado para construção de conhecimentos, programas, materiais didáticos, paradidáticos, cursos e instrumentos normativos em educação para as relações étnico-raciais".

A Educação Escolar Quilombola regulamentada através da Resolução n. 08/2012 apresenta-se como um dispositivo legal regulatório da educação em comunidades quilombolas. Tem como finalidade regulamentar ações para as escolas que recebem estudantes oriundos do quilombo com o objetivo de aproximar a realidade da comunidade ao

currículo da escola que possui características próprias do território e que precisa fazer parte do processo educacional do educando dada a dimensão histórica e cultural.

À luz da arte-educadora, Piedade Videira (2013, p. 242) emerge a necessidade de um currículo pautado na vivência do estudante. Assim, segundo a pesquisadora, se faz necessário "ensinar aos quilombolas a reconhecer e potencializar este ser quilombola sobre o valor humano, histórico, material e imaterial que possuem e sobre o valor simbólico da terra sagrada em que vivem" para que ele possa se (re) conhecer nos conteúdos abordados em sala de aula pelo docente através da utilização da realidade por ele experenciada na comunidade, reforçando a proteção dos conhecimentos tradicionais na escola, com o intuito de romper com o currículo eurocêntrico.

Nesse movimento, Nilma Lino Gomes (2012, p. 102) salienta sobre a descolonização dos currículos como uma prática de rompimento do eurocentrismo dominante o qual permanece arraigado na sociedade atual. Assim,

> [...] descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.

Corroborando para o entendimento do currículo em comunidades quilombolas, trazemos à baila a educadora Maria da Glória Moura (2012, p. 144-146) ao ressaltar a existência de um currículo "invisível" nos quilombos contemporâneos. Tal "invisibilidade" encontra-se presente nos festejos religiosos e na convivência do quilombo os quais precisam ser enfatizados na escola, pois o estudante também constitui sua identidade através deste currículo invisível. Dessa forma,

> No Brasil, as festas contemporâneas agregam o que a comunidade reputa essencial. Condensam, reafirmam, negociam e formam o *currículo invisível*, que estabelece normas de convívio comunitário. Por ser *invisível,* o *currículo* faz crianças, reconhecerem suas origens e antepassados. Moradores de comunidades seguem princípios morais passam-na aos jovens em rituais religiosos, devoção, respeito à natureza, dever de trabalhar, respeito à família, na beleza da negritude, no casamento, no círculo comunitário. Atravessam o padrão social a música, a letra, a história de santo ou de bicho exaustivamente repetida.

Aflora-se a importância de consolidar os conteúdos didáticos de sala de aula com a vivência do estudante no quilombo para que ele possa aprender de acordo com a sua realidade em seus aspectos culturais, religiosos, geográficos, sociais e políticos. Não que lhe seja

cerceado o direito de aprender sobre outras culturas, mas que seja valorizado o seu lugar de origem como fonte primária de aprendizagem e conhecimento.

A Lei n.10.639/03 propõe diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Segundo ela, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são sujeitos históricos, devendo valorizar o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, como Clóvis Moura (1988), Neusa Santos (1983), Henrique Cunha Júnior (2001), Abdias do Nascimento (2002), Glória Moura (2012), Nilma Gomes (2012), Piedade Videira (2013), Kabengele Munanga (2020), Cícera Nunes (2011) e outros tantos nomes que compõem a constelação histórico cultural africana.

O caráter inovador do estudo é evidenciado a partir do estado da arte ancorado nas produções acadêmicas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos da Capes. Para tanto, estabeleceu-se como critério o recorte temporal entre 2015 – 2022. Ao realizar a seleção dos trabalhos na plataforma, foram utilizados os seguintes descritores: "lei 10639" + "educação escolar quilombola" + "gamificação" + "descolonização do currículo" + "curiaú mostra tua cara". No entanto, não houve trabalhos encontrados.

Em seguida tentei "lei 10.639" + "educação escolar quilombola" + "*game*" e localizei apenas 01 dissertação de mestrado, intitulada "*O jogo em jogo: educação das relações étnico-raciais e a compreensão das regras por crianças quilombolas"*. Ao refinar mais uma vez, conforme descritores: "lei 10.639" + "educação escolar quilombola" e utilizando o critério: Ano de Defesa (2015-2021) chegou-se a um total de 16 trabalhos: 03 teses de doutorado e 13 dissertações de mestrado. Nesse sentido, 68,7% desse total corresponde a pesquisas voltadas para a educação escolar quilombola e a aplicabilidade da Lei 10.639/03.

Quando voltamos nosso olhar para as pesquisas realizadas no Quilombo do Cria-ú, percebi que, apesar da EQE José Bonifácio receber muitos pesquisadores, estas produções não foram alcançadas pela busca, a salvo da dissertação de mestrado do pesquisador Moisés Bezerra (2019) intitulada: "*Se eu não fizer o bem, o mal não faço!: as práticas culturais/religiosas afroindígenas do quilombo do cria-ú e o currículo de ensino religioso da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio"*. Além disso, localizei a tese de doutorado da pesquisadora Piedade Videira (2010), intitulada: *"Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação"* e especificamente sobre o PCMTC encontrei apenas 01 artigo denominado: "*Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: educação*

quilombola no combate ao racismo na escola Estadual José Bonifácio, localizada no Quilombo do Cria-ú em Macapá", de autoria de Raylana do Espírito Santo e Piedade Videira (2017).

Quanto ao percurso metodológico optamos por navegar pelas águas da pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, haja vista a importância dos aspectos históricos e culturais do l*ócus* investigado, de acordo com os escritos das pesquisadoras Menga & André (2016, p.22) "os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda", por isso fizemos essa escolha para compreendermos as particularidades do universo pesquisado.

Quanto à estrutura da dissertação, esta é composta por quatro seções, subdivididas em seções pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Na primeira seção, intitulada: "O CAMINHO PERCORRIDO PARA SE CHEGAR ATÉ AQUI!": PRIMEIROS PASSOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS" apresento os elementos "faróis" para a realização desta investigação como o ato de pesquisar, o papel do pesquisador, em seguida apresento o território que trata do Quilombo do Cria-ú, o percurso metodológico e os participantes da pesquisa, e por último as categorias analíticas importante para a análise dos fenômenos apresentados ao decorrer da dissertação.

Na segunda seção, "O QUILOMBO É VISTO, O QUILOMBO É HISTÓRIA!": LÓCUS DA PESQUISA" abordo as dimensões históricas, geográficas, culturais religiosas e socioeconômicas da comunidade, chamo os moradores da comunidade para participar da roda de discussões, relato sobre o meu receio de como seria recebida, sendo uma pessoa "estranha" ao Quilombo do Cria-ú e descrevo sobre a percepção que tive ao chegar na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio.

Na terceira seção, "É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO apresento o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara nos seus aspectos históricos e organizacional, bem como a estrutura de desenvolvimento atual e os principais achados de pesquisa, ressaltando as imagens do caderno de planejamento da Professora Irene Bonfim, idealizadora do projeto em tela. E neste percurso navegam comigo a gestão escolar, a coordenação pedagógica, a equipe de projetos e os professores dos componentes curriculares supraditos.

A quarta seção "A GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NO FAZER PEDAGÓGICO DAS AÇÕES DO PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA" aborda sobre o conceito de tecnologia visto através da pluralidade, na qual se encontram

artefatos, a produção intelectual e o aquilombamento. A gamificação é apresentada como uma estratégia tecnológica para adaptar as práticas pedagógicas dos professores viabilizando a efetivação da cultural digital nos seus conteúdos didáticos. Corroborando neste esforço a proposição da cartilha que traz elementos do Quilombo do Cria-ú e dialoga sobre o projeto em tela.

Agora, vamos desamarrar o nosso barco da ponte direcionar a proa e partir rumo ao Quilombo do Cria-ú, pedindo proteção divina para nos livrar da maresia e que, ao chegar ao nosso destino, tenhamos a permissão dos santos e dos seres encantados para adentrar o solo sagrado e que a nossa estadia seja guiada por São Joaquim, padroeiro do Cria-ú. “Vumbora!”

1 “O CAMINHO PERCORRIDO PARA SE CHEGAR ATÉ AQUI!”: primeiros passos acadêmico-científicos

Eu já vou me embora/areia
Quero te levar/areia
Areia do mar/areia
Quero te levar/areia
Quero te levar/areia
Para navegar/areia
Simbora meu mano/areia
(Bandaia de Batuque de autoria desconhecida, interpretada por Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha)

Com este trecho da bandaia de batuque “Areia”, convido você, caro (a) leitor (a) a navegar pela primeira seção a qual coloco minhas motivações enquanto pesquisadora e as percepções que tive ao chegar no território da pesquisa, o Quilombo do Cria-ú. Pesquisar em território quilombola requer um olhar sensível e existem processos que, realizando somente a leitura do texto, não nos permitem compreender; é preciso estar presente, estar junto, participando e sentindo o Quilombo em todos os seus aspectos. Ao final deste processo de investigação, me percebo outra pessoa e ao refletir sobre essa vivência, chego à conclusão de que as pessoas de lá escrevem um pouco de suas histórias em mim.

O objetivo desta seção, portanto, é apresentar a importância do ato de pesquisar, o assentamento da pesquisa, a natureza da pesquisa e bases epistemológicas, os sujeitos/colaboradores deste estudo e as sete categorias e os pressupostos teóricos.

Ao chegar à comunidade, pude perceber olhares curiosos, desconfiados que se indagavam sobre a finalidade de minhas andanças pela escola e pela rua, a presença de alguém diferente causa estranheza. No Quilombo, todo mundo se conhece e sabe a qual família o outro pertence e se reconhecem pelo grau de parentesco, evocando sempre o mais velho da família; às vezes nem são reconhecidos pelo nome de batismo, mas sim por ser neto (a), filho (a), irmão (a) e/ou primo (a) de um morador (a) mais antigo na comunidade.

Por isso, ao adentrar o território, é primordial identificar-se, dizer qual a finalidade de estar ali e de preferência conhecer alguém que more ou atue na comunidade, para que possamos ser anunciados e qualificados perante a sociedade quilombola local. Desse modo, me apresentava na condição de mestranda, anunciava a minha orientadora, Piedade Lino Videira, a qual desenvolveu sua pesquisa de doutoramento no Quilombo e, por último, indicava o meu objeto de estudo.

Algumas vezes fui indagada sobre os motivos que me levaram a pesquisar na comunidade Quilombola, sobre isso digo que partiu de um desejo intrínseco, da trajetória de

vida e acadêmica. A exemplo de falas pejorativas referindo-se ao meu cabelo cacheado, como: “cabelo cri-cri”, “tu precisa alisar teu cabelo” ou “se alisar fica mais bonito” e durante a minha adolescência até o início da fase adulta fiz uso de alisamento químico para tentar me encaixar no dito padrão da sociedade por vergonha do meu cabelo.

Durante o percurso da graduação, comecei a entender algumas questões étnico-raciais e percebi que não era necessário eu tentar “vestir o padrão” e, principalmente, que o “padrão” não é uma regra e assim decidi dar início à transição capilar, ter tido o apoio de outras mulheres com fio cacheado foi muito importante durante esse processo. Hoje, entendo que somos resultado da miscigenação de vários povos, especialmente de origem africana, os fios cacheados são oriundos dos fios crespos que também são motivo de preconceito e desvalorização, como grande parte relacionado à estética africana.

Para Nilma Gomes (2019, p. 28), o cabelo constitui-se como aspecto identitário: “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura, por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos”. Nesse sentido, entendo que as falas se referindo ao meu cabelo refletem um conflito cujas características do cabelo do (a) negro (a) são vistos como “ruim” e “feio” e o cabelo liso, o padrão de beleza da sociedade.

O caminho que tenho trilhado como pesquisadora busca a efetivação de práticas antirracistas que possam corroborar para uma sociedade justa e equânime. A investigação no campo de pesquisa contribuiu para a minha formação humana e social, desconstruindo racismos e me reeducando. Sou de origem ribeirinha, neta de ribeirinhos e meus pais buscam contribuir através da docência para o lugar onde vivem, enfrentei muitas dificuldades, nem sempre os rios escolhidos foram propensos para a minha navegação, mas percebo os privilégios que eu possa ter tido por ser lida socialmente como branca, mas me enxergo na dimensão da cor parda conforme meus ancestrais.

Por isso, me coloco como uma escuta sensível ao ouvir os moradores do Quilombo, pois me emociono com suas histórias que narram suas lutas pela preservação da memória para que nunca seja esquecida a verdadeira história. Para o intelectual Munanga (2020, p.18), para além do termo negritude, está a história:

> A negritude não se refere somente à cultura de povos portadores de pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm de fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Nesse sentido, espero que a minha escrita possa dar visibilidade aos anseios do Quilombo e da EQE José Bonifácio para que as gerações possam compreender e preservar a sua identidade histórica e cultural garantindo meios educativos, incluindo os caminhos tecnológicos, que valorizem os saberes tradicionais salvaguardado pelos moradores mais antigos. Estes saberes revelam o comprometimento com a devoção aos santos e santas e tudo o que envolve os festejos religiosos, os ladrões (cantigas de Marabaixo) que narram as histórias de resistência de anos de luta por reconhecimento e as bandaias de batuque que celebram estes feitos.

As pesquisas acadêmico-científicas, por sua vez, narram a formação cultural e identitária do seu *lócus,* mostrando a evolução cultural conforme a vivência dos grupos sociais passando por fases históricas de geração a geração. A seguir, faço uma breve apresentação do território pesquisado focando na vivência quilombola e na bandeira política tremulada pela comunidade na atualidade, considerando as lutas e reivindicações por direitos humanos e constitucionais historicamente negados e negligenciados a essas pessoas, o caminho metodológico percorrido até a obtenção dos dados da pesquisa, perpassando pela coleta de dados e por último os principais sujeitos/colaboradores deste estudo científico.

1.1 O ATO DE PESQUISAR

O pesquisador é um ser curioso motivado pela dúvida e anseia que sua pesquisa possa somar na transformação da realidade pesquisada, buscando produzir conhecimento novo ou somar os resultados com dados de pesquisas já consolidadas. Portanto, o ato de pesquisar requer motivação, observação, determinação e sensibilidade ao adentrar o campo de estudo.

Além destes elementos citados acima, o ato de pesquisar é importante para denunciar problemas nos diversos campos das ciências e apontar soluções para as fragilidades encontradas. A esse respeito, o cientista social Alberto Albuquerque Gomes (2001) assevera que “podemos dizer que a pesquisa surge quando se tem consciência de um problema e nos sentimos impelidos a buscar sua solução. A indagação realizada para alcançar essa solução constitui precisamente a pesquisa propriamente dita” (Gomes, 2001, p. 9).

Os resultados do estudo do investigador podem contribuir para uma sociedade inclusiva e exercem um papel social, democrático e político onde não há espaço para a neutralidade. As vozes das populações pesquisadas que sofreram tentativas de apagamentos

históricos ao longo dos anos ecoam através das linhas escritas desta pesquisa, acompanhada pela memória de seus ancestrais.

Nessa perspectiva, o psicólogo Sérgio Vasconcelos de Luna (2000, p.6) ao afirmar que "toda pesquisa tem um problema, embora a sua formulação possa variar quanto à natureza ou molaridade" considera que o ato de pesquisar será sempre de pessoas para pessoas, é sobre as vidas que serão alcançadas e os apontamentos que serão realizados quanto à realidade pesquisada.

Dada a especificidade de pesquisas em territórios de cosmovisão africana como os Quilombos onde são valorizados o sagrado, a ancestralidade, os seres encantados e as festas culturais/religiosas, é necessário repensar o ato de pesquisar, para que seja baseada em uma metodologia afrorreferenciada conforme propõe Cunha Junior (2006) e Sandra Petit (2015). A esse respeito, a pesquisadora de Movimentos Sociais, Lílian Vieira (2018, p.58) no diz que

> O afrocentrismo não defende que o mundo seja interpretado sob uma única perspectiva cultural, como foi o caso do eurocentrismo, mas, que seja reconhecida a existência de uma cultura e a sua avaliação em termos de pensamento e conhecimento por meio de sua própria perspectiva. Nesse caso, e mais concretamente, é que a cultura africana seja analisada enquanto sujeito e não por meio de modelos culturais que, por vezes, não só não a entendem como a desprezam e desvalorizam.

Conforme propõem os autores mencionados, pesquisar nestes territórios exige uma metodologia diferenciada que requer envolvimento, participação nas atividades da comunidade para que as percepções sejam construídas a partir da realidade experenciada e, com efeito, atinja a visão de "produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno" (Luna, 2000, p.5). Dito isto, o presente estudo visa contribuir para o local em que está assentada a pesquisa, para servir de inspiração para outros territórios quilombolas correlatos dentro e até mesmo fora do estado do Amapá, ressaltando os aspectos culturais e identitários que caracterizam o universo de territórios quilombolas.

1.2 QUILOMBO DO CRIA-Ú: ASSENTAMENTO DA PESQUISA

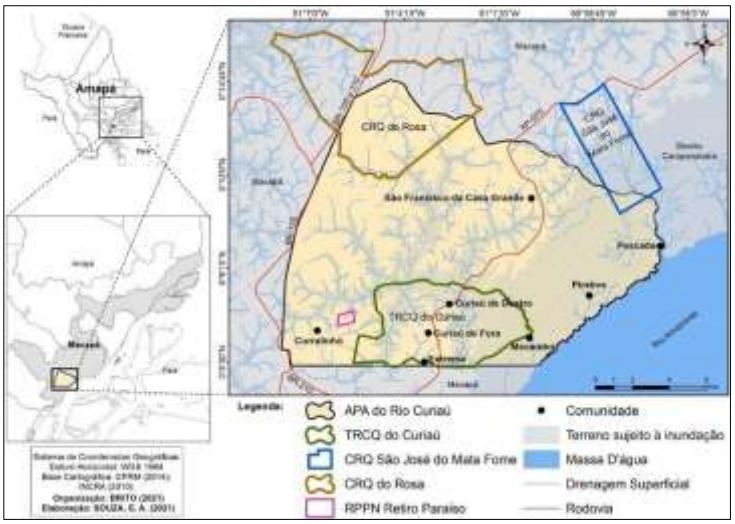
A pesquisa concentra-se no Quilombo do Cria-ú que está localizado dentro de uma Área de Preservação Ambiental (APA), criada pelo Governo do Amapá, através do Decreto Estadual n. 0431 de 15 de setembro de 1998. É considerado o primeiro Quilombo do Estado do Amapá e o segundo do país a receber o título de "Comunidade Rural Remanescente de

Quilombo" em 03 de novembro de 1999 pela Fundação Palmares, órgão ligado ao Ministério da Cultura, de acordo com Piedade Videira (2013).

O Cria-ú está localizado a 14 km do centro de Macapá, capital do Estado. Por esta proximidade, recebe influência direta das relações e processos sociais da cidade para a comunidade, tendo uma área titulada e regularizada, correspondente a 3.321,8931 hectares e uma população residente estimada em 1.803 habitantes, sendo destes 1.521 pessoas quilombolas de acordo com os dados obtidos pelo primeiro Censo Quilombola realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2022.

De acordo com dados do ano de 2022 da Unidade Básica de Saúde (UBS), a comunidade abriga 1.200 famílias. É dividido simbolicamente em três territórios: o Cria-ú de Fora ou de Cima, Cria-ú de Dentro ou de Baixo e Extrema, tendo como limites as comunidades negras São Francisco da Casa Grande, Curralinho, Mocambo, Pescada, Pirativa, e os bairros urbanos Novo Horizonte, Mestre Oscar Santos e Ipê.

Figura 1- Territórios do Cria-ú



Fonte: Organizado por Brito e elaborado por Souza (2021)

Por ser uma área dualmente protegida, requer maior atenção do Poder Público e dos moradores que habitam a região na sua proteção, pois é uma terra sagrada que guarda memórias dos ancestrais criauenses e constituinte na formação do povo amapaense. As paisagens naturais também são memórias e contam histórias, por isso a necessidade de todos refletirem quanto à preservação do lugar.

1.3 NATUREZA DA PESQUISA E BASES EPISTEMOLÓGICAS

A Pesquisa Qualitativa e o método Estudo de Caso guiam o percurso metodológico dessa investigação acadêmico-científica à luz dos pesquisadores Robert Yin (2016) e Menga Lüdke & Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (2022). Como instrumentos para coleta de dados, foram utilizadas: observação, observação-participante, entrevistas e aplicação de questionários aos colaboradores da pesquisa. Por conta do contexto pandêmico da COVID-19 que impôs o distanciamento social, iniciei as tratativas de pesquisa com a equipe escolar de forma virtual.

De acordo com Yin (2016), a pesquisa qualitativa busca representar a opinião das pessoas e abarca o contexto social em que as pessoas vivem. Para tanto, o pesquisador precisa estabelecer um contato direto com as pessoas e o universo pesquisado para assim compreender as suas singularidades e as influências que o meio recebe. Nesse sentido, Yin (2016, p.7) nos diz que a "pesquisa qualitativa envolve primeiramente estudar o significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem".

Ou seja, ao adentrar o campo da pesquisa, é necessário estabelecer conexões com as pessoas para que elas se sintam à vontade para colaborar uma vez que a coleta de dados é feita de forma descritiva. Dada a especificidade de o *lócus* de pesquisa ser um território quilombola no extremo norte da Amazônia repleto de manifestações culturais e religiosas, o olhar deve ser mais sensível para dar significados aos detalhes, pois Yin (2016, p.8) acredita que

> A pesquisa qualitativa procura coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência como parte de qualquer estudo. A variedade provavelmente será uma decorrência de você ter que estudar um ambiente da vida real e seus participantes. A complexidade do ambiente de campo e a diversidade de seus participantes provavelmente justificam o uso de entrevistas e observações e mesmo a inspeção de documentos e artefatos. As conclusões do estudo tendem a se basear na triangulação dos dados das diversas fontes. Essa convergência aumentará a credibilidade do estudo.

Portanto, o pesquisador qualitativo participa do cotidiano das pessoas e torna-se um agente da realidade pesquisada, buscando entender, compreender e interpretar as vozes das "gentes" do *lócus*. Por isso, durante o percurso metodológico, escolhemos embarcar no método estudo de caso para nos ajudar com nossas escolhas, de acordo com Lüdke & André (2022, p.20) "quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso".

Nesse sentido, consideramos o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara um marco para as ações de implementação da legislação antirracismo e valorização da identidade negra

quilombola dentro de uma escola localizada no Quilombo. Por isso, consideramos um caso a ser visto mais de perto em seus aspectos de implementação e efetivação e, para isso, apliquei questionários e realizei entrevistas com moradores da comunidade, coordenação pedagógica, professores e ex-funcionários da escola. A escolha por esse instrumento de coleta de dados foi feita conforme esclarecem Lüdke e André (2022, p.40):

> A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar no diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Além disso, a entrevista permite captar expressões faciais, gestos, tons de fala que são importantes para a narrativa dos fatos e consolidação das informações. Ressalto que as entrevistas só foram possíveis após o processo de submissão do projeto de pesquisa que concebeu este estudo ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Amapá, conforme as orientações éticas previstas na Resolução n.466/2003 e na Resolução do n. 510/2016 ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sendo aprovado através do Parecer 5.121.107. Assim, iniciei as entrevistas com as pessoas que tecem a pesquisa, e claro, atendendo às medidas de biossegurança postas pela pandemia de COVID -19 naquele período.

1.4 SUJEITOS/COLABORADORES DA CAMINHADA CIENTÍFICA

A pesquisa científica é tecida por muitas mãos. Cada uma exerce função primordial para que tudo aconteça, há aquelas que apontam o caminho e outras nos levam aonde devemos chegar. Nesse sentido, enfatizo a participação ativa de minha orientadora neste processo acadêmico-científico, pois ela conduziu os meus primeiros passos rumo ao Quilombo, apresentando-me à equipe gestora da escola e aos aspectos da comunidade. Sua Tese de Doutoramento intitulada “Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação” é resultado de sua pesquisa na EQEJB e desde então exerce participação ativa nas atividades e projetos da escola.

Pesquisar é como a arte de tecer o paneiro, este trata-se de um tipo de cesto utilizado para o armazenamento das raízes de mandioca e principalmente na colheita do fruto do açaí, bastante utilizado na região amazônica. Para iniciar a produção, primeiro busca-se a matéria-prima: o arumã, espécie de cana ou tala; em seguida é feita a seleção das canas para, assim, iniciar a construção do artefato que é tecido aos poucos, com cuidado, para que se tenha êxito

no processo e no acabamento da peça. E assim foi o processo de construção desta dissertação: em um processo que requer muita atenção e cuidado, várias mãos construíram o teçume através das narrativas de alguns moradores da comunidade e da equipe escolar.

Para preservar a identidade dos educadores dos componentes curriculares investigados, utilizo nomes fictícios para mencioná-los. Dessa forma, evoco-os pelo nome de algumas das frutas cultivadas e comercializadas pelos agricultores criauenses. As frutas são: Graviola, Jaca, Abacaxi, Açaí, Melancia e Manga. Assim, apresento os professores:

Quadro 1 – Apresentação dos Professores Colaboradores da Pesquisa

Colaborador (a)	Formação acadêmica	Vínculo	Atua na educação	Atua na EQEJB	Função	Cor/Raça	Religião	Residência
1. Professor Graviola	**(34 anos),** Licenciatura em Filosofia e Bacharelado em Teologia, Especialização em Ciência das Religiões, Mestrado em Educação e Doutorando em Educação na Amazônia.	Servidor efetivo	11 anos	10 anos	Professor de Ensino Religioso (6º ao 9º ano)	Negro	Umbandista	Bairro Laguinho
2. Professora Jaca	**(44 anos),** Licenciatura em Letras - Português, Licenciatura em Pedagogia.	Servidora do contrato	14 anos	3 anos	Professora de Língua Portuguesa e Literatura (6º ao 9º ano)	Parda	Católica	Bairro Pacoval
3. Professora Abacaxi	**(35 anos),** Licenciatura em Letras – Português e Especialização em Educação Especial e Inclusiva.	Servidora do contrato	9 anos	2 anos	Professora de Língua Portuguesa e Literatura (6º ao 9º ano)	Parda	Católica	Bairro Pacoval
4. Professora Açaí	**(57 anos),** Licenciatura e Bacharelado em Geografia e Especialização em Cultura Africana.	Servidora efetiva	17 anos	17 anos	Professora de Geografia (6º ao 9º ano)	Parda	Católica	Bairro Perpétuo Socorro
5. Professora Melancia	**(33 anos),** Licenciatura em História.	Servidora efetiva	9 anos	7 anos	Professora de História (6º ao 9º ano)	Preta	Evangélica	Bairro Santa Rita
6. Professor Manga	**(47 anos),** Licenciatura em Artes Visuais, Especialização em Mídias na Educação e Especialização em Direitos Humanos.	Servidor efetivo	20 anos	9 anos	Professor de Arte (6º ao 9º ano)	Pardo	Católico	Bairro Infraero

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Seguindo os princípios éticos que regem a pesquisa, utilizo o nome de alguns poços naturais que compõe a paisagem do Quilombo para mencionar as professoras que fazem parte da equipe responsável pela organização dos projetos pedagógicos da escola, inclusive o Projeto macro denominado: Curiaú Mostra Tua Cara, a saber:

Quadro 2 – Equipe responsável pelos projetos da escola

Colaborador (a)	Formação Acadêmica	Vínculo	Atua na educação	Atua na EQEJB	Cor/Raça	Religião	Residência
1. Professora Poço do Buritizal	**(59 anos),** Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia.	Servidora efetiva	41 anos	19 anos	Negra	Católica	Bairro Renascer
2. Professora Poço do Cajú	**(44 anos),** Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Gestão do Trabalho Escolar.	Servidora efetiva	29 anos	28 anos	Parda	Católica	Bairro Novo Horizonte
3. Professora Poço do Tapera	**(48 anos),** Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Gestão do Trabalho Escolar.	Servidora efetiva	22 anos	8 anos	Parda	Católica	Bairro Novo Horizonte
4. Professora Poço do Jacaré	**(55 anos),** Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Gestão do Trabalho Escolar.	Servidora efetiva	33 anos	32 anos	Negra	Católica	Cria-ú de Dentro
5. Professora Poço do Lantejão	**(52 anos),** Licenciatura em Pedagogia e Especialização em História e Cultura Africana e Afro Amapaense.	Servidora efetiva	33 anos	32 anos	Negra	Católica	Cria-ú de Dentro
6. Professora Poço da Maré	**(55 anos),** Licenciatura em Artes Visuais, Especialização em Arte-Educação e Estatística com ênfase em Educação.	Servidora efetiva	31 anos	5 anos	Parda	Católica	Bairro Novo Horizonte

Fonte: Neliane Freitas (2022)

1.5 CATEGORIAS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para a realização desta pesquisa, foi necessário selecionar as bases teóricas e apontar as categorias pelas quais é tecida a escrita da dissertação. Estas escolhas iluminam as reflexões sobre a proposta da investigação, guiando o estudo, o planejamento, a realização da pesquisa, a construção do texto, além de auxiliar nas tomadas de decisões.

Considerando o campo cultural que estamos pisando, no decorrer da dissertação, dialogaremos sobre Território Quilombola, Memória Individual e Coletiva, Identidade Quilombola, Cultura Quilombola, Educação Escolar Quilombola, Currículo Afrorreferenciado e por fim, a respeito da Gamificação.

Dessa maneira, as reflexões apontadas por estas categorias nos ajudarão a compreender a problemática do estudo e os resultados apontados a partir da análise do Projeto Curiaú Mostra a Tua Cara.

1.5.1 Território Quilombola

Para tecer o diálogo sobre essa categoria, evoco Abdias do Nascimento (2002), José Maurício Arruti (2008) e Piedade Videira (2013) para nos ajudar a compreender os aspectos da territorialidade sobre a qual é tecida esta pesquisa. Utilizamos o conceito cunhado por Nascimento (2002, p. 92) ao afirmar que o Quilombo é uma "instituição africana", fruto de uma das inúmeras formas de resistência do negro para manter a sua "identidade pessoal e histórica" ao longo dos anos.

Falar de quilombolas e remanescentes de quilombo é aprender a ressignificar conceitos até então compreendidos apenas pelo significado literário da palavra, mas lá tem todo um simbolismo envolto. Assim, para estas populações, território e terra ganham significados distintos, revestidos por valores culturais, conforme o Parecer CNE/CEB nº 16/12 o qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:

> A terra, para os quilombolas, tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários. Ela representa o sustento e é, ao mesmo tempo, um resgate da memória dos antepassados, onde realizam tradições, criam e recriam valores, lutam para garantir o direito de ser diferente sem ser desigual. Portanto, a terra não é percebida apenas como objeto em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada com a dignidade, a ancestralidade e a uma dimensão coletiva. Há que se considerar, portanto, as distinções entre terra e território quando pensamos a questão quilombola. O território diz respeito a um espaço vivido e de profundas significações para a existência e a sustentabilidade do grupo de parentes próximos e distantes que se reconhecem como um coletivo por

> terem vivido ali por gerações e gerações e por terem transformado o espaço em um lugar. Um lugar com um nome, uma referência forte no imaginário do grupo, construindo noções de pertencimento (Brasil, 2012, p.16).

Com base nessa referência, infere-se que o território quilombola criauense é estudado em muitos aspectos, seja ele, histórico, geográfico, político, cultural, social, econômico, religioso, artístico, literário, linguagem e, todos estes, apontam para a dimensão da territorialidade como ponto de partida e de chegada para as reflexões e análises. Assim, o território pensa, vive e constrói a identidade e seguem imbricados.

A autora Piedade Videira (2013, p. 20) afirma que "é na base territorial que tudo acontece, nesse sentido a terra, o terreiro, o território a territorialidade assume grande importância dentro da temática da pluralidade cultural brasileira no seu processo de ensino, planejamento e gestão". Diante do exposto, entende-se que o território deve ser o ponto inicial para o processo de ensino e aprendizagem dos criauenses, pois nele se definem as festas santorais, o Batuque, o Marabaixo, as moradias, as pessoas, a área de preservação ambiental, a flora, a fauna, o Rio Curiaú, cada um destes itens possuem uma história dentro do território.

O historiador José Maurício Arruti (2008) assevera que a diversidade cultural paira sobre o território e todos os espaços do quilombo fazem parte do território, pois nele

> se incluem não só a terra diretamente ocupada no momento específico da titulação, mas todos os espaços que fazem parte de seus usos, costumes e tradições e/ou que possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória. (Arruti, 2008, p.23)

A territorialidade constitui-se como o lugar que abriga, protege e guarda as raízes profundas que estabelecem os elos e vínculos intergeracionais comunitários os quais são imprescindíveis para que haja a manutenção dos saberes ancestrais, a energia do lugar pode ser sentida por quem lá pisa.

O território quilombola do Cria-ú é percebido a partir das práticas culturais com espaços vivos no qual se definem meios identitários a partir da cultura negra, da memória coletiva e individual, da pluralidade e singularidade das paragens. E também dos ataques e conflitos inerentes aos cotidianos de comunidades quilombolas em nosso país as quais sofrem ataques criminosos com frequência, e muitos têm suas vidas interrompidas pois são assassinados, sem apuração criminal pelo Estado.

1.5.2 Memória Individual e Coletiva

O antropólogo Alex Ratts (2009, p. 83) avalia que “a memória que se constitui no íntimo de cada um tem seus recantos insondáveis”. Nesse sentido, afirma-se que dimensões históricas da realidade em um processo de (re)conhecimento buscam remodelar em nossa memória individual e coletiva representações significativas por meio de imagens que resultam em um elo contínuo de recriação dos acontecimentos relevantes. Neste compasso, o sociólogo Maurice Halbwachs (2019, p. 25) exemplifica esse aspecto, afirmando que “quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que partes muitas vezes estavam esquecidas”. Nesse processo de lembranças, a despeito das memórias de cada sujeito, o autor ressalta que

> Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Logo, não necessariamente os indivíduos precisam estar presentes fisicamente e/ou materialmente nos acontecimentos da vida real, basta que existam conexões, sejam por meio de objetos, imagens etc. para que se construa uma memória, pois, ainda de acordo com Halbwachs (2019, p. 27) “para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias”.

Assim, é possível inferir que no campo da memória, seja ela individual ou coletiva, quando se trata das populações negras, acontecimentos históricos foram negativamente marcados nas lembranças dos indivíduos negros. Com a colonização do Brasil, o movimento anti-negro impactou a sociedade, fazendo com que a cultura, a religião, a educação, os modos de vidas dos negros, sofressem consequências relevantes nos mais diversos aspectos.

No processo de resistências a esses movimentos contra populações negras e indígenas, a importância de uma educação intercultural que inclua a questão racial nos currículos escolares faz-se necessária, tendo em conta que é preciso desconstruir as formas equivocadas sobre a história do negro brasileiro nos livros didáticos, nas mídias sociais, nos modos de enxergar a cultura negra e outros elementos que buscam inferiorizar as identidades negras na sociedade brasileira. Assim, segundo a autora Eliane Cavalleiro (2006, p. 22) é necessário “compreender os mecanismos de resistência da população negra [...] [a qual] exige também estudar a formação dos quilombos rurais e urbanos e das irmandades negras, entre tantas outras formas de organizações coletivas negras”.

Considera-se que a memória individual desses atores sociais não difere da coletiva, no que se refere ao modo como as relações raciais foram construídas. Contudo, a construção dessas memórias em pessoas não negras não representa a mesma lembrança que remete aos indivíduos de pele negra, considerando o que nos diz Halbwachs (2019, p. 34):

> Nós nos lembraremos daquilo que experimentávamos então com o desconhecimento dos demais, como se essa espécie de lembranças houvesse marcado mais profundamente sua impressão em nossa memória porque não tinha relação senão conosco.

Nesse caso, a memória coletiva de uns não tem o mesmo significado e relevância que a de outros, pois, como avalia sobredito autor, alguns "[...] apegam-se a um aspecto desse pensamento e não guardam a lembrança senão de uma parte dessa atividade [...]" (Halbwachs, 2019, p. 35). Isso implica na diferença do ato de lembrar e do reconhecimento da lembrança que determinados sujeitos podem ter de um mesmo acontecimento.

No campo das relações raciais, as lembranças cravadas na memória do povo africano e afro-brasileiro não se diluem com o passar do tempo e dos acontecimentos histórico-sociais. Esse processo de lembrar composto por uma linha tênue entre o que é fato e o que não é permanece na memória com o sentimento de inquietude e/ou de tristeza[2] no momento em que ocorrem às lembranças.

Desse modo, "o processo da escravidão, colonização e das desigualdades sociais que afetam [...] as camadas populares, urbanas e rurais, incluindo segmentos como pescadores, ribeirinhos [...], indígenas, negros e mulheres" (Ratts, 2009, p. 107), aliado ao um processo de construção social negativa direcionado aos negros, trouxeram implicações à memória destes, uma vez que há uma significativa "continuidade perversa" desses fatos históricos, sendo revivida em suas lembranças.

Isso demonstra que os elementos que compunham esse movimento anti-negro não fica somente no campo das ideias, mas as consequências desse processo terrível ecoam na construção e assunção das identidades étnicas, no impedimento de avanços sociais, econômicos, culturais e educacionais dos povos negros.

Contudo, é preciso ressaltar que os esforços construídos até aqui, na busca da superação das lembranças perversas que atravessam as memórias da população negra e no processo de luta contra todas as formas de discriminação, não podem ser deixados de lado e devem ressaltar as perspectivas positivas. No campo educacional, Cavalleiro (2006, p. 25) por meio

[2] Halbwachs (2019).

de “uma série de recomendações para abordagem da temática étnico-racial no cotidiano escolar, desde a seleção até a preocupação com recursos didáticos” (Cavalleiro, 2006, p. 25), entre outros mecanismos, tais perspectivas auxiliam no movimento de construção de novas lembranças na memória individual e coletiva dos negros brasileiros, especificamente dos criauenses.

1.5.3 Identidade Quilombola

Esta categoria parte do pressuposto de que há uma identidade própria e única pertencente aos criauenses. Tal identidade é fruto das suas vivências e experiências no Quilombo as quais foram constituindo a identidade individual de seus filhos e filhas e de toda a comunidade. Essas identidades, a escola tem buscado mostrar através do Projeto Curiaú Mostra a Tua Cara e a partir da ênfase no currículo escolar. Para iluminar essa análise, trago à baila Eliane O’dwyer (2002), Abdias do Nascimento (2002) e Glória Moura (2012), os quais dialogam sobre os quilombos em sua dimensão identitária e territorial.

A identidade quilombola vem sendo pesquisada por meio da ótica dos quilombolas com o território e suas relações com a ancestralidade, a cultura e as tradições, o uso da terra, a agricultura familiar, especialmente a luta política da comunidade por direitos humanos, sociais e em defesa de seus territórios ancestrais, todos estes como afirmação étnica e social.

Moura (2012, p. 111-112) nos diz que as festas religiosas são a essência para a constituição da identidade:

> Festas ratificam o modo de expressão da identidade do grupo e da sua luta desde os antepassados. Vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar e cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns, sintetiza os elementos todos, depreende-se como se constrói e se define identidade étnica em comunidades negras rurais. Fundamenta-se a manutenção da identidade, transpassam-se a posse da terra e as modificações para conservar o patrimônio, agregam-se com supremacia às manifestações culturais de época, porque sinteticamente têm visão de mundo particular e cultura diferenciada, ordenam interação entre as influências africana, portuguesa e indígena em rituais religiosos, alimentos, na divisão do trabalho, no som dos tambores, nas letras das canções, no meneio dos corpos dançantes. Há um processo dinâmico de criação e recriação étnico-identitária ao que denominamos “cultura da festa”.

Nesse sentido, a autora afirma que as comunidades quilombolas possuem o sentimento de etnicidade, empoderamento identitário e de pertencimento com o território. Este sentimento passa então a ser interpretado como modo de sobrevivência material e simbólica para a identidade quilombola e para a sua contínua reafirmação, ou seja, a identidade

quilombola define-se pelas relações de poder que se lançam sobre os quilombos, como necessidade política de construir para si formas de enfrentamento às forças hegemônicas (Fernandes; Galindo; Valência, 2020).

Para preservar a identidade, há muitos enfrentamentos, os quais permeiam o lugar, perpassam pela descolonização do currículo e pela valorização e reconhecimento das importância das relações de parentesco. De acordo com o escritor e ativista Abdias do Nascimento (2002, p.292): "há uma continuidade histórica na luta dos afro-brasileiros por sua identidade étnica e cultural que vem desde o século XVI, com a resistência dos quilombos e da República dos Palmares (1595 a 1695)". Sendo assim, entende-se que a identidade quilombola está ligada à resistência e aos processos históricos.

Ao dialogar sobre identidade, entende-se que elas se constituem de acordo com a influência do meio, com as relações estabelecidas entre os pares, com o mundo e sob a forma que o indivíduo se enxerga ao avaliar seus traços. Considerar-se que a formação da identidade quilombola criauense recebe relativa influência "de fora" por estar muito próxima da área urbana e, por isso, pode surgir a necessidade de afirmação da identidade ou casos de negação. Entende-se que a identidade racial de cunho político não está dada a priori, ou seja, ela não se fundamenta e constitui a partir de evidências óbvias como a cor da pele, cabelo afro.

À luz de Elisa Nascimento (2002), há a afirmação da "continuidade" por valorização da identidade e surge a necessidade de uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento para saber agir diante dessas adversidades: "é neste contato com o outro que surge a necessidade de acionar a identidade quilombola para garantir acesso a determinados direitos e também para garantir o território. A identidade quilombola passa a ser uma defesa em face dos interesses que confrontam os da própria comunidade" (COSTA, 2017, p. 100).

No território quilombola do Cria-ú existem vários conflitos que fazem surgir inúmeros tensionamentos a esse respeito, destaco dois relatos feitos pelo seu Sabá, que tratam dos casamentos "por interesse", uma vez que se o indivíduo de fora casar com criauense já tem direito à terra e a pesca realizada de forma ilegal e sem permissão por pessoas de fora da comunidade nos rios do quilombo.

Identidade e Território são elementos indissociáveis, um reafirma a existência do outro. A esse respeito, Almeida (2011) nos diz que a identidade quilombola é investigada sob a ótica da relação entre quilombolas-território, tendo o modo de relação com a ancestralidade, as tradições, o cultivo da terra, como afirmação étnica e política. Consoante a esse entendimento, Eliane O'dwyer (2002, p. 157) afirma que

> É a partir de seu atual nível de consciência e organização política que o grupo reelabora sua identidade étnica, passando assim a reivindicar a identidade de quilombo e a definir-se como tal. Na concepção desses moradores, o quilombo é uma organização social e política dinâmica, pois a comunidade "se transformou num quilombo" na medida em que os conhecimentos foram sendo transmitidos dos mais velhos para os mais novos pelo processo de mobilização e conscientização. Destaca-se aí a dimensão afetiva do grupo, pois os avós têm papel importante e são considerados como fontes fidedignas de onde emana o conhecimento do passado, cujos valores os levam a retomar suas origens. Para esse grupo de parentes, isso significa ir ao encontro de um ou vários parentes, que são seus avós, bisavós e trisavós. O grupo volta ao passado por meio dos conhecimentos transmitidos por seus avós para reelaborar o significado do presente e de sua identidade étnica.

Dito isso, a identidade quilombola é constituída através dos laços de parentescos, as pessoas mais velhas são respeitadas sob o olhar de detentoras dos saberes ancestrais que foram e são transmitidos oralmente de geração a geração. O cuidado com a terra é a garantia da reprodução humana e animal, cultural, econômica e representa continuidade em diversos âmbitos da identidade quilombola.

Assim, no chão da escola também se estabelecem relações de identidade, (re) afirmação e a formação do pensamento crítico sobre a identidade quilombola, tomando por referência as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais (2006). A ideia de identidade é plural e versa sobre "diversas áreas do conhecimento", concernente "à identidade racial ou étnica, o importante é perceber os seus processos de construção, que podem ser lentos ou rápidos e tendem a ser duradouros" (BRASIL, 2006, p. 219-220).

Portanto, a identidade quilombola criauense constitui-se a partir do território quilombola, em seu bojo apresenta múltiplos retratos do corpo e cabelo, da fé e devoção, das histórias e causos de encantamento, dos costumes e tradições, da luta constante por reconhecimento e a preservação dos saberes como garantia da cultura.

1.5.4 Cultura Quilombola

A Cultura Quilombola no Brasil tem passado por um processo de mudanças ao longo da história, Nilma Gomes (2003, p. 75) assevera que nunca se falou tanto em cultura como neste século: "cultura escolar, cultura da escola, diversidade cultural, multiculturalismo, interculturalismo, sujeitos socioculturais, cultura juvenil, cultura indígena, cultura negra...". Entretanto, a autora considera relevante o fato de a questão da cultura está em voga nas discussões e debates nos dias atuais. Diante disso, no processo de culturas e diferenciação das

culturas, pode-se dizer que a Cultura Quilombola, marcada por um "movimento" que buscou por meio de diversas formas à aculturação imposta pela colonização advinda de países europeus, tem sido posta em evidência frente à globalização mundial das culturas.

Umas das formas de aculturar e/ou silenciar a Cultura Quilombola advêm de um projeto de nação costurado pelo mito da democracia racial que buscou inserir no imaginário social a inexistência do racismo no Brasil. Amador de Deus (2019, p. 85) aponta, nessa perspectiva, que:

> A democracia racial que se supõe existir no Brasil, cuidadosamente urdida pelas elites brancas e laboriosamente inscrita e arraigada no imaginário social, foi, provavelmente, um dos mais poderosos mecanismos de dominação ideológica já produzidos no mundo, inclusive com a colaboração de eminentes cientistas sociais.

Entende-se que a discussão sobre a dominação ideológica produzida na sociedade brasileira com objetivo de inferiorizar outras culturas, como por exemplo, a Cultura Quilombola, muitas vezes, é silenciada/invisibilizada nas escolas brasileiras através de um currículo eurocêntrico, de professores despreparados, e de material didático equivocado, constitui um problema preocupante e urgente a ser resolvido desde sua raiz no início do Brasil-colônia até os dias atuais. Isso pressupõe discussões, debates e estudos sobre a Cultura Quilombola, não somente nas escolas quilombolas, bem como, e principalmente em escolas que não fazem parte de quilombos, pois, nesse sentido, Gomes (2003, p. 75) assevera,

> Por mais que tal apelo à cultura possa significar um modismo pedagógico, ou o mais novo jargão da nossa área, ou uma mudança de paradigmas, acredito que só o fato da palavra cultura começar a fazer parte (ou voltar a fazer parte) do vocabulário educacional já constitui um dado pedagógico que merece nossa atenção.

Abordar a Cultura Negra nos espaços escolares tem sido um processo árduo, tendo em conta os conflitos e a não aceitação do diferente na sociedade de maneira geral. Entretanto, não se pode mais permitir que o silêncio, seja a saída mais fácil para esse problema social grave que ainda afeta diuturnamente os sistemas de ensino do Brasil. Nesse caso, as Orientações e ações para a ERER, apontam que o silêncio da escola sobre a questão racial permite de uma forma ou de outra que a suposta superioridade branca se sobressaia frente as demais, pois sem questionamentos por parte do professor/a, não como resolver esse problema (BRASIL/MEC, 2006).

É importante lembrar, que a abordagem da Cultura Negra nas escolas, não pode ser condicionada a apenas elogios e comemorações específicas, a exemplo do dia 13 de maio (abolição da escravatura no Brasil) e dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência

Negra), é preciso bem mais para que homens e mulheres, crianças e adultos ou qualquer membro de nossa sociedade tenha a capacidade de discernimento e reconhecimento dos fatores que impedem o avanço nessa direção.

A discussão e apresentação da Cultura Negra nesses espaços requerem uma reflexão mais crítica e menos rasa dos aspectos que levaram o Brasil a ser um país racista e preconceituoso mesmo não admitindo tal fato. Considera-se, assim, que "a escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas [...]" (GOMES, 2003, p. 77), é também, um instrumento relevante no processo de superação dos conflitos étnico-raciais. Do Espírito Santo & Videira (2017, p.116) consideram que,

> É no reconhecimento dessas comunidades que se materializa o papel da Educação Escolar Quilombola, através de processos de conscientização racial e cultural dos estudantes, livre de estereótipos negativos sobre os seus ancestrais africanos, e afro-brasileiros. Assim, a fim de positivar quem são enquanto negros e negras na sociedade brasileira, que destacaremos a seguir os principais marcos legais, em prol de uma educação escolar antirracista.

Contudo, esse processo é lento, requer qualificação profissional dos educadores, investimentos em materiais didáticos adequados, por parte dos governantes, disposição do corpo docente das escolas em buscar conhecimentos e informações sobre o tema em questão, pois não basta somente indicar caminhos, é preciso abrir espaços para essa discussão tão importante na sociedade brasileira, se faz necessário, ainda, a realização de estudos e pesquisas nesse campo, para que possa ter um norte do que é real e o que não é nesse movimento de luta antirracista.

Em linhas gerais, Gomes (2003, p. 77) aponta, que possivelmente "[...] nos afastaremos das práticas educativas que, ao tentarem destacar essa cultura no interior da escola ou no discurso pedagógico, ainda a colocam no lugar do exótico e do folclore". Por isso, estabelecer o diálogo sobre a Cultura Negra quilombola no chão da escola é imprescindível para romper com o olhar "exótico" sobre a identidade negra e todos os aspectos culturais/religiosos que fazem parte da história do negro e foram incorporados à cultura brasileira.

1.5.5 Educação Escolar Quilombola

Para analisar a categoria Educação Escolar Quilombola, utilizo a base legal para a implementação da mesma a Resolução n. 08 de 2021 e me referencio nas autoras Beatriz do Nascimento (1989) e Piedade Videira (2013).

A Resolução n.08 de 2012 reforça que é imprescindível desenvolver atividades que busquem a proteção dos saberes tradicionais nas escolas com o intuito de desenvolver a garantia da identidade da cultura afrodescendente. Tal ação está explícita legalmente:

> Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.
> § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:
> I - Organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:
> a) da memória coletiva;
> b) das línguas reminiscentes;
> c) dos marcos civilizatórios;
> d) das práticas culturais;
> e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
> f) dos acervos e repertórios orais;
> g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
> h) da territorialidade. (BRASIL, 2012, p. 3).

No tocante à educação ministrada em comunidades quilombolas, os tratados internacionais foram muito importantes para a consolidação destas legislações. Tais como: a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948; a Convenção n.169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra, em 27 de junho de 1989 que passou a vigorar internacionalmente em 5 de setembro de 1991 propondo um novo marco em defesa das comunidades tradicionais e a Conferência de Durban, em 2001, na África do Sul. A esse respeito, o autor Vieira (2020, p. 94) nos diz que, a partir desta Conferência, foi possível visualizar "o aparecimento de políticas públicas afirmativas, como são as Leis n.10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira".

A seguir, elenco os principais referenciais teóricos e os marcos legais que consubstanciam as pesquisas envolvendo a temática étnico-racial. Estas fazem parte dos séculos de luta da comunidade negra em nosso país:

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988;
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 9.394/96;
- Decreto Federal nº. 4.887/03 que regulamenta os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes quilombolas;

- Leis n.10.639/03 e a Lei n.11.645/08, as quais alteram a Lei n. 9.394/96, incluindo nos currículos oficiais das redes de ensino a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena;
- Resolução nº 08/12, do Conselho Nacional de Educação, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola;
- Resolução nº 01/04, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- Lei n. 12.288/10, que estabelece o Estatuto da Igualdade Racial;
- Resolução nº 025/16 do Conselho Estadual de Educação do Amapá, que estabelece normas para a criação e funcionamento das instituições de educação escolar quilombolas, no âmbito da educação básica no estado do Amapá e dá outras providências;
- Referencial Curricular Amapaense – RCA, que aponta as diretrizes curriculares da Educação Básica.

Todas estas legislações são fruto de anos de luta do Movimento Negro pelo direito à igualdade de acesso à educação, por equidade de oportunidades, por justiça social e do ensino pautado na valorização do território quilombola. Portanto, esse conjunto de Leis, Resoluções, Orientações, Decretos fazem parte de séculos de luta coletiva da população negra pelo direito ao acesso a uma educação pública gratuita e de qualidade. Assim, evoco a autora Piedade Videira (2013, p. 17) para sinalizar a importância da valorização da cultura do Quilombo no currículo escolar ao afirmar que,

> Para mim a cultura local deveria funcionar como "primeiro passo", espécie de "ponto de partida" para o reencontro dos educandos com sua ancestralidade negra e os processos históricos de seus antepassados ao compreenderem a cultura como teia de significados que o ser humano constrói a partir de referenciais históricos e sociológicos.

Com base na valorização do currículo dito "invisível", há a necessidade de partir do conhecimento local, das experiências nos campos histórico, socioeconômico,cultural/ religioso da geografia humana e do território e educacional para relacionar com o livro didático que já vem "pronto", mas não atende às especificadas do território da comunidade. O que é necessário e está amparado por lei, de acordo com Nascimento (1989 *apud* Alex Ratts, 2006, p. 59) o quilombo é importante porque

> Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais

> o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho o direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.

O quilombo é carregado de significados e memórias que representam a luta de um povo para manter a sua cultura e sobretudo a sua existência. Quando se fala na Educação Escolar Quilombola, fala-se da resistência desse universo e, por isso, precisa de uma configuração de referências aos conhecimentos, modos de vida, práticas sociais e comunitárias, crenças e tradições culturais/religiosas. Porém, a Educação Quilombola é a efetivação de tudo isso, compartilhando os saberes existentes, reafirmando os valores e efetivando a educação para as Relações Étnico-Raciais considerando a especificidade de cada território quilombola.

1.5.6 Currículo Afrorreferenciado

A análise desta categoria parte da concepção de autores que apontam para a implementação de uma metodologia na qual os processos educativos sejam elaborados a partir do conhecimento do território, valorizando a cultura que o estudante traz consigo. Essa metodologia é tecida a partir das bases legais da Educação no Brasil, necessidade de descolonizar os currículos à luz de Nilma Gomes (2012), de práticas pedagógicas conforme a vivência da comunidade conforme Piedade Videira (2013) e Glória Moura (2012), da pretagogia à luz de Sandra Petit (2015) e de Tomaz Tadeu da Silva (1999) tendo o currículo como “documento de identidade”.

A valorização dos aspectos identitários do povo brasileiro no currículo escolar é amparada na Lei n. 10.639/03, nas Diretrizes para a implementação da referida Lei e na Lei 11.645/08 que altera o Art. n. 26 da Lei n. 9.394/96 para inserir a obrigatoriedade da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo currículo, especialmente nas disciplinas de História, Artes e Literatura, além da Resolução n. 08/2012 que assegura

> o direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade. (BRASIL, 2012, p. 5).

Dessa forma, a Comunidade Quilombola do Cria-ú é um espaço de identidade, cultura, ancestralidade, resistência e salvaguarda os saberes tradicionais de várias gerações, esses conhecimentos têm sido repassados ao longo do tempo através das narrativas orais e escritas dos moradores mais antigos da comunidade como o seu José Clarindo dos Santos (seu Zé), Sebastião Menezes da Silva (seu Sabá), Francisca Ramos dos Santos (tia Chiquinha - *in memorian*), D. Rossilda Joaquina Santos (*in memorian*), Esmeraldina dos Santos e tantos outros que segundo Piedade Videira (2013, p. 64) " tem suas memórias anunciadas pelas vozes" dos moradores do Quilombo que os mencionam em suas narrativas em um processo contínuo de salvaguarda da história afroamapaense.

Nessa perspectiva, surge o termo currículo afrorreferenciado, para enfatizar nas práticas pedagógicas os valores africanos presentes nas gerações que têm se esforçado para manter ativa as vozes dos moradores mais antigos das comunidades, sinalizando a importância dos momentos de encontros entre gerações e a necessidade de salvaguardar estes conhecimentos presentes nas memórias e reproduzidos de maneira oral. A filósofa Adilbênia Freire Machado (2019, p.9) afirma que "educar desde uma perspectiva afrorreferenciada, desde as cosmopercepções africanas, é educar pela experiência, pois o conhecimento real, que pode ser efêmero, tem origem em nós, em nosso lugar de pertencimento, nosso chão, nossa cultura e saberes".

As práticas pedagógicas devem partir do campo cultural destes territórios e sinaliza a necessidade de formar professores que respeitem essas especificidades e não se atenham somente ao conteúdo dos livros didáticos que pincelam a história e cultura afrobrasileira. Na maior parte dos conteúdos, estes livros enfatizam a importância do negro para o fomento da economia na condição de escravizados e tratam da importância da cultura africana apenas no dia 20 de novembro, dia Nacional da Consciência Negra.

É nesse sentido que a professora caribenha Sandra Haydée Petit (2015, p. 72) inaugura o termo "Pretagogia", usado para referenciar, "a formação de professores e professoras envolvidos/as em produzir dispositivos didático-pedagógicos para implementar, nos currículos escolares e universitários, a história e as culturas africana, afro-brasileira e afrodiaspórica". O termo Pretagogia surge para potencializar os saberes da ancestralidade africana e como uma alternativa ezequível para a implementação da Lei n. 10.639/03.

A autora afirma que essa metodologia deve ser realizada à luz do princípio filosófico materializado e significado no pássaro *Sankofa* (figura 2), que se desloca com os pés para frente, mas a cabeça sempre está voltada para trás. Isso quer dizer que a história africana deve

seguir em um “elo inquebrantável”, rumo ao futuro sem esquecer-se da ancestralidade que constitui a identidade dos povos africanos na diáspora.

Figura 2 – Pássaro *Sankofa*, símbolo da Pretagogia

Fonte: Malaika Mutere (2015)

O ideograma *sankofa* pertence ao conjunto de símbolos gráficos chamado *adinkra* que faz parte do modo de escrita do Povo Akan que compreende territórios dos países africanos Gana e Costa do Marfim, África ocidental. Cada um destes possui um significado e carrega consigo bases filosóficas africanas. Para cientista social Elisa Larkin Nascimento (2008, p.29) o símbolo *sankofa* significa: “nunca é tarde para voltar e recolher aquilo que ficou para trás”. Em outras palavras, entendo que é necessário voltar às raízes para ressignificar o presente e construir um novo futuro.

Ao relacionar o pássaro com a história africana, a pesquisadora Sandra Petit (2015) considera a identidade como ponto de partida para a construção de um currículo afrorreferenciado que apresenta uma proposta de ensino pautada no território de pertencimento, nos saberes, na cultura, na corporeidade. Caracterizando-se por uma metodologia que valoriza as histórias dos povos que sofreram tentativas de apagamentos históricos e culturais ao longo dos anos.

A esse respeito, Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 150) nos diz que o currículo escolar é culturalmente definido, estabelece relações de “poder” e define as concepções das atividades educativas. O autor considera a importância do currículo para a constituição e valorização da identidade negra, além de considerar os termos utilizados por Glória Moura (2012) que denomina “currículo oculto” ou “currículo invisível” como espaço de morada cultural.

> [...] o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

A cultura do quilombo deve estar associada com a educação formal nas escolas, o conhecimento dos pais, avós e as manifestações religiosas. Para Glória Moura (2012, p. 147), são estes os saberes constituintes da identidade do estudante e "enquanto quilombos consideram seus valores, a escola ignora sua historicidade apreendida na origem do povo". Nesse sentido, aponta para a necessidade de um currículo escolar que aborde as experiências e a vivência da comunidade.

Dessa forma, está posto o desafio aos professores elencados para a pesquisa de adaptarem suas práticas pedagógicas de acordo com a realidade quilombola do estudante. A pesquisadora Piedade Videira (2013, p. 240) ressalta que é necessário "sensibilizar o professorado para a relevância de sua participação efetiva, compromissada e ética dentro do trabalho educacional em desenvolvimento na escola".

Compreendemos a necessidade de dialogar sobre a implementação de práticas pedagógicas que potencializem e efetivem o currículo escolar pautado nos aspectos locais, atentando-se para as diversas possiblidades de implementação. Da mesma forma que as escolas fora da comunidade utilizam as tecnologias na aprendizagem, as crianças e jovens quilombolas participam do processo de evolução tecnológica e devem participar do processo de escolarização mediado pelas tecnologias mesmo diante das limitações de recursos da escola em que estão inseridos.

1.5.7 Gamificação

Inicio esta categoria buscando apresentar um entendimento sobre o significado de "tecnologia", para isso, sirvo-me da pesquisa de Veraszto *et al.* (2009, p. 22), o pesquisador afirma que "em diferentes momentos a história da tecnologia vem registrada junto com a história das técnicas, com a história do trabalho e da produção do ser humano". Portanto, o conhecimento científico-tecnológico não se limita ao uso de um computador, celular e demais instrumentos digitais.

Podemos chamar de tecnologia tudo aquilo que é desenvolvido para melhorar a vida das pessoas, seja para se comunicar ou para realizar suas atividades laborais. A esse respeito, a tecnologia desenvolvida pela população de matriz africana contribuiu para potencializar a

economia brasileira e o pesquisador Henrique Cunha Júnior (2010, p. 19) faz um destaque para o campo das artes,

> A imigração forçada de africanos de diversas regiões trouxe um elenco surpreendente de profissionais e uma infinidade de conhecimentos nos diversos campos do conhecimento. da mineração, da construção, da engenharia civil, das artes, na arquitetura, na agricultura, na produção têxtil, na metalurgia, na química e farmacologia, na marcenaria e na náutica.

A população africana e seus descendentes são dotados de exímios conhecimentos científicos tecnológicos os quais foram fundamentais para o desenvolvimento econômico do nosso país. Ademais a civilização africana do Egito é insuperável no uso da ciência e tecnologia na história da humanidade. No entanto, ainda presenciamos o racismo científico no que diz respeito ao registro destas tecnologias, algumas destas tiveram autorias ocultas, quando se tratava de um negro e/ou afrodescendente ou atribuídas a outros povos.

Assim, abordaremos a gamificação como ferramenta pedagógica na promoção de um currículo afrorreferenciado a partir da inserção desta metodologia como estratégia nas práticas pedagógicas dos professores. Gamificar pode ser confundido diretamente com a ação de jogar um *game.* No entanto, a aplicação da gamificação consiste na utilização de ferramentas ou estratégias de um jogo virtual em um contexto de sala de aula para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Os professores podem utilizar esta metodologia como recurso didático alinhado aos componentes curriculares ou implementar ações para resolver problemas como a dispersão e a evasão escolar já que as regras fazem parte dessa metodologia e o educador pode defini-las conforme a sua intenção.

À luz de Bacich e Moran (2018, p. 66), a gamificação consiste em "jogos e aulas roteirizadas com a linguagem de jogos" e constituem-se como "estratégias importantes de encantamento e motivação para uma aprendizagem mais rápida e próxima da vida real" (ibidem), para assumir uma postura participativa, envolvendo o estudante nas atividades e potencializar as áreas do conhecimento para promover a aprendizagem. Porém, é necessário estabelecer para o estudante os objetivos da atividade para que a finalidade não seja confundida com o ato de brincar.

A "acanhada" produção acadêmica sobre a gamificação na seara étnico-racial no cenário nacional revela que muito pouco vem sendo feito para fortalecer práticas pedagógicas com a utilização de ferramentas tecnológicas que viabilizem a dinamização do ensino dos conteúdos referentes ao ensino e cultura afro-brasileira.

Nesse sentido, as tecnologias educacionais e a cultura digital devem estar presentes no currículo sistematizado de muitas formas através de metodologias ativas como a Gamificação, pois os estudantes do Quilombo não podem ficar de fora desse processo tecnológico que se expande cada vez mais. Os professores destes territórios também devem buscar formas de adaptar os seus conteúdos para que possam inserir conteúdos alinhados à competência cinco da BNCC (2018) que reforça a construção de um currículo pautado nas tecnologias educacionais. Com base nessa afirmação,

> Fica evidente como urge a necessidade de promovermos práticas educativas afrocêntricas para romper o silenciamento sobre a contribuição da matriz civilizatória dos povos africanos e afrodescendentes para a produção da humanidade, ao invés de privilegiar uma "história única" que coloca a ciência e a tecnologia em geral como um atributo essencialmente branco-ocidental. (FERREIRA; SILVA; COSTA, 2021, p.11).

Durante a pandemia da COVID-19, foi difícil a consolidação do Ensino Remoto Emergencial no Quilombo, pois a escola optou por criar apostilas com atividades a serem entregues para os estudantes. Em algumas famílias, era realizado um rodízio do único aparelho celular da casa para realizar as tarefas da escolar postadas nos grupos de *WhatsApp* da escola.

Os professores tiveram que se adaptar de forma ligeira à nova realidade imposta naquele momento. Este fato sinalizou para a necessidade de repensar as estratégias de ensino a partir daquele contexto. A gamificação pode ser implementada com o auxílio de um computador ou não, pois é uma prática que utiliza estratégias de um jogo virtual como uma metodologia dentro de sala de aula para repassar um conteúdo de forma dinâmica e atraente, a fim de inovar os processos de ensinar, utilizando características dos jogos virtuais que o aluno nativo digital está familiarizado. Para Fardo (2013, p. 2) a gamificação

> é um fenômeno em ascensão, que deriva diretamente da popularização e popularidade dos games. É uma metodologia que consiste na utilização de elementos dos jogos digitais em contextos educacionais para promover a motivação, envolver o aluno nas atividades, resolver problemas e potencializar as áreas do conhecimento para promover a aprendizagem.

Nesse sentido, a gamificação pode fazer parte da prática destes professores ao aliar ferramentas de jogos digitais no contexto escolar para a adaptação dos conteúdos didáticos de acordo a realidade dos estudantes do quilombo conforme a Resolução n. 08//2012. Além de colaborar no desenvolvimento das ações do PCMTC alinhada à BNCC (2018) e a Lei 14.533/23 para aliar o paradigma da sociedade do conhecimento de base tecnológica à

valorização da história do povo amapaense a partir do Quilombo do Cria-ú. A seguir, iremos adentrar a comunidade para conhecer alguns aspectos que compõem o *lócus* da pesquisa.

2 “O QUILOMBO É VISTO, O QUILOMBO É HISTÓRIA!”: LÓCUS DA PESQUISA

Curiaú, minha vida minha história
Curiaú, meu quilombo, vou cantar a sua memória / Oh Maria andou, Maria andou
Curiaú é um quilombo / Oh Maria andou, Maria andou
Pedacinho do Amapá / Oh Maria andou, Maria andou
Venha vê nossa cultura/ Oh Maria andou, Maria andou
Beleza desse lugar / Oh Maria andou, Maria andou
Ao chegar ao Curiaú / Oh Maria andou, Maria andou
Se quiser dançar escute / Oh Maria andou, Maria andou
O som dos instrumentos / Oh Maria andou, Maria andou
E dançar nosso batuque / Oh Maria andou, Maria andou
Açaí fruta nativa / Oh Maria andou, Maria andou
Tem aqui para beber / Oh Maria andou, Maria andou
Nas cabeça dessas nega / Oh Maria andou, Maria andou
Tem trancinha e tererê / Oh Maria andou, Maria andou
No Quilombo do Curiaú / Oh Maria andou, Maria andou
Passa boi, passa boiada / Oh Maria andou, Maria andou
Passa negro quilombola / Oh Maria andou, Maria andou
Vem atrás da vaquejada / Oh Maria andou, Maria andou
Tudo isso tem aqui / Oh Maria andou, Maria andou
Só falta você chegar / Oh Maria andou, Maria andou
Esperamos sua visita /Oh Maria andou, Maria andou
No estado do Amapá /Oh Maria andou, Maria andou
Com a força dos nossos ancestrais, viva o Quilombo do Curiaú!!!

Com esta formosa bandaia do Batuque intitulada: “Maria andou”, cuja autoria pertence à quilombola criauense Creuza Silva, inicio o diálogo dessa seção apresentando o quilombo criauense a partir do olhar de uma cantora filha desta terra sagrada.

O objetivo desta seção é apresentar as definições de Quilombo, postas pelas legislações e intelectuais que se debruçam por estes campos culturais. Em seguida, irei mostrar os aspectos históricos, culturais, religiosos geográficos e socioeconômicos da comunidade para adentrar à educação quilombola e conhecer as práticas pedagógicas, comportamentais e atitudinais da escola, com respeito às singularidades ao apontar os elementos constituintes da identidade criauense na construção das narrativas deste trilhar acadêmico-científico. Isto posto, inicio o teçume das discussões dessa seção da dissertação utilizando-me das palavras de Cunha Júnior (2018, p.175):

> Podemos pensar em definir comunidades de quilombo e remanescente de quilombo como um território de identidade coletiva de uma população afrodescendente, demarcada pela história social dessa comunidade, sendo que os laços de identidade são descritos pela memória coletiva e pelas transformações da cultura do grupo social.

De acordo com o antropólogo Alfredo Wagner Almeida (2011), foi na virada do século XX para o século XXI que houve uma definição conceitual para o termo *Quilombo*, partindo do ponto, acima de tudo político, para que houvesse a (re) afirmação da identidade e da confirmação do uso da terra.

Pelo olhar do autor supracitado, um dos primeiros documentos com a finalidade de apresentar a definição de quilombo, trata-se da resposta do Rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino, em 02 de dezembro de 1740: "esta ordem, considerava-se juridicamente como quilombo ou mocambo: "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles" (ALMEIDA, 2011, p. 38).

Assim, dito pelos colonizadores, o quilombo era visto como o refúgio de negros revoltados, desobedientes, indisciplinados ou marginais. De lá pra cá, um longo processo histórico vem sendo construído, esclarecido e narrado por pesquisadores negros e não negros que vêm atualizando as bases legais.

A pesquisadora Elisa Nascimento (2008), importante mulher negra intelectual, ao realizar uma discussão sobre a origem dos quilombos na África e no Brasil, apresenta o quilombo como instrumento de (re) conhecimento da identidade negra para a "auto-afirmação" nacional. Outrossim, apresenta o conceito de Quilombo no sentido de território:

> Quilombo é um conceito próprio dos africanos bantus, habitantes da África Centro Ocidental e Leste (sic). Entretanto os Quilombos do Brasil, como Palmares, atingiram aproximadamente 20 mil habitantes. O nome original vem de Angola, que em determinado momento da história da resistência angolana queria dizer acampamento de guerreiros na floresta, administrado por chefes rituais de guerra. Do ponto de vista de uma organização social, a África era extremamente diversificada. Tudo fazia parte de um sistema. Assim o Quilombo, neste período [século XVII] era um sistema social baseado em povos de origem caçadora [jaga ou imbangala] e por isso mesmo guerreiro (NASCIMENTO. In: RATTS, 2006, p.58).

Isso posto, Beatriz do Nascimento (2008) propõe uma ressignificação do quilombo, sendo uma forma de organização africana que foi incorporada ao Brasil. Assim, ela estuda o conceito de quilombo ao longo do tempo, em uma perspectiva social e política do território.

Ainda nos dizeres da autora, a abolição da escravatura em 1888 não passou de mera formalidade em resposta à resistência dos negros escravizados que foram ganhando apoio da sociedade e dos movimentos abolicionistas no século XIX. Sem saída, optaram por declarar a abolição da escravatura. No entanto, para Abdias do Nascimento (2002, p.91),

> Após a abolição formal da escravidão a 13 de maio de 1888, o africano escravizado adquiriu a condição legal de "cidadão"; paradoxalmente, no mesmo instante ele se tornou o negro indesejável, agredido por todos os lados, excluído da sociedade, marginalizado no mercado de trabalho, destituído da própria existência humana. Se a escravidão significou crime hediondo contra cerca de 300 milhões de africanos, a maneira como os africanos foram "emancipados" em nosso país não ficou atrás como prática de genocídio cruel.

Por certo, não houve preocupação em desenvolver políticas públicas para adequar os negros à condição de libertos. Assim, passaram a viver nas ruas ou voltaram a dura rotina de serviços braçais na casa dos patrões, vale lembrar os muitos outros processos que iniciaram nesse período, como o surgimento das favelas.

Nesse embalo, o sociólogo Clóvis Moura (1988) diz que, após a abolição, o negro "atirado às grandes cidades" em busca de trabalho teve de lidar com o preconceito de cor, o que o fez sobrar no mercado de trabalho o qual já estava sendo ocupado pelos grupos migratórios constituídos de não negros (italianos, alemães, holandeses, portugueses, japoneses e espanhóis). Assim "aquele elemento humano que, durante quase quatro séculos, foi o único trabalhador da sociedade brasileira, passou a ser considerado preguiçoso, ocioso, de má índole para o trabalho" (MOURA, 1988, p. 11).

A Constituição Federal (CF), promulgada no ano de 1988, através do Art. 68, apresenta a seguinte afirmação: "Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos" (BRASIL, 2016, p.160). Assim, a CF/1988 ajudou a recuperar o verdadeiro sentido do conceito de quilombo, assegurando o direito pela terra e a concretização das conquistas, fruto das muitas formas de resistência contra os colonizadores opressores e os movimentos escravistas.

A criação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), no ano de 1996, iniciou um movimento importante para a articulação e maior visibilidade das pautas de cunho racial, o órgão considera a definição do termo Quilombo posto pela CF/88 e desenvolve ações com vistas para a efetivação das cotas raciais e da Lei n. 10.639, pelo fim da violência contra as lideranças quilombolas, pela proteção do território e para contemplar a vasta pauta dos quilombos.

O Estatuto da Igualdade Racial, instituído através da Lei n. 12.288/10 também é um importante instrumento na defesa dos direitos étnicos, coletivos e no combate à discriminação racial, pois trata do direito de acesso da população negra à educação, à cultura, à prática de esporte e ao lazer, da liberdade de manifestar suas crenças e da prática dos cultos religiosos, outrossim do acesso à terra e moradia adequada. E apresenta as condições de igualdade de oportunidade:

> I - inclusão nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social;
> II - adoção de medidas, programas e políticas de ação afirmativa;
> III - modificação das estruturas institucionais do Estado para o adequado enfrentamento e a superação das desigualdades étnicas decorrentes do preconceito e da discriminação étnica;

> IV - promoção de ajustes normativos para aperfeiçoar o combate à discriminação étnica e às desigualdades étnicas em todas as suas manifestações individuais, institucionais e estruturais;
> V - eliminação dos obstáculos históricos, socioculturais e institucionais que impedem a representação da diversidade étnica nas esferas pública e privada;
> VI - estímulo, apoio e fortalecimento de iniciativas oriundas da sociedade civil direcionadas à promoção da igualdade de oportunidades e ao combate às desigualdades étnicas, inclusive mediante a implementação de incentivos e critérios de condicionamento e prioridade no acesso aos recursos públicos;
> VII - implementação de programas de ação afirmativa destinados ao enfrentamento das desigualdades étnicas no tocante à educação, cultura, esporte e lazer, saúde, segurança, trabalho, moradia, meios de comunicação de massa, financiamentos públicos, acesso à terra, à Justiça, e outros (BRASIL, 2010, p. 2).

É importante ressaltar que, somente após 11 anos da promulgação da CF/1988, o Quilombo do Cria-ú recebeu oficialmente o título de "*comunidade* remanescente de quilombo". Sua legitimidade da posse de terra foi dada aos moradores dos quilombos a partir da Portaria n.º 307, de 22 de novembro de 1995, publicada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão governamental responsável por medir, demarcar e titular as terras quilombolas. Atualmente, existem 33 processos abertos para titulação de terras quilombolas amapaenses e oito quilombos titulados no estado do Amapá (INCRA, 2018).

O Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 constitui-se como um marco regulatório quanto aos procedimentos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas, proposto pelo Art. 68 da CF/1988. O documento apresenta a seguinte definição para os remanescentes de quilombos: "grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (BRASIL, 2003).

Maurice Arruti (2008, p.2) afirma que os quilombolas "seriam caracterizados também por alguns traços substantivos, todos relativos à sua territorialidade" e à utilização comum da terra. Diante disso, ele inaugura a seguinte afirmação sobre quilombos:

> Não é possível falar deles sem adjetivá-los. Seja por meio da fórmula legal que lança mão de "remanescentes", ou das tentativas de ajuste desta, por meio de "contemporâneos". Seja ainda por que são necessárias distinções entre estes, quando se usa "urbanos" ou "rurais". Ou, quando se quer tipificá-los, por meio de "agrícola", "extrativista", "nômade" etc. Ou, finalmente, quando se fala em "históricos", de forma complementar ou concorrente àquelas formas anteriores, já que falar em "quilombos históricos" tem servido tanto para especificar quanto para deslegitimar os "quilombos contemporâneos".

Ainda sobre esse tema, Eliane O'dwyer (2002) pelo "sentido étnico que define o grupo" complementa a reflexão proposta ao referir-se a esta população, como "terras de preto' e "comunidades negras rurais".

Tanto Arruti (2008) quanto O'dwyer (2002) nos ajudam a refletir sobre os conceitos e definições de quilombo, pois ainda de acordo com Arruti (2008, p. 18) o termo quilombo vem sendo "ressemantizado", ganhando um novo significado. Segundo o autor, "o conceito contemporâneo de quilombo aponta para grupos sociais produzidos em decorrência de conflitos fundiários localizados e datados, ligados à dissolução das formas de organização do sistema escravista".

Sabendo disso, os quilombos contemporâneos têm múltiplas formas e podem ser definidos como grupos remanescentes de quilombo. Estes construíram grande quantidade de processos através das fugas, permanência nas terras e herança: "ao quilombo contemporâneo deve estar associada uma interpretação mais ampla, não somente de resistência no passado, mas, sobretudo, no presente" (ANJOS, 2009, p. 108).

Assim, partindo da ideia de quilombos contemporâneos, a pesquisadora Stéfane Souto (2021), embebida da literatura produzida por Elisa Nascimento (2002) afirma que o modo de organização dos quilombos é uma forma de tecnologia e apresenta o termo "aquilombamento" como estratégia de resistência da coletividade na atualidade.

> Ou seja, na experiência brasileira da diáspora negra, a tecnologia ancestral do aquilombamento, em sua temporalidade, se adapta e se atualiza às condições de opressão encontradas de forma a garantir a manutenção e preservação das formas sociais e culturais das comunidades negras. Mudam-se, então, os mecanismos e os instrumentos, mas o que permanece do quilombo através do tempo é o seu significado – de acolhimento, fortalecimento e organização estratégica –, ou seja, a sua dimensão cultural (SOUTO, 2021, p. 155).

Entende-se que a forma de organização dos quilombos, ao longo do tempo, foi se transformando para se adaptar às mudanças de cada época. Assim, as novas formas de organização, enfrentamentos, perdas e conquistas foram se adaptando através da tecnologia denominada de aquilombamento. Portanto, o ato de aquilombar também está relacionado às novas formas de comunicação e podemos citar o uso das tecnologias digitais para promover discussões *on-line*, através de *lives* e encontros organizados através de plataformas digitais para dialogar sobre assuntos relacionados ao quilombo.

Nesse sentido, os quilombos contemporâneos são definidos através de um olhar mais amplo, sem perder a raiz do território, mesmo porque o termo contemporâneo advém dos processos territoriais. Após caminhar pela historicidade do conceito do termo quilombo, faço

a reflexão de que não há uma definição capaz de abarcar a pluralidade do quilombo, pois os processos históricos se estabeleceram e acontecem até hoje de forma plural.

2.1 O QUILOMBO DO CRIA-Ú: BASE IDENTITÁRIA

Iniciamos essa jornada rumo ao território sagrado do Quilombo do Cria-ú assim nomeado pelos moradores mais velhos (as) da região por ser um lugar bom para criar animais. Conforme os estudos de Videira (2013), a sílaba tônica "Ú" faz menção ao mugir dos bois, definindo assim por um lugar bom para criar bois. Essa definição, ao longo dos anos, foi-se fundindo com o termo "Curiaú", nomenclatura dada pelas primeiras professoras que chegaram ao Quilombo.

> as primeiras professoras chegadas ao Quilombo do Cria-ú em 1945, julgaram errada a grafia e a pronúncia do nome Cria-ú e mudaram-no para Curiaú. Nesta tese utilizarei o nome que faz sentido à comunidade pesquisada e que até a atualidade os (as) mais velhos (as) quando se referem a sua terra de nascimento, pronunciam seu nome Cria-ú. O nome original do Quilombo investigado resgata e conta sua história, de sua gente e tem o sentido de "terra sagrada e coletiva" que herdaram, de seus ancestrais, portanto, lugar de criar gado bubalino e bovino. (Videira, 2013, p. 131)

Portanto o termo "Cria-ú" está fortemente ligado às primeiras nuances de formação do território e carrega uma simbologia e a identidade dos ancestrais e por este motivo escolhemos utilizar a denominação ao longo da escrita, no desejo de valorizar os saberes tradicionais locais bem como os anseios de deliberação coletiva de auto nomeação. De acordo com o escritor criauense Sebastião Menezes da Silva (2000) na sua obra intitulada: "Curiaú: sua vida, sua história", o Quilombo foi se constituindo através de uma família de sete irmãos negros (as) que foram escravizados, sendo quatro mulheres e três homens.

Os irmãos trabalhavam para o Sr. Miranda e moravam em uma casa disponibilizada por ele que recebeu o nome de "Casa Grande" por abrigar um número significativo de pessoas. Fugindo das más condições de trabalho e na busca por alimentos como o mel, os irmãos adentraram a área da Várzea chegando até a região do Mocambo que hoje é conhecida por Curiaú Mirim.

Francisco Inácio dos Santos, irmão mais velho, era quem tomava as decisões e por isso era o mais respeitado entre eles. Ao sair para encontrar mel na mata, encantou-se pelo lugar e decidiu assentar-se no local juntamente com seus irmãos, e assim iniciou-se o povoamento do Quilombo do Cria-ú. Há relatos de que os negros escravizados para edificar a Fortaleza de

São José de Macapá em 1764 contribuíram para a formação identitária da comunidade ao fugirem das condições insalubres do local e começar uma "vida nova" no Cria-ú cultivando produtos como o "arroz e o algodão" (IPHAN, 2013, p.09).

De acordo com narrativas orais do seu Sabá, dois destes irmãos foram até o município de Mazagão comprar canoa e trouxeram duas moças para constituírem família. Ao notarem o acontecido, os irmãos das moças deslocaram-se de Mazagão em busca de suas parentes e, ao chegarem no Cria-ú, encontraram as irmãs de seus cunhados solteiras e acabaram por ficar.

Ao constituírem família e por motivos de desavenças familiares, os casais foram procurando outras áreas para habitar, alguns foram fazer morada no Curralinho (área localizada dentro da APA do Cria-ú) e outros para o São Francisco da Casa Grande (comunidade vizinha ao Cria-ú, onde residem remanescentes de quilombolas). Nesse contexto, dentro da Comunidade, existe três origens familiares são elas: os Santos, os Ramos e os Silva.

Pelo fato de o Quilombo estar próximo do meio urbano, acaba sofrendo diretamente impactos dessa proximidade, um destes bastante enfatizado pela comunidade é o trafego de caminhões com cargas pesadas e de veículos menores que acabam por adiantar o desgaste do asfalto das ruas, além de gerar insegurança no trânsito e recorrentes mortes[3] por atropelamento.

Percebe-se que a maioria das pessoas de fora não tem consciência sobre a importância histórica e cultural do Quilombo do Cria-ú, sendo lembrado apenas pelas festas de aparelhagens e pelo Balneário do Curiaú, como se a existência da comunidade se resumisse a isso. Continuando o nosso trilhar acadêmico- cientifico, na subseção seguinte apresentamos alguns dos elementos constituintes da identidade quilombola.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS, TERRITÓRIO, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS/RELIGIOSOS

> Eles sabem quem são e que querem, íntegros cidadãos em luta para dignificar a vida, recriar a cultura, preservar a sua terra, tocar tambores, respeitar os ascendentes, dançar, cantar a festa negra, festejar a vida. Nos quilombos remanescentes, é preciso rezar e empenhar-se para assegurar as raízes. (MOURA, 2012, p.166).

[3] https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/01/24/filha-morreu-do-mesmo-jeito-diz-familia-de-ciclista-quilombola-do-ap-morto-atropelado-em-rodovia.ghtml

À luz de Glória Moura adentramos o Quilombo, ressaltando que o esforço individual e coletivo para a preservação da cultura é um dos esteios que sustentam os laços entre os moradores da comunidade, principalmente os mais velhos, "eles sabem" e buscam repassar para os seus descendentes essa responsabilidade.

Quando digo que minha pesquisa está assentada no Quilombo do Cria-ú, percebo o olhar de espanto da maioria das pessoas e logo começam as interrogações do tipo: "Não tinha um lugar mais perto não?", levam em consideração os kms percorridos e não o fato de estar em um processo de pesquisa em contato com um ambiente cheio de valores e significados, o contato com as pessoas faz com que cada uma delas "teça" um pouquinho de si em mim. Aprendi com as histórias narradas um pouco todos os dias.

Para que eu consiga chegar até a comunidade percorro um longo caminho, moro na cidade de Santana-AP distante 36.3km do *lócus* de pesquisa e o percurso começa quando eu pego o ônibus intermunicipal da linha Km-9 para que eu chegue na zona norte de Macapá, desço após o prédio da Polícia Científica do Amapá – Politec no bairro São Lázaro, em seguida atravesso a rua e aguardo o ônibus da linha Curiaú/centro que passa na frente da EQEJB, mas nem sempre o ônibus segue o horário então opto por chamar um mototáxi para que eu chegue na escola no horário estipulado.

Já passei por vários "perrengues" até chegar na escola que me levaram a respirar fundo e tentar manter a calma. Lembro-me do dia em que o ônibus km-9 não passou, então tive que optar pelo transporte de lotação para o centro de Macapá. O plano era chegar lá, pegar outro ônibus que me deixasse na zona norte e de lá pegar um mototáxi, tudo deu certo até o pneu da moto furar e tive novamente que pegar outro transporte. Destaco a contribuição dos professores da escola em meu retorno da comunidade, forneciam carona até a parada de ônibus no bairro São Lázaro para que eu voltasse para casa.

Desde que visitei o Quilombo durante a graduação, me senti atraída por esse lugar cheio de memórias e encantamentos quilombolas que se entrelaçam com práticas ribeirinhas e campesinas dos criauenses e assim, entrelaçadas, são costuradas pelo vento que passeia por todo o território para constituir a identidade do Quilombo do Cria-ú. Os moradores da comunidade têm um certo receio ao interagir, por isso é importante fazer a nossa apresentação ao chegar, dizer quais os ventos que nos levam até lá.

Figura 3 – Território do Cria-ú de Fora ou de Cima

Fonte: Neliane Freitas (2022)

O território do Cria-ú é dividido em três partes: Extrema, Cria-ú de Fora ou de Cima e o Cria-ú de Dentro ou de Baixo, respectivamente nesta ordem, partindo da Rodovia Perimetral Norte em seguida adentrando a Rodovia AP-70 ou Rodovia do Curiaú como é conhecida popularmente. Sobre a origem da Cria-ú, o escritor e agricultor Sebastião Menezes da Silva[4] assevera na sua obra: Curiaú suas mudanças e seus desafios (2022):

> O princípio da formação e implantação da vivência nesse lugar foi no Curiaú de Baixo, que essa nomeação pelas pessoas estar vivendo na beira do lago e ao mesmo tempo chamavam de Curiaú de dentro, em razão dos espaços terem sido abertos para construir as moradias, e os cenários e as paisagens entre as casas eram muito bonitos no verão, por que tudo secava e ficava limpo e arejado, e no inverno ficava horrível de serrado com vegetais que eram contaminados com um mato chamado mata-pasto, marvas e São Caitano que fazia um parrezal e capim de todas as espécies, que muitos desse eram propícios para os animais (SIC). (SILVA, S. 2022, p. 21).

Nesse sentido, quando seu Sabá menciona os cenários e as paisagens do Cria-ú ressalto as demais que compõem o universo pesquisado de acordo com o Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (2010), publicado pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado Amapá (SEMA). Os tipos dominantes de vegetação são: cerrado (43,31%), floresta de várzeas (20,83%), campos de várzeas (22,51%), de mata de galeria (6,16%), ilhas de mata (6,47%) e rios e lagos (0,72%). Totalizando uma área de 22.239,68 hectares.

[4] Seu Sabá possui uma singularidade na sua escrita, ele busca manter a tradição local: escrever como se fala. Para valorizar as expressões e termos específicos da comunidade para que os moradores mais antigos do Quilombo possam entender os textos.

Figura 4 – Campos alagados no Cria-ú

Fonte: Portal Quilombo do Interlã

A paisagem do Cria-ú de Dentro é caracterizada pelos lagos. Na estação de chuva, eles enchem e ocupam uma grande área. No tempo de inverno, os moradores atravessam o lago em pequenas embarcações para alcançarem a floresta de várzea e as matas onde abrem caminhos para as roças e caçam os bois. Na imagem a seguir, é possível visualizar ao fundo a presença de bois se alimentando pelos campos de várzea no final de tarde e mais adiante podemos perceber as ilhas da mata.

Figura 5 – Campo de várzea no Cria-ú de Dentro ou de Baixo

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Durante o inverno amazônico (estação chuvosa) no intervalo dos meses de dezembro a maio, a presença dos bois é substituida pelos peixes e mururés – planta áquatica que serve de abrigo para peixes pequenos e também é usado como desova. No verão amazônico, no

período de julho a novembro, quando a incidência do sol é mais forte e com a média de chuvas muito baixas, ocorre a seca dos lagos e dos campos de várzea.

A imagem a seguir mostra que o nível da água fica muito baixo no verão, impossibilitando a utilização do principal meio de transporte para navegar nas águas do Rio Curiaú que circundam a APA. A embarcação recebe diferentes nomes, o termo mais utilizado entre os ribeirinhos é "casco". No quilombo é também chamado de canoa e/ou "montaria" para movimentar e equilibrar o "veículo amazônico" é necessário a utilização do remo.

Figura 6 – Rio Curiaú

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A respeito das atividades socioeconômicas, o Quilombo do Cria-ú tem um histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais, os moradores conciliam o trabalho na área urbana com a agricultura, pesca e a pecuária. A atividade agrícola consiste no plantio da mandioca para produzir farinha e no cultivo de hortaliças, verduras e legumes. A criação de bois é realizada é realizada por pequenos criadores, há quem crie em seus quintais porcos, cavalos, carneiros, galinhas, porém em menor escala. Quanto ao extrativismo, destaca-se a coleta de açaí nas áreas de várzea e a extração seletiva da madeira.

As águas escuras do Rio Curiaú abrigam diferentes espécies de peixes e são encontradas com maior frequência e em abundância os peixes conhecidos popularmente por "tamoatá", "lambari" e o "sarapó". A prática da pesca possui duas finalidades, que são a comercialização e a subsistência dos moradores da comunidade.

O Sr. Amauri Pereira da Silva, 48 anos de idade, atua na função de motorista na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio há 4 anos, é morador do Cria-ú de Fora e revela:

> ***Sr. Amauri:*** *é proibido a pesca predatória no período defeso, mas você pode ir tirar o sustento da família, o morador da comunidade, outras pessoas que não são moradores da comunidade não podem vim botar uma malhadeira. Mas acontece de*

> *vim e as vezes intermediado por alguém da comunidade que traz pessoas de fora pra vim pra cá. Aí quando vem a segunda vez já vem sozinho e já traz outras pessoas e começa a ter a invasão próximo ao Deck e nos poços do Buritizal, Poço do Tapera é onde eles fazem a pescaria de arpão e de mergulho, fazem muito aqui na época da cheia, atras de pirarucu, atras de tucunaré e é uma pesca predatória. (Entrevista, 15/02/2023).*

De acordo com o Sr, Amauri, as pessoas de fora da comunidade têm o mal hábito de invadir os rios na "surdina" da noite para pescar, subtraindo estes recursos naturais. Além desse fator, a poluição dos rios tem influenciado negativamente na pesca, na agricultura e na caça, isto porque as pessoas que vem de fora da comunidade para turistar no Deck do Cria-ú despejam lixo de forma incorreta prejudicando o meio ambiente.

Figura 7 – Poluição nas águas do Deck no Rio Curia-ú

Fonte: Neliane Freitas (2022)

As instalações do Deck encontram-se em manutenção, pois durante o inverno é complicado fazer esse tipo de serviço. No verão, a água fica bem rasa, por isso é possível fazer a troca de esteios que estão "afincados" na terra e substituir a madeira que foi consumida pela ação da natureza e desgastada pelo mal uso das pessoas, além da manutenção do reparo do telhado dos quiosques.

Apesar de estar escrito em letras maiúsculas e em negrito "PRESERVE A APA DO CURIAÚ" na entrada do Deck, podemos perceber objetos descartados incorretamente por pessoas que não têm compromisso com a preservação da APA como garrafas pet, pratos de isopor que são utilizados para servir comida, latas de alumínio e embalagem de alimentos.

Este material dificulta a sobrevivência dos peixes que se alimentam dos "mururés" e assim ameaçam a subsistência da fauna e da flora da Área de Preservação Ambiental.

A comunidade já fez inúmeras reclamações ao Poder Público sobre a situação, mas a prática continua[5]. No ano de 2018, a EQEJB e a Associação Amapaense de Mergulhadores fizeram uma parceria para conscientizar os moradores do local sobre a importância de preservar o meio ambiente, principalmente os rios. De acordo com Moisés Bezerra (2019, p.51), neste dia foi realizado um "mutirão de limpeza" no qual foram retiradas "toneladas de lixo" do fundo do rio.

Figura 8 – Estudantes auxiliando na limpeza do Deck do Curiaú

Fonte: Escola Quilombola Estadual José Bonifácio (2018)

O Quilombo do Cria-ú possui características amazônidas e ribeirinhas e as histórias se entrelaçam. Conforme afirma Moisés Bezerra (2019, p.15) o "universo religioso dos povos da Amazônia [...] é povoado por seres encantados, espíritos, santos, orixás e caruanas, que são entidades espirituais conselheiras, curadoras e guardiões dos rios, animais e florestas". Nesse sentido, seu Sabá afirma que um ser encantado de nome "Carrega" frequenta as águas do Deck e revela:

> ***Sebastião Silva:*** *Quando era só a gente que morava aqui ele fazia a limpeza das águas, tudo era limpo. Depois que as pessoas de fora começaram a frequentar aqui ele se revoltou e acho que foi embora pro rumo do Mocambo, eu falo pros meninos aqui não ir pra lá porque vez ou outra tem gente que toma choque lá debaixo da*

[5] https://mpap.mp.br/acp/modelos-acps-ambiental?view=article&id=6465:mp-ap-e-mpf-definem-trabalhar-integrados-para-minimizar-problemas-ambientais-no-quilombo-do-curiau-2&catid=142

> *água, dizem que é por causa dos fios de energia, mas não é não, é ele que volta de vez em quando. (Sebastião Silva, entrevista, 20/12/2022).*

Por isso que seu Sabá afirma que é preciso ter cuidado ao adentrar nas águas do Deck. Já o Sr. Amauri afirma que é preciso *"pedir permissão para adentrar as matas, pois ela tem um protetor e a gente tem que pedir pra entrar e sair".* Ambos nos dizem que é preciso ter cuidado ao adentrar o desconhecido, principalmente as pessoas de fora da comunidade.

Outro problema apontado há anos é o tráfego de caminhões com carga pesada como a soja e tijolos que passam pela Rodovia AP-070 que atravessa a comunidade. Essa prática tem contribuído para o desgaste do asfalto rapidamente; outra reclamação é de que os veículos trafegam em alta velocidade e representam um grande perigo para os pedestres, ciclistas e motoristas da comunidade, pois falta acostamento, iluminação pública, sinalização, controle de velocidade e campanhas de educação no trânsito pelos órgãos de controle do estado.

Várias mortes por acidente já foram registradas na comunidade ao longo dos anos e os fatores são recorrentes: excesso de velocidade e motoristas embriagados, somados a todos aqueles citados acima. Em janeiro de 2023, a morte por atropelamento do morador de nome Tomé dos Santos Miranda (72 anos) gerou grande comoção e revolta na comunidade. Seu Tomé, assim conhecido no Quilombo, era agricultor e sempre utilizava sua bicicleta para se deslocar até a sua roça e, naquela fatídica manhã de domingo, foi atropelado enquanto pedalava na Rodovia do Cria-ú O fato ganhou maior repercussão, porque uma de suas filhas morreu do mesmo jeito há 20 anos atrás e até hoje a família anseia por justiça.

Seu Sabá afirma que a comunidade tem um histórico de acidentes e mortes no trânsito por conta das "bebedeiras" nas festas de aparelhagens e o seu Tomé foi mais uma vítima fatal. Ainda dialogando sobre os problemas enfrentados pelos criauenses, ciclistas de fora da comunidade praticam "pedal" na rodovia que atravessa o quilombo e a esse respeito, seu Sabá afirma: "agora inventaram esse tal de pedal e os pessoal vem pra cá, dia desses tavam tirando manga aí do quintal da vizinha dizendo que a árvore era da prefeitura".

Percebe-se no relato acima, o desrespeito com os moradores da comunidade que têm o seu sossego rompido com atitudes como esta, ou seja, as pessoas de fora , frequentadores, não podem invadir os quintais das famílias sem autorização mesmo que seja atraídos pelo desejo de saborear alguma fruta, até mesmo por conta de está localizada em uma Área de Preservação Ambiental.

Figura 9 – Sebastião Menezes da Silva, (63) anos

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Seu Sabá é empenhado na salvaguarda da história e da memória da comunidade e, através dos seus livros Curiaú: a marca de uma geração (2015) e Curiaú: a Resistência de um Povo (2004) e do Jornal do Quilombo, frequentemente traz à tona os problemas e dificuldades que os moradores do território vivenciam.

Além de escritor, ele também é agricultor e na frente de sua casa tem uma banquinha na qual vende frutas de seu quintal, como a jaca, o cupuaçu, a acerola e a banana e lhe garante um adicional à sua renda. É casado com dona Celina (é quem faz a roça e também empreende no ramo da gastronomia típica local (maniçoba, vatapá, galinha caipira, bolo de macaxeira dentre outras iguarias) e possui 2 filhos (inclusive um de seus filhos é médico e o outro está em formação no curso de medicina).

O Quilombo do Curiaú tem práticas rurais como o extrativismo de açaí, a criação de gado bovino, a produção de farinha de mandioca; as terras são consideradas férteis para a plantação. Anos atrás, esses produtos eram produzidos apenas para a subsistência ou o compartilhamento entre os moradores, caracterizando-se como um "escambo". Mas, ao decorrer do tempo e com o aumento da população, ampliou-se a necessidade de outros alimentos que não eram produzidos na comunidade e então os moradores passaram a comercializar a farinha, o açaí e suas criações de animais como galinhas, patos e porcos, segundo Seu Sabá.

Acompanhei o Prof. Graviola durante uma atividade de pesquisa de campo da disciplina de Ensino Religioso (turma 6º ano) regida e orientada por ele sobre a importância do Quilombo, até o Centro Cultural Raízes do Bolão, localizado na Extrema. Nesta atividade,

pude conhecer D. Esmeraldina dos Santos, 65 anos, mulher negra, artesã, dançadeira de Batuque e Marabaixo, escritora e através das bandaias conta sua história como remete a figura abaixo:

Figura 10 – Esmeraldina dos Santos, escritora criauense e dançadeira de Marabaixo

Fonte: Esmeraldina dos Santos (2022)

Dona Esmeraldina é uma joia preciosa que se destaca por seu brilho e jeito amável de ser. Ao mesmo tempo, possui múltiplas faces que a tornam única, ela é mãe, avó, dançadeira de Marabaixo e Batuque, pedagoga, escritora e, no ano de 2023, foi aprovada no Mestrado em Educação (PPGED/Unifap). Além disso, é artesã e possui uma pequena loja no Quilombo – como podemos perceber ao fundo da figura 10 – e utiliza a sua arte como uma fonte de renda.

Os principais produtos à venda são seus livros, bonecas marabaxeiras de pano, blusas e camisas e peças personalizadas com as capas de seus livros ou com estampa de tecido florido que remete à chita – pano que é usado para fazer as vestes dos dançadeiros do Marabaixo e Batuque – como bolsas, tiaras, canetas, lápis, almofadas e/ou canecas.

Dona Esmeraldina conta que sua afeição pelo artesanato lhe acompanha desde quando era criança e frequentava a Igreja de São Benedito, localizada no Laguinho, bairro onde nasceu e se criou até se mudar para o Cria-ú. Ela me contou de forma entusiasmada o seguinte:

> ***Esmeraldina dos Santos:*** *desde criança eu era uma pessoa muito assim... curiosa. Eu gostava de ir todo sábado..., pelo lado religioso né, ali na casa das freiras, né. Hoje, é difícil você vê, mais é aí pra fora que ainda tem. Aqui em Macapá a gente quase não encontra, tem algumas. Então na Igreja São Benedito tinha, tinha muito e*

> *eu ia todo sábado fazer o catecismo e lá tinha tudo, você aprendia a fazer flor de tecido (como eu sei fazer), você aprendia a pintar em tecido, você aprendia a fazer crochê, você aprendia a bordar, tudo você aprendia ali, eu aprendi ali na Igreja São Benedito com a freiras. Essas coisas vieram pra me ajudar que hoje tudo eu sei fazer um pouco, muito crochê, hoje eu não faço crochê por causa da minha vista. Então mana, é isso que eu digo né, eu aprendi crochê, aprendi a bordar, aprendi fazer aquelas flores de tecido, tudo isso eu sei fazer porque eu participava, o meu movimento era a igreja, eu era pra igreja, a minha vivência era na igreja de tá aprendendo as coisas boas da vida. (Esmeraldina dos Santos, entrevista, 20/06/2023).*

Assim, ela frequentou o seio religioso católico onde aprendeu a "arte de tecer com as mãos". Por meio de suas mãos, também desenvolveu a arte da escrita e, em torno de seus 40 anos de idade, motivada pelas histórias que seu pai Maximiano dos Santos (tio Bolão) contava, escreveu o seu primeiro livro que lhe proporcionou viajar a diversas "paragens" e ali foi apenas o começo de uma carreira vindoura como escritora, conforme ela conta a seguir:

> ***Esmeraldina dos Santos:*** *o meu pai que me incentivou a escrever, quando ele tava no fim dos tempos dele já sentindo que os tempos dele na terra estavam acabando ele começou a contar as histórias da vida da família dele e eu fiquei prestando atenção pra ele, aí daí eu comecei a escrever num caderno e aí ele começou a me ajudar, ele foi o maior incentivador pra eu escrever e eu fiz o meu primeiro livro: Histórias do meu Povo. Esse livro foi muito bom na minha vida, por causa desse livro eu viajei pra São Paulo e ele foi publicado sem está terminado, né. Um mês depois eu vim fazer o da Dona Florzinha com minha mãe e ela me ajudando também que eu fui entender o ladrão do Marabaixo, porque quando a gente tá numa roda de Marabaixo a gente quase não entende o que os nossos velhos estão cantando, quando a gente se senta ao lado de alguém que conhece ele vai te explicar e foi o que a minha mãe fez. Minha mãe me ajudou bastante quando fizemos o Sonora Brasil[6], ela passou a me ensinar os ladrões de Marabaixo pra eu cantar lá fora. (Esmeraldina dos Santos, entrevista, 20/06/2023).*

É possível perceber que Dona Esmeraldina se coloca como uma pessoa aprendente da vida e das artes e reforça que seus pais cuidaram de passar a ela e a seus irmãos o legado cultural da família que dialoga com a música, a dança, o canto e a literatura para valorizar a importância da cultura negra. Ela encontrou na escrita uma alternativa para guardar as memórias de seu povo através de suas recordações juvenis e das memórias dos mais velhos e tem publicado os livros: Histórias do meu povo (2002), Relato de viagem (2014), O sonho de uma menina (2021) e mais os livros abaixo:

[6] É projeto temático promovido pelo Serviço Social do Comércio – Sesc, objetiva apresentar ao público produções culturais do país. Através de apresentações musicais comentadas, incentiva manifestações de todo território nacional, mostrando a pluralidade étnico-culturais no Brasil.

Figura 11- O encanto do boto (2021)

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Figura 12- As aventuras de Dona Florzinha (2011)

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Figura 13- O melhor caminho é a escola (2014)

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Figura 14- O Tamanaduá (2023)

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Todos estes livros tem relação com algum acontecimento da comunidade ou narram experiências de sua vida. É importante frisar que seus livros tem uma peculiaridade, possuem desenhos a serem pintados, uma forma de despertar nas crianças o interesse pela leitura através da pintura.

Dialoga também sobre os seus passos rumo aos estudos e sempre enfatiza para a necessidade da leitura como oportunidade de emancipação e ato libertador, tal como aponta Paulo Freire (1987) que discute a educação a partir de "prática libertadora". Além disso, D Esmeraldina afirma que através dos livros, é possível conhecer várias paragens ao revisitar suas memórias:

> ***Esmeraldina dos Santos:*** *eu vi a cultura viva, cantar o frevo no meio da rua com aquele povo nordestino. E quando a gente chega nos lugares, eu já estive aqui através da leitura dos livros. Quando eu cheguei em Santa Catarina eu me deslumbrei no meio de tanta flor, tanta coisa bonita, aí eu dizia pro meus irmãos*

> *assim: eu já estive aqui. É a primeira vez, eles diziam pra mim. Eu dizia: não. Eu conheço porque eu lia livros, eu conheci através dos livros eu estava na realidade, vim a Santa Catarina. Então, meus filhos, acreditem que a leitura faz a gente viajar e quando chega nos lugares a gente já conhece. (Esmeraldina dos Santos, entrevista, 04/11/2022).*

A sua outra face artística é manifestada através de apresentações de Marabaixo e Batuque em programações culturais nas escolas, universidades e instituições particulares. Ela conta que sua mãe a incentivou a cantar nas rodas de Marabaixo, mas ela afirma que tinha preferência por dançar e quem participava ativamente das rodas de Batuque e Marabaixo era sua mãe, pois "naquela época eu só queria tomar minha cervejinha, ela dizia que eu não queria nada com nada, agora olha eu aqui". Ela deixa transparecer que sua mãe não esperava que ela fosse se tornar guardiã, defensora e multiplicadora da cultura viva quilombola, tendo o cuidado de contar a história como realmente ela é, desmistificando o que sem tem visto sobre o Marabaixo, conforme ela nos fala:

> ***Esmeraldina dos Santos:*** *Hoje você tá vendo que o Marabaixo eles querem colocar dez caixas e não era dez caixas, com até três caixas, com uma caixa você faz o Marabaixo. A pessoa que sabe cantar e tocar com uma caixa ele faz o Marabaixo pras pessoas dançar, porque não precisa velocidade, é no compasso porque era no arrastar do pé. Hoje, as meninas tão rodando, rodando, rodando. Não era assim o Marabaixo, a gente ia atrás do tocador, rodando a saia com os tocadores, né. Os tocadores indo tocando dando aqueles passos pra trás e as mulheres fazendo o compasso um pé na frente e o outro atrás e hoje você não vê mais isso. Mas eles querem fazer igual o carimbó, porque é o Batuque que a gente pode rodar à vontade, é no Batuque você faz a roda mesmo, que você roda, que você dança porque você já tá dançando com alegria e aquela alegria faz você rodar e dançar com emoção, mas eles querem inventar no Marabaixo. (Esmeraldina dos Santos, entrevista 20/06/2023).*

Assim, Dona Esmeraldina abre a roda para diversas reflexões: uma delas é a de que a cultura do Marabaixo está passando por um processo de transformação quanto ao seguimento original da quantidade de instrumentos musicais e a composição dos passos dançantes. De acordo com Bentes (2020, p.55), este movimento vem ocorrendo, uma vez que "ao longo do tempo muitos foram deixando de participar ativamente dos rituais do Marabaixo por diversos motivos, ocorrendo assim a transformação da cultura".

Por esse motivo Dona Esmeraldina mostra-se preocupada em preservar a cultura marabaxeira e principalmente em ensinar para as crianças de dentro e de fora do quilombo a história como realmente ela é, na ausência dos "mais velhos" da comunidade, estas crianças, já crescidas, serão responsáveis em levar adiante as rodas de Marabaixo e o Batuque.

Nesse sentido, Videira (2009, p.122) assinala que o Marabaixo deve ser entendido como "a cultura do povo amapaense de modo geral". Portanto, é uma manifestação cultural

afrorreligiosa do catolicismo popular da Amazônia Amapaense proveniente dos negros trazidos para atuar na construção da Fortaleza de São José de Macapá, século XVII.

Muito se remete a origem do nome Marabaixo à travessia do Atlântico feita pelos negros para chegar em solo tucuju[7]: "mar-a-baixo". Videira (2009, p.51) nos diz que não se sabe ao certo a origem do nome "embora possa lembrar a penosa travessia dos africanos nas naus escravistas mar-a-baixo, daí havendo a aglutinação entre as sílabas e originando a palavra Marabaixo".

Logo, essa forma de expressão cultural resistiu às condições desumanas a que eram submetidos os negros no comércio transatlântico e da insalubridade dos locais de trabalho. Tornando-se um exemplo de resistência, força, representatividade e através do canto dos ladrões e da dança das saias floridas, conta histórias e em uníssono revela o orgulho da ancestralidade tanto que no ano de 2018[8], o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu o Marabaixo como patrimônio cultural imaterial do Brasil, em votação unânime do Conselho Consultivo. Apesar da existência de falas que revelam o preconceito racial e estrutural afirmando que essa tradição secular é "coisa de negro" ou "coisa de preto", Videira (2009, p.122) nos diz que:

> É preciso que a comunidade amapaense transponha a barreira de espectadora e tome para si a responsabilidade das futuras gerações não só ouvirem, saberem, mas dançarem o Marabaixo e vivenciarem o aprendizado contido em sua dança, cantigas, toques de caixa, ladainhas, gengibirra, promessas e expressões étnicas como herança de seus ancestrais africanos e afrodescendentes.

A cultura marabaxeira faz parte do processo histórico e cultural do Estado do Amapá e é uma responsabilidade amapaense manter a chama da cultura acessa. No entanto, são os afrodescendentes dos quilombos e de bairros de maioria negra que têm liderado esse movimento de preservação de sua identidade. Algumas delas são lembradas até hoje por seus feitos como a Tia Chiquinha – mãe de Dona Esmeraldina – que continua sendo referência no Marabaixo e Batuque. Ela é lembrada por todos pelo seu amor às suas raízes quilombolas e a luta pela preservação cultural africana, fundou o Centro Cultural Raízes do Bolão onde fica a Igreja de Santo Expedito e a Maloca da Tia Chiquinha.

[7] "O termo tucuju tem aparecido nas fontes históricas do século XVII para indicar a existência de um povo indígena no baixo rio Amazonas onde se localizam hoje cidades como Gurupá/PA, Vitória do Jari/AP e Macapá/AP. [...] Há também registros de seu uso como topônimos, referindo-se a nomes de ilhas, igarapé ou local (província) onde habitavam os indígenas tucuju. Mais recentemente, o termo é utilizado, sobretudo em Macapá, capital do estado, como uma marca de identidade" (Oliveira; Vasconcelos; Sanches, 2022, p.1).
[8] https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2018/11/09/marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-imaterial-do-brasil.ghtml

Figura 15– Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha)

Fonte: Grupo Cultural Raízes do Bolão (2023)

Figura 16 – Maloca da Tia Chiquinha

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Figura 17 – Igreja de Santo Expedito

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Sua filha conta que a ideia de criar esse espaço surgiu durante uma viagem de ônibus, que percorreu a estrada que liga Belém-PA a Brasília-DF para realizar uma apresentação de Marabaixo, com o grupo "Raízes do Bolão" por intermédio do Projeto Sonora Brasil – SESC: “minha mãe disse: vou criar um espaço de estudo e não de festa, para que outros de nós possam aprender e viajar apresentando a nossa cultura. Quando voltamos ela vendeu a nossa casa no Laguinho para investir na construção da maloca, era o sonho dela”.

O Laguinho[9] é o bairro mais negro da cidade de Macapá e teve a sua origem na década de 1940 e é considerado o berço da cultura afroamapaense com destaque para o Marabaixo. Piedade Videira (2009, p. 52) define o bairro e seus habitantes da seguinte forma:

> No Laguinho, o afrodescendente é em si mesmo, não precisa provar nada, nem justificar-se. Ser laguinhense é muitas vezes não conseguir expressar com palavras esse sentimento que é algo grandioso e, por isso, difícil de ser traduzido em símbolos gráficos, nesse sentido o bairro preto localizado no centro da cidade tornou-se baluarte para a programação do Ciclo do Marabaixo e a festividade do Divino Espírito Santo.

Nesse sentido, Tia Chiquinha teve sua base identitária constituída a partir de sua vivência no bairro do Laguinho, ela não teve acesso à educação dita formal, mas entendeu desde cedo que poderia educar através da cultura do Quilombo, compreendendo a necessidade de difundir os saberes tradicionais através da arte da dança e das celebrações religiosas. Fez sua passagem para o plano espiritual em 2015, aos 94 anos de idade, deixando um grande legado de valorização da cultura do Quilombo através do Batuque e do Marabaixo para seus descendentes e para a sociedade amapaense em geral.

Tia Chiquinha ultrapassou os limites do Quilombo e o levou para os "quatro cantos" do Brasil e para Caiena, na Guiana Francesa, a cultura afroamapaense através do grupo de dança Raízes do Bolão, tornando-se uma importante referência da cultura do Amapá na arte da dança e da música.

Ainda em vida, foi reconhecida e homenageada, a exemplo da exposição idealizada pelo jornalista, fotógrafo e cineasta Fabio Gomes intitulada: "As tias do Marabaixo" em 2014, juntamente com Josefina Lopes dos Santos (Tia Zefa), Benedita Guilherma Ramos (Tia Biló), Maria Natalina da Silva Costa (Natalina) e Maria José Libório (Tia Zezé), todas personalidades negras fundamentais na preservação do Marabaixo.

A Prefeitura de Macapá prestou homenagens póstumas à Tia Chiquinha, entre elas, destaco a Creche que recebeu seu nome. Situada no bairro Buritizal, foi construída com recurso disponibilizado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), por meio do programa ProInfância e inaugurada em 2018 para atender 171 crianças. Foi a

[9] Inicialmente era o lugar que abrigava as roças dos moradores da Vila de Macapá. Com a política de urbanização do governador Janary Gentil Nunes (1943-1970), uma das iniciativas foi a "limpeza da frente da cidade" e as famílias que lá residiam foram remanejadas para os campos do Laguinho e da Favela e mais tarde se tornaram bairros. De acordo Videira (2009, p.151): "na visão dos governantes, a noção de desenvolvimento implica na construção de áreas comerciais e troca de população afrodescendente por uma nova "mais branca", mais ao estilo eurodescendente".

primeira creche de tempo integral do município e a reforma contou com a instalação de um novo parquinho e de reparos elétricos e hidráulicos.

Figura 18 – Entrada da Creche Tia Chiquinha, após reforma em 2022

Fonte: Prefeitura de Macapá (2022)

Outro feito é o monumento Tia Chiquinha, situado na entrada da Rodovia que dá acesso ao Quilombo do Curiaú; a escultura, inaugurada em 2020, deu nome à praça que passou a se chamar Resistência Tia Chiquinha. Pelo menos mais cinco estátuas foram produzidas e instaladas na cidade como uma forma de fortalecer a memória e homenagear a cultura, entre elas: Tia Gertrudes, Tia Venina, Tia Chiquinha, professor Antônio Munhoz e professora Zaide Soledade. A iniciativa partiu da Prefeitura de Macapá, resultado de um trabalho produzido por artistas locais Josaphat, Dekko Matos e J. Márcio, membros do coletivo Urucum.

Figura 19 – Escultura de Francisca Ramos do Santos (Tia Chiquinha)

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Dona Esmeraldina lembra que sua mãe sempre foi muito preocupada em ensinar às pessoas sobre sua cultura, inclusive a seus filhos e filhas e contou: “ela sempre me chamava para participar das rodas, mas eu não ligava muito e ela dizia que eu não queria nada com nada, só queria saber de beber cachaça (risos) e olha eu aqui, eu que continuei com o legado dela”.

A maloca é uma espécie de Museu e Biblioteca vivos, dona Esmeraldina recebe estudantes, professores e pesquisadores que buscam dialogar sobre a cultura do Cria-ú com sua expressão doce e amável e conta como transformou os desafios do cotidiano em livros e ladrões de Marabaixo.

Dona Esmeraldina relata que é “muito ruim quando as pessoas falam pela gente, por isso eu procurei aprender a ler e escrever” e, através de sua arte, rompeu as fronteiras do Quilombo para continuar com o legado de sua mãe e garante uma renda com os produtos que têm à venda na Maloca, como bonecas de pano, canetas, lápis, saias e blusas todos personalizados com estampas florais características das roupas do Marabaixo.

A religião católica é predominante na comunidade e as festas religiosas são provenientes dos santos e santas cultuados pelos devotos criauenses que se reúnem para agradecer às bençãos, os livramentos e renovar suas preces além de ser um espaço de encontros e reencontros dos moradores que aproveitam a oportunidade para conversar e rever seus familiares que moram distante, é momento de muita alegria e felicidade.

As celebrações iniciam-se com novenas e ladainhas e possuem um calendário religioso, a saber:

Quadro 3 – Santos (as) celebrados no Quilombo do Cria-ú

Santo (a)	Dia do santo	Território que celebra
São Sebastião	11 a 22 de janeiro	Cria-ú de Baixo
São Lázaro	11 de fevereiro	Cria-ú de Baixo
Santo Expedito	19 de abril	Maloca da Tia Chiquinha
Santa Maria	31 de abril	Cria-ú de Cima
Santo Antônio	13 de junho	Cria-ú de Baixo
Santo Antônio da Passagem	julho – final da terceira semana do mês	Cria-ú de Baixo
São Joaquim	09 a 18 de agosto	Padroeiro do Cria-ú
N.ª Sr.ª da Conceição	08 de dezembro	Casa do Sr. Georgia

São Tomé	21 de dezembro	Cria-ú de Baixo

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Vivenciei alguns momentos da Festividade em Homenagem a São Sebastião, organizada pela Família Lopes no ano de 2023, incluindo a santa missa, o café da manhã e o almoço que fazem parte do ponto alto das celebrações do Dia de São Sebastião (20 de janeiro). Nos dias anteriores, são realizados os novenários e cada dia é coordenado por membros da família festeira – as pessoas responsáveis por organizar as atividades do festejo, uma espécie de anfitriões – ou por demais moradores da comunidade.

Dona Maria Fernanda Ramos Lopes (83 anos) conhecida entre os moradores por "Tia Roca" é a matriarca da Família Lopes, responsável por organizar a Festividade de São Sebastião. Após o falecimento de seu esposo, ela e seus 4 filhos deixaram o Quilombo da Lagoa dos Índios e fizeram morada junto aos seus familiares no Quilombo do Cria-ú. Ela conta um pouco sobre suas memórias da Festividade:

> ***Maria Fernanda Lopes:*** *eu era pequena quando começou essa tradição e dos netos eu sou a mais velha e passou de avô para neto, de neto passou para bisneto, foi assim né...e os parentes também e a gente continua fazendo, só assim se morrer um parente a gente para, deixa passar umeno um mês aí a gente faz a festa. Nós fazia na casa do meu avô, aí já morreu meu avô, morreu a minha avó, mas nós sempre reunia. E assim, o que tem o boi dá o boi, quem não tem o boi dá o porco e graças a Deus nós somos uma família unida.(Maria Fernanda Lopes, entrevista, 20/01/2023).*

Os fogos de artifícios, ao final da santa missa, anunciam aos festeiros que os devotos estão indo saborear o banquete servido no café da manhã composto por frutas, pães, bolos, mingau, suco, nescau com leite , refrigerante, mingau de milho, mingau de banana com tapioca, etc. Inicialmente, os padres são servidos e em seguida as crianças, idosos, jovens e adultos formam as filas e são servidos. Enquanto isto, logo adiante uma equipe de homens faz o corte do boi que será servido no almoço e uma equipe de mulheres faz o corte dos temperos (jerimum, couve, cebolinha, coentro, pimentinha, maxixe, cebola, alho, chicória, alfavaca e repolho) e repara a água que está esquentando no fogão a lenha para escaldar a carne e fazer o caldo.

O intervalo entre o almoço e o jantar é marcado por muita prosa entre primos (as), tios (as), sobrinhos (as), comadres e compadres e conhecidos que vem das comunidades dos arredores como Casa Grande, Cria-ú de Cima e da Extrema para prestigiar a festividade no Cria-ú de Baixo.

As festas religiosas também são um momento de união e reencontros entre as famílias criauenses, há os encontros para a preparação das tarefas litúrgicas, ornamentação da igreja e do centro comunitário e no preparo das atividades culinárias, a fé é celebrada com devoção e alegria. A esse respeito, Bezerra (2019, p. 54) nos diz que as festas religiosas, nas comunidades tradicionais, são "espaços para o estreitamento dos vínculos sociais, encontro entre gerações e reavivamento das tradições, bem como um momento de encontro entre parentes e o lazer comunitário, configurando-se um importante momento de celebração da vida".

Figura 20 - Crianças aguardando o café da manhã

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Figura 21 - Homens no preparo dos cortes do boi

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Nesse sentido, as festas religiosas são uma característica identitária importante do Quilombo do Cria-ú e envolvem a memória de suas raízes ancestrais, o patrimônio cultural, elementos católicos e africanos e ao entrelaçarem-se nos momentos de celebração tecem um caminho muito bonito de reafirmação da identidade. Os reencontros entre parentes são marcados por abraços e com saudações do tipo: "Ú mana!" – expressão de saudação bastante comum no universo das Amazônias – Tia Roca explica o porquê do uso do termo:

> ***Maria Fernanda Lopes:*** *Eu agora da família sou a mais velha. Não, tem a minha tia Izídia. Mas, pra mim tudo é mano, mana, mana. Aí o pessoal diz: mas por que que é tudo mano? Aí eu digo que é da nossa criação né, porque aqui nós somos tudo parente, irmão e irmã. (Maria Fernanda Lopes, entrevista, 20/01/2022).*

Através do relato de Tia Roca, é possível notar o respeito que há para com os mais velhos e sobre a valorização das relações de parentesco. Para Bezerra (2019, p. 57), as festas religiosas realizadas dentro do Quilombo do Cria-ú são "animadas" e são um importante

momento para o “encontro entre gerações e reavivamento das tradições da comunidade”, além de configurar-se como um momento de descontração e reencontros.

Figura 22 - Maria Fernanda Ramos Lopes (Tia Roca) e Izídia Ramos da Costa

Fonte: Neliane Freitas (2023)

A Festividade mais falada entre os criauenses acontece no mês de agosto, a do padroeiro do Quilombo do Cria-ú São Joaquim. Consiste na celebração secular que acontece no Cria-ú de Fora na Igreja de São Joaquim, fundada no ano de 1956. A festa se dá no período de 09 a 18 de agosto e fazem parte desse momento celebrativo: ladainhas cantadas em latim, pagadores de promessas, missas, folias e muita dança embalada pelo som dos tambores e pandeiros que fazem acontecer o Batuque.

Figura 23 – Igreja de São Joaquim

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A cor azul – escolhida para pintar a igreja, a casa comunitária e o refeitório – é em homenagem à cor do manto do santo. Atualmente, a organização desse momento festivo encontra-se na 6ª Geração da família de seu Joaquim Araújo da Paixão (80 anos). Ele é conhecido na comunidade pelo alcunha de "Carolina" ou "Garoto" e é engajado na conquista de benefícios para os criauenses como o gerador que proporcionou energia elétrica a partir do dia 26 de junho de 1966 e do posto médico inaugurado em 24 de junho de 1966. Além disso, ficou à frente da presidência da Associação dos Moradores do Curiaú no período de 1979 a 1994, recentemente esteve empenhado na aprovação da construção da Escola Municipal de Educação Infantil Joanna Santos da Silva (inaugurada no ano de 2020).

Indaguei-lhe sobre a origem de tais alcunhas, ele respondeu que não sabe como surgiu e deu a entender que é comum as pessoas possuírem "apelidos" no Cria-ú e podem surgir em situações cotidianas da vida no Quilombo conforme ele nos conta:

> ***Joaquim da Paixão:*** *não sei...não sei nem lhe dizer, é Carolina e Garoto, chamar Joaquim vai só bestar... e gravou meu amor. É mesmo que ser o menino, o filho que nós temo, era só mulher, foi cinco mulher, aí nasceu o menino, aí um irmão que ele tá morando agora no Curiaú ele chegou e "ô meu cumpadre até enfim que nasceu um guerreiro" pronto, já batizou... vai morrer e num... num... num... não sai esse apelido guerreiro. (Joaquim da Paixão, entrevista, 07/06/2023).*

Logo, como fruto da observação, analisei que é bastante comum na comunidade as pessoas se conhecerem através de alcunhas, vezes atribuídas como forma de respeito aos mais velhos como "tio" ou "tia", por atribuição de algum fato que marcou aquela pessoa ou como diminuitivo do nome que se torna uma forma carinhosa de anunciação. Como "todo mundo se conhece" e os laços de parentescos são estreitos, há maior intimidade, mas ressalto que, ao chegar na comunidade, é importante tratar as pessoas pelo "nome de batismo" e perguntar a elas se pode chama-la pela "alcunha", quando for o caso.

O pai de seu Carolina, Francisco Marinho da Paixão – de alcunha "Chico Marinho" – foi responsável pela coordenação da Festividade até o ano de 1962, ano em que ele fez sua passagem para o plano espiritual. Assim, seu Carolina e sua esposa Raimunda Leite da Paixão (80 anos) assumiram a organização do Festejo no ano seguinte, tornando-se, respectivamente, o "padrinho" e a "madrinha" da "bandeira", isto é, são responsáveis por zelar pela bandeira do santo que faz parte dos rituais da celebração.

Figura 24 – Joaquim Araújo da Paixão (seu Carolina) e Raimunda Leite da Paixão

Fonte: Neliane Freitas (2023)

A autora Glória Moura (2012, p. 152) aponta para a atribuição de "papéis sociais" que consiste na divisão de tarefas para a realização das festas santorais e na composição dos símbolos religiosos, portanto "em festas negras, convencionam-se e atribuem-se papéis. Os participantes assumem a matança de animais, preparação e toque de instrumentos, zelam *voduns*, são cantantes e dançantes". Esses "papéis", conforme aponta Moura (2012), pode ser interpretado como uma espécie de função, para os quais são atribuídas funções por equipes ou a uma pessoa.

Figura 25 – Sr. João da Cruz

Fonte: Heranças Ancestrais do Curiaú (2023)

Além dos padrinhos da bandeira, há outros "papéis sociais" importantes que fazem a composição desse momento de expressão religiosa: "mestre-sala", responsável por acionar a kampla[10] a qual emite um sinal sonoro e funciona como uma espécie de chamamento para os foliões, atualmente quem ocupa essa função é o Sr. Pedro Pereira dos Santos (78 anos) que possui a alcunha de "pedaço", ele assumiu a função no ano de 2022 após o falecimento do Sr. João da Cruz, o qual foi folião durante 70 anos.

[10] De acordo com Videira (2013, p. 150) é um símbolo de comando utilizado para marcar o início, o decorrer e o final da Festividade de São Joaquim.

Outro papel social de destaque é o "porta-bandeira", exercido por duas pessoas que são responsáveis por carregar a bandeira do santo nos momentos ritualísticos como no cortejo afrodescendente (Videira, 2013) e no momento que o santo é levado em procissão pelas ruas da comunidade. Hoje, estão à frente de tais funções o Sr. Roldão Amâncio da Silva (88 anos), sendo o primeiro porta-bandeira, já o segundo porta-bandeira é Wanderson Ramos.

Buscando conhecer mais sobre a origem da Festividade em homenagem a São Joaquim no Quilombo do Cria-ú, indaguei a seu Carolina como foi feita a escolha do padroeiro da comunidade e ele contou o seguinte:

> ***Joaquim da Paixão:*** *Olha... um relato aí de uma pessoa mais velha que aquela época tudo que o pessoal comprava aqui no Amapá era em Belém, tinha um cidadão que ele tinha uma canoa velha que ia pra Belém que quando esse cidadão chegou lá ele foi na casa dos santos e o santo padroeiro disque era Santo Antônio mas era pequenino, aí tinha uma senhora chamada Domingas que ela disse que esse cidadão: "Fulano, vê se tu acha um santo maior pa vim, pa comprar, pa padroeiro da nossa comunidade" e disque esse cidadão chegou lá na casa dos santo e ele olhou assim e ...meu Deus lá está o padroeiro da nossa comunidade. do Curiaú e é São Joaquim porque ele não está assim...* (Seu Joaquim utiliza o corpo para demonstrar: estica a coluna, abre as mãos unindo uma à outra, ergue a cabeça e posiciona o olhar para baixo) *como os outros santos, ele está assim...* (Seu Joaquim novamente utiliza seu corpo para se expressar: mantém a posição antes empregada e dessa vez levanta a cabeça e posiciona o olhar para cima) *olhando pro mundo, aí ele disse assim: "meu Deus!" E aí ele veio embora, só que ele não tinha dinheiro né. Aí ele veio embora e disse fulano eu encontrei uma imagem assim, assim, assim, assim, assim e assim, São Joaquim, e... aquele santo que é o nosso padroeiro da nossa comunidade... ela disse: quanto é? Ele disse: não sei quantos mil-réis, naquela época era mil-réis. Essa velha tinha boi, ela vendeu parece uma ou duas rezes (vaca) e deu o dinheiro e ele foi embora ...pra Belém, quando foi com oito dias, que passava oito dias pra ida e vinda né, que era longe, ele chegou com a imagem e entregou pra essa senhora que disse: ô meu Deus chegou o nosso padroeiro. (Joaquim da Paixão, entrevista, 07/06/2023).*

Através do relato de seu Carolina, abre-se a cortina para compreendermos sobre a ascendência das festas do catolicismo popular na Amazônia. Podem surgir através de um pedido ao santo para que proteja a plantação na roça e/ou para agradecer por uma boa colheita, pela saúde alcançada de um ente querido ou para proteção contra os "males". Nessa dimensão, os motivos que levam ao surgimento de uma Festividade a um santo pode ser para agradecer, interceder e/ou como forma de súplica. Desse modo, Bentes (2020, p. 42) nos diz que

> E é como se iniciam a maioria das festas e festividades da religiosidade amazônica, quando um pedido a um santo é feito, uma promessa mútua se realiza, a da pessoa que fez o pedido e a do santo em realizar, e quando esse pedido é atendido, se rezam as ladainhas em homenagem aos santos durante um determinado período. (Bentes, 2020, p. 42)

Isto posto, seu Carolina acredita que São Joaquim foi escolhido através da sua "forma de olhar". Observando sua expressão corporal contando o relato sobre a escolha do divino padroeiro, ele manifesta a intenção nas palavras de que o santo está a "olhar por nós" no sentido de que está a zelar pelo Quilombo do Cria-ú. De acordo com o catolicismo, São Joaquim é pai de Maria, mãe de Jesus Cristo e avô de Jesus, e juntamente com Santa Ana são considerados os padroeiros dos avós.

Ainda na trilha investigativa sobre a Festividade, seu Carolina acessa suas recordações para nos revelar as circunstâncias do surgimento da Folia de São Joaquim. O momento de folia refere-se à parte musical e instrumentalista das festas religiosas onde as pessoas dançam ao som de instrumentos musicais e dos cânticos entoados pelos foliões. A folia do padroeiro é feita ao ritmo do Batuque, o qual é composto pelo tocar dos tambores e de pandeiros, e a cantoria é entoada através das "bandaias", assim denominadas as "letras" do Batuque.

> ***Joaquim da Paixão:*** *Agora eu não tô bem certo como surgiu a folia, sei que um tio meu chamado Inácio que era tio do meu pai morava ali no Curralinho, o pessoal do Curralinho é tudo parente daqui, tudo parente daqui, aí ele chegou: "Fulano tá aqui o padroeiro do Curiaú", tá bom, vamo fazer uma, uma... bandaia paresqui, aí tocaram o Batuque né, fizeram umas festa aí surgiu o problema da folia, cumo era pa sair, fazer a folia do santo aí foro bolando, bolando, bolando até que esse velho Inácio foi o primeiro mestre-sala e aí foi com cinco, seis, sete, oito... quando ele faleceu já era doze folião, aí o santo vivia lá no Curralinho só que o cemitério da comunidade tanto dali do Casa Grande cumo do Curralinho era aqui no Curiaú, só que era difícil que tem uma ilha, a gente enxerga lá da ponte do balneário, daqui pra cima do meio do lago é no meio do lago uma ilha chamada Cipó. Minha querida, só que era um sacrifício, agora de inverno não tem problema, o caboco pega a canoa e encosta lá na beira da terra, mas quando é de verão o caboco vai se atolando porque tem que atravessar e é largo e atola. E aí, o velho faleceu e aí veio pra ser enterrado aqui no Curiaú e a imagem já ficou na mão do meu pai, aí cumo é que nós vamo fazer? Não, aí eles foi aí, o Chico Marinho vai ser o mestre-sala e ficou ...quando me entendi o meu pai era mestre-sala, mas o negócio era sério mesmo. (Joaquim da Paixão, entrevista, 07/06/2023).*

Pela história contada através das memórias de seu Carolina, a Festividade de São Joaquim passou a ser realizada no Quilombo do Cria-ú após o falecimento de seu tio Inácio. Na ocasião do cortejo fúnebre de seu ente querido, a imagem do santo foi trazida do Curralinho e entregue para o seu Chico Marinho – pai de seu Carolina – que foi indicado ao "papel" de mestre-sala. O cemitério do Cria-ú fica localizado a poucos metros da Igreja de São Joaquim. Nesse sentido, os estudos de Videira (2013) e Bezerra (2019) apontam que os criauenses acreditam que os entes queridos que lá repousam acompanham o momento das ladainhas, trajados de vestimenta branca ao fundo da capela.

Apresento a definição e características do Batuque através dos relatos de seu Carolina e Dona Esmeraldina. As falas se entrelaçam ao apontarem a diferença que há entre o Batuque e o Marabaixo, por vezes ainda confundido na sociedade amapaense como se fosse um só.

> ***Joaquim da Paixão:*** *Tem muita diferença do Marabaixo pro Batuque, vou lhe dizer por quê. O Marabaixo se você souber cantar e se você souber tocar, você mesmo sozinho faz a festa, já o Batuque é diferente tem que ter dois tambor, no máximo três pandeiro e aí tem que ter o cantador e o respondidor. Nada nada envolve mais de cinco pessoas então é complicado o Batuque, mas o Marabaixo uma pessoa só se souber cantar e tocar só ele faz a festa e o tambor é na mão e aí cê já viu, tanto o pandeiro quanto o tambor é na mão, o Batuque é só alegria. (Entrevista, 07/06/2023).*
>
> ***Dona Esmeraldina:*** *O Batuque é com tambor e pandeiro. É diferente, o Marabaixo você toca com as banquetas de pau, né, e o Batuque você toca com as mão. O que é a bandaia? A bandaia é diferente, completamente diferente do ladrão do Marabaixo, se diz bandaia porque é a maneira que eles diziam que iam se esbandair, pra fazer aquela bandaia pra eles se esbandaiarem, pra se divertir. O batuque é alegria e o Marabaixo é a tristeza, o luto. (Joaquim da Paixão, entrevista 20/06/2023).*

Então, o Batuque de São Joaquim representa a alegria da comunidade em festejar o glorioso padroeiro, além de ser um momento de gratidão pelas bençãos alcançadas, de encontros e reencontros entre parentes e amigos, que vem das localidades dos arredores como Ambé, Pirativa, Casa Grande, Pedreira, entre outros. Para Videira (2013, p.123) "os batuques como um dos elementos da ancestralidade afroamapaense que servem de base para a significação positiva da identidade étnica quilombola dos criauenses são realizados, praticamente, ao longo de todo ano no Cria-ú". Assim, cada santo (a) venerado (a) no Quilombo possui o modo de ritual religioso, seja acompanhado pelo Batuque ou Marabaixo a fé e a devoção reforçam o elo com a memória africana e suas crenças.

A igreja foi construída 66 anos atrás à memória dos moradores mais antigos do Quilombo. Os estudos de Piedade Videira (2013) apontam que o santo protetor é festejado há mais de 250 anos e o mastro utilizado permanece o mesmo desde então; o ato de "levantar o mastro" é entendido como uma forma de agradecer aos pedidos atendidos e marca o início da festividade e sua derrubada o encerramento das festividades.

O artefato religioso foi construído a partir de uma árvore chamada Jacareúba (*Calophyllum brasiliense*) – que pode chegar até 20 metros de altura e é considerada uma das primeiras madeiras de lei do Brasil – e o mastro já sofreu dois cortes com o objetivo de diminuir o comprimento. Após o encerramento dos festejos, ele é guardado. A partir das palavras de seu Carolina, é possível compreender um pouco mais da história do mastro:

Figura 26 – Mastro de São Joaquim

Fonte: Neliane Freitas (2022)

> ***Joaquim da Paixão****: Segundo a informação que eu tenho o pessoal tiraram aqui na picada que vai varar lá pro colégio* (referindo-se a Escola Municipal Joana Santos) *foi tirado aí, esse pau tem mais de dois século de ano, só que ele só vai pra terra durante cinco dias: quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito. Só que ele já foi cortado duas vez ou três vez parece, tanto é que engatou a coisa no mastro lá em cima que o pai da minha esposa trepou pra desengatar e enxergava a roupa do pessoal do Curralinho no... no... estendida* (risos). *Cara, é muito alto cara. Ainda tá alto e aí a gente tem essa preservação com ele até hoje, pinta ele, lava, pinta quando é dia quatorze, sete horas a gente levanta ele, quando é oito horas a gente levanta a bandeira e aí esse ritmo vai até dia dezoito, cê joga. Quando tem promesseiro a gente coloca dia quinze ele no meio pau a bandeira, aí o promesseiro chega meio dia, o promesseiro vem e levanta até lá no fim, aí ele já tá com a corda no pescoço pra pagar a promessa. Dezenove amanheceu o dia, a gente já arranca ele pra arrumar, a gente lava o pé dele e arruma, tá lá no meio da sede. (Entrevista, 07/06/2023).*

É importante destacar aqui algumas expressões utilizadas por seu Carolina: quando ele utiliza o termo “picada”, refere-se à mata de onde foi extraída a árvore. A expressão “aí ele já tá com a corda no pescoço pra pagar a promessa” indica que não tem mais jeito, não tem como o promesseiro desistir de pagar a promessa. A partir das narrativas, podemos inferir que todo esse ritual de cuidados explica a longevidade do mastro, assim como demonstra o esforço coletivo para mantê-lo conservado, pois sua presença viva faz os criauenses relembrarem muitas histórias de outrora, com alegria e saudosismo. O mastro não é somente um tronco de árvore, ele faz parte da identidade da Festividade do Glorioso São Joaquim, conta a história do Quilombo e representa a fé e a devoção dos moradores da comunidade que

evocam o santo padroeiro quando estão passando por dificuldades e agradecem louvando, celebrando e cuidando para que as tradições não se percam.

Nesse sentido, as festas dos santos padroeiros são celebrações que constituem elos territoriais, sociais, cultural/religioso e políticos, potencializando o sentimento coletivo de pertencimento corroborando para a (re) afirmação de uma identidade étnica quilombola (Archanjo & Costa, 2018). Os relatos de seu Carolina são muito importantes para conhecermos a construção histórica da Festividade do padroeiro, daí pude compreender a sua preocupação em salvaguardar este legado, assim como Dona Esmeraldina. Juntos, somam esforços para que a cultura não se perca e seja repassada adiante, pois a cultura negra já foi muito silenciada, demonizada, satanizada, negada, folclorizada e distorcida.

Assim, somos levados à reflexão de que, durante muito tempo, os negros tiveram que esconder suas práticas religiosas de matrizes africanas da sociedade por medo de ataques de pessoas que julgavam os orixás e entidades de devoção como algo pecaminoso e atualmente ainda são vítimas do racismo religioso. Nesse sentido, na comunidade, as pessoas simpatizantes evitam se manifestar por receio de sofrerem preconceito e, segundo relatos do Sr. Amauri e da Profa. Poço do Buritizal, raramente se veem oferendas aos orixás e entidades da umbanda nas ruas do Quilombo, o que um dia já foi comum:

> ***Profa. Poço do Buritizal:*** *A comunidade sente muito a morte da dona Rossilda, ela era uma pessoa benzedeira, fazia os trabalhos, ela não tinha vergonha mesmo de nada ela assumia mesmo. Tem outros que não gostam de falar, já viu né, as pessoas não veem como matriz africana, não vê como nada, vê como macumbeiro. E aqui ultimamente eu tô vendo que geralmente eles faziam os despachos nas encruzilhadas e não tem mais isso. Pra ti vê que as coisas estão tão sérias. (Profa. Poço do Buritizal, entrevista, 20/12/2022).*

Moisés Bezerra (2019, p. 61) afirma que "no território criauense, assim como em outros territórios quilombolas, o cenário religioso tem mudado muito, configurando-se como plural e problematizador para a compreensão das identidades culturais e religiosas locais" e essas transformações podem estar relacionadas diretamente às influências religiosas que as pessoas recebem de fora da comunidade como outras doutrinas religiosas.

Ao longo do tempo, algumas famílias foram se tornando evangélicas, optando por ouvir a palavra do grupo Testemunhas de Jeová ou frequentando igrejas evangélicas dentro ou fora do Quilombo pertencentes ao grupo pentecostal Assembleia de Deus. Apesar de grupos tímidos em quantitativo de fieis, é possível notar a presença de religiões neopentecostais que fomentam o racismo religioso em relação às religiões afro-indígenas e/ou de matrizes

africanas que tem por referência os pajés, curandeiras e benzedeiras e influenciam no fazer pedagógico.

> ***Profa. Poço do Buritizal:*** *Nós temos mães que elas não aceitam que as crianças participem de nenhuma atividade do Projeto Curiaú Mostra tua Cara, porque ela como evangélica diz que não aceita que o filho participe e são pessoas de dentro mesmo do Quilombo e dizem que não querem saber do Projeto. (Profa. Poço do Buritizal, entrevista, 20/12/2022).*

Nesse sentido, há a necessidade de ampliar a discussão sobre a temática, apesar de 90% da comunidade declarar-se católica, é necessário que escola e a família possam andar lado a lado no processo educacional, sem excluir e objetivando incluir a todos. A escola é quilombola, mas não recebe estudantes somente do quilombo, recebe estudantes oriundos dos bairros urbanos, em sua maioria Jardim I, Novo Horizonte, Ipê e Mestre Oscar Santos.

Portanto, a escola quilombola possui uma bagagem cultural/religiosa que não pode se dissociar dos conteúdos didáticos escolar, mas caminhar juntos, como proposto por Glória Moura (2012) e pelas bases legais: CF/88, o ECA, a LDB, as leis antirracistas e a Resolução n. 08/2012 no que tange a educação para as relações étnico-raciais ancorada no direito dos estudantes de conhecer sua história e cultura para que possam compreender, respeitar, valorizar e promover com orgulho o legado de seus ancestrais, a fim de criar o nexo com a seção vindoura que trata da escola.

2.3 ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

Lembro-me que adiei minha ida à escola por receio de ser mal recebida. Fruto de experiências em que o pesquisador pode ser interpretado como um intruso que pergunta demais e o corpo docente se fecha não colaborando para a pesquisa, justificando-se que não tem tempo ou estão sobrecarregados para responder a um questionário ou conceder uma entrevista. Quando cheguei à escola um pouco nervosa e com receio de receber um "não", fui surpreendida positivamente quanto à recepção, a equipe gestora se mostrou disposta a me auxiliar no que fosse necessário, apresentaram-me aos professores como "mestranda da Unifap" e o diálogo se estabeleceu de maneira fluida com os demais funcionários.

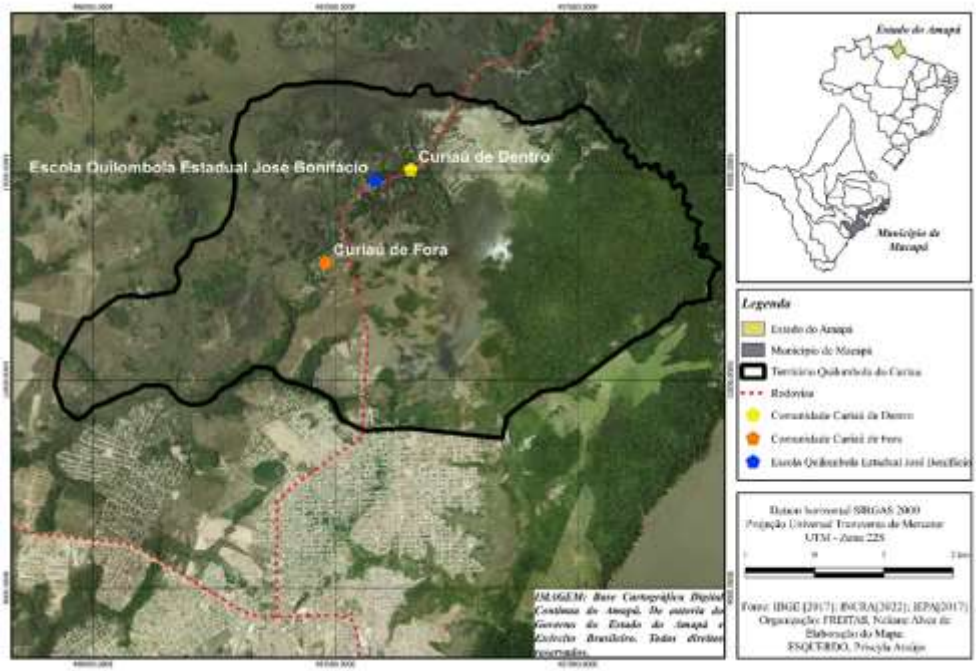
A partir de então, nesse percurso de idas e vindas até a escola, busquei me manter com a escuta sensível e o olhar atento aos detalhes para compreender as "gentes", o lugar e os aspectos de uma escola quilombola. Cada espaço, cada casa, cada rosto guarda uma história, por isso Piedade Videira (2013, p.111) afirma que "para entrar e conviver no Quilombo do

Cria-ú é preciso termos antes de tudo sensibilidade para sentirmos como as pessoas se expressam e conduzem seu dia-a-dia", por isso é importante deixar nítido para as pessoas que lá estamos para conhecer a história e contribuir com a comunidade através da pesquisa, caso contrário podemos ser enxergados como intrusos que estão ali em busca de obter matéria prima (dos objetos) para o desenvolvimento de experimentos científicos na Universidade.

A EQE José Bonifácio está localizada a 10 Km da cidade de Macapá/AP e foi fundada através do Decreto n. 0197- GAB de 23 de janeiro de 2001. No entanto, a escola iniciou seus serviços educacionais ainda no antigo Território do Amapá, no ano de 1945 e recebeu esse nome em homenagem ao político e poeta José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). Na função de deputado em 1823, apresentou um projeto para a abolição do tráfico de escravizados e extinção da escravidão e é considerado o patriarca da independência do Brasil.

A escola situa-se na Rua Santo Antônio, nº 0219, bairro Quilombo do Curiaú, no munícipio de Macapá. Através da Portaria 301/2010 – SEED/AP recebeu a autorização de funcionamento para atuar com a Educação Básica. Podemos observar, através do mapa abaixo, a localização da escola dentro do Cria-ú.

Figura 27 – Localização via satélite da EQE José Bonifácio



Fonte: Organizado por Freitas e elaborado por Esquerdo (2022)

Verifiquei que a escola recebe constantemente pesquisadores a nível estadual, nacional e até mesmo internacional, por ser referência na Educação Quilombola. As pesquisas contribuem para o desenvolvimento escolar quando há o retorno destas à comunidade

criauense escolar e também para os profissionais que, mesmo na correria da troca de horários e demais atribuições, arranjam um espaço em suas agendas para auxiliar os pesquisadores.

Figura 28– Entrada da EQJB

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A instituição de ensino oferta a Educação Básica no nível do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no período da manhã e Anos Finais no turno da tarde. A escola é mantida pelo Governo do Estado do Amapá (GEA) e administrada pela Secretaria de Estado de Educação (SEED) e tem como missão em seu Projeto Político Pedagógico (PPP):

> proporcionar situações de aprendizagem e conhecimento que possibilitem aos educandos o desenvolvimento integral, possibilitando o planejamento pessoal e a participação ativa do seu contexto familiar e social. Respeitar a si mesmo, as pessoas e a natureza. Tornando-se predisposto a sua condição racial, afirmando sua herança cultural bem como sua identidade, para criar meios de convivência e equilíbrio com o mundo, ou seja, permitir que o educando torne - se um cidadão na plenitude de suas potencialidades sociais, cognitivas e afetivas (Projeto Político Pedagógico da EEQJB, 2017, p. 17).

Atualmente a escola está sob gestão[11] da Professora Claudete Ramos da Costa (51 anos), mulher negra, moradora do Quilombo do Cria-ú, atua na escola há 7 anos, chegou na escola para assumir a coordenação do Programa Mais Educação em 2015 e no ano seguinte foi convidada a assumir a gestão escolar permanecendo-se até os dias atuais.

A Profa. Claudete é dedicada aos estudos e possui uma trajetória acadêmica admirável, estudou na EQEJB quando criança e hoje é Pedagoga, Psicopedagoga Clínica e Institucional,

[11] Após a realização da pesquisa houve mudança na direção da escola, atualmente está sob gestão o professor Alessandro Sena Ramos.

Especialista em História da Cultura Afrobrasileira, Africana e Índigena e atualmente está cursando Ciências Biológicas pela Unifap no polo do Quilombo do Mel da Pedreira.

Atuar na gestão da escola representa um retorno para a comunidade, pois estudou na EQE José Bonifácio e hoje tornou-se um exemplo para estudantes e moradores do Quilombo na busca pelo conhecimento. Suas qualificações profissionais, além do seu percurso acadêmico, contribuíram para que pudesse ter uma visão macro sobre o processo educacional, pois passou por todos os segmentos e conhece a realidade quilombola.

A esse respeito, a Resolução n. 08/2012 sinaliza a preferência de gestores e professores quilombolas para atuarem em escolas situadas no Quilombo e que recebem estudantes de territórios quilombolas, pois é muito importante a representatividade no âmbito escolar para que os educandos se reconheçam e entendam que podem frequentar toda e qualquer posição na esfera educacional, política e social.

A Profa. Claudete demonstra ser engajada na luta por reconhecimento da identidade da escola e fez parte da luta pela busca e pela inserção do termo quilombola no nome da escola, o que somente foi atendido através do Decreto Estadual n.3652 de 26 de agosto de 2019 que estabeleceu a inserção do termo quilombola em mais 16 escolas,

> considerando, ainda, a necessidade de reconhecer e legitimar as Unidades Escolares localizadas em territórios quilombolas e/ou que atendam estudantes oriundos de regiões de quilombos ou se autodeclaram como tal,
> Decreta:
> Art. 1º A inserção do termo Quilombola às denominações dadas na origem, às escolas integrantes do Sistema de Ensino Regular do Amapá, a seguir relacionadas:
> I – Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, localizada, na Rod. Santo Antônio, n° 0219, Quilombo do Curiaú; [...] (BRASIL, 2019, p.1).

No ano de 2022, a escola conta com um total de 16 professores, sendo 5 destes atuando no Ensino Fundamental – Anos Iniciais e 11 atuantes no Ensino Fundamental – Anos Finais. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) dispõe de 5 profissionais, além da equipe de coordenação pedagógica que é constituída por 3 educadoras.

A escola tem 156 matrículas ativas. Destas, 95 são crianças que frequentam o Ensino Fundamental (1º ao 5° ano) no período da manhã e 61 delas o Ensino Fundamental (6º ao 9° ano) no turno da tarde. Os estudantes dispõem de transporte gratuito para chegar até a escola, vale ressaltar que alguns estudantes utilizam as canoas (cascos) de suas comunidades até o Curiaú Mirim e de lá são transportados de ônibus até a escola. No total, três ônibus realizam o serviço de transporte de ida e volta dos estudantes em suas casas.

A demanda de estudantes do 1º ao 5º ano diminuiu na EQEJB devido à inauguração da E.M.E.F Joanna Santos da Silva – a primeira escola municipal do quilombo – que recebe estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Inaugurada no dia 20 de novembro de 2020, a escola também oferta a Educação Infantil (1° e 2º período).

A partir do primeiro semestre do ano de 2022, instalou-se um polo universitário da Unifap nas dependências da escola que recebe os estudantes do Curso de Licenciatura em Letras-Português no período noturno. A seleção obedeceu ao Processo Seletivo Especial para Quilombolas (PSEQ/2022), destinado à seleção diferenciada de candidatos (as) quilombolas. Na época da seleção, foram ofertadas 50 vagas e todas foram preenchidas.

Para facilitar o acesso dos estudantes aos polos e garantir a permanência destes no Curso, foi lançado Edital de Bolsa com vistas a garantir recurso financeiro mensal para os contemplados. No entanto, a partir do 1° semestre de 2023, o polo foi transferido para a E.M.E.F Joanna Santos da Silva devido a falta de acesso à internet na EQEJB.

Este feito representa um grande avanço para os criauenses na busca pelo conhecimento e o acesso ao nível superior, pois um dos fatores que impede os moradores de continuar os estudos é a distância dos centros universitários e a precariedade do transporte coletivo que conta com apenas uma linha de ônibus a qual disponibiliza apenas um veículo para atender a comunidade, além da falta de implementação de políticas de ações afirmativas que garantam o acesso e permanência dos (as) negros (as) no Ensino Superior.

Figura 29 – Corredor principal da EQEJB

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Figura 30 – Vista para o refeitório EQEJB

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Os espaços da escola remetem à realidade do território quilombola onde são valorizadas as festas santorais através de quadros, como pode ser observado nas obras de arte de autoria do artista plástico M. Silva também conhecido pela alcunha de ‘Rosi’ (Rosinaldo

Miranda Silva) e no quintal da escola. A vasta plantação em torno da escola remete ao cultivo de ervas medicinais muito utilizadas pelos moradores da comunidade, principalmente pelos mais velhos (as), além das pinturas de algumas paredes que promovem reflexões, pois os exemplos citados evidenciam conteúdos didático-pedagógicos tecidos no cotidiano da comunidade os quais dialogam com a perspectiva curricular afrorreferenciada praticada pela/na escola de acordo com Petit (2015) Moura (2012), Gomes (2012) e a Resolução n. 08/2012.

Figura 31 – Biblioteca da EQEJB

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Figura 32 - Pinturas santorais na EQEJB

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A estrutura física da escola precisa de manutenção e reparos, há portas com risco de desabar por conta da fragilidade da madeira consumida por cupins. Em janeiro de 2023, a escola realizou uma ação denominada de “Blitz educativa”. Na qual realizou um chamamento aos estudantes, pais, responsáveis e demais membros da comunidade para irem até a frente da escola e, munidos de cartazes, chamar a atenção do poder público para a situação da falta de equipamentos de refrigeração de ar, sob a indicação de que só iria iniciar o período letivo após o atendimento da solicitação.

Passados dois dias, a escola recebeu as centrais de ar que já foram instaladas em todas as salas de aula, fruto de um movimento coletivo da comunidade e da escola. Inclusive a coordenadora pedagógica relatou que *“os meninos já estão indo até de casaco pra escola”*, sinalizando que os estudantes se encontram familiarizados com a nova sensação térmica das salas.

Apenas uma sala de aula era climatizada e as demais possuíam ventiladores que não conseguiam refrescar os estudantes e professores que reclamavam do calor, principalmente no

turno da tarde, uma vez que o clima do estado do Amapá é equatorial quente e úmido. Por ser atravessado pela linha imaginária do Equador, recebe mais influência do sol.

De acordo com a gestão escolar, desde o ano de 2019, a direção escolar já tinha enviado mais de 12 ofícios para a SEED solicitando as centrais de ar para as salas, mas alegavam que a escola estava inadimplente desde o ano de 2009 no Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE. A resposta ao ofício enviado no início do mês de janeiro de 2023 foi de que a escola possuía a arquitetura com janelas largas, o que facilitaria a ventilação natural, o que não condiz com a realidade, a partir de então a equipe escolar resolveu fazer a mobilização Blitz Educativa.

Alguns ambientes já eram climatizados com ar-condicionado, a saber: Biblioteca, Sala dos Professores, Secretaria Escolar, Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a Direção Escolar. Por conta do tempo de uso dos equipamentos, eles não conseguem refrigerar todo o ambiente. A Sala de Planejamento possui central de ar, no local funcionava o Laboratório de Informática até meados de 2019, porém as máquinas foram se perdendo devido à falta de manutenção do *hardware* e *software* e atualmente existem apenas resquícios dos computadores dentro de uma sala que funciona como depósito da quadra poliesportiva.

O sinal de telefonia e dados móveis é precário e funciona somente em alguns pontos estratégicos da escola, na entrada, quadra de esportes e na biblioteca. Por este motivo, a equipe escolar contratou um serviço de *wi-fi* por conta própria, mas nem todos aderiram à ideia e ficaram de fora da utilização do serviço. Os funcionários pagam por um serviço que deveria ser disponibilizado gratuitamente pelo Governo do Estado, pois é uma ferramenta de trabalho dos professores e pode ser utilizada para facilitar a mediação do conhecimento.

Algumas dificuldades estruturais da escola poderiam ser sanadas se os recursos financeiros não estivessem bloqueados devido à falta de prestação de contas das gestões anteriores. Este fato influencia até nas atividades pedagógicas, pois os professores precisam comprar materiais essenciais para realizar suas aulas como E.V.A., pincel de quadro, apagador e papel A4 para imprimir as provas e atividades dos estudantes.

Além disso, a escola precisa da ampliação das salas e construção de novos espaços. A gestão escolar mobilizou-se e marcou uma reunião junto à Associação dos Moradores da Comunidade, Associação de Mulheres Mãe Venina, Associação de Saúde e a Associação de Agricultura, todas do Quilombo, para exigir do poder público melhorias na escola, mas não deu quórum, somente a representante da Associação de Mulheres Mãe Venina compareceu à reunião.

Após 20 anos da aprovação e implementação da Lei n. 10.639/03 e 11 anos da Resolução n. 08/2012 Educação Escolar Quilombola, ambas legislações não foram implementadas adequadamente. O que se tem até o momento presente é a implementação precária de ambas as Leis.

De acordo com a coordenação pedagógica, alguns fatores contribuem para esta precarização, dentre eles a falta do sentimento de "pertencimento" por parte de alguns professores, uma vez que poucos deles residem no Quilombo. Quando indaguei sobre as dificuldades para a implementação da Lei n. 10.639/03 obtive a seguinte resposta:

> ***Coordenação Pedagógica:*** *Olha, primeiro conhecer a Lei, né. Por incrível que pareça. Eu tô fazendo a releitura do livro da professora Piedade Videira, do doutorado que ela fez a pesquisa aqui na escola. E eu tô vendo que os colegas que foram detectados lá em 2013 ainda têm uma resistência de entender que ele tá numa escola quilombola. Nós temos colegas negros, negros, quilombolas do Maruanum que não se reconhecem negros por conta da religião, ele foi criado escutando que o tambor é da macumba, da feitiçaria por causa da religião. (Coordenação Pedagógica, entrevista, 09/02/2021).*

De acordo com os estudos de Piedade Videira (2013) e de Moisés Bezerra (2019), outros fatores que influenciam é o fluxo contínuo de troca de docentes e a falta de material didático adequado com a realidade criauense na EQEJB. O professor acaba tendo dificuldade no planejamento e reflete um currículo com marcas eurocêntricas, quando ele não busca compreender o contexto cultural que a escola vive e considera essas caraterísticas do campo cultural sendo algo pertencente somente aos criauenses, como se não fizesse parte da história amapaense e não constituísse a nossa identidade.

Outro fator destacado pela coordenação pedagógica é a falta de aproximação de alguns professores com as práticas religiosas do Quilombo. Quando não há a aproximação profissional com estas práticas, o professor acaba saindo da instituição.

> ***Coordenação Pedagógica:*** *Profissionalmente, ele tem que se adequar, ou se adequa ou pede pra sair. Quando a Lei 10.639/03 surgiu, aqui a gente já trabalhava o Projeto Curiaú Mostra a tua Cara né, o histórico lá detrás em 2003, aqui já se trabalhava e eles tem que saber, a questão da afirmação da cultura, da religiosidade, do sincretismo religioso, né. Porque o profissional que está aqui não é que diga:" ah eu sou católica", mas se tiver uma festividade ou uma comemoração ou que cultue as religiões afro eu tenho a obrigação de conhecer, né. Não é que eu vá me tornar umbandista, espirita, mas eu tenho obrigação de conhecer porque eu estou dentro desse contexto. (Coordenação Pedagógica, entrevista, 09/02/2021).*

Este contato com a religiosidade do Cria-ú é muito importante para que o professor se aproxime do território quilombola e possa conhecer melhor os estudantes. O pesquisador Henrique Cunha Júnior (2022, p. 133) propõe uma discussão a respeito do "catolicismo de preto", que pode ser percebido e identificado seus elementos de africanidade na cultura e práticas cultural/religiosa local, para o autor o "catolicismo brasileiro de pretos é parte do legado africano, muito distinto dos catolicismos europeus, assim como o teatro de mamulengo, muito comum nas regiões ocidentais africanas e reproduzidos e desenvolvidos no passado brasileiro."

Apesar dos entraves, a equipe escolar é aguerrida ao bom funcionamento das atividades escolares participando de eventos culturais e desenvolvendo ao longo do ano letivo vários projetos que promovem a valorização da identidade cultural quilombola e o fortalecimento da ancestralidade, memória e tradições da comunidade criauense.

No ano de 2022, a Fundação Estadual de Promoção da Igualdade Racial (FEPPIR/FUNDAÇÃO MARABAIXO) e a Secretaria Estadual de Educação – SEED promoveram o IV FESTIVAL CANTANDO MARABAIXO NAS ESCOLAS, que tem por objetivo valorizar a cultura afroamapaense através da musicalidade do Marabaixo e da composição de novos "ladrões". A EQE José Bonifácio venceu o festival com o ladrão intitulado: "Memórias da Minha Escola".

Ladrão é o nome dado para os versos de quem embala a dança do Marabaixo. De acordo com Piedade Videira (2014, p. 11) "ladrão é retirado de improviso, é rimado e tem o intuito de satirizar, exaltar, criticar e elogiar pessoas e fatos ocorridos no cotidiano local, nacional e mundial", contam histórias e a melodia, o ritmo e a dança carregam a ancestralidade africana e dão significado ao Marabaixo, este último é

> Um símbolo, referência, balançado como o vento que viaja nos corações de um povo. O povo do Marabaixo canta nas vozes do refrão uma saudade, uma lembrança, um comentário, uma irreverência, um sentimento compartilhado e saudado pela amizade desse cortejo majestoso. O refrão rouba do tempo as palavras inspiradas e como confissão da culpa do roubo é chamado de ladrão (CUNHA JR., 2009, p.7. apud VIDEIRA).

Portanto, o Marabaixo é história, é memória africana. E deve ser uma forma de implementar a Lei n. 10.639/03 nas escolas como propõe os estudos de Videira (2009). O festival relaciona a ancestralidade com o chão da escola através da premiação dos Ladrões de Marabaixo entre as escolas quilombolas de Macapá que são nove por sinal. Na EQEJB, as atividades de produção foram desenvolvidas dentro do Projeto "Marabaixo e Batuque na Escola" coordenado pela Professora Poço do Cajú, nascida na comunidade Abacate da

Pedreira. Filha de pais ribeirinhos e agricultores, ela é pedagoga de formação, servidora efetiva e atua na EQEJB desde o final do ano de 1994. Assim, ela nos conta como ocorreu a produção do ladrão de Marabaixo:

> ***Profa. Poço do Cajú:*** *Foi através de uma seletiva, nós fizemos um evento na escola chamado: Revelando Talentos, então cada turma ficou de defender um ladrão de Marabaixo de sua autoria, eles escreveram. O ladrão do Marabaixo é um contexto do dia-a-dia, aí muitos relatam lá a sua vivência e foram defender por equipe de cada turma, aí houve jurados tudo. Nessa seletiva foi selecionado o melhor ladrão de Marabaixo para a defesa do Cantando Marabaixo nas Escolas. E, geralmente quem participa são os meninos tanto do Curiaú quanto da Casa Grande, que tem mais assim esse contato. Sem descartar a participação dos outros alunos daqui da cidade, eles participam, mas não tão intensamente quanto os que vivenciam direto. (Profa. Poço do Cajú, entrevista, 15/12/2022).*

Com base na narrativa da Profa. Poço do Cajú sobre o envolvimento dos estudantes e do processo criativo do ladrão de Marabaixo, Videira (2009, p. 145) anuncia que a "dança pode contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade dos sujeitos que nela se envolverem, pois, ao constituir-se como uma arte de realização, o processo criativo está nela presente a todo o momento". Essa metodologia fortalece o envolvimento com a cultura do Quilombo e promove a parceiragem[12] entre os estudantes aproximando as diferentes realidades que frequentam a escola, assim afirmou a Profa. Poço do Jacaré.

Os estudantes que não participam diretamente do convívio da comunidade são instigados a pesquisar e a dialogar com seus pares para assim conhecer mais sobre o Marabaixo. Os estudantes que têm suas raízes na comunidade compartilham suas experiências e conhecimento, fortalecendo os vínculos através da pesquisa, da produção e da dança. O ladrão de Marabaixo abaixo foi produzido por estudantes do 8º ano e conta a história da implantação da escola no Quilombo até constitui-se o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara, conforme a seguir:

[12] Atitude de união e/ou camaradagem entre duas ou mais pessoas em prol de um objetivo.

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

No antigo território
Começou a se formar
A Escola José Bonifácio
Veio a se concretizar

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

Quando foi decretada
A sua criação
Ficou estabelecida
Sem definição

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

Uma história de luta
Buscando ancestralidade
Pra conter na nomenclatura
Quilombola de verdade

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

O caminho percorrido
Para se chegar aqui
Em uma nova gestão
Veio se definir

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

A escola Quilombola
A primeira a trabalhar
História e Cultura- Afro
No Estado do Amapá

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

A escola tem projetos
Hoje muito se fala
É uma questão de pele
Curiaú Mostra a Tua Cara

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

Numa Fábrica de Sonhos
Projeto Conviver
Folia de São Joaquim
Minha Biblioteca Lê

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

É uma questão de pele
É uma questão de cor
Curiaú Mostra a Tua Cara
O Projeto se afirmou

O Quilombo é visto
O Quilombo é história
O Quilombo tem título
Tem escola Quilombola

O Festival foi realizado no dia 16 de junho de 2022 na Escola Quilombola Estadual Daniel de Carvalho, localizada no Distrito de Santo Antônio da Pedreira a 45 km de Macapá. Esta data é muito importante para a expressão cultural e resistência negra, é neste dia que se comemora o "Dia Estadual e Municipal do Marabaixo", instituída através do Projeto de Lei n. 0049/10-AL que também é reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro, título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os compositores, intérpretes e tocadores que aparecem na figura 32 são estudantes do 8º ano, os dançadores são de diferentes turmas de todos os anos. Houve o envolvimento de toda a comunidade escolar na preparação dos estudantes no Festival e percebo a emoção da equipe escolar ao rememorarem aquele dia, pois vários acontecimentos apontavam que os trajes típicos para a apresentação não ficariam prontos.

Figura 33 – Estudantes e professores **c**omemoram a vitória do título

Fonte: Deusiana Machado (2022)

No entanto, graças ao motorista que se aventurou pela rodovia "desenfreadamente", os estudantes receberam seus trajes minutos antes de entrarem em cena fazendo com que a vitória fosse duplamente comemorada.

Dentre as atividades desenvolvidas na escola, destaca-se o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara (*PCMTC). Ele funciona como um "guarda-chuva" e abriga todos os demais projetos que são realizados no decorrer do ano letivo e, ao final de cada ano, é realizada a culminância das práticas pedagógicas que foram efetuadas com os estudantes.

O PCMTC foi desenvolvido pela professora Irene Bonfim e, desde 2009, é realizado na escola durante o ano todo com o objetivo de educar para as relações raciais para auxiliar os estudantes a se reconhecerem como negros e quilombolas. No entanto, nem todos os professores desenvolvem o projeto ao longo do ano, conforme revelaram as professoras coordenadoras.

O primeiro projeto pedagógico criado no ano 2000 denominava-se Questão de Pele – haja vista que o projeto surgiu de uma atividade em sala na qual os estudantes da Educação Infantil pintaram o seu avatar de "branco" porque não queriam ser pretos. De acordo com a escritora Roseany Brito (2021), tal acontecimento fez com que o projeto fosse criado para fazer com que os estudantes,

> [...] se orgulhassem de sua ancestralidade, estimular e melhorar a sua autoestima, disseminar o aprendizado sobre a cultura e sua etnia, propagando respeito, a tolerância, a fraternidade entres seus pares e demais. Desta forma possibilitando aos alunos uma interação harmônica com as variadas culturas (Brito, 2021, p 18).

Nesse sentido, o Projeto *Curiaú Mostra tua Cara* representa a marca de uma geração, a cultura do quilombo e seus aspectos. À luz de Glória Moura (2012, p.147), a cultura do quilombo deve estar associada com a educação formal nas escolas, o conhecimento dos pais, avós e as manifestações religiosas, por exemplo, são saberes constituintes da identidade do estudante e "enquanto quilombos consideram seus valores, a escola ignora sua historicidade apreendida na origem do povo". A autora aponta para a necessidade de um currículo escolar que aborde as experiências e a vivência da comunidade.

Os demais projetos da escola são desenvolvidos à luz do Projeto em relevo, partindo do ponto da valorização dos aspectos do Quilombo. A seguir, apresento os principais projetos desenvolvidos pelos educadores em sala de aula:

Quadro 4 – Projetos realizado na EQEJB em 2022

Projeto	Ações	Responsáveis
Horta Medicinal/Plantando Saúde e Saberes	Busca desenvolver a conscientização ambiental nos estudantes sobre a necessidade da preservação das árvores, além de valorizar o conhecimento medicinal das ervas, saber esse salvaguardo pelos mais velhos. As benzedeiras, curandeiras, familiares dos estudantes são convidados a palestrar sobre o manuseio destas plantas.	Profa. Açaí Profa. de Ciências
Fábrica de Sonhos	O projeto iniciou-se em 2019 e faz parte das comemorações do Dia das Crianças e são desenvolvidas atividades de recreação e lazer para que a criança seja estimuladas a momentos de descontração dentro do ambiente escolar. Atualmente são contemplados os estudantes dos Anos iniciais e até mesmo os Anos Finais.	Profas. Poço do Buritizal, Poço do Cajú, Poço do Tapera, Poço do Jacaré, Poço do Lantejão e Poço da Maré

 Conviver	Participam destas atividades os estudantes do 6º ao 9º ano, onde são trabalhados temas geradores que discutem sobre temas como diversidade, intolerância e preconceito. Neste ano de 2022 os temas estão sendo abordados através de filmes com personagens negros (as). O objetivo da atividade é promover um convívio social harmônico respeitando as diferenças.	Prof. Graviola
Minha Biblioteca Lê 	Este Projeto destina-se ao incentivo à leitura dos estudantes e inicia-se junto com o período letivo, podem levar os livros pra casa ou utilizar como material de consulta para a realização de pesquisas escolares. Neste sentido, a biblioteca funciona nos dois turnos para acolher todos e todas que desejam viajar pelo mundo da leitura.	Profa. Poço do Cajú
Folia Mirim de São Joaquim 	O objetivo do projeto é ensinar o manuseio dos instrumentos musicais, das ladainhas e rezas das festas santorais promovendo a salvaguarda da tradição cultural local. Em 2012, os foliões mirins venceram o Projeto da SEAFRO voltado para a valorização da cultura negra amapaense. Ressalto que o projeto iniciou em 2009 com o apoio do Sr. João da Cruz (*in memoriam*), foi mestre sala da Folia do Padroeiro do Quilombo. Está disponível no *YouTube* um pequeno documentário da preparação dos estudantes para concorrer ao prêmio, confira: https://www.youtube.com/watch?v=VkummCbXzhg&t=327s	Profas. Poço do Buritizal, Poço do Cajú, Poço do Tapera, Poço do Jacaré, Poço do Lantejão e Poço da Maré

Fonte: Coordenação do PCMTC 2022

A escola desenvolve outros projetos dentro de sala de aula. Dentre eles, destaca-se o Projeto: “LIBRAS no Quilombo do Criaú” e é uma iniciativa da equipe do Atendimento Educacional Especializado (AEE), coordenado pela Profa. Jusse Raquel. Tem como objetivo promover o ensino de Libras para todos os estudantes afim de construir um ambiente escolar inclusivo e integrado.

Os projetos desenvolvidos pela escola são uma tentativa de efetivação da Lei 10.639/03 e da Resolução n.08/2012, a equipe de projetos apoia as dinâmicas em alusão às datas comemorativas do calendário escolar, a exemplo da Oficina de Chocolate pela passagem da Páscoa, o Forrozão no mês de junho e conta com uma programação de brincadeiras,

quadrilhas juninas e venda de comidas típicas. No mês de outubro, acontece a Semana da Criança, são dias de pura diversão com passeio ao Bioparque da Amazônia, distribuição de brinquedos e atividades recreativas em espaços com piscina.

Estas atividades são ramificações do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*. Este é o Projeto macro e todas as outras ações estão interligadas à missão principal de valorização da identidade negra e se constitui como a identidade da escola. Mesmo antes da aprovação da Lei 10.639/03, a instituição já se preocupava com o desenvolvimento de práticas no combate ao racismo, mostrando aos estudantes que devem ter orgulho de sua cor de pele, do seu cabelo, de sua cultura e de todos os aspectos que compõem a cosmovisão africana, conforme os estudos de Videira; Do Espírito Santo, (2017).

A respeito dos funcionários da escola, é composto por maioria feminina. Há somente quatro professores do sexo masculino e estes atuam nos anos finais do Ensino Fundamental no período da tarde. Dos doze funcionários quilombolas residentes no Cria-ú, apenas quatro exercem a função de professor (a), os demais atuam nas funções de auxiliar administrativo, merendeira, servente, faxineira, motorista, serviços gerais, entre outros.

Sobre a formação acadêmica dos professores: todos possuem pós-graduação a nível de especialização – com exceção de uma professora – e dois possuem a titulação de mestre. O quadro abaixo apresenta as informações fornecidas pelos funcionários:

Quadro 5 – Professores atuantes na escola em 2022

Nome	Atuação	Cargo/vínculo	Função	Cor/Raça	Religião	Bairro/moradia
Claudete Ramos da Costa	6 anos	Professora/efetiva	Gestora	Negra	Católica	Curiaú
Ana Paula Peniche Martins	9 anos	Professora/efetiva	Coordenação Pedagógica	Preta	Católica	Jardim I
Nívea Corrêa Souza	11 anos	Professora/efetiva	Coordenação Pedagógica	Parda	Católica	Infraero I
Aline Dias de Souza	3 anos	Professora/efetiva	Secretaria escolar	Parda	Católica	Universidade
Amauri Pereira da Silva	4 anos	Serviços Gerais/contrato	Motorista	Negro	Católico	Curiaú
Ângela Maria Fortunato dos Santos	15 anos	Servente/contrato	Servente	Negra	Católica	Curiaú
Carina Ferreira de Souza	9 anos	Professora/efetiva	Professora	Preta	Evangélica	Santa Rita
Celina Catarina das Chagas da Silva	8 anos	Merendeira/contrato	Merendeira	Preta	Católica	Curiaú
Cleonice do Socorro Leite da Paixão Ramos	6 anos	Serviços Gerais/contrato	Faxineira	Preta	Católica	Curiaú
Deusiana da Silva Machado	28 anos	Professora/efetiva	Biblioteca	Negra	Católica	Novo Horizonte
Expedito Castelo Branco	9 anos	Professor/efetivo	Professor	Pardo	Católico	Jardim Marco Zero
Francinete Rodrigues Dias	22 anos	Professora/efetiva	Biblioteca	Parda	Católica	Novo Horizonte
Francisca Silva Pinto	3 anos	Professora/efetiva	Secretaria	Parda	Católica	Pacoval
Jociléia Pereira Almeida	10 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Evangélica	Novo Horizonte
Jusse Raquel Nunes de Oliveira	6 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Novo Horizonte
Joice Pereira	7 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Novo
Lucilene Barros de Sales	7 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Jardim Felicidade
Marcos Antônio Macedo Pedrada	9 anos	Professor/efetivo	Professor	Pardo	Católico	Macapá
Maria Claudenira Leite da Paixão	20 anos	Professora/efetiva	Professora	Preta	Católica	Curiaú

Maria das Dores e Silva	7 anos	Professora/efetiva	Professora	Preta	Umbandista	Novo Horizonte
Maria do Socorro Lino Videira	19 anos	Professora/efetiva	Biblioteca	Negra	Católica	Renascer
Maria Nicolany Morais Miranda	8 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Novo Horizonte
Maria Raimunda Clarindo dos Santos	15 anos	Cozinheira/contrato	Auxiliar de cozinha	Negra	Católica	Curiaú
Maria Teresa Miranda Fonseca	9 anos	Cuidadora/contrato	Cuidadora	Parda	Católica	Novo Horizonte
Marta de Souza Maciel	17 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Perpétuo Socorro
Moisés de Jesus dos Prazeres Bezerra	10 anos	Professor/efetivo	Professor	Negro	Umbandista	Laguinho
Nilma Maria Ramos Lopes	19 anos	Professora/efetiva	Professora	Negra	Católica	Curiaú
Nivaldo Ramos Lopes	32 anos	Auxiliar de disciplina/efetivo	Auxiliar de administrativo	Negro	Católico	Curiaú
Núbia Maria Ramos Lopes	32 anos	Professora/efetiva	Professora	Preta	Católica	Curiaú
Osmarina da Silva Ramos	4 anos	Servente/contrato	Servente	Preta	Católica	Curiaú
Roseany Maciel Brito	5 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Novo Horizonte
Renilde Tavares de Deus	3 anos	Professora/contrato	Professora	Parda	Católica	Pacoval
Rubens Galvão de Souza	3 anos	Professor/contrato	Professor	Branco	Católico	Infraero II
Sandra de Souza Pereira	10 anos	Professora/efetiva	Professora	Branca	Católica	Novo Horizonte
Silvane Miranda	2 anos	Professora/contrato	Professora	Parda	Católica	Pacoval
Sheila Mônica da Silva Ataíde	18 anos	Professora/efetiva	Professora	Branca	Católica	Macapá
Soraia Dias Tavares de Oliveira	8 anos	Professora/efetiva	Professora	Parda	Católica	Lot. Pacajus
Valdeni Barbosa dos Santos	11 meses	Motorista/contrato	Motorista	Negro	Católico	Novo Horizonte
Vanessa Rosário	3 anos	Faxineira/contrato	Faxineira	Negra	Católica	Curiaú

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A sala dos professores é pequena, possui uma mesa com seis cadeiras, um sofá com dois lugares, um armário com nove compartimentos e uma pequena esteira feita de palha esticada no chão, a qual alguns professores utilizam para "esticar as costas" entre os intervalos de aula e o ambiente conta com a presença de uma pequena central de ar.

Através da ótica de pesquisadora, pude constatar que a rotatividade de professores na EQEJB, conforme asseverado por Piedade Videira (2013) e por Moisés Bezerra (2019), também é influenciada pelos contratos administrativos, uma vez rescindindo, dificilmente o professor conseguirá retornar para a mesma escola, pois está à mercê de acordos políticos. A esse respeito, Elivaldo Custódio (2019, p.15) aponta para um dos fatores que influencia a rotatividade sendo a falta de "infraestruturas adequadas, bem como a não valorização das pessoas que adquirem uma qualificação profissional", mesmo recebendo o apoio do Núcleo de Educação Étnico-Racial (NEER) raramente permanecerão na educação quilombola pois, "o contrato depende de uma articulação política partidária para ser renovado".

Outro problema a ser superado é a falta de formação continuada para os profissionais da educação, apesar de a Resolução n. 08/2012 prever no Art. 8 "a garantia de formação inicial e continuada para os docentes para atuação na Educação Escolar Quilombola". (BRASIL, 2013, p. 6). A falta de formações, impossibilita os profissionais de conhecerem novas práticas educacionais aplicáveis na educação escolar quilombola e aos recém-chegados na escola não há uma preparação para atuar em uma escola quilombola.

Sobre isso o Art. 21 da Resolução n°. 025/16-CEE/AP diz o seguinte:

> A formação continuada de professores que atuam nas escolas quilombolas deverá ser assegurada pelos sistemas de ensino e suas instituições formadoras e compreendida como componente primordial da profissionalização docente e estratégia de continuidade do processo formativo, articulada à realidade das comunidades quilombolas e à formação inicial dos seus professores, sem perder de vista a relação entre o local e o nacional. (AMAPÁ, 2016, p.07).

Apesar de estar assegurada por lei, o que se percebe é o não cumprimento do que está previsto. Isto é muito grave e afeta principalmente os professores iniciantes e que até o presente momento não haviam passando por uma escola quilombola. Para saber quais as ações do estado sobre a formação dos professores que ingressam na educação quilombola, procurei o NEER/SEED[13], pois é o núcleo responsável por oferecer este serviço no Amapá e obtive a seguinte resposta da técnica que me recebeu:

[13] A visita ao NEER/SEED ocorreu no mês de junho do ano de 2023.

> ***Técnica NEER/SEED/AP:*** *Eu acho que é função da escola professora, de o professor tá chegando na escola e ela dizer" colega sente aqui". A nossa escola tem essa missão, tem esses valores, tem essa linha, esta função é da escola. A proposta do núcleo, a gente já foi lá, mas tu sabes que a gente é um grão de areia né, no oceano. Que fosse contratado pra trabalhar na escola, o povo quilombola, que sabe lá da realidade da comunidade. Mas, infelizmente tem comunidade que a gente não tem profissional, nem diretor da escola. Eu trabalhei no Curiaú e eu conheço a realidade, a Apa do Curiaú tem professor que é daqui de Macapá. Eu não sei te dizer o ano, mas o NEER já ofertou uma pós-graduação na área étnico-racial, inclusive a gente tem uma pauta fora daqui o nosso colega foi pra lá com a EAP, nós estamos tentando novamente a parceria pra ver se a gente consegue. Só professora, é aquela situação. Tu vai formar o professor e ele vai ficar lá na escola? Os comentários que os professores colocam aqui é que todas as vezes que tu procura um professor do que fez, já não tá em escola nenhuma, ele tá aqui, em secretaria. Outro problema é o contrato administrativo, professora. Essa rotatividade do professor, quando ele começa a tomar pé da formação, troca de escola. (Técnica NEER/SEED/AP, entrevista, 19/06/2023).*

O órgão responsável por realizar a formação continuada atribuiu a responsabilidade para a escola realizar tal formação. Apesar de algumas escolas possuírem gestores e coordenadores pedagógicos que também não tiveram formação alguma para atuar na educação escolar quilombola. Por outro lado, o NEER/SEED/AP acredita que uma das soluções para o problema da rotatividade dos professores e da falta de formação inicial e continuada é contratar professores quilombolas pelo fato de estarem inseridos na cultura do Quilombo e, desse modo, não teriam dificuldade em atuar na escola quilombola, conforme o Art. 48 da Resolução n. 08/2012 ao afirmar que "a Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas".(BRASIL, 2012, p.12).

Vejo que falta um alinhamento entre a linha de atuação do NEER/SEED/AP com as resoluções, leis e decretos que tangem à educação escolar quilombola que por hora demonstram uma visão que acaba por fragilizar a atuação do órgão quanto à oferta de cursos, palestras ou oficinas que contribuam para a educação quilombola. É necessário desenvolver capacitações voltadas para as tecnologias educacionais e a EQE José Bonifácio parece ter parado no tempo quanto ao uso dessas ferramentas, os professores fazem o que podem para levar um contexto tecnológico como o uso de vídeos e a utilização do projetor, mas estão limitados pela falta de conexão com a internet, a conexão de *wi-fi* disponível não suporta grande acesso de dados.

Percebe-se que o fato de o professor não conhecer a realidade na qual está inserido acaba gerando resistências às ações que tangem à educação escolar quilombola. O não conhecimento sobre as leis antirracistas e a educação para as relações étnico-raciais está relacionado a diversos fatores, um deles é a falta de formação inicial que preconize tais

temáticas, nos cursos de graduação. Nesse aspecto, Gomes (2008) afirma que, após a aprovação da Lei n. 10.639/03, foram tomadas algumas iniciativas para a formação inicial nas universidades e demais instituições de nível superior com foco na diversidade cultural e étnico-racial. No entanto, estas vem ocupando um lugar secundário nesse processo.

Podemos notar a falta de formação inicial através do desequilíbrio dos currículos. Ainda de acordo com Gomes (2012), a descolonização do currículo só é possível através da descolonização da mente e, consequentemente, se o professor não teve uma formação acadêmica com vistas para as questões étnico-raciais, ele irá reproduzir concepções hegemônicas nas suas práticas pedagógicas, seja na Educação Básica ou demais níveis por onde passar.

Apesar disso, a EQEJB se esforça para ofertar uma educação que valorize a identidade quilombola e a herança cultural conforme preconiza o PPP da instituição, convidando os moradores da comunidade e pesquisadores que frequentam a escola para ministrar palestras ou oficinas, além de celebrar datas comemorativas, dando ênfase a cultura do Cria-ú e mobilizando alguns professores a participar das festas religiosas da comunidade. Essas ações visam incentivar o diálogo dos temas relacionados à cultura negra ao currículo escolar.

Outro ponto a ser mencionado é a revisitação do PPP da escola proposto pelo NEER/SEED/AP para todas as escolas do estado, no ano de 2022. O PPP da Escola Quilombola José Bonifácio foi fruto de um trabalho coletivo entre a instituição e a Profa. Dra. Piedade Lino Videira, no ano de 2009, por ocasião de sua pesquisa de doutorado sobre a identidade e cultura criauense, pela Universidade Federal do Ceará.

Desde então, o PPP não passou por atualizações. Essa revisão proposta é importante para que a EQEJB possa refletir sobre o que foi feito, o que está sendo realizado e o que precisa ser efetivado e estabelecer novas metodologias pedagógicas que se adequem às legislações sancionadas após 2009 como o Referencial Curricular Amapaense (RCA), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e as demais leis antirracismo. Nesse aspecto, Elivaldo Custódio (2019, p.9) assevera que o currículo e o PPP devem seguir de mão dadas, observando os aspectos culturais nos quais se encontram os estudantes e afirma

> Vale lembrar que o PPP deve ser avaliado, uma vez que há necessidade de saber se as metas que estão sendo traçadas, os objetivos que foram escritos realmente estão se concretizando. Fazendo isso, o PPP, se tornará um grande instrumento de trabalho indispensável, uma vez que define as políticas e os princípios filosóficos, otimiza os recursos pedagógicos, financeiros, e mobiliza os diferentes setores para a consecução dos objetivos.

Vejo que essa revisitação é muito importante, porque o PPP é um documento de identificação da escola e, por isso, cada instituição deve construir o seu, colaborativamente com a comunidade escolar. Cada instituição tem seu processo de construção, o que resulta na sua identidade, por isso não existe um modelo pronto a ser disponibilizado para todas as escolas. Tratando-se de escola quilombola o PPP deve ser construído com vistas para um texto racial, conforme propõe Tomaz Silva (2022, p. 102), pois "a questão da raça e da etnia não é simplesmente um "tema transversal".

Assim como assinalado pela BNCC (2018), o autor continua dizendo que "ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade" para o autor, os estudantes não podem ser separados do que se tornarão como seres sociais.

A seguir, dialogarei sobre alguns aspectos da educação quilombola no Amapá e na EQEJB e menciono o retrato do contexto pandêmico de COVID-19 vivido pela escola, quando adentrei o campo de pesquisa, através do relato da coordenação pedagógica. "Vumbora"!

2.4 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para dialogar sobre os aspectos educacionais da educação quilombola no Amapá, é importante apresentar os conceitos de Educação Quilombola e Educação Escolar Quilombola. A construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola segue as instruções das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. De acordo com as Diretrizes:

> A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2016, p. 46)

Escola quilombola, por sua vez, é aquela localizada dentro de uma comunidade remanescente de quilombo, eis que o diferencial entre uma escola quilombola e uma escola regular é a valorização da cultura local. Por isso, a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) é muito importante para definir as características das escolas apontando para o meio em que está inserida a escola e as especificidades da comunidade escola e deve ser remodelado

para atender as especificidades das escolas quilombolas, portanto este deve ser nomeado de Projeto Político Quilombola

A Resolução nº 025/2016 – do Conselho Estadual de Educação do Amapá (CEE/AP) dispõe dos atos normativos para a criação e regulamentação das instituições de educação escolar quilombola no estado do Amapá e considera escola quilombola:

> Art.3º - As unidades escolares, localizadas em terras quilombolas, sejam elas auto reconhecidas, em processo, tituladas ou demarcadas, deverão ser frequentadas por população remanescente de quilombo ou não, serão reconhecidas como Escola Quilombola (AMAPÁ, 2016, p. 3).

Conforme o Censo demográfico (IBGE, 2022), o estado do Amapá possui uma população de 733.508 habitantes, ocupando a posição 26º no *ranking* dos estados em número de contingente humano e possui uma densidade demográfica de 5,15 habitante por km². Quanto à composição étnica, os dados estão desatualizados, pois as informações do Censo demográfico de 2022 ainda não foram atualizadas a respeito. De acordo com o IBGE (2010), a população amapaense é composta por 74,4% pardos, 20,3% brancos, 4,5% negros e 0,8% indígenas.

No Amapá, há 26 escolas quilombolas estaduais distribuídas entre os municípios de Santana, Macapá, Tartarugalzinho e Oiapoque.

Quadro 6- Relação das Escolas Quilombolas do Amapá

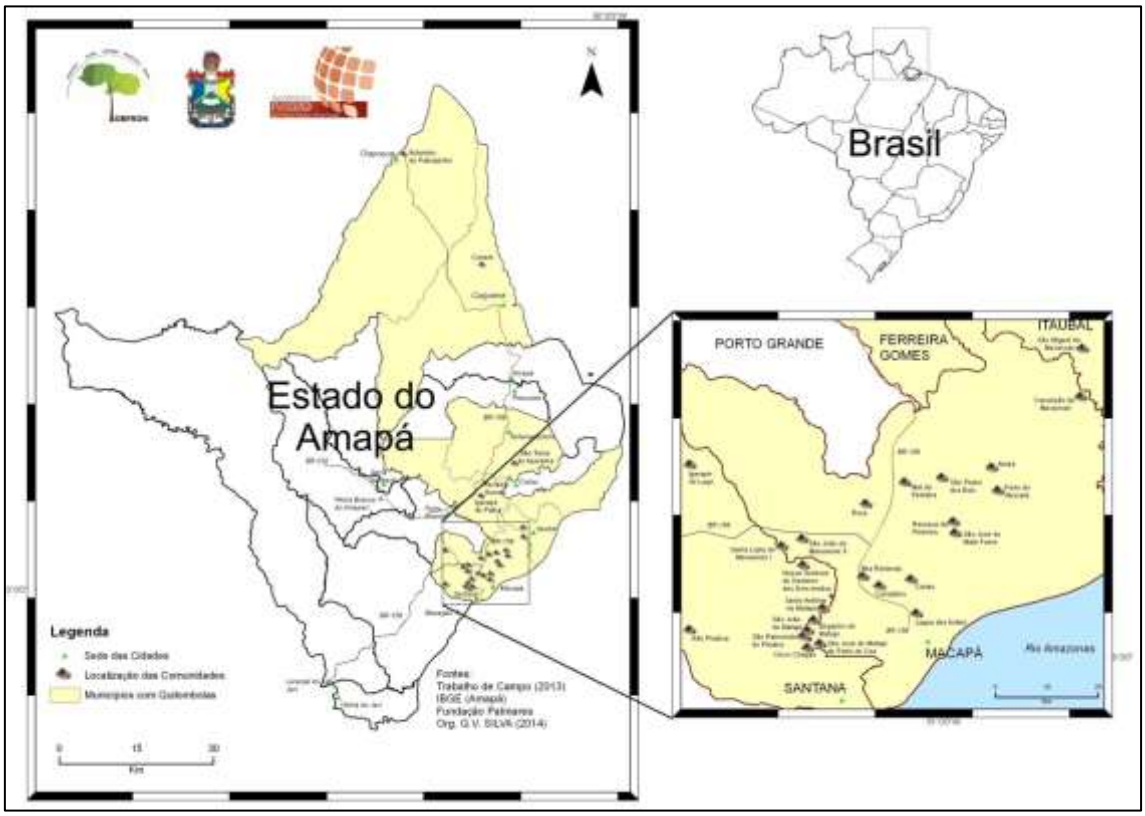
Nº	NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO
01	E.Q.E Santo Antônio do Matapi	Comunidade Quilombola Santo Antônio do Matapi
02	E.Q.E Foz do Rio Pirativa	Quilombo São Raimundo do Rio Pirativa-(Santana Rural)
03	E.Q.E Prof. David Miranda dos Santos	Comunidade Quilombola São José do Porto do Céu do Matapi
04	E.Q.E São João do Matapi	Comunidade Quilombola São João do Matapi
05	E.Q.E Lagoa dos Índios	Comunidade Quilombola Lagoa dos Índios
06	E.Q.E Prof. Antônio Figueiredo da Silva	Comunidade Quilombola Torrão do Matapi
07	E.Q.E Maruanum II	Comunidade Santa Maria do Maruanum II
08	E.Q.E Prof. Raimundo Pereira da Silva	Comunidade Quilombola Carmo do Maruanum
09	E.Q.E Belmiro Macedo Medina	Comunidade Quilombola Igarapé do Lago - (Santana Rural)
10	E.Q.E Conceição do Maruanum I	Comunidade da Conceição Maruanum I
11	E.Q.E Raimunda Barreto	Comunidade São Sebastião do Igarapé do Lago-(Santana Rural)
12	E.Q.E Igarapé das Armas	Comunidade Igarapé das Armas

13	E.Q.E São Sebastião do Lago Pirativa	Comunidade São Sebastião do Lago Pirativa
14	E.Q.E Antônio Bráulio de Souza	Quilombo Mel da Pedreira
15	E.Q.E Teixeira de Freitas	Comunidade Quilombola São Pedro dos Bois
16	E.Q.E Vila Velha do Cassiporé	Comunidade Quilombola Vila Velha do Cassiporé-(Oiapoque)
17	E.Q.E São Tomé do Aporema	Comunidade Quilombola São José do Aporema-(Tartarugalzinho)
18	E.Q.E Prof. Joaquim Manoel de Jesus Picanço	Comunidade Quilombola do Ambé
19	E.Q.E General Carrombert Costa	Comunidade Quilombola Ilha Redonda BR 156
20	E.Q.E Cachoeira do Rio Pedreira	Cachoeira do Rio Pedreira
21	E.Q.E Daniel de Carvalho	Comunidade Quilombola do Santo Antônio da Pedreira
22	E.Q.E Do Pescado	Comunidade Quilombola Rio Pescado
23	E.Q.E José Bonifácio	Quilombo do Curiaú
24	E.Q.E Nestor Barbosa da Silva	Comunidade Quilombola da Ressaca da Pedreira
25	E.Q.E Retiro do Pirativa	Comunidade do Pirativa
26	E.Q.E Pedro Alcântara Chaves Lopes	Comunidade Quilombola Abacate da Pedreira

Fonte: NEER/SEED (2023)

De acordo com a relação de escolas quilombolas fornecidos pelo Núcleo de Educação Étnico-Racial (NEER) da SEED/AP, no ano de 2023, os munícipios de Calçoene e Itaubal não dispõem de escola quilombola apesar de abrigar quilombos, conforme o mapa da localização destes no estado.

Figura 34 – Mapa da localização das escolas quilombolas no Amapá



Fonte: Silva (2014)

A indicadores disponibilizados pelo NEER/SEED/AP age em consonância com as bases legais sobre escola quilombola. De acordo com o Parecer CEB/CNE/16/2012 "entende-se por escola quilombola aquela localizada em território quilombola" (BRASIL, 2012, p.65). Assim, o processo de construção de uma escola quilombola está associado às vivências e interpretações da comunidade, pois cada uma tem o seu processo histórico de construção.

A Educação Quilombola acontece nas escolas quilombolas ou nas escolas que recebem estudantes oriundos desses territórios através do compartilhamento da cultura e dos saberes vivenciados no quilombo. Todo esse dinamismo, conforme Silva (2007), autora da Cartilha "Educação Quilombola: um direito a ser efetivado", inclui a família, a convivência com os outros, as relações de trabalho e com o sagrado, a vivência na escola, nos movimentos sociais e em outras organizações da comunidade.

À luz das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006), é necessário desvelar trilhas para a construção de um fazer pedagógico antirracista, intercultural, inclusivo e verdadeiramente democrático e, a partir da ação, possa se refletir sobre a ação e assim criar novas possibilidades de educar. Ainda de acordo com o documento, o que se espera da Educação Quilombola:

> é que o processo educativo formal contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento. Espera-se desse modo que crianças, adolescentes e jovens, na relação com a sua natureza histórica e cultural consigam portarem-se, manter-se e situarem-se dentro da sua comunidade, nos diversos níveis de ensino e, principalmente, na disputa por um projeto de sociedade mais justa, fraterna e plural (BRASIL, 2006, p.143).

Quando olhamos para a realidade amapaense, percebemos que muito precisa ser feito. Alguns estudantes quilombolas, ao concluir o Ensino Fundamental, deslocam-se para os centros urbanos no intuito de prosseguir os estudos, são muitas as dificuldades que os jovens enfrentam, faltam condições de permanência a começar pela falta do transporte coletivo. Ao procurar as escolas localizadas nos bairros vizinhos, o estudante acaba se afastando da Educação Escolar Quilombola.

A EQEJB tentou implantar o Ensino Médio no ano de 2023, mas teve pouca adesão da comunidade e apesar deste fator, houve carência de professores, o que causou a desmotivação dos estudantes matriculados que preferiram ir em busca de outras escolas. Sendo assim, é necessário um estudo mais amplo para compreender esse universo que passa por falta de

organização no cerne da educação quilombola no Amapá. Sobre esse assunto, o pesquisador Custódio (2019, p. 12) nos diz o seguinte:

> No Ensino Médio se torna ainda mais rarefeito em alguns casos porque no estado do Amapá, essa modalidade de ensino está concentrada mais na sede dos municípios. Essa deficiência tem dificultado a permanência dos alunos na escola, haja vista, muitos desses alunos quilombolas e não quilombolas, encontrarem obstáculos na continuidade de seus estudos, e precisam se deslocar para a sede dos municípios e/ou para outras regiões mais próximas.

O acesso ao Ensino Médio é um direito garantido conforme Art. 18 da Resolução n.8/2012 dado o seguinte texto: "O Ensino Médio é um direito social e dever do Estado na sua oferta pública e gratuita a todos, nos termos da Resolução CNE/CEB nº 2/2012. (BRASIL, 2012, p. 9). Apesar da tentativa de implementação, observa-se que falta o estado investir em uma política pública de permanência dos estudantes na escola, a começar pela garantia do quadro de profissionais da educação para ministrar os componentes curriculares.

Busquei respostas junto ao NEER/SEED/AP sobre o que tem sido feito no âmbito da SEED para promover a educação quilombola nas escolas locais e obtive a seguinte informação da pasta:

> ***Técnica NEER/SEER/AP:*** *Olha, tem vários projetos. Nós fazemos visita nas escolas, fazemos encontros formativos como o encontro de gestores em 2019. Um outro evento que nós trabalhamos também em 2019, foi os jogos escolares que também envolve todas as escolas quilombolas, só teve essa edição por causa da pandemia. Nós estamos retomando essas ações, nós estávamos sem gerente, passamos mais de mês. Só que isso não impediu que nós continuássemos nosso trabalho aqui. Inclusive, nós estamos reagendando, revisitando, pra que em agosto a gente já... tem uma proposta pedagógica de matemática aí, de língua portuguesa que faz a recomposição, que agora não é mais recomposição é a composição de aprendizagem mesmo, né. Deu muito certo nas nossas escolas e nós vamos retomar. Tem um outro projeto que é o "Diversidade e Movimento" que a gente vai falando das leis, leva as oficinas, construção do material didático, tudo é feito. (Técnica NEER/SEER/AP, entrevista, 19/06/2023).*

Presume-se que as atividades de formação para as escolas quilombolas enfrentam um período de interrupção, pois desde 2019 a pasta não promoveu formação voltada para esta modalidade. O que se tem são prospecções para o 2ª semestre de 2023, por enquanto o Núcleo está voltado para a composição das aprendizagens dos estudantes quilombolas, desenvolvendo materiais pedagógicos de apoio à alfabetização e letramento escolar para apoiar esses estudantes no processo de ensino e aprendizagem que foi afetado pelo contexto pandêmico da COVID-19.

No âmbito educacional amapaense, não temos grandes avanços, dados apresentados no ano de 2021, coordenados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), através do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – o qual busca mensurar a qualidade do ensino nas escolas públicas – , aponta para a média 4,7 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 3,9 nos anos finais do Ensino Fundamental, o índice é indicado em uma escala de 0 a 10.

Voltando o nosso olhar para a EQEJB, os índices projetados para as escolas públicas do Amapá foi de 4,8 para os anos iniciais e de 4,6 para os anos finais. No entanto, a Escola Quilombola Estadual José Bonifácio alcançou o Ideb de 4,0 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 3,5 nos anos finais do Ensino Fundamental, não atingindo o índice proposto.

O IDEB de 2021 corresponde ao ano de 2020, então estávamos vivendo no contexto pandêmico e isolamento social. Como sabemos, esse período foi muito dificultoso de forma geral, exigindo grandes esforços para consolidar a educação à nova proposta, de ensino remoto emergencial. De acordo com a coordenação pedagógica de EQEJB, o IDEB de 2021 trata-se de uma resposta dos pais dos estudantes, pois

> ***Coordenação Pedagógica:*** *Eu costumo dizer que no Ideb de 2021 é o Ideb dos pais dos alunos, eles que foram avaliados porque era eles que ajudavam os alunos a fazer as atividades, as vezes faziam pelos filhos ou até pagavam pros outros fazerem, a gente sabe (Coordenação Pedagógica , entrevista, 17/01/2023).*

Ainda de acordo com a Coordenação Pedagógica, a falta de um aparelho celular dificultou a realização das atividades entre os estudantes e o Auxílio Emergencial – um programa do Governo Federal que objetivou suavizar os impactos da pandemia de COVID-19 – foi importante para que os pais conseguissem comprar um aparelho com mais recursos tecnológicos.

> ***Coordenação Pedagógica:*** *Os alunos na maioria ou 50% estavam usando o celular do pai, da mãe. Mas tem celular que nem tem aquele recurso de abrir PDF, né. Tem muitos pais que nos disseram né, principalmente as mães que por exemplo, trabalham e quando chegam do trabalho e aí vão disponibilizar o celular para o filho fazer a atividade e são um, dois, três filhos. A maioria não conhece a nossa realidade, a maioria dos nossos pais são autônomos e domésticas né, alguns aproveitaram esse auxílio e compraram um celular, se equiparam. (Coordenação pedagógica, entrevista, 09/02/2021).*

A pandemia de COVID-19 escancarou ainda mais a desigualdade social entre as populações. Enquanto as escolas públicas da área urbana faziam uso das tecnologias através de plataformas digitais para as aulas, os estudantes quilombolas faziam uso de cartilhas

montada e custeada pelos professores dos componentes curriculares e utilizavam o *WhatsApp* e o *Facebook* como um canal de comunicação com os pais e com os estudantes.

Desse modo, os estudantes tiveram a aprendizagem comprometida, enfrentaram dificuldades quanto aos conteúdos didáticos no retorno presencial, o qual ocorreu após o Decreto nº 2.498, expedido em 19 de julho de 2021 – autorizou o retorno gradualmente das aulas presenciais.

De acordo com o Referencial Curricular Amapaense (RCA), de 2019, a educação quilombola no Amapá está em fase de construção, sendo articulada entre as comunidades quilombolas. Cooperam para esta estruturação, a Resolução nº 025/16 e, mais recentemente, o documento intitulado: "Políticas para Elaboração e Revisão do Projeto Político Pedagógico – PPP" o qual trata de um roteiro para alinhar o Projeto Político Pedagógico das escolas do estado do Amapá.

A educação escolar quilombola é uma ação indissociável da educação quilombola. Ela é importante para aproximar a vivência da comunidade no currículo da escola e, para Moisés Bezerra (2019, p.101): o "currículo de uma Escola Quilombola deve integrar os conteúdos das disciplinas oficialmente estabelecidas à cultura, ancestralidade, territorialidade e valores civilizatórios das comunidades remanescentes de Quilombos".

Observa-se que, após anos de publicação da Lei 10.639/03 e da Resolução n. 08/2012, ainda há muito a ser consolidado entre as ações do estado e do NEER/SEED/AP responsável pelo suporte técnico pedagógico, formação inicial e continuada nas escolas quilombolas e organização dos projetos, tais como: jogos escolares quilombolas, diversidade em movimento e encontro de gestores quilombola.

Após 20 anos da Lei 10.639/03 e 11 anos da Resolução n. 08/2012, percebe-se que muito precisa ser feito e a falta de formação inicial e continuada para os professores quilombolas continua, o que se configura como um problema histórico por falta de políticas públicas e investimento financeiro dos órgãos competentes.

Por tanto, o Projeto Curiaú Mostra a tua Cara é uma iniciativa primordial para fazer a manutenção da cultura criauense e reforçar valores ancestrais da comunidade dentro das ações da escola para os estudantes e profissionais da educação, é uma expressão antirracista e de resistência do território, o ato do Projeto existir e manter-se vivo apesar dos entraves também é resistência. Na seção a seguir, iremos adentrar a historicidade do *Curiaú Mostra a tua Cara.*

3 “É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!”: A IDENTIDADE CULTURAL E INSTITUCIONAL DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

O Quilombo é visto / O Quilombo é história
O Quilombo tem título / Tem escola Quilombola
É uma questão de pele / É uma questão de cor
Curiaú Mostra a Tua Cara / O Projeto se afirmou
(Memórias da Minha Escola, Turma 8ª ano da EQEJB, 2022).

À luz do trecho do ladrão de Marabaixo: “É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA A TUA CARA” escrito por estudantes do 8º ano da EQEJB, navegaremos por esta terceira seção. Esses versos foram construídos de acordo com visão dos estudantes a respeito do Projeto e apresenta o Quilombo em sua dimensão histórico-cultural. O objetivo desta seção é investigar as circunstâncias que deram origem ao PCMTC e como ele vem sendo interpretado e executado pela escola com base nos apontamentos realizados durante a pesquisa.

Nesse bojo, para alcançar informações precisas quanto a datas, especificamente sobre o surgimento do Projeto, também analisei documentos do tipo ofícios e cadernos de planejamento cedidos pela biblioteca da EQEJB, pelo tempo de conservação e teor de conteúdo, fornecidos pelas professoras Irene Bonfim, Poço do Cajú e Piedade Videira.

Há um certo “desencontro” de informações quanto ao ano que marca a origem do Projeto, alguns professores relatam que foi no ano 2000, outros afirmam que foi no ano de 2003. Para elucidar esta informação, busquei os estudos investigativos de Videira (2013, p.286), os quais nos mostram que

> desde 2000 esse trabalho de valorização das raízes e das pessoas mantenedores da história e cultura do Quilombo do Cria-ú iniciou na escola, voltado para a educação infantil e, em seguida, detectado o mesmo problema com os (as) adolescentes da comunidade, expandiu as ações do projeto para os educandos em geral.

É importante esclarecer que a escola realiza, desde o ano 2000, projetos voltados para a valorização do Quilombo e tudo começou na Educação Infantil e depois alcançou o Ensino Fundamental; no entanto, as atividades eram realizadas de maneira pontual, alusivas ao mês de novembro no qual se comemora o Dia da Consciência Negra. Somente no ano de 2003, estas atividades ganharam uma nova roupagem e recebeu o nome de Projeto Questão de Pele.

O marco para a criação do Projeto ocorreu no mês de março do ano 2003, no Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, quando as professoras Elienan Lobo e Josicléia Gomes, ambas professoras na Educação Infantil – mencionadas pelo nome por não estarem atuando na EQEJB – ministravam o conteúdo de aula com as crianças do 3º período da Educação Infantil, a faixa etária dos estudantes era de seis anos de idade.

De acordo com os relatos da Profa. Irene Bonfim, a atividade do Livro *Cartilha do Saber* consistia em pintar o personagem com o qual a criança se identificasse. Havia 3 personagens ilustrados: o negro, o branco e o indígena e todas as crianças pintaram o personagem branco, indicando que não se identificavam como negras. Busquei encontrar o Livro mencionado pela Profa. Irene, no entanto, sem êxito.

> ***Profa. Poço do Cajú****: Era mais ou menos assim a atividade do livro, a gente se inspirou para fazer outra atividade depois, essa uma também tinha que pintar o desenho e cobrir com aquele que se identificasse e depois pintar a caixa com o nome da cor e colocar o seu nome. Nós realizamos esse trabalho no Dia das Raças, com as crianças. Essa foi a atividade de uma aluna, eu não tenho a matriz, só o trabalho pintado. (Profa. Poço do Cajú, entrevista, 15/12/2022).*

Consegui localizar junto à Profa. do Cajú uma atividade realizada em sala que remete à atividade realizada no ano de 2003. Ressalto que esta atividade abaixo, apresentada pela professora, foi realizada no dia 05 de maio de 2005.

Figura 35- Atividade semelhante a Cartilha do Saber

Fonte: Profa. Poço do Cajú (2023)

Continuando meu itinerário investigativo, busquei informações junto à professora Elienan Lobo para saber como foi a atividade de sala que culminou no Projeto *Curiaú Mostra a tua Cara* e ela fez o seguinte relato:

> ***Profa. Elienan Lobo:*** *Foi durante uma atividade normal de pintura. A turma era cheia, eu tinha uns trinta alunos e já tinha pedido para dividir a turma. As crianças eram todas negras e moravam no quilombo. Quando recolhemos a atividade mostramos para a professora Irene pra ela vê porque não era normal, depois ela foi lá na sala conversar com eles e daí ela surgiu com a ideia de fazer a diferença através do projeto para que eles se valorizassem. Eu percebia que as crianças tinham uma baixa autoestima. (Profa. Elienan Lobo, entrevista, 21/12/2022).*

Quando perguntadas sobre os motivos que as levaram a se identificarem com o personagem branco, a Profa. Irene Bonfim, coordenadora pedagógica da Educação Infantil à época, disse:

> ***Profa. Irene Bonfim:*** *As crianças nem sabiam responder, simplesmente achavam que eram brancos e alguma criança que falou assim que não gostava do cabelo, não gostava de ser negra e ela chamou muita atenção porque era uma criança negra com todas as características. (Profa. Irene Bonfim, entrevista, 29/11/2022).*

Kabengele Munanga (2002) acena para três fatores que contribuem para a construção da identidade negra, sendo eles: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. Para o intelectual, ao buscar sua identidade, o negro tem "problemas específicos" tais como "a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua "inferiorização" e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política etc". (MUNANGA, 2022, p.19).

Ainda nesta seara, a psicanalista Neusa Santos, autora do livro: "Tornar-se negro" (1983, p. 77) afirma:

> Ser negro, é além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro, é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é torna-se negro.

Seguindo o itinerário de pesquisa, pude contar com o aceite da Profa. Irene Bonfim em ser entrevistada e dialogar sobre o PCMTC. Desloquei-me ao seu encontro até sua residência e passamos uma agradável manhã "proseando" sobre a educação para as relações étnico-raciais e a importância do Projeto para a (re) afirmação da identidade criauense. Seus olhinhos brilhavam ao revisitar as memórias de sua atuação na EQE José Bonifácio principalmente

quando começou a falar sobre o processo de construção do PCMTC. Presenteei-a com essa boneca negra que ela segura na imagem da figura 34, confeccionada pela escritora e moradora do Quilombo, Esmeraldina dos Santos.

Figura 36 – Profa. Irene Bonfim

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Amapaense, 67 anos de idade, Profa Irene Bonfim é professora do antigo Magistério e não cursou o nível Superior, disse que até tem vontade, sua filha a motiva para fazer uma graduação à distância, mas ela afirma que "está bom assim". Ela me emprestou um caderno de capa dura, na cor vermelha, que utilizava para fazer anotações do seu trabalho enquanto coordenadora pedagógica da Educação Infantil. No entanto, algumas páginas foram destacadas ao longo dos anos e ela me disse que não lembra para quem doou estas páginas e eram páginas justamente sobre o Projeto *Curiaú Mostra a tua Cara.*

Considero este caderno de planejamento muito rico, importante fonte de dados. Apesar das folhas destacadas, foi possível obter informações importantes, as quais visualizaremos na andança por esta seção.

A Profa. Irene narrou uma das iniciativas realizadas pela escola para que as crianças sentissem orgulho da sua cor e da sua identidade. Em parceria com a União dos Negros do Amapá (UNA), a escola promoveu um desfile, à época em que a Profa. Dra. Piedade Videira atuava como coordenadora de projetos da UNA, e foram selecionadas personalidades negras amapaenses para que acompanhassem as crianças durante o desfile com o intuito de fazer com que pudessem perceber que o negro também ocupa cargos altos na sociedade. A seguir ela nos conta:

> ***Profa. Irene Bonfim:*** *Quando chegou no mês de novembro, ia ter o Festival na UNA aí eu disse vamos fazer o seguinte: vamos atrás de pessoas que independente da classe são negras e a gente aproveita e faz um trabalho na UNA pra levar eles. Aí as pessoas da comunidade que nem eles conheciam foram convidadas, D. Rossilda que era parteira, Seu Coruja, Seu Sebastião. Aí aqui é que praticamente ele surge, mas ainda não surge com o nome de Curiaú Mostra tua Cara, aí eu fui atrás de umas pessoas que eram muito bem quistas na comunidade e faziam trabalhos, aí foi convidada a Professora Ozelina, a Lourdes, a Tavares, a Piedade, o mestre Pavão, Prof. Manoel Azevedo (Maneca), a deputada Cristina Almeida, eu contactei com essas pessoas para que eles fossem padrinhos dessas crianças e eles iam fazem um desfile com elas.(Profa. Irene Bonfim, entrevista, 29/11/2022).*

Figura 37 –Rossilda Joaquina Santos

Fonte: Heranças Ancestrais do Curiaú (2023)

Dona Rossilda, moradora da comunidade, fez sua passagem para o plano espiritual no ano de 2020, aos 84 anos de idade. Em vida, foi benzedeira, parteira, puxadeira e possuía um vasto conhecimento sobre a manipulação das plantas medicinais.

O seu Coruja reside no Cria-ú, à época do desfile na UNA, ocupava o cargo de Presidente da Associação dos Moradores do Cria-ú e se destacou buscando alternativas para melhorar as condições de vida dos moradores da comunidade.

Seu Sebastião, o "Sabá" é atuante até os dias de hoje na preservação da cultura da comunidade através dos seus livros e do Jornal do Quilombo.

Figura 38 – Algumas produções do seu Sabá

Fonte: G1 Amapá (2019)

As personalidades negras foram convidadas a "amadrinhar" e "apadrinhar" as crianças e acompanhar o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Nesse tempo, dona Lourdes era Presidenta do Instituto de Mulheres Negras do Amapá (IMENA), a Profa. Dra. Piedade, atuante na luta dos movimentos sociais pela valorização da cultura afroamapaense, já se destacava no campo educacional e a sra. Cristina Almeida mostrava-se em ascensão no campo político na função pública de deputada estadual (3 mandatos consecutivos).

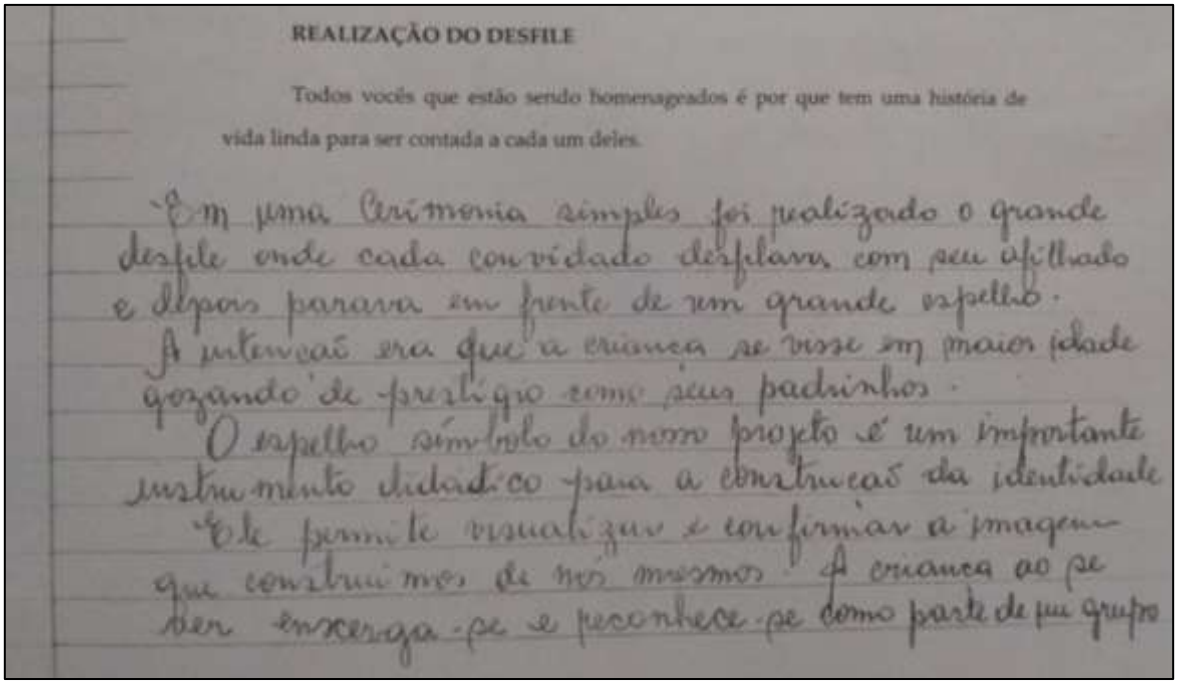
Figura 39- Desfile na UNA

Fonte: Caderno de planejamento (2023)

Entrei em contato com o Jornal *A Gazeta* – responsável por cobrir o desfile na UNA – indaguei sobre os registros e recebi a informação de que os dados foram perdidos. No entanto, consegui alguns poucos registros cedidos pela Profa. Dra. Piedade Videira e pela coordenação de Projetos da EQEJB.

De acordo com o roteiro de apresentação, cedido pela Profa. Dra. Piedade Videira, do Projeto *Curiaú Mostra a tua Cara* para o "I Seminário Negritude Amapá: a Cultura e o Imaginário Negro amapaense na sala de aula" realizado pelo NEER/SEED/GEA, nos dias 25 e 26 de maio de 2009, na cidade de Macapá-AP. O desfile foi o marco inicial para o desenvolvimento de atividades de valorização da identidade negra quilombola, além de reafirmar que o lugar de negro é onde ele quiser estar, conforme podemos observar na viagem abaixo:

Figura 40 - Objetivo do desfile



REALIZAÇÃO DO DESFILE

Todos vocês que estão sendo homenageados é por que tem uma história de vida linda para ser contada a cada um deles.

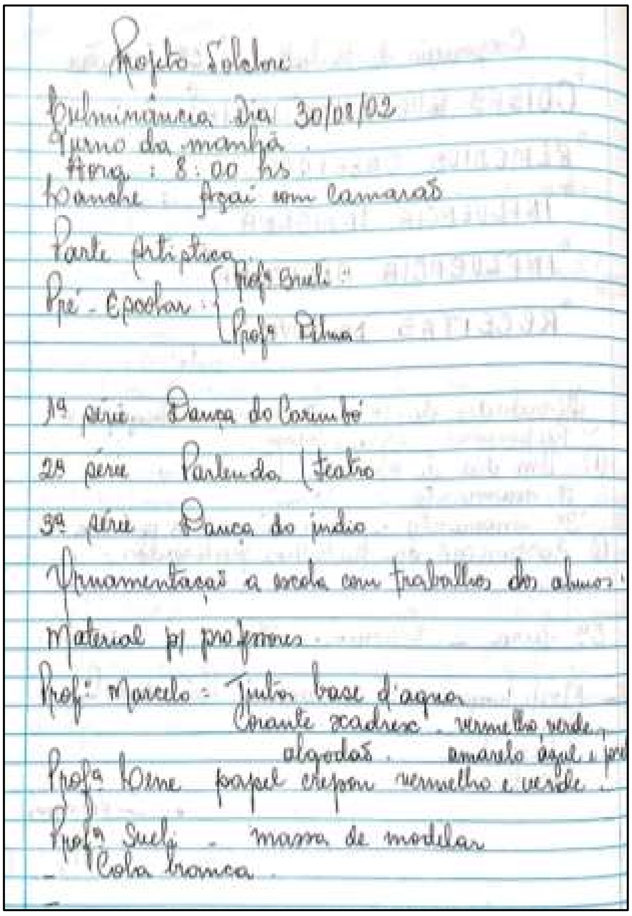
Em uma cerimonia simples foi realizado o grande desfile onde cada convidado desfilava com seu afilhado e depois parava em frente de um grande espelho.
A intenção era que a criança se visse em maior idade gozando de prestigio com seus padrinhos.
O espelho símbolo do nosso projeto é um importante instrumento didático para a construção da identidade
Ele permite visualizar e confirmar a imagem que construimos de nós mesmos. A criança ao se ver enxerga-se e reconhece-se como parte de um grupo

Fonte: Piedade Videira (2023)

A programação deste dia foi prenhe de ações para valorizar a identidade negra quilombola, houve também um desfile de princesas negras, uma adaptação dos livros de contos de fada e filme infantis, como a “Preta de Neve” ao invés da “Branca de Neve”. A comunidade criauense foi prestigiar seus laços de parentesco no dia do evento, o qual ocorreu no fim de tarde nas dependências da UNA.

Ao continuar a navegação pelas páginas do caderno de planejamento da Profa. Irene Bonfim, pude verificar que faltam as primeiras 9 páginas, a marca do rompimento mostra que estas páginas continham escritos, adiante, folheando, pude perceber que boa parte dos registros tratam do Projeto Folclore do ano de 2002 e mostram a sua estrutura de planejamento e execução, conforme figura abaixo:

Figura 41 – Projeto Folclore


Projeto Folclore
Culminância dia 30/08/02
Turno da manhã.
Hora: 8:00 hs
Lanche: Açaí com camarão
Parte Artística
Pré-Escolar: Profª Bruli / Profª Bilma
1ª série Dança do Carimbó
2ª série Parlenda (teatro
3ª série Dança do índio
Ornamentação a escola com trabalhos dos alunos
Material p/ professores
Profº Marcelo: Tinta base d'água / Cranto xadrez. vermelho, verde, / algodão. amarelo azul e
Profª Irene papel crepom vermelho e verde.
Profª Sueli - massa de modelar
- Cola branca.

Fonte: Irene Bonfim (2022)

Podemos notar a divisão das equipes de trabalho e as apresentações da Educação Infantil e do Ensino Fundamental orientadas pela Profa. Irene. Verifica-se, neste primeiro momento, que as apresentações remetiam à valorização da cultura indígena e dos contos folclóricos que também fazem parte da cultura da Amazônia, no entanto a dança do carimbó é típica do estado do Pará, o que não coaduna com a cultura do Quilombo que abriga o Batuque e o Marabaixo.

Mas isto não quer dizer que os estudantes não devem aprender sobre a dança do Carimbó ou outras manifestações artísticas, compreendo que a região amazônica é um berço cultural de manifestações e costumes. Nesse sentido, Gonçalves (2022) afirma que a região amazônica é distinta culturalmente, por isso penso que aí está a importância dos estudantes conhecerem a pluralidade cultural das Amazônias, já que se trata de um contexto no qual estamos inseridos.

Porém, ao falarmos de comunidades quilombolas, o conhecimento deve partir da realidade cultural local, como propõe a Resolução n.08/2012, o Parecer CNE/CEB n.º 16/2012 as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o RCA e a Resolução CEE/AP n.º 025/16. Enfatizar o Batuque e o Marabaixo é uma premissa para um currículo afrorreferenciado, de acordo com Piedade Videira (2013, p. 17)

> Para mim a cultura local deveria funcionar como "primeiro passo", espécie de "ponto de partida" para o reencontro dos educandos com sua ancestralidade negra e os processos históricos de seus antepassados ao compreenderem a cultura como teia de significados que o ser humano constrói a partir de referenciais históricos e sociológicos.

Nesse sentido, o professor que atua na escola quilombola deve atentar-se para esta especificidade para que consiga transmitir aos estudantes o significado do tecido escolhido para compor os trajes das dançadeiras de Marabaixo, dos versos que compõem o ladrão (no caso do Marabaixo) e bandaias (no caso do Batuque), das técnicas e matéria prima utilizados para confeccionar os instrumentos musicais, e o contexto histórico social que deu origem aos passos dançantes. A esse respeito, Piedade Videira (2009, p. 138), ao abordar a identidade étnica do negro através do Marabaixo, nos diz que

> As danças de expressões das culturas africanas e afrodescendentes são em si, plenas, indizíveis, e nos causam sensações e experiências inexplicáveis. Demonstram, assim, que são milimetricamente pensadas e sistematizadas. Por isso, a dança afro é o resultado do desenvolvimento pleno de quem dela participa, logo, não está no sangue, não é aleatória e muito menos improvisada. Ela é criada a partir da construção social e cultural de uma dada comunidade. Dessa forma, ela nasce da concepção de mundo do ser dançante, de uma construção cognitiva que expressa suas vivências e memória histórico-ancestral e que, por sua vez, valida a existência.

E todos estes aspectos figuram a "influência africana" no currículo conforme propunha a Figura 37, acima. O currículo e o PPP devem ser elaborados a partir da realidade da comunidade escolar, pois é o documento de identificação da escola e deve seguir as especificidades do território, não há um modelo pronto para todas as escolas, cada uma deve constituir o seu de acordo com a realidade vivenciada pelos estudantes. De acordo com o RCA, os currículos e as práticas pedagógicas das escolas quilombolas precisam dialogar com os saberes e a ancestralidade destas comunidades.

Os livros didáticos ainda apresentam elementos conceituais e metodológicos dos componentes curriculares e apresentam a imagem do negro de forma negativa, estereotipada relacionando a sua imagem às condições análogas à escravidão. Diante disso, Gomes (2012,

p.107) afirma que “a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente”. Para a intelectual Eugénia Foster (2015, p. 139), as imagens estereotipadas do negro na literatura acabam por convencer

> o negro e os outros de que ele é mau, é feio, é incapaz de ocupar determinados lugares, difundindo uma imagem negativa, a literatura destacou-se na construção da inferioridade dos negros, ajudando a hierarquizar posições sociais e comportamentos: “O negro não pode fazer isso porque...”; “Isso é coisa de negro...”; “Acultura do negro é baixa, é primitiva, é oposta à cultura moderna, europeia..., etc”; ou então, endossando o controle e a violência policial”.

Descolonizar o currículo exige esforço e empenho de toda a equipe escolar, pois devem trabalhar juntos para que a mudança aconteça de fato. Não se trata somente dos livros didáticos utilizados pelos professores em sala de aula, mas daqueles que fazem parte da biblioteca, onde o aluno faz pesquisas e empréstimo desse material. O racismo também está nas ausências e nas imagens que remetem à desvalorização do negro como bem coloca Foster (2015).

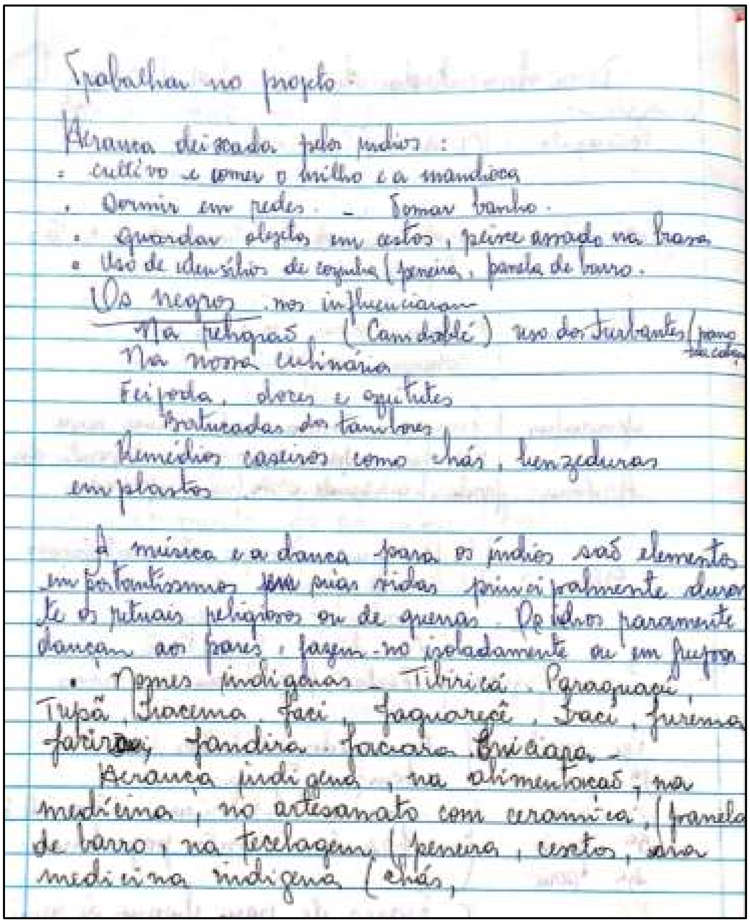
Com base no que pude observar no caderno de planejamento cedido pela Profa. Poço do Cajú, a escola desenvolvia um projeto ou mais durante cada mês do ano, eram escolhidas algumas datas comemorativas importantes e cada semana era desenvolvida a temática em sala aula com as ações elaboradas em parceria entre professores e coordenação pedagógica. Já o Projeto Folclore era desenvolvido durante todo o mês de agosto, o mês celebrativo do Dia do Folclore.

Durante a execução do Projeto Folclore, os professores de cada componente curricular deveriam relacionar o conteúdo didático com o universo da temática e, no dia da culminância do projeto, os estudantes faziam exposições de seus trabalhos elaborados na turma.

Na Educação Infantil, as atividades eram mais lúdicas fazendo uso de colagens, pintura, massa de modelar e desenho. Ao chegar nesta página expressa na figura 42, pude perceber a metodologia indicada pela coordenadora pedagógica.

Os professores deveriam desenvolver atividades pedagógicas com o intuito de enriquecer a discussão sobre o folclore, além de “*ensaiar danças, lendas e música, ornamentar a escola e preparar as comidas e os alunos tinham que participar dos ensaios para a apresentação do projeto”*, conforme afirmou a Profa. Irene.

Figura 42-Ações do Projeto Folclore


Trabalhar no projeto:
Herança deixada pelos índios:
: cultivo e comer o milho e a mandioca
. Dormir em redes - Tomar banho.
. Guardar objetos em cestos, peixe assado na brasa
. Uso de utensílios de cozinha (peneira, panela de barro.
Os negros nos influenciaram
Na religião, (Candomblé) uso dos turbantes (pano na cabeça)
Na nossa culinária
Feijoada, doces e quitutes
Batucadas dos tambores
Remédios caseiros como chás, benzeduras emplastos
A música e a dança para os índios são elementos importantíssimos em suas vidas principalmente durante os rituais religiosos ou de guerra. Os índios raramente dançam aos pares: fazem-no isoladamente ou em grupos.
. Nomes indígenas - Tibiriçá. Paraguaçu, Tupã, Iracema, Jaci, Jaguaracê, Iraci, Jurema, Jacira, Jandira, Moacir, Ubiraja.
Herança indígena, na alimentação, na medicina, no artesanato com cerâmica, (panela de barro, na tecelagem, (peneira, cestos, rede) medicina indígena (chás,

Fonte: Irene Bonfim (2022)

Verifica-se que a abordagem sobre a temática étnico-racial ocorria na EQEJB em uma vertente folclórica, criando obstáculos e também reforçando os já existentes, mesmo que tal atitude fosse feita de maneira inadvertida aos estudantes quilombolas, por considerar a cultura negra como algo pitoresco, diferente, celebrada em momentos pontuais ao invés de considerar como ponto de partida para a aprendizagem, como assevera Piedade Videira (2013).

O pesquisador Albert Alan Cordeiro (2022), em seus estudos sobre Educação Intercultural, afirma que não se trata de uma "inviabilização" de tais programações na escola, mas que "elas precisam ser devidamente analisadas e situadas historicamente, com vistas a corroborar com a melhoria da ação escolar, para que não reproduza preconceitos e estereótipos." (CORDEIRO, 2022, p. 319).

Assim, ao analisar a imagem ao lado sobre o que deveria ser "trabalhado no projeto" e como item sublinhado "os negros nos influenciam", chamo Zélia Amador de Deus (2019), a qual nos leva a refletir sobre uma nova forma de aceitar o negro na sociedade a qual assinala o destaque a cultura negra, somente o que contribui para a construção da cultura nacional.

Podemos observar que as temáticas voltadas para a educação para as reações étnico-raciais ainda eram tímidas. Mesmo assim, a escola já estava a frente de seu tempo. A esse respeito, Piedade Videira (2013, p. 307) aponta:

> O passo inicial vem sendo dado pela escola antes mesmo da lei 10.639/03 ser sancionada no Brasil. Desde o ano 2000, a direção, corpo técnico e alguns (mas) professores (as) perceberam que o conteúdo e o currículo escolar não tinham nenhuma relação com o Quilombo do Cria-ú e suas peculiaridades. A partir dessa constatação, sentiram a necessidade de voltar alguns conteúdos para a realidade vivida e experienciada pelos criauenses e educandos em ambiente escolar que vem se lapidando com o tempo.

No ano de 2003, o PCMTC sofreu modificações estruturais, talvez este seja o pivô dos desencontros de informações quanto ao ano de início das atividades. Neste ano, as ações voltadas para a valorização da identidade quilombola e da cultura negra receberam maior atenção devido ao acontecido na sala da Profa. Elienan Lobo, assim a programação na UNA mobilizou os estudantes ao (re) encontro do orgulho de sua cor, ao sentimento de pertencimento para que eles pudessem valorizar a sua cultura e a ancestralidade do quilombo.

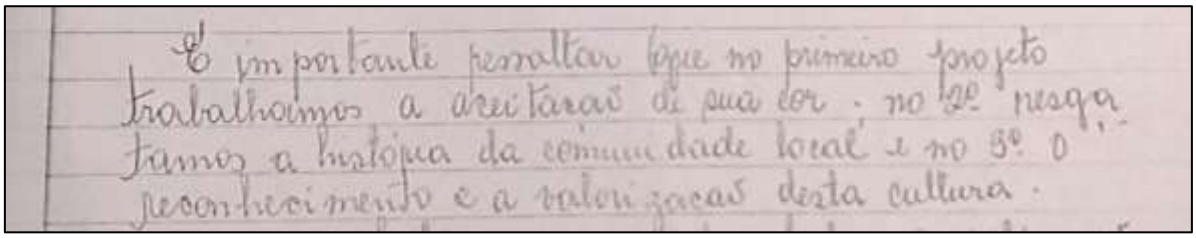
De acordo com a Profa. Poço da Maré, o Projeto foi se expandindo e quebrando as barreiras do preconceito dentro da própria escola, fazendo com que os estudantes fossem ensinados a se orgulhar de suas raízes e ter autoestima positiva. Nesse diapasão, Petit (2015, p. 197) afirma:

> Mais do que isso, como uma maneira de descobrir aspectos tão importantes da própria cultura, e reconhecê-los como herança africana, algo de grande importância, pois o fortalecimento da identidade de um aluno pode trazer grandes benefícios, ultrapassando os limites da autoestima elevada e podendo construir seres humanos com mais dignidade e melhores condições de vida.

O Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* foi se fortalecendo e ganhando notoriedade na sociedade justamente por contribuir para a (re) afirmação do negro em todos os âmbitos. Nos anos seguintes, continuou-se trabalhando na escola a temática racial no bojo mais aproximado à cultura negra e ao reconhecimento de suas identidades, utilizando a cultura do Quilombo para a escolha dos temas que seriam trabalhados.

As informações contidas no Roteiro de Apresentação do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* para o I Seminário Negritude Amapá afirmam que, no ano de 2003, foi enfatizando a valorização da cor. No ano de 2004, trabalhou-se a história do Quilombo do Cria-ú e no ano de 2005 a valorização da cultura negra, conforme figura abaixo:

Figura 43 – Registro das ações do PCMTC


É importante ressaltar que no primeiro projeto trabalhamos a arte afro e sua cor. no 2º resgatamos a história da comunidade local e no 3º o reconhecimento e a valorização desta cultura.

Fonte: Piedade Videira (2023)

A escola continuou atuando na vertente de combate aos racismos, preconceitos, enfatizando a cultura do Quilombo do Cria-ú. A essa altura, já despontava o incentivo legal das leis antirracismo, através da aprovação da Lei nº 10.639/2003, da Resolução nº 1/2004 e do Parecer CNE/CP n.º 003/2004. Este último, que teve por relatora a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Dias, trouxe a seguinte determinação:

> O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (BRASIL, 2004, p.6).

Assim, o conjunto das normativas vieram a fortalecer e motivar a instituição nas ações que já vinham sendo realizadas desde o ano de 2000. Nesse período, quem estava a frente da gestão da EQEJB era a Professora Rosa Elanha da Costa Ramos Fernandes, a qual trabalhou na escola durante quatorze anos (2001 – 2015) e exerceu a função de professora de sala antes de atuar na gestão escolar.

Figura 44 - Profa. Rosa Elanha

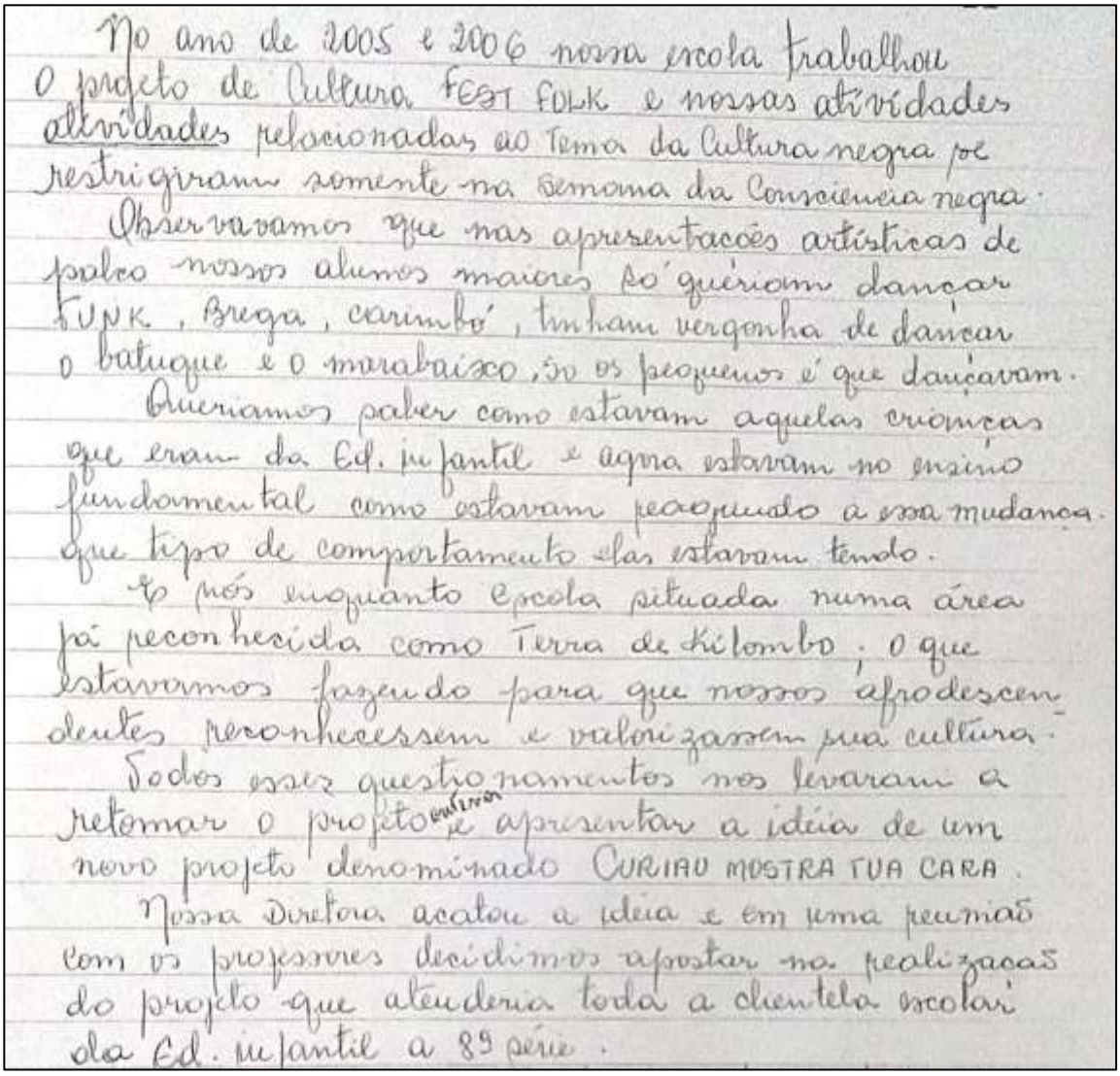
Rosa Elanha Fernandes: *Quando eu cheguei na escola, a escola fazia o Fest Folk, né. Que era o modismo à época, né. Que era o festival de cultura e a gente achava bonito né, o nome Fest Folk e a gente reproduzia isso. Mas a partir do momento que a gente começou a perceber que as nossas crianças não se reconheciam como negro tinham vergonha, não queriam ser negro porque não queriam ser escravo, não queriam sofrer e a partir de então esse Fest Folk, é... a gente deu outro nome que a gente batizou ele de Curiaú Mostra Tua Cara, a gente queria mostrar a cara do Curiaú, a gente queria identificar aquele aluno, a gente queria fortalecer aquele aluno, a gente queria criar naquele aluno um sentimento de pertencimento com a sua comunidade, com a sua cor, com a sua origem e com a sua raça. (Rosa Elanha Fernandes, entrevista, 05/07/2023).*

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

A partir do relato da Profa. Rosa Elanha, podemos inferir que o Fest Folk era o evento responsável por culminar as ações do Projeto Folclore desenvolvidas no mês de agosto. Percebe-se que os anos de 2005 e 2006 são decisivos para a consolidação efetiva do PCMTC na escola.

De acordo com o roteiro de apresentação analisado nesta seção, nestes anos supracitados, a escola voltou a trabalhar o Fest Folk conforme a informação a seguir:

Figura 45- Descrição do PCMTC – Fest Folk



No ano de 2005 e 2006 nossa escola trabalhou o projeto de Cultura FEST FOLK e nossas atividades atividades relacionadas ao Tema da Cultura negra se restringiram somente na Semana da Consciencia negra.

Observavamos que nas apresentacões artísticas de palco nossos alunos maiores só queriam dançar FUNK, Brega, carimbó, tinham vergonha de dançar o batuque e o marabaixo, só os pequenos é que dançavam.

Queriamos saber como estavam aquelas crianças que eram da Ed. infantil e agora estavam no ensino fundamental como estavam reagindo a essa mudança. Que tipo de comportamento elas estavam tendo.

Nós enquanto escola situada numa área já reconhecida como Terra de Kilombo, o que estavamos fazendo para que nossos afrodescendentes reconhecessem e valorizassem sua cultura.

Todos esses questionamentos nos levaram a retomar o projeto e apresentar a ideia de um novo projeto denominado CURIAU MOSTRA TUA CARA.

Nossa Diretora acatou a ideia e em uma reunião com os professores decidimos apostar na realizacaõ do projeto que atenderia toda a clientela escolar da Ed. infantil a 8ª série.

Fonte: Piedade Videira (2023)

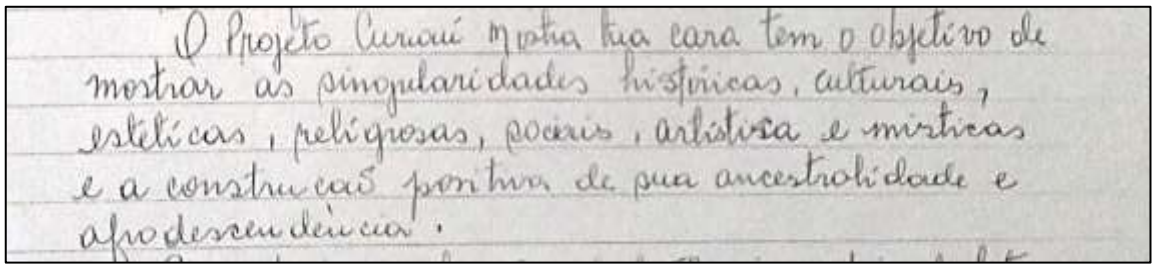
A partir desse relato, podemos afirmar que a nomenclatura “Curiaú Mostra Tua Cara” nasceu no ano de 2007, após uma reunião da equipe escolar da EQEJB ao verificar que os

estudantes maiores tinham preferência pela dança de outros ritmos musicais ao Batuque e Marabaixo, ou seja, tinham preferências por outras culturas.

Sobre esse fenômeno, Glória Moura (1968) chama de aculturação, processo em que não acontece a perda total da identidade cultural, mas o negro tem sua identidade mesclada a outras. Corroborando para esta reflexão, Ramos (1954, p.4) afirma que a aculturação "supõe o valer mais de uma cultura em face de outra, do mesmo modo como a superioridade de certas raças em face de outras".

O "novo" projeto estabelecido com o objetivo de "mostrar a cara do Curiaú", conforme dito pela Profa. Rosa Elanha, foi nomeado Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* e tinha por vistas analisar o comportamento daquelas mesmas crianças da atividade de sala de aula 2003, após quatro anos da intervenção pedagógica do Projeto Questão de Pele, em relação à valorização da identidade negra quilombola. Por ocasião, a EQEJB também buscou realizar uma autoanálise sobre suas ações para a valorização da cultura negra e a "aposta" do limiar desse novo projeto foi abranger todos os segmentos educacionais da escola. Dessa maneira, o "novo" projeto surge com o seguinte objetivo:

Figura 46- Objetivo inicial do PCMTC

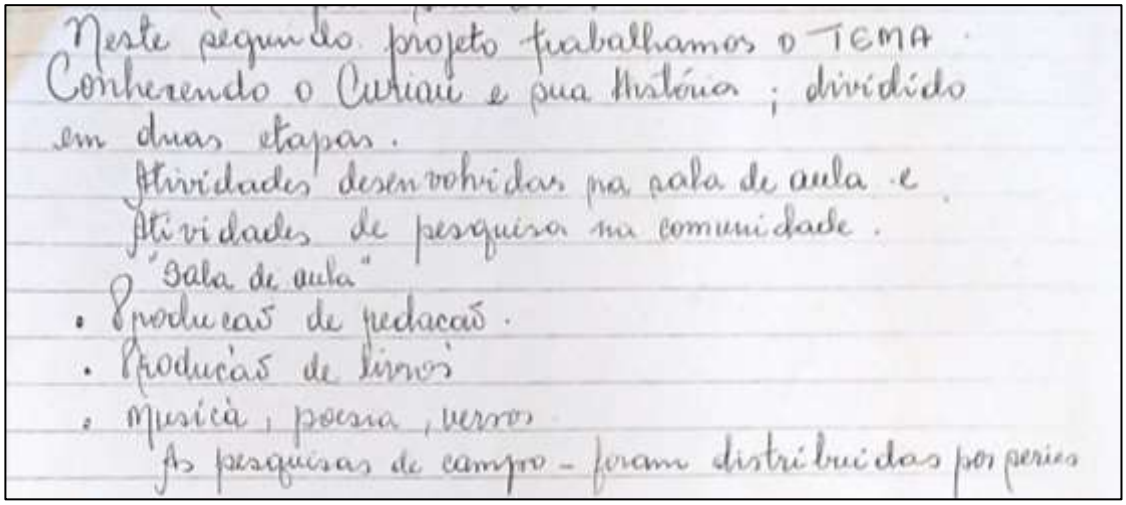

O Projeto Curiaú Mostra tua cara tem o objetivo de mostrar as singularidades históricas, culturais, estéticas, religiosas, sociais, artística e míticas e a construção positiva de sua ancestralidade e afrodescendência.

Fonte: Piedade Videira (2023)

Desse modo, nesta edição, foi abarcado o tema "Conhecendo o Curiaú e sua História" conforme o roteiro de apresentação para o I Seminário Negritude Amapá. A execução do Projeto foi realizada em duas etapas: atividades em sala de aula e pesquisa de campo com visitas a locais da comunidade criauense e com moradores mais antigos.

A figura a seguir ilustra a estrutura de desenvolvimento adotada para o desenvolvimento das atividades:

Figura 47 - PCMTC 2005


Neste segundo projeto trabalhamos o TEMA
Conhecendo o Curiaú e sua História ; dividido
em duas etapas.
Atividades desenvolvidas na sala de aula e
Atividades de pesquisa na comunidade.
"Sala de aula"
• Produção de redação.
• Produção de livros
• Música, poesia, versos
As pesquisas de campo - foram distribuídas por peries

Fonte: Piedade Videira (2023)

Nesse sentido, cada série[14] ficou responsável por pesquisar determinado tema contemplando o Quilombo do Cria-ú. Os resultados das pesquisas foram apresentados na culminância do Projeto no mês de novembro. De acordo com o roteiro de apresentação, o encerramento desta edição foi embalado por apresentações de dança dos estudantes ao ritmo do Reggae, Batuque, Marabaixo e Capoeira. Os moradores mais antigos da comunidade foram homenageados com diploma de honra ao mérito por fazer a diferença. Em linhas gerais, o evento foi uma celebração à cultura negra e identidade quilombola criauense, pois houve exposição de fotos do Cria-ú tiradas pelos estudantes durante a realização das pesquisas, bem como desfiles infantis.

Quanto às atividades desenvolvidas em sala de aula, todos os componentes curriculares receberam apontamentos sobre os temas que poderiam ser enfatizados durante a realização do PCMTC no mês de novembro. Assim, as ações desta edição contribuíram para a valorização da memória coletiva e individual, para a descolonização do currículo e no conhecimento, respeito, valorização e promoção das raízes e heranças culturais locais da história do Cria-ú no aspecto cultural.

Por outro lado, os moradores da comunidade foram oportunizados de acessar suas memórias infantis, juvenis, na condição de adultos e ansiãos fazendo esse exercício através da oralidade, envolvendo o passado e o presente no mesmo intervalo de tempo. Sobre a memória individual e coletiva, Maurice Halbwachs (1990) infere que as reminiscências corroboram

[14] Termo antes empregado para se referir ao ano de curso do Ensino Fundamental. A Lei nº 11.274/2006 determinou a mudança de nomenclatura ao considerar nove anos a duração do Ensino Fundamental. Assim, as escolas tiveram que se adaptar até o ano de 2010.

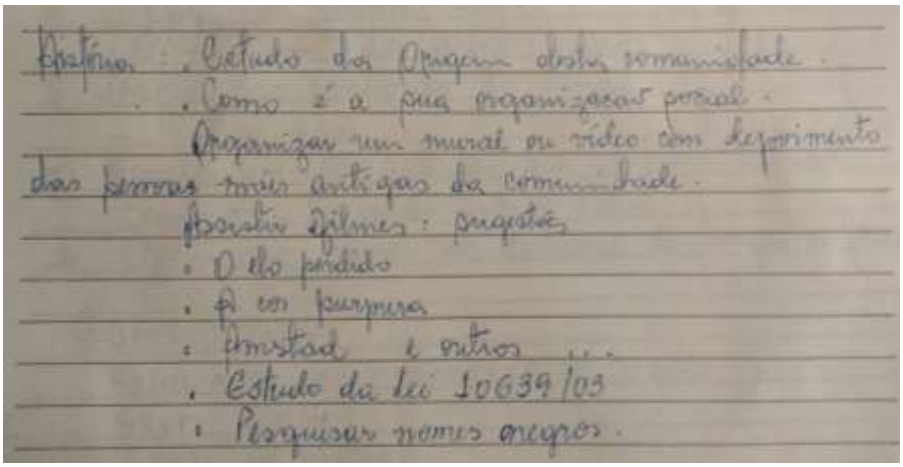
para o reavivamento de acontecimentos repousados no esquecimento; assim, o formato deste "novo" Projeto, trazendo à baila os saberes ancestrais, foi importante para todos.

Os estudantes e profissionais da educação puderam conhecer mais sobre a realidade a qual vivenciavam e entrelaçar tais conhecimentos aos conteúdos dos componentes curriculares. Para a professora cearense Cícera Nunes (2011, p. 48),

> a escola não pode ficar alheia aos conhecimentos que envolvem o universo cultural no qual o aluno está inserido e que ampliam os fatos históricos que envolvem a sua vida, pois temos direito a uma educação que recupere nossas memórias-históricas e fortaleça as identidades e, nesse contexto, é importante a valorização dos conhecimentos tradicionais das nossas comunidades.

Neste compasso, a escola continuou caminhando na valorização da cultura local. No ano de 2008, de acordo com o roteiro de apresentação analisado nesta seção, o tema do PCMTC foi "Reconhecimento e Valorização de sua identidade cultural como afrodescendente". A estrutura do Projeto seguiu o mesmo *layout* do ano de 2007, cada componente curricular deveria atuar no desenvolvimento das ações de acordo com tema gerador do projeto, conforme imagem abaixo:

Figura 48 – PCMTC 2008



Fonte: Profa. Poço do Cajú (2023)

Outro importante evento ocorrido na EQEJB em 2008 foi o Seminário temático: "A História e Cultura Africana e Afrodescendente na Educação: Avanços e Retrocessos com a implementação da Lei nº10.639/03" como parte das ações do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*, configurando-se como um espaço de debate e diálogos sobre as práticas pedagógicas da escola quanto à efetivação da lei supracitada. O evento foi organizado pela Profa. Dra. Piedade Videira sendo parte das ações de sua pesquisa de doutoramento e contou com a

participação de seu orientador Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior, da Universidade Federal do Ceará.

Em linhas gerais, através da análise dos documentos da escola, caderno de planejamento e das entrevistas dos funcionários e ex-funcionários da EQEJB, pude perceber que os seminários e encontros de formação, realizado pela Profa. Dra Piedade Videira, foram e continuam sendo muito valorosos para as ações no que tange à implementação e efetivação da legislação antirracismo na escola, seu nome ecoa pelos quatros cantos do Quilombo do Cria-ú como referência de pesquisadora afroamapaense.

Consegui navegar de forma contínua sobre a trajetória histórica do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* até o ano de 2008. A partir de então, não alcancei informações específicas sobre a desenvoltura do Projeto de forma detalhada anualmente; em contra partida, ao analisar um documento de posse da EQE José Bonifácio, o qual ligeiramente apresenta o PCMTC no ano de 2015, encontrei a seguinte informação:

> No final do ano letivo de 2009, como de costume, encerramos os trabalhos anuais com uma grande reunião diagnóstica e que a partir de 2010 o Curiaú Mostra Tua Cara, teria a duração de 200 dias letivos, onde em seu cronograma se verifica cada passo que ele avança dentro e fora da escola e que sua avaliação não mais aconteceria somente no final do ano e assim, poderíamos reparar possíveis erros ainda no decorrer do ano. (EQEJB, 2015, n.p.).

Costumeiramente, a escola realizava o PCMTC durante o mês de novembro, por celebrar o Dia Nacional da Consciência Negra[15]. O dia 20 de novembro é uma data para rememorar as lutas do Movimento Negro pela valorização da cultura negra e rompimento das amarras da opressão durante a escravidão, esta luta continua, com vistas a combater estereótipos, preconceitos, racismos e discriminação racial sobre a população negra.

Por esses motivos, o mês onze tem muita representatividade para todos nós, lembrando que a difusão de uma consciência negra é missão de todos. Ou seja, de pessoas negras e especialmente das não negras e lidas socialmente como brancas, sobre isso Zélia Amador de Deus (2019, p. 116) considera a "branquidade" ao afirmar que a geografia social da raça de brancos, embora seja permeável às manifestações culturais [...] é um espaço que se fecha à presença de negros, a não ser em papéis bem definidos".

Assim, o Projeto era desenvolvido durante a primeira quinzena do mês e culminado na semana do dia 20/11. A esse respeito, Piedade Videira (2013, p.207) nos conta que este período era marcado por muita correria e incorria na aprendizagem efetiva dos conteúdos:

[15] Em 20 de novembro de 1695, foi morto Zumbi, grande liderança negra do Quilombo dos Palmares - localizado no estado de Alagoas.

> As duas semanas que antecederam ao evento continuaram sendo marcadas por estresse intenso e um amontoado de atividades, sem contudo, haver tempo de trabalhar as informações com calma para dar tempo ao (a) educando (a) de apreender seus conteúdos. O envolvimento distinto do professorado com o projeto e suas ações práticas também desgastava a coordenadora do projeto que precisava adotar como estratégia a "montagem de pacotes" com atividades educacionais entregues a maioria dos professores para que executassem com os estudantes as ações do projeto.

Em consonância a isso, a Profa. Poço do Tapera justifica o novo "modelo" das ações do Projeto como mecanismo para que a temática étnico-racial pudesse ser tratada com leveza para atingir o objetivo da aprendizagem; caso contrário, seria mera "decoração" de conteúdos programáticos.

Neste compasso, a decisão assertiva da EQEJB em instituir um plano de trabalho anual, concernente aos procedimentos educacionais do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* auxiliou o corpo docente na organização dos trabalhos a serem apresentados na culminância do Projeto. Durante os 200 dias letivos, os professores deveriam desempenhar práticas pedagógicas relacionando a cultura do Quilombo do Cria-ú, adotando um currículo pautado na valorização da identidade quilombola.

A abordagem da temática étnico-racial deve ser compreendida como uma tarefa multidisciplinar constante, à luz das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p. 69), segundo as quais, a escola que deseja tratar as relações entre os atores sociais de forma respeitosa e democrática deve adquirir mecanismos concernentes às questões raciais, o currículo precisa comtemplar "[...] a efetivação de uma pedagogia que respeite as diferenças. Tratar a questão racial como conteúdo inter e multidisciplinar durante todo o ano letivo, estabelecendo um diálogo permanente entre o tema étnico-racial e os demais conteúdos trabalhados na escola."

A partir dos dados obtidos e apresentados nesta seção, elaborei uma linha do tempo do *Projeto Curiaú Mostra Tua Cara* com os temas geradores trabalhados anualmente. Ressalto que as informações doravante 2009 foram fornecidas pela atual equipe de coordenação dos projetos da EQEJB. Por outro lado, apesar dos esforços através da busca de ofícios, cadernos de planejamento, registros fotográficos do Jornal A Gazeta e dos sujeitos colaboradores da pesquisa que atuaram na escola nos anos 2010 e 2011, os temas geradores destas edições não foram localizados.

Após a apresentação do quadro, seguirei dialogando a partir da edição de 2019.

Quadro 7 - Linha do tempo do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

Ano	Temas
2000	Projeto Folclore – FEST FOLK
2001	Projeto Folclore – FEST FOLK
2002	Projeto Folclore – FEST FOLK
2003	Projeto Questão de Pele
2004	Projeto Conhecendo o Curiaú
2005	Projeto de cultura FEST FOLK
2006	Projeto de cultura FEST FOLK
2007	Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Conhecendo o Curiaú e sua História
2008	Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Reconhecimento e Valorização de sua identidade cultural como afrodescendente.
2009	PCMTC: É mais que questão de pele, é cultura!
2010	Projeto Curiaú Mostra Tua Cara - t*ema gerador não localizado*
2011	Projeto Curiaú Mostra Tua Cara - *tema gerador não localizado*
2012	PCMTC: Famílias tradicionais do Cria-ú
2013	PCMTC: Orixás, Santos e Encantados: a riqueza do sincretismo religioso africano
2014	PCMTC: Reconhecimento da comunidade do Cria-ú
2015	PCMTC: A diversidade da APA do Cria-ú
2016	PCMTC: Diversidade cultural através do esporte
2017	PCMTC: Países lusófonos do continente africano
2018	PCMTC: Da África ao Brasil, o Cria-ú da miscigenação: saberes, lutas e ancestralidade
2019	PCMTC: "Bença mãe, bença pai": resgatando a história e memória dos nossos ancestrais quilombolas
2020	PCMTC: Marcas de um passado: #TBT
2021	PCMTC: Dentro de uma riqueza cultural, o hoje pede valorização do essencial, minha vida minha história na Comunidade Quilombola diante a Pandemia
2022	PCMTC: Identidade, representatividade negra literária e artística nas mídias sociais, lutas e conquistas: "meu lugar é onde quiser estar".
2023	PCMTC: Celebrando a diversidade: 20 anos da Lei 10.639/03 e 14 anos da Lei 11.645/08, avanços, desafios e perspectivas.[16]

Fonte: Neliane Freitas (2023)

[16] Considerei relevante a garantia da indicação de todos os temas do projeto, mesmo que a fase da coleta de dados tenha sido concluída.

Continuando o diálogo sobre a trajetória do PCMTC, no ano de 2019, o tema gerador foi: “Bença mãe, bença pai: Resgatando a História e Memória dos nossos Ancestrais Quilombolas”. Para tanto, foram indicados aos professores conteúdos programáticos para ser desenvolvidos em sala de aula, a saber:

> I-A chegada dos negros ao Brasil e às terras amapaenses/Curiaú;
> II-Conhecendo nossa história;
> III-Como aconteciam e acontecem as manifestações Culturais dentro da Comunidade;
> IV- A APA do Rio Curiaú;
> V- Valores e pertencimentos entre os moradores da comunidade;
> VI- Saúde no Quilombo do Curiaú;
> VII-Segurança;
> VIII-Memórias quilombolas. (EQEJB, 2023, s.p.).

Figura 49 – *Folder* de divulgação PCMTC 2019

Fonte: EQEJB (2023)

O objetivo desta edição foi recuperar valores antigos como o ato de tomar “benção” dos pais, avós, tios (as) e das pessoas mais velhas da comunidade em sinal de respeito à sua ancestralidade e para serem abençoados conforme os valores cristãos. A Profa. Poço do Tapera fez o seguinte relato:

> ***Profa. Poço do Tapera:*** *Foi um projeto muito bonito, a gente levou as crianças pela comunidade para conhecerem os pretos velhos e tomarem bença deles, nós convidamos alguns desses mais velhos para irem no dia do evento, porque tá se perdendo esse costume da bença, né!?Hoje em dia o menino já fala só “bom dia” pro pai e pra mãe, no meu tempo, quando levantava tinha que ir logo tomar “bença”, então a gente não pode deixar se perder esses costumes bons, né!? A bença é um sinal de respeito. (Profa. Poço do Tapera, entrevista, 18/10/2022).*

No ano de 2020, o contexto pandêmico de COVID-19 exigiu adaptações no fazer pedagógico de todas as escolas em escala global, levando ao uso massivo das tecnologias no contexto educacional para tentar diminuir os impactos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Apesar de todos os entraves quanto à utilização de recursos tecnológicos na EQEJB, o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* foi realizado através de uma *live*[17] na página do *Facebook* da escola cujo tema gerador foi: "Marcas de um Passado: #TBT" e teve por objetivo relembrar a trajetória do Projeto através das atividades realizadas pelos professores e estudantes desde os anos 2000. Sobre esta edição, a Profa. Poço da Maré e a Coordenação Pedagógica declararam:

> ***Profa. Poço da Maré:*** *Nós fizemos um tbt e nós tivemos que se inovar, tivemos que se reinventar porque ficaria muito difícil fazer presencial certas coisas e aí pensou-se num tbt, porque recordar é viver, né!?(Profa. Poço da Maré, entrevista, 23/11/2022)*

> ***Coordenação Pedagógica:*** *A gente ficou pensando se faria alguma coisa, porque teve toda essa questão da pandemia, temos famílias vivendo o luto de seus entes vítima da Covid e a produção dos alunos ficou comprometida, né, então nós optamos pela live e deu certo, os pais e os alunos participaram de peso da live, foi feito sorteio de brinde através do chat, foi muito legal.(Coordenação Pedagógica, entrevista, 09/02/2021).*

A live contou com a participação musical do cantor amapaense Batan e, no decorrer de sua cantoria, reproduziam-se imagens das atividades pedagógicas realizadas pelos professores ao longo dos anos. Durante a programação, foram realizados sorteios e depoimentos através de vídeos enviados por estudantes falando sobre a importância do PCMTC. A seguir, continuarei o diálogo sobre as edições dos anos de 2021 e 2022, os quais acompanhei de perto, farei a apresentação destas edições relacionando com algumas questões problematizadoras apontadas pela equipe de trabalho da EQE José Bonifácio.

Figura 50 – *Folder* de divulgação PCMTC 2019

Fonte: EQEJB (2023)

3.1 O PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA PELA ÓTICA DA EQUIPE DE PROJETOS E DOS PROFESSORES

[17] https://www.facebook.com/100009260964421/videos/2760304747621530

Buscando estratégias para o desempenho do projeto em tela, no ano de 2018, a gestão escolar considerou designar uma equipe para gerenciar as ações do projeto macro para que as atividades fossem melhor elaboradas. A propósito disso, a coordenação pedagógica e a gestora escolar fizeram a seguinte exposição:

> ***Coordenação pedagógica:*** *Tem uma equipe responsável por gerenciar as atividades do projeto porque quando não tinha essa comissão ficava sob responsabilidade da coordenação pedagógica, o projeto. Era muita coisa pra fazer, então para o projeto não ficar prejudicado foi feita essa comissão. No início do ano é feita a reunião de planejamento onde é apontado os possíveis temas e a escolha é feita entre toda a equipe escolar, depois disso as meninas do projeto sentam e vão montar o que pode ser trabalhado de acordo com o tema escolhido e apresenta para os professores. (Coordenação pedagógica, entrevista, 06/12/2022).*

> ***Gestora escolar:*** *A comissão pra trabalhar o projeto dentro da comunidade pra mim já é uma evolução, leva para os dias de planejamento e junto com os professores a gente planeja um tema e a partir dele fazemos os eixos das disciplinas e a partir dele se desenvolve o trabalho, aí dentro desse tema, tem o subtema e os eixos que serão trabalhados. De lá, cada um trabalha o seu por disciplina, aí quando chegava no final do ano, no mês de novembro que ia a se começar a trabalhar o projeto não era o ano inteiro como foi feito esses quatro anos, acho que a partir da gestão da professora Odilene era trabalhado assim, mas mesmo assim não era trabalhando e olha que as meninas do projeto o ano inteiro elas estão ali na batalha, cobrando, pedindo pra acontecer. Fica tudo nas costas da coordenação quando não tem essa comissão. (Gestora escolar, entrevista, 06/12/2022).*

Neste compasso, a equipe de projetos é responsável por gerir as demandas relacionadas ao Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* e os demais projetos da escola, considerados ramificações. Dentre eles, destacam-se as comemorações em alusão ao Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, formatura da educação infantil e a formatura do 9º ano. Esta equipe organiza a coleta e a confecção de brindes e a compra de materiais para embalagem destes, a decoração e a organização do espaço do evento – quando há essa necessidade, produz-se o cerimonial e demais produções para a realização dos projetos.

Essa alternativa foi uma forma de fazer com que os professores tivessem mais tempo para desenvolver as ações do projeto durante o ano todo, uma vez que as produções referentes ao tema gerador estavam ficando comprometidas por alegação de falta de tempo por parte dos professores, por culminar com as atividades de fechamento de nota e correção de provas no mês de dezembro. Nesse sentido, o professorado considera favorável esta forma de organização:

> ***Profa. Jaca****: "As meninas" do projeto mobilizam a participação dos professores e adiantam o funcionamento do projeto, por que a gente não tem muito tempo na escola pra sentar e conversar, temos um ou outro horário vago mas nunca está todo mundo, então ter uma parceria diminui a carga de trabalho e a gente consegue*

> *administrar melhor as atividades porque são duas mentes pensando. (Profa. Jaca, Entrevista, 23/11/2022).*

Em linhas gerais, a parte de escolha do tema gerador é feita em conjunto com todos os profissionais da educação da escola durante o planejamento escolar. No entanto, o planejamento e os conteúdos que poderão ser trabalhados são indicados pela equipe de projetos que faz uma nova reunião e apresenta a proposta. Em seguida, os professores formam duplas ou trios e escolhem o eixo a ser desenvolvido e a turma na qual desenvolverão as atividades relacionadas ao PCMTC.

"Meninas do projeto" – assim é anunciada pelos professores da escola a equipe delegada para auxiliar os educadores na realização das atividades alusivas ao Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*. A exemplo dos demais projetos, a equipe providencia a maior parte dos materiais a serem utilizados nas feituras, ornamentação, brindes e demais recursos, que geram um gasto financeiro, o qual, em grande parte, é custeado pelas próprias "meninas" e este é um dos principais gargalos que gera incômodo entre os profissionais da educação da escola, como podemos refletir após a leitura dos relatos a seguir:

> ***Profa. Poço Lantejão:*** *Ninguém quer assumir a equipe de projetos porque sabe que tem esse gasto, a gente faz porque assumimos esse compromisso com os alunos, porque a gente sabe que isso é muito importante pra eles, né, quando a gente for embora não sei como vai ser né, porque ninguém vai querer tirar do próprio bolso. (Profa. Poço Lantejão, entrevista, 02/12/2022).*

> ***Prof. Manga:*** *No meu ponto de vista, o que precisa é uma captação de recurso bem maior para o projeto, ele tendo uma captação de recurso maior, a gente tem como trabalhar porque a gente não vai mexer no próprio bolso e a gente vai ter uma despesa muito grande pra lidar com questões audiovisual, com barracas personalizadas, com material de qualidade, com convidados, com um espaço bom pra fazer, é isso, que ele é mais macro, é nisso que ele precisa ser melhorado. Mas pra chegar até lá a gente precisa de recursos, que venha do estado, do ministério da cultura, a gente precisa desse recurso. (Prof. Manga, entrevista, 23/11/2022).*

> ***Prof. Graviola:*** *Não dá para fazer projeto só de boa vontade e tirando do bolso dos professores, a gente tem que ter um orçamento e é nisso um pouco que peca a nossa escola porque não tem um orçamento voltado para o desenvolvimento do projeto. Tudo são os professores que arcam e a gente sabe que nos últimos anos têm sido muito pesada essa questão financeira pra todo mundo. Tanto que na minha avaliação desse ano é que a gente tá trabalhando com o mínimo e há até um certo desânimo por parte de nós professores porque a gente tá um pouco descoberto dessa questão financeira e isso acaba comprometendo muito. A gente precisa ver meios, mecanismos de autofinanciamento do projeto porque senão não tem como né, e também porque o professor não é obrigado a tirar do seu bolso, eu levanto muito essa bandeira. (Prof. Graviola, entrevista, 23/11/2022).*

Logo, a falta de recurso financeiro, apontada desde 2017 por Do Espírito Santo & Videira (2017), tem afetado a execução e a ampliação do PCMTC. Percebe-se, através das vozes acima ecoadas, que os professores desejam alcançar patamares maiores quanto às atividades através de novas práticas, utilizando outros materiais e recursos, porém são impedidos pela falta de apoio financeiro, para cumprir com o básico, é necessário desembolsar de seus próprios bolsos. Posto isso, observamos o que nos diz a Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004, a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

> Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitas no Parecer CNE/CP 3/2004.
>
> § 1º Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de materiais bibliográficos e de outros materiais didáticos para a educação tratada no caput deste artigo.
>
> § 2º As coordenações pedagógicas promoverão o aprofundamento de estudos, para que os professores concebam e desenvolvam unidades de estudo, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares (BRASIL, 2004, p. 1).

Infere-se, portanto, o dever do estado quanto a este subsídio financeiro para a realização do PCMTC, pois ele faz parte do esforço coletivo da EQE José Bonifácio para a efetivação da Lei n. 10.639/03 e da Resolução n. 08/2012 através da valorização da identidade quilombola e da cultura afroamapaense. Antes mesmo da aprovação de tais leis, a escola já se mostrava visionária quanto à valorização da cultura amazônida, cultura negra e criauense.

O fato de haver inadimplência na escola junto ao PDDE/FUNDEB, conforme relatou a coordenadora pedagógica, também afeta o recebimento de recursos financeiros. A última vez que a escola recebeu recurso para mobilizar o projeto foi em 2009 com o auxílio da Profa. Dra. Piedade Videira, o valor foi de dez mil reais, conquistados através de um concurso promovido pelo Ministério da Cultura na área de Culturas Populares.

Outro ponto de atenção, é a ausência da NEER/SEEED no que tange ao acompanhamento pedagógico da escola e da própria escola junto ao corpo de profissionais que nela atuam. Neste compasso, trago à baila declarações feitas pela equipe de projetos:

> ***Profa. Poço do Buritizal:*** *Nós temos aqui na escola uma problemática muito grande com relação a alguns colegas que chegaram e mesmo os que já estão eles tem dificuldade de vim aqui com a gente perguntar o porquê, pra que, então tudo isso*

> *me deixa triste porque são vários professores e a gente não pode ficar todo tempo na sala do colega pra dizer o que é e o que não é pra fazer, porque nós temos o projeto que ele pode lê e se inspirar nesse projeto para que ele possa fazer o trabalho durante o ano, então infelizmente aqui nós temos esse pequeno detalhe e a gente espera que futuramente eles se envolvam mais.(Profa. Poço do Buritizal, entrevista, 02/12/2022).*

> ***Profa. Poço da Maré:*** *Esse alinhamento tá começando a desencarnar não é do dia pra noite que acontece. Mas venha com a gente e diga: "professora, você pode me ajudar", né!?. Alguns professores não fizeram atividades do projeto por não entender, por isso as professoras do projeto disponibilizaram uma série de atividade para orientá-los. (Profa. Poço da Maré, entrevista, 23/11/2022).*

> ***Profa. Poço do Tapera:*** *A pessoa só consegue entender o projeto curiaú mostra tua cara e trabalhar o projeto, quando você vive o projeto, quando você entende a temática do projeto, a temática da escola, o objetivo da comunidade. Eu vivi essa experiência do projeto[...]. Aqui todo dia é um aprendizado, todo dia a gente aprende alguma coisa. (Profa. Poço do Tapera, entrevista, 02/12/2021).*

Doravante exposição da equipe, chego à conclusão que ainda há lacunas quanto à efetivação das ações do projeto por parte de alguns professores devido a quantidade de trabalho e familiaridade com a identidade quilombola, decidem não seguir o planejamento das atividades relacionadas ao tema gerador escolhido.

Por isso, Piedade Videira (2013, p.238) aponta para a necessidade de "sensibilizar o professorado para a relevância de sua participação efetiva, compromissada e ética dentro do trabalho educacional em desenvolvimento na escola". A autora afirma ainda, que é preciso orientar os que chegam sobre a filosofia de trabalho da escola "para lhes dar a chance de optarem em fazer parte ou não" do quadro de funcionários.

Nessa perspectiva, a prática do diálogo é fundamental para o ordenamento das atividades escolares na mesma medida para conhecer os estudantes e para a relação profissional no ambiente de trabalho. O patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1987 p.207) afirma que o diálogo é um "indispensável caminho" para a comunicação, pois "quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação". Com base nesse aspecto, a prática docente ocorre por meio da conversa e da escuta sensível com o outro, seja este colega de trabalho ou estudante.

Continuando a navegação pelas águas do projeto que nos levam a muitas outras desembocaduras, considero pertinente relatar a opinião emitida pela técnica do NEER/SEED/AP. Ao investigar acerca de informações sobre a formação inicial e continuada de professores em escolas quilombolas e sobre recursos financeiros para realização de

projetos nas EQE do estado, especificamente sobre o projeto em discussão, a técnica relata que

> ***Técnica NEER/SEED/AP****: Tem hora que a temática fica cansada, um projeto com 20 anos, eu acho, pra mim ele já tinha que ter acabado, na minha opinião, porque em 2017 quando eu estive na escola que eu trabalhei o projeto como professora e a gente teve assim o Curiaú Mostra a tua Cara qual foi o objetivo? Resgatar aqueles que sofrem preconceito se destacando no futebol, sabe, as personalidades, tá entendendo!? E isso já foi tudo trabalhado, nós já trabalhamos os países da África, então tem um momento que já não tem mais, porque tu tem que mostrar o que a comunidade tá oferecendo, né verdade!? Tem que mostrar aquilo que a comunidade tem, não pode tá inventando. Lá na escola que eu trabalhei, a gente fez tipo um plebiscito dizendo numa cédula...mas se a comunidade gostaria que a gente continuasse ou não com o projeto. (Técnica NEER/SEED/AP, entrevista, 19/06/2023).*

Nota-se, portanto, falta de apoio para o fortalecimento do projeto. Por mais que a opinião da técnica possa não representar a dos demais técnicos pertencentes à pasta, esperava-se que a sua estadia pela EQE José Bonifácio e a sua atuação no projeto como professora pudesse servir como exemplo na busca de melhorias para o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* frente ao NEER.

Porém as bases legais respaldam o desenvolvimento e continuidade de atividades que foquem a valorização da identidade negra quilombola, sugerindo um processo de autoconhecimento para a comunidade escolar, de acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006):

> O cotidiano quilombola, a exemplo de outros grupos étnico-raciais e sociais, é a emergência da práxis porque o pensar e o fazer se corporificam:
> - na forma de visões (pensamentos, ideias) que orientam um portar-se diante do mundo;
> - no modo de vida e mais especificamente na forma de trabalho como atividade prática que não isola o pensar do fazer, resultando em um manter-se no mundo;
> - enfim, como processo educativo que confere aos sujeitos um localizar-se no mundo observando as suas especificidades de raça, gênero, faixa etária e classe social (BRASIL, 2006, p. 142-143).

Assim, o projeto em tela, além da função educacional, tem uma bagagem política e social de combate ao racismo, as discriminações, ao preconceito, a desvalorização da identidade negra e tantas outras ações que violentam e inferiorizam as pessoas negras e quilombolas. De acordo com Nilma Gomes (2012, p. 102) “a força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos” devido a articulação em rede dos ditos “excluídos”.

A esse respeito, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006), consideram:

> É importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas localizadas em determinadas fases do ano como maio, abril, agosto, novembro. Estar inserido na proposta pedagógica da escola significa que o tema será trabalhado permanentemente e nessa perspectiva é possível criar condições para que não mais ocorram intervenções meramente pontuais, para resolver problemas que surgem no dia-a-dia relacionados ao racismo. Aos poucos, o respeito à diversidade será um princípio das instituições e de todas as pessoas que nela atuam.

Em contrapartida do ponto de vista da técnica do NEER, o Prof. Manga elucida a escolha dos temas geradores:

> ***Prof. Manga:*** *Creio que o projeto seja a cara da escola hoje, né. Onde você apresenta... é... na verdade um grande fato que tem é que a temática do projeto não muda né, porque você não reinventa a roda né, então o que nós fazemos é diversificar, a cada ano, você muda o título. As temáticas elas não mudam muito e a gente vai acrescentando novas coisas, vai atualizando, como as apresentações, como é... trazendo o cordel pra dentro da realidade da comunidade... é...alguma novidade que aconteceu em termos históricos e culturais ao redor da escola, então... a raiz do projeto ela não muda muito o que muda são as vertentes que vem depois disso e é aí que a gente fica de olho, o que a gente pode garimpar né. (Prof. Manga, entrevista, 23/11/2022).*

Outro ponto abordado é que alguns professores tem dificuldade em levar a dimensão do Quilombo do Cria-ú e sua cultura para dentro do PCMTC. O fato evidenciado ocorre pela falta da vivência quilombola e ausência no interesse em buscar participar das programações culturais da comunidade, como as festas santorais, rodas de Batuque e Marabaixo ou até mesmo conhecer as pessoas mais velhas que lá residem, para compreender os hábitos e costumes do quilombo criauense, conforme relatou a Profa. Poço do Cajú, integrante da coordenação do Projeto, e relata:

> ***Profa. Poço do Cajú:*** *O primeiro passo quando você pisa em um espaço quilombola é interagir com o seu povo, conhecer a sua realidade e foi isso que fiz. Hoje sou muito dinâmica nesse processo, levando para o lado profissional você enquanto educador precisa fazer uma troca de experiências, conhecer o saber prévio de seus alunos. Quais suas angústias? O que precisa melhorar? Hoje observo o quanto avançamos pelo fato o quanto nossos alunos tem orgulho de sua história, sua cultura e tradições, fico até emocionada, exemplo de tudo isso foi o Projeto Cantando Marabaixo nas escolas. (Profa. Poço do Cajú, entrevista, 15/12/2022).*

Para atuar em escolas quilombolas, é necessária uma mudança de posicionamento do professorado para compreender os aspectos que envolvem o território. É preciso desconstruir-se e reinventar-se, pois a educação parte da compreensão do outro, dos seus sentimentos, suas vontades e os seus anseios como estudante negro (a) quilombola.

Corroborando nesta discussão, o Art. 8º da Resolução n. 08/2012 trata da formação inicial e continuada de professores, gestores, corpo técnico para atuar em escolas quilombolas e aponta para a "presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas (BRASIL, 2012, p. 6).

Na esfera estadual, o RCA (2018) destaca três ações para implementação e efetivação da educação quilombola, a saber: a construção do PPP, a oferta de formação inicial e continuada para os docentes e a gestão democrática e autônoma com foco na especificidade de cada comunidade quilombola.

Nilma Gomes (2012, p. 102) assevera sobre "a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos". Por todos esses aspectos, Glória Moura (2005, p. 80) reitera a importância dos professores atuantes em quilombo conhecerem sua história, pois

> Os professores precisariam se reconhecer no que ensinam, conscientizando-se da formação pluriétnica do povo brasileiro e aceitando suas próprias origens, para que pudessem ensejar um processo educativo na escola mais adaptado à realidade nacional, levando os alunos a também desenvolver uma atitude afirmativa com relação à sua própria identidade.

Assim, a leitura das leis antirracismo alinhadas ao diálogo com as pessoas da comunidade é muito importante para conhecer o chão da escola a partir da premissa do território. A esse respeito, Adilbênia Machado e Sandra Petit (2020, p. 12) pautam a educação em comunidades, no diálogo, "para nós a educação faz-se em comunidade, com diálogo, o conhecimento é construído por toda a comunidade".

Infere-se que há a necessidade da equipe de projetos e os demais profissionais da educação estabelecerem de fato as ações do projeto na reunião de planejamento anual, realizando todos os esclarecimentos, dividindo as tarefas e sanando as dúvidas para que o ambiente siga na harmonia e não torne o dia da culminância do evento estressante, pois perderá o seu verdadeiro significado de celebração à cultura negra criauense.

Cultura como fonte inesgotável de produção de saberes ancestrais e de fortalecimento do sujeito social, crítico e político atuante no seio da comunidade para se vê e aos seus serem garantidos direitos como cidadãos e quilombolas.

A cultura negra reduzida a folclorização e elemento de alienação para pessoas negras é um grave engano e também um desafiante hiato a ser superado no Amapá e na educação reducionista ofertada nas escolas locais, com conteúdo excessivamente dopante (simplista) acerca da existência negra.

Ao gapuiar informações e conversar com a equipe de projetos, ficou evidente que o professorado ainda precisa consolidar o conhecimento científico ao chão da escola, para promover a descolonização do currículo durante o ano letivo. Caso este movimento não ocorra, o currículo só assume essa face quando está próximo à culminância do projeto; no entanto, este professor sobrecarregará o mês de novembro com as ações do projeto porque ele precisa ter algo para apresentar, comprometendo a aprendizagem dos estudantes e a efetivação do projeto.

A Profa. Poço da Maré relatou que alguns professores deixam para trabalhar as ações do projeto somente no mês de novembro. Os conteúdos do livro didático deveriam ser desenvolvidos sobre uma ótica étnico-racial para aliar com as atividades do PCMTC até porque o currículo deve ser afrorreferenciado.

Para Adilbênia Machado e Sandra Petit (2020, p. 24),

> Assim, antes de conhecer, procuremos nos pertencer, pois o conhecimento que não mexe no senso de pertencimento afro corre o risco de se transformar em mera abstração ou atalho para obtenção de certificado, mantendo o elo de colonialidade de relegação do corpo e da oralidade ao seu nicho de folclore inferiorizado. Não somente os conteúdos, mas também a forma de transmissão precisam andar juntos, não mais de forma hierarquizada e bancária, mas preferencialmente iniciática, no seu sentido amplo.

Dito isto, a autora nos alerta sobre o significado do "pertencimento" para que não seja perdido o seu significado na mediação do conhecimento ainda mais quando olhamos para o projeto que tem um valor social, histórico e cultural para o Cria-ú. É preciso, assim como o *sankofa,* estar na perspectiva do presente, porém voltado para o passado, lembrando os objetivos do projeto para construir as pontes que servem de valorização da cultura no tempo presente.

Dito isto, apresentadas algumas das fragilidades de execução do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*, observadas durante minha estadia no campo de pesquisa, seguiremos o curso do rio em prosa e analiticamente sobre as edições dos anos 2021 e 2022.

No ano de 2021, o projeto foi culminado no mês dezembro na quadra de esportes da EQEJB. Foram convidadas as "celebridades", assim chamadas as pessoas que compõem a mesa, entres elas destacaram-se: Profa. Dra. Piedade Videira, Prof. Ivaldo, Profa. Irene Bonfim, Profa. Claudete Costa (gestora da EQEJB) e o escritor local Sebastião da Silva.

Figura 51 - Celebridades compondo a mesa

Fonte: Neliane Freitas (2021)

Primeiramente, confesso o meu encantamento sobre tudo o que vi durante o acompanhamento da culminância do projeto em 2021, a delicadeza dos brindes e a variedade destes tudo feito com muito cuidado e relacionado à cultura da comunidade. O cuidado na organização das mesas para receber os convidados até à organização do espaço com panos coloridos e um painel comemorativo em alusão aos 18 anos do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara.

Figura 52 – Garrafas de gengibirra para brinde

Fonte: Neliane Freitas (2021)

Figura 53 – Momento de abertura do evento

Fonte: Neliane Freitas (2021)

A minha primeira experiência com o projeto fortaleceu o meu desejo de pesquisa e a (re) afirmação de que eu precisava contar essa história, precisava investigar sobre esse universo rico em cultura, memória e identidade. Ao chegar no ambiente do evento e ver aquelas pinturas em referência à cultura negra, pude interpretar a força, a coragem e a resistência do povo que, ao longo dos séculos até os dias atuais, sofreu e ainda sofre duras tentativas de apagamento histórico e assim perceber a importância que a realização deste projeto tem para a comunidade do Cria-ú, pois trata-se da celebração da cultura quilombola afroamapaense.

Neste compasso, o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara 2021 teve por objetivo: "Desenvolver, coletar, escrever e organizar produções desenvolvidas na sala de aula, no âmbito familiar e escolar, e que foram interligadas as experiências de nossos alunos e gestão escolar, isso tudo dentro de um período de pandemia, conturbado e envolvido a sentimentos". (BRITO, 2021, p. 15).

A organização destes materiais culminou na produção do livro intitulado: "Não sou eu, são vocês/Curiaú Mostra Tua Cara 2021", e nele estão reunidos os trabalhos desenvolvidos pelos professores da EQE José Bonifácio durante o contexto pandêmico da COVID-19. O livro apresenta os aspectos culturais, religiosos e artísticos do Quilombo do Cria-ú, além de apresentar o corpo docente e a forma que a escola e professores atuaram frente a pandemia, constituindo-se como uma carta de apresentação das ações da EQEJB, conforme a organizadora do livro afirma:

> "Curiaú Mostra Tua Cara, Não Sou Eu, São Vocês" surgiu de uma inquietação e de uma idealização para o projeto do ano de 2021, se imagine um estranho adentrando num ninho e convivendo com uma realidade que não é sua. Ambos os lados acabam por se sentirem incomodados, mas também abraçados, acolhidos pelas novas descobertas e compartilhamentos de ideias. Nós, admirados pela riqueza do conhecimento, um farto cardápio cultural, valores, tradições, usos e costumes, tudo bem ali ao nosso alcance. Vocês, um livro vivo e aberto de criatividade, problemas, soluções, experiências, tudo e todos sobrepostos a alegria da chita colorida florida. (BRITO, 2021, p.16)

Portanto, o livro é uma referência para todos nós, ao buscar compreender o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*, a filosofia de trabalho da escola quilombola e espelhar uma educação para as relações étnico-raciais efetivando a Lei n. 10.639/03 e a Resolução n. 08/2012 no que tange à obrigatoriedade o ensino de história e cultura afro-brasileira e de recursos didáticos que evidenciem tais realidades para os estudantes quilombolas.

Figura 54 – Livro PCMTC 2021

Fonte: Neliane Freitas (2021)

A programação do evento foi prenhe de surpresas e contou com apresentações de dança das turmas, sorteio de brindes para o público do evento e venda de comidas típicas. Foi um momento de celebração da cultura do Quilombo do Cria-ú, em especial, uma conquista para a escola por lançar seu primeiro livro contando sobre a sua trajetória. Este é um material didático que poderá ser sempre consultado por estudantes, pais e a comunidade geral, além disso, pode ser utilizado por professores para aquisição de conhecimentos e informações sobre o local, o que ajudará na descolonização do currículo como propõe Nilma Gomes (2012), Piedade Videira (2013) e as bases legais evidenciadas ao longo desta dissertação, especificamente o Parecer CNE/CP nº 003/2004 que garante o direito a diversas fontes de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira na área da educação como o objetivo de atender

> [..] à demanda da população afro descendente, no sentido de políticas afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Trata-se, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos e formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial para interagirem na construção de uma nação democrática em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 02).

Por todos esses aspectos, a edição do Projeto do ano de 2021 foi um momento marcante para a continuidade das ações do projeto em tela. Apesar de todas as dificuldades

impostas pelo contexto pandêmico, a escola buscou e com muito esforço conseguiu se adaptar ao ensino remoto emergencial, assegurando a integridade de todos através das medidas de biossegurança e conseguiu realizar o aniversário da maior idade do PCMTC proporcionando um presente para a sociedade amapaense, através da publicação do livro.

Desse modo, a seguir, mergulharemos no diálogo sobre a edição do ano de 2022 com foco nas ações desenvolvidas pelos professores dos componentes curriculares de História, Geografia, Literatura, Artes e Ensino Religioso para a efetivação da Lei n. 10.639/03 e da Resolução n. 08/2012.

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PROFESSORES PARA O PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA 2022

As atividades do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* do ano de 2022 foram tecidas a partir do tema gerador: "Identidade, representatividade negra literária e artística nas mídias sociais, lutas e conquistas: "meu lugar é onde eu quiser estar*"*. Para a culminância da temática, foi realizado um Sarau Literário no fim da tarde do dia 02 de dezembro. A programação contou com apresentações de capoeira, hip-hop, o Marabaixo e Batuque foi apresentado pelo Grupo Raízes do Bolão.

O objetivo desta edição foi:

> Possibilitar aos alunos da JB um contato mais amplo e prazeroso com a leitura literária negra, através das diversas representações artísticas despertando o senso crítico as lutas e conquistas de um reconhecimento étnico racial ampliando as possibilidades de exemplos para uma formação profissional e pessoal. (EQEJB, 2022, s.p.)

O tema gerador comunga com a necessidade de valorização da imagem do negro nos livros didáticos, como preconiza as autoras Nilma Gomes (2012), Piedade Videira (2013) e Sandra Petit (2015). Este é um dos pontos de partida para um currículo afrorreferenciado pelo fato de a representação social e a desconstrução de estereótipos estarem contidos na imagem do negro, conforme aponta a autora Ana Célia da Silva (2011, p. 140) "desconstruir os objetos de recalque contidos na representação social do negro e de outros grupos inferiorizados vai concorrer para que esses outros sejam vistos em suas capacidades humanas e de cidadania".

Para consolidar os objetivos do projeto foi proposto pela equipe de projetos atividades do tipo exposição artísticas locais, recital de poesia, quintas de brincadeiras e jogos, oficina de cordel, roda de contação de histórias, seção cinema, memória viva (entrevista), oficina de artesanato, brincando com os poemas, teatro, momento de liberdade poética e musical e mesa de livros e catálogos.

Figura 55 – *Folder* do PCMTC 2022

Fonte: EQEJB (2023)

Assim, a programação do Sarau contou com exposições das atividades realizadas pelos professores, apresentações artísticas e culturais, sorteio de brindes, ornamentação do espaço do evento foi realizada nos corredores que dão acesso à Quadra de Poliesportiva e nos estandes da produção dos professores e venda de lanches - para arrecadar fundos para a Formatura dos discentes do 9º ano.

O evento contou com a exposição de algumas telas do artista plástico Rosinaldo Miranda da Silva ou "M. Silva" sua assinatura artística, suas pinturas são primorosas e retratam a cultura do Quilombo. O artista criauense, desde muito jovem já demonstrava sua habilidade com os pinceis e as tintas, mais tarde aperfeiçoou sua técnica na Escola Candido Portinari no Amapá. A escola conta com o seu trabalho para ornar a quadra poliesportiva, as paredes da biblioteca e dos corredores, além de telas fixadas na entrada da escola. Produzindo uma relação com a cultura do Quilombo do Cria-ú. Tive uma breve conversa com Rosinaldo e indaguei-lhe sobre o seu processo artístico e sua inspiração para os quadros:

> ***Rosinaldo Silva:*** *olha eu pinto né, geralmente as pessoas me encomendam os quadros ou a pintura nos muros de escolas, como da quadra daqui, como faz parte da minha realidade do quilombo é mais fácil, as vezes o que eu não tenho é material pra pintar. (Rosinaldo Silva, entrevista, 03/12/2022).*

Sobre o nome de suas telas ele disse o seguinte:

> ***Rosinaldo Silva:*** *eu não costumo dá nome para os quadros. As pessoas chegam e dizem o que querem e eu faço, eu faço por encomenda, porque o material é caro, pra fazer e ficar parado não dá, de vez em quando as professoras encomendam alguma coisa pra escola, tenho um quadro lá que a pessoa encomendou e até hoje não foi buscar (Rosinaldo Silva, entrevista, 03/12/2022).*

O artista, revelou que o valor final da obra depende da quantidade de materiais investido e ficam em torno de R$ 250,00 a R$ 400,00. Em algumas programações da escola, Rosinaldo atua como assistente de som, por ter familiaridade com a música através de mixagens de som.

Para Abdias do Nascimento (2002, p.115) a arte afrodescendente está associada às religiões de matriz africana e aponta a importância da arte e cultura negra para o desenvolvimento patrimonial do povo brasileito, pois "se essa arte não pode existir dissociada do culto, tampouco pode ela se desvincular do contexto mais amplo que a condiciona: o nascimento e a evolução do próprio Brasil."

Figura 56 – Obras de arte do pintor M. Silva

Fonte: Neliane Freitas (2022)

A escola apresenta o seu compromisso com a cosmovisão africana nos aspectos imagéticos, ornais e culturais relacionando o seu currículo com a realidade do território no qual se encontra a escola, reafirmando o seu compromisso com a Educação para as Relações Étnico-raciais.

As pesquisadoras Adilbênia Machado & Sandra Petit (2020, p. 10) ao apresentar reflexões sobre o "currículo empretecido" apontam caminhos para garantir a relação dos conteúdos didáticos com a cultura quilombola local,

> Um currículo afrorreferenciado está marcado pelas cosmopercepções, ou seja, modos de perceber e sentir, pensar de corpo inteiro; em outras palavras: corpo e pensamento em ação. Desse modo, tal currículo é delineado por nossas percepções e vivências oriundas de nossa ancestralidade africana, de seus valores e encantos que perpassam nosso cotidiano.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2022, p.78), "o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito,

contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes". Isto quer dizer que as imagens, desenhos e/ou pinturas expressam significados e fazem parte do "currículo oculto", e representam o lugar de fala, nesse caso, o quilombo criauense.

Evidenciaremos a seguir, o desenvolvimento das atividades propostas pela equipe de projetos aos professores para cumprir com as ações do PCMTC. O trabalho foi realizado em dupla e trios e aplicado em determinada turma.

Dessa forma, a orientação dada pela equipe de projetos é que os professores desenvolvessem o tema escolhido alinhado à sua componente curricular, referenciado os escritores negros do quilombo criauense e do estado do Amapá, durante o ano todo, alinhando as atividades para fazer exposição no dia do Sarau Curiaú Mostra Tua Cara. A divisão por duplas e trios das atividades foram feitas da seguinte maneira:

Quadro 8 – Divisão de atividades do PCMTC por turma

Turma	Professores responsáveis	Atividade para a culminância do projeto
6º ano – A	Profa. Açaí e a Cuidadora do AEE	Apresentação da poesia: "Minha Negra" e encenação de três estrofes do poema: "Navio Negreiro". Exposição de banner com as fotos dos escritores negros trabalhados, nacionais e locais e a caracterização.
6º ano – B	Profa. de Ciências e a Profa. Jaca	Exposição de máscaras africanas e mural temático.
7º ano - A e B	Profa. Melancia e Prof. de Matemática	Apresentação de hip hop com participação especial de dona Esmeraldina (Marabaixo).
8º ano – A	Profa. de Língua Francesa e Profa. de Ciências	Apresentação da coreografia da música *Jerusalema* e jogral das Leis 10.639/03 e 11.645/08.
8º ano – B	Prof. Graviola e Profa. do AEE	Produção de vídeos (5 a 7 min) com fotos das visitas de campo e pequenos depoimentos.
9º ano	Profa. Abacaxi, Prof. de Educação Física e Prof. Manga.	Exposição de cordel e declamação dos cordéis acompanhado por caixa e pandeiro.

Fonte: EQEJB 2022

Os professores destacam que a divisão das atividades por turma torna possível um trabalho exitoso, por otimizar as tarefas e conceber a interdisciplinaridade, permitindo aos estudantes uma visão amplificada sobre o conteúdo programático em desenvolvimento, conforme a visão a seguir:

> ***Prof. Graviola:*** *nessa correria a gente não tem como trabalhar sozinho, tanto que eu trabalho de forma coletiva, todas as atividades, eu trabalho em parceria com outras turmas, por exemplo, o Projeto Curiaú Mostra Tua Cara, ele foi dividido por turmas esse ano, né, e por grupos de professores. 6º-A um grupo, dupla, 6º- B outro, etc. Só que eu tô trabalhando, eu tô com uma turma de 8º e eu tô trabalhando em parceria com outros dois colegas professores que estão com os dois 7º, pra gente fazer um trabalho interdisciplinar que é o que tá no projeto, né. A intenção do*

> *projeto é ser interdisciplinar e também pra fazer um trabalho coletivo, participativo, pra que a gente possa trocar e também porque não dá pra gente puxar responsabilidade só pra gente, a gente não dá conta, né. Então pra fazer um trabalho que possa envolver mais quantidade de pessoas eu gosto também de trabalhar de forma participativa. (Prof. Graviola, entrevista, 13/10/2022).*

Entende-se que o trabalho em equipe dos professores, relacionando os conteúdos programáticos dos componentes curriculares com as ações do projeto têm colaborado para o desenvolvimento do espírito coletivo, da participação e de um currículo interdisciplinar, consoante aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) e o Art. 37 da Resolução n. 08/2012:

> Art. 37 O currículo na Educação Escolar Quilombola pode ser organizado por eixos temáticos, projetos de pesquisa, eixos geradores ou matrizes conceituais, em que os conteúdos das diversas disciplinas podem ser trabalhados numa perspectiva interdisciplinar. (BRASIL, 2012, p.13).

À luz desse entendimento, seguiremos remando sobre as atividades desenvolvidas pelos professores dos anos finais do Ensino Fundamental, para o Sarau Curiaú Mostra Tua Cara 2022.

Figura 57- Estudantes do 6º-A durante exibição de filme

Fonte: Prof. Graviola (2022)

O prof. Graviola e a profa. do AEE escolheram trabalhar juntos, e escolheram a temática sobre a representatividade do negro no cinema, evidenciando as atrizes e atores negros utilizando os seguintes filmes: *Kiriku e a Feiticeira (1998)* - baseado em contos da África Ocidental, uma criança e seu tio lutam juntos para proteger sua aldeia da maldade da feiticeira; *Karabá e Quase Deuses (2004)* - retrata a história do médico Alfred Blalock e seu assistente Vivien Thomas na criação de uma técnica para correção da síndrome do bebê azul no ano de 1940; *Pantera Negra (2018)* - conta a história do regresso de T'Challa para Wakanda (país fictício, isolado e tecnologicamente avançado), no enredo ressalta-se o respeito aos ancestrais e às tradições africanas. Este último, foi o primeiro filme de super-herói a ser indicado ao Oscar (maior premiação mundial de melhores filmes e atores), além de bater recordes de audiência e bilheteria por todo o mundo, inclusive no Brasil, Canadá e Estados Unidos.

De acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p. 188) poderão ser usados filmes e vídeos, "ilustrando um tema que está sendo estudado; para despertar emoção e/ou sensibilizar, criando motivação para algum assunto; abrindo possibilidades de novas interpretações sobre um mesmo tema e analisando situações". Logo, o prof. Graviola revela a intenção com esta atividade:

> ***Prof. Graviola:*** *A gente tá trabalho com filmes para mostrar a representatividade negra no cinema, a gente pausa o filme mostra e explica o conteúdo. Por isso que demora mais um pouco pra terminar de assistir, estamos usando o sábado letivo para estas ações, tem atividade de pintura, desenho, palestra e para o dia da culminância do projeto a gente quer fazer uma sala de cinema e exposição de banner. (Prof. Graviola, entrevista, 13/10/2022).*

Para potencializar a discussão sobre a representatividade negra no cinema, a dupla promoveu uma visita de campo à maloca da Tia Chiquinha em conjunto com a profa. Melancia e de prof. de Matemática. As turmas do 8º-B, 7º-A e 7ºB reuniram-se em roda para assistir a palestra de dona Esmeraldina sobre a cultura do Quilombo do Cria-ú, revelando a importância desta para o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara*.

Havia mais visitas previstas para serem realizadas na comunidade, como parte das atividades do prof. Graviola, mas não foi possível devido o amontoado de tarefas do fim de semestre, então os professores optaram por realizar somente no ano seguinte. Indaguei ao professor se ele tem relacionado a cultura da comunidade às suas aulas e como tem buscado o fazer, obtive a seguinte resposta:

> ***Prof. Graviola:*** *Eu busco, até porque é uma das exigências da educação escolar quilombola, né. A legislação quilombola é pra fazer essa relação com a cultura local, com os saberes tradicionais, o conteúdo normal com a vivência da identidade da comunidade, eu sempre busco fazer a mais daquilo que própria BNCC coloca sobre o currículo amapaense porque o referencial curricular amapaense ela já uma abertura pra essa questão da valorização da cultura local. Porém, ainda é pouco né, porque principalmente para as comunidades quilombolas que não há especificidade nenhuma lá no RCA, só tem um texto lá no RCA muito pobre, sobre a educação quilombola, mas não há pistas de como aplicar isso no currículo, na prática. (Prof. Graviola, entrevista, 13/10/2022).*

O prof. Graviola faz uma crítica, pertinente, quanto à insuficiência do Referencial Curricular Amapaense por não indicar caminhos para a implementação da educação escolar quilombola, apesar da BNCC (2018) apontar para a contextualização dos referenciais curriculares respeitando o território local, não temos essa indicação no RCA.

Sobre esse aspecto, Custódio (2019, p.17) afirma que no Amapá, as políticas para a educação escolar quilombola, "estão caminhando em passos muito lento, pois são

normalmente ações pontuais e fragmentadas, sem articulação com a realidade local de cada comunidade quilombola e que muitas vezes quando se apresentam são de maneira genérica e superficial".

Direcionando nosso olhar para as atividades desenvolvidas pela profa. Jaca em parceria com a profa. de Ciências na turma do 6º-B, identifiquei a produção de máscaras e bijuterias inspiradas no artesanato da África, estava previsto uma oficina de confecção de bijuterias com a participação de uma moradora da comunidade, mas não foi possível por falta de disponibilidade da artesã. A intenção da atividade foi costurada sobre a seguinte perspectiva:

> ***Profa. Jaca:*** *Nós vamos fazer máscaras junto com os alunos, a gente tá vendo o material, o gesso suja muito acho que nós vamos fazer com garrafas pet, a ideia é fazer colares e brincos de miçanga também, vamos usar os sábados letivos pra fazer as oficinas do projeto e no dia da culminância vamos expor os trabalhos dos alunos, vestir eles com aqueles tecidos de estampa afro pra fazer um desfile. (Profa. Jaca, entrevista, 21/10/2023).*

Figura 58– Máscaras africanas em produção

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Figura 59 – Exposição das máscaras no mural

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Com auxílio das professoras, os estudantes confeccionaram máscaras utilizando garrafas pet e no dia da culminância dos projetos, estas foram expostas em mural, com uma breve descrição sobre a importância das máscaras para a cultura africana, especialmente nos rituais religiosos. Assim, a atividade teve por objetivo:

> ***Profa. Jaca:*** *O principal objetivo é justamente compreender a importância dessas máscaras, das relações dela com a sociedade africana, com a sociedade atual, com a modernidade, os significados, a simbologia. Porque cada simbologia ela trás algo diferente, utilizado pra rituais diferentes, sendo que estas simbologias elas fazem parte da cultura, são elementos culturais fundamentais a serem desenvolvidas dentro do contexto do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara. ((Profa. Jaca, entrevista, 21/10/2022)*
>
> .

Por tanto, as máscaras são elementos da cultura negra repletas de significado, utilizadas nos momentos de celebrações, como de casamento, nascimentos e colheitas.

Nilma Gomes (2003, p.81) ressalta que as práticas educacionais voltadas para este campo corroboram para "ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética" estabelecendo um diálogo com a ancestralidade dos estudantes através das discussões realizadas durante a confecção do material, "levando-o a estabelecer uma relação de pertencimento com a sua história e a sua cultura" (NUNES, 2016, p.16).

Agora, abordaremos as atividades desenvolvidas pela profa. Açaí e a cuidadora educacional do AEE no âmbito do 6º-A. O conteúdo desenvolvido consistiu no estudo da vida e obra de escritores negros que contribuíram e contribuem para a literatura brasileira nacional e regional, a saber: Joel Rufino dos Santos, Nei Lopes, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Castro Alves, Machado de Assis, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus.

Figura 60 – Escritores amapaenses homenageados

Fonte: Neliane Freitas (2023)

No âmbito regional, o estudo foi debruçado sobre os intelectuais: Piedade Videira, Negra Aurea, Ivaldo Souza, Sebastião Silva e Esmeraldina dos Santos, estes dois últimos são criauenses e residem no quilombo de origem.

A profa. Açaí narra como foram desenvolvidas as ações para a apresentação no Sarau:

> ***Profa. Açaí**: Eles querem esse ano que eu trabalhe com eles de novo, foi pra mim assim, umas das experiências muito gratificantes, sabe. Porque tem aluno que chega aqui... muito cru, sabe, que não tem a vivencia da comunidade e no final eles conseguiram realizar as atividades e olha que ano passado a gente começou a*

> *trabalhar de agosto em diante. Porque a gente trabalhou com eles, pra eles fazerem a pesquisa sobre os autores, trabalhei com eles documentário da vida dos autores, depois eles tinham que fazer um relatório e me entregar, a minha maior dificuldade de trabalhar com eles foi palestra porque foi complicado sabe, por falta de disponibilidade das pessoas. Por isso também que eu trabalhei documentários sobre os autores. (Profa. Açaí, entrevista, 02/05/2023).*

Figura 61- Exposição da literatura negra

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Através do relato da profa. Açaí é possível perceber a relevância do projeto realizado na EQE José Bonifácio ao alcançar os estudantes não quilombolas que moram nos bairros avizinhados. Apesar de chegarem à escola supondo que não conhecem a realidade quilombola, conseguem corresponder aos objetivos da aprendizagem proposto pela atividade do projeto. Partindo da compreensão de que a educação para as relações étnico-raciais deve ser para todos e não somente para àqueles de pele negra ou cor preta, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) afirma que é necessário utilizar livros que possuam "marcas do lugar de onde falam", nos dando pistas para isso dizendo que é necessário,

> [...] analisar mais detidamente a obra de autores clássicos que abordam a questão racial; ter olhar crítico sobre a produção literária de autores negros brasileiros contemporâneos e vislumbrar uma outra estética – que busca ir da percepção à manifestação da diferença ou da manifestação à afirmação e à reivindicação da diferença. (BRASIL, 2006, p.194).

Feito isso, irá colaborar para a reflexão e aprendizagem dos moradores da comunidade, dos funcionários da escola, do corpo discente e também daqueles que tem contato com esse campo de discussão. Conforme nota-se no relato da profa. Açaí:

> ***Profa. Açaí:*** *Até o ano passado eu não sabia que Machado de Assis era descendente de negro, não sabia. Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, inclusive foi uma ideia que eu dei, que a gente, partir desse ano procurássemos mais autores negros, entendeu. Nei Lopes eu não conhecia, esses autores negros eu nunca tinha ouvido falar, a princípio eu me chateei muito, porque os temas foram colocados na mesa e todo mundo escolheu e ninguém quis ficar com essa turma. Depois eu não quis troca mais, pra mim foi uma questão de honra trabalhar com eles, caracterizamos eles né, cada um com seu autor na culminância do projeto. (Profa. Açaí, entrevista, 02/05/2023).*

Aqui cabe um parêntese para abordar a problemática da falta de formação de professores que persiste durante longevos séculos em nosso país, especialmente para a prática da educação antirracista. A pedagoga Janaína Corenza (2018, p. 67) pesquisa sobre a temática e revela:

> Acredito que há a necessidade de uma formação que se configure em espaços de debate, construção de conhecimento e da apropriação de um saber que oportunize o futuro professor articular a exigência legal e as situações cotidianas escolares. Nesse cenário, o currículo da formação inicial de professores deve abarcar a Lei 10.639/2003.

Nesse sentido, a atividade corroborou para o descortinamento de alguns escritores negros do campo de visão da profa. Açaí, o contato com o "desconhecido" fez com que ela pudesse refletir sobre a sua prática e através da reflexão enxergou a necessidade de explorar essa temática para os anos vindouros do projeto. A esse respeito Paulo Freire (1996, p. 21) diz que é "pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática".

Figura 62- Autores afroamapaenses e estudantes

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Faço a análise de que o desconhecimento da profa. sobre os autores indicados pode estar atrelado à falta de formação continuada nas escolas quilombolas como já foi apontado ao longo dessa dissertação, mas antes de tudo o professorado deve buscar banhar-se nas águas referencias que podem subsidiar o seu trabalho no campo da educação escolar quilombola.

Outro trabalho que merece destaque, foi o mural com fotos dos estudantes da turma, corroborando para a re (afirmação) da identidade negra criauense, sob o título: "a deck de ser negro". Para Munanga (2022, p.50) a "identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro". É sob esse aspecto que este mural se espelha.

Figura 63 – Mural com fotos dos estudantes do 6º-A

Fonte: Roseany Brito (2022)

São atividades contendo conteúdo positivo afirmativo e de valorização da estética negra que refletem positivamente na autoestima dos estudantes da escola quilombola, sobrepondo os estereótipos de que "ser negro é feio" ou de que "negro tem cabelo ruim". A esse respeito guardei uma reflexão que considero ser oportuna para este momento, quando entrevistei a Profa. Poço do Jacaré e lhe indaguei sobre os reflexos do projeto para a autoestima dos estudantes da EQE José Bonifácio:

> ***Profa. Poço do Jacaré:*** *Olha, teve um fato muito importante que aconteceu. Durante os jogos que os meninos foram para o Rio de Janeiro disputar. Todos eles foram de cabelo trançado daqui, quando eles chegaram lá os outros perguntaram o motivo deles estarem assim, né. E eles disseram que é porque faz parte da identidade deles, da nossa, né, que na época da escravidão os negros faziam as trança pra indicar os caminho que era pra eles fugirem, né. Cara, quando eles me contaram isso, chega eu até me arrepio só de lembrar. (Profa. Poço do Jacaré, entrevista, 22/11/2022).*

Nilma Gomes (2019, p. 201) nos ajuda a refletir sobre este assunto, ao afirmar que a estética negra também dever ser analisada pela ótica política e identitária, pois,

> As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo [...]. Por isso, reconhecer a existência de uma beleza negra remete à percepção da alteridade, à construção das identidades, aos conflitos entre os diferentes padrões estéticos oriundos dos povos da diáspora africana e o padrão ocidental. Não se trata apenas da percepção vinda do polo dos grupos étnico/raciais que, historicamente, se encontram no poder. Trata-se, também, de uma percepção construída pelos integrantes do outro polo, como agente político.

A escritora Esmeraldina dos Santos também contribuiu para as atividades da profa. Açaí, através de uma palestra falou de sua história de vida costurada na cultura do Quilombo do Cria-ú, da inspiração para a escrita de seus livros infanto-juvenis e sobre as dificuldades enfrentadas no seu percurso acadêmico-científico.

Continuando o velejo sobre as atividades do projeto, dessa vez, sobre a prática da profa. Melancia e do prof. de Matemática, atuaram em conjunto no desenvolvimento da temática sobre a pintura de rua e o *Hip Hop* nas turmas do 7º-A e 7º-B, para que os estudantes pudessem compreender a origem da dança e que o movimento surgiu nas comunidades periféricas caribenhas, afro-americanas e latino-americanas, sendo uma das poucas possibilidades de lazer do lugar.

Figura 64- Apresentação de hip-hop 7º-A e 7º-B

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Para tanto, realizaram apresentação de vídeos em sala de aula sobre os tipos de pintura de rua e no dia do evento projetaram um vídeo sobre o grafite com fotos da visitação realizada à Maloca da Tia Chiquinha, atividade realizada em colaboração com o prof. Açaí, para compor as apresentações da culminância do Sarau Curiaú Mostra Tua Cara 2022, os estudantes fizeram uma apresentação tocando caixas de Marabaixo em parceria com a dona Esmeraldina.

De acordo o Parecer CNE/CP 003/2004 a "valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana" (BRASIL, 2004, p.10) coadunam para a educação de combate às práticas racistas e discriminatórias, no entendimento de Piedade Videira (2009) a dança faz com que o negro (a) expresse a sua origem, a sua vivência e a sua ancestralidade contribuindo para a manifestação de sua identidade.

Indaguei à profa. Melancia como ela desenvolve o tema gerador em sala de aula durante o ano letivo e obtive a seguinte resposta:

> ***Profa. Melancia**: Olha, aqui a gente sofre essa limitação quanto a falta de materiais, então eu busco associar o tema do projeto com a vivência deles na comunidade, a gente faz visita pela comunidade, no deck do Curiaú, chama os moradores mais antigos pra fazer uma palestra. (Profa. Melancia, entrevista, 13/10/2022).*

Percebo que todos os professores batem na tecla da falta de recursos financeiros para a realização de um "trabalho melhor", no entanto, figurando-se como um problema histórico, já apontado por Piedade Videira (2013), Raylane Do Espírito Santo & Piedade Videira (2017) e Moisés Bezerra (2019), de lá pra cá, realidade permanece a mesma, levando à conclusão de descaso do estado nas ações do projeto pelo fato dos professores "sempre darem um jeito" pra realizá-lo anualmente, por mais que isso gere desconforto entre os colegas seria importante a mobilização destes diante aos órgãos públicos para garantir recurso efetivo no Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara.*

Por isso, tem-se a percepção de que todos os anos os professores mobilizam as mesmas atividades, como apresentação de dança, recital de poesia e/ou leitura de poema, no entanto, a cada ano os docentes buscam relacionar as atividades de apresentação de acordo com o tema gerador.

Concluindo as observações das atividades referentes ao Sarau, as atividades do 9º ano foram supervisionadas pelo trio: profa. Abacaxi, prof. Manga e o prof. de Educação Física, unindo suas habilidades de escrita e artística para orientar os estudantes na produção de cordel. O trabalho, por sinal, foi muito elogiado e aplaudido pela comunidade interna e externa.

Figura 65- Exposição de cordel da turma do 9º ano

Fonte: Neliane Freitas (2022)

Os visitantes puderam fazer a leitura dos cordéis no estande e levar um exemplar para casa. A profa. Abacaxi fez um relato das etapas do desenvolvimento da atividade:

> ***Profa. Abacaxi:*** *Nós trabalhamos a literatura de cordel e... foram várias etapas de produção, primeiro foi a questão de pesquisas, leituras de poemas, dos autores que falam sobre vários temas, porque os cordéis eles foram divididos por temática, por exemplo, teve uma dupla que ficou responsável por falar da vida no quilombo, falar da questão da cultura, da figura da mulher, da vivência da comunidade, outros da luta dos negros. Foram várias temáticas, eles que escolheram, né. E como a turma era pequena formou oito duplas, cada dupla fez um tema diferente. Então, o primeiro momento foi de pesquisa, pra eles fazerem o cordel deles, eles tiveram que ler alguns poemas, da Negra Aurea disponível na biblioteca, eles leram bastante, literatura de resistências, eles leram, pesquisaram, sobre religião também, teve um aluno que fez. Essa primeira parte foi a pesquisa, depois foi a etapa de produção e repartição. Foram várias repartições até chegar na produção deles que foi apresentada. (Profa. Abacaxi, entrevista, 02/05/2023).*

Do ponto de vista normativo, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais (2006, p. 185) menciona que a literatura de cordel é um instrumento de valorização da história da comunidade, fortalece as práticas de escrita e a oralidade, constituindo-se como "saberes necessários e fundamentais à memória coletiva dos grupos". Para o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana no Ensino Fundamental se faz necessário "implementar ações, inclusive dos próprios educandos, de pesquisa, desenvolvimento e aquisição de materiais didático-pedagógicos que respeitem, valorizem e promovam a diversidade a fim de subsidiar práticas pedagógicas adequadas a educação para as relações etnicorraciais". (BRASIL, 2013, p. 50).

Assim, os documentos acima ressaltam a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a literatura de cordel, na qual o estudante exerce o protagonismo do seu aprendizado, pesquisando e produzindo conhecimento. Principalmente no campo étnico-racial, onde há escassez de livros didáticos que mostrem caminhos para práticas pedagógicas e conteúdos programáticos voltados para a educação quilombola, conforme foi apontado pela profa. Abacaxi quando lhe perguntei sobre o que tem feito para a implementação da Lei n. 10.639/03:

> ***Profa. Abacaxi:*** *A gente sempre lembra né, porque quando a gente trabalha com gêneros, por exemplo, tem aqueles gêneros que são leis, normas, então eu procuro trazer algo pra realidade deles, falar sobre as leis que retrata né, a realidade daqui. Trabalho dessa forma e também a gente trabalha com outros textos, tem textos selecionados apesar do livro didático que não ajuda em nada, sabe. Que é uma*

> *realidade totalmente fora do contexto, livros que não tem ligação nenhuma com o estilo de vida, com a cultura, nada. Não tem nada naquele livro, a gente trabalha com ele porque não temos condições de manter todo tempo cópias de outros textos, mas o livro deles é muito, muito carente de conteúdos que abordem sobre a questão afrodescendente, não tem. É fora de contexto, é outro mundo e um mundo super atrasado sabe. (Profa. Abacaxi, entrevista, 02/05/2023).*

Por outro lado, o prof. Manga concedeu a seguinte afirmação:

> ***Prof. Manga**: a minha disciplina costuma ser muito diversificada, então independente de projeto ou não a gente já trabalha pintores negros, arte afrodescendente, máscaras, todas essas questões faz parte do nosso currículo, o que a gente faz é regionalizar um pouco, é trazer um pouco pra dentro da comunidade do Curiaú. O que se faz em termo de poesia, o que se faz em termo de artes plásticas, o que se faz em termo de teatro, algumas representatividades artísticas dentro da comunidade, é isso que a gente trás pra dentro do projeto porque cada disciplina ela aborda as temáticas de suas formas né, a biologia, a língua portuguesa, a etnomatemática, o ensino religioso que já abrange ali quase tudo dentro da comunidade e a gente vai se envolver mais com essa questão de produção artística, o próprio Batuque, o próprio Marabaixo ele entra dentro das questões religiosas, né, das disciplinas de ensino religioso, história, então de uma forma de outra esse currículo é complexo.(Prof. Manga, entrevista, 23/11/2022).*

Com base nos relatos acima, farei algumas reflexões. Nota-se a insuficiência ou até mesmo a inexistência de conteúdos nos livros didáticos que abordem as questões étnico-raciais, especialmente direcionados para os quilombos ou remanescente de quilombos. Apesar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana (2004) apontar no eixo 3 sobre as políticas de material didático e paradidático, a meta a curto prazo de "reforçar junto às comissões avaliadoras e analistas dos programas do livro didático a inclusão de conteúdos referentes à Educação das Relações Étnico-Raciais e à história e cultura afro-brasileira e africana nas obras a serem avaliadas". (BRASIL, 2013, p.65).

Após 19 anos destas Diretrizes, podemos observar a fragilidade de implementação e alcance das metas, estando mais aproximado do campo das intenções do que relacionado à prática, de fato. Assim, a discriminação racial se faz presente no contexto das ausências desse tipo de conteúdo nos livros didáticos, para Ana Célia Silva (2011, p. 33) "o negro, como minoria, é uma representação que persiste no livro didático" e afirma que o negro aparece sempre ao lado de um personagem branco, mas quase nunca exerce o protagonismo.

Após estas reflexões, partindo da perspectiva das intelectuais Wilma Coelho e Maria do Socorro Padinha (2013, p.10) de que a legislação educacional atual deve formar indivíduos conscientes "acerca das diversas matrizes culturais que contribuíram para a construção da sociedade", com vistas para o respeito à diferença, entendendo que a Amazônia é heterogênea

e pluriétnica. O cordel intitulado: “Um branco no Quilombo” nos leva a perceber e analisar o carinho e admiração pela cultura negra e a vontade de pertencer ao Quilombo de dois estudantes não negros, moradores do bairro Ipê:

Figura 66- Cordel: Um branco no Quilombo

Um branco no Quilombo

Nesse lindo Curiaú
Quero um dia viver
Não sou daqui
Mas negro quero ser
E aqui no Curiaú
Temos muito para aprender
Nas festas religiosas
De tradição e saber
Depois das rezas e fé
Dançamos pra valer.
Uma coisa quero dizer
Que vou levar no coração
De tudo que aprendi
Com muita dedicação.
Mesmo estando longe
Vou levar a tradição
Do Batuque e Marabaixo
Que aprendi com meu irmão.
Na escola aprendi
A levantar depois do tombo
Vou levar sempre comigo
Meus amigos do Quilombo.

Fonte: Neliane Freitas (2023)

O cordel em discussão, mostra que os estudantes se reconhecem como indivíduos de fora mas que anseiam morar na comunidade, os momentos experenciados por eles durante os anos de estudo na EQE José Bonifácio o fizeram querer residir no Quilombo do Cria-ú, entendendo que lhes foi despertado a consciência negra, a esse respeito as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana (2004) afirma que:

> Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (BRASIL, 2004, p. 16).

A escola recebe estudantes negros e não negros por isso é importante que todos conheçam a dimensão do campo cultural específico onde estão inseridos e possam construir vivências pautadas na “construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004). Para Sérgio Adolfo (2013, p.14) a discussão sobre a temática racial de forma transversal, é importante para que todos tomem conhecimento das histórias de resistências do negro, pois

“se falarmos apenas aos negros, os brancos não ficarão sabendo, mais uma vez, do quanto é difícil ser negro em nosso país”. Quando percebemos estudantes com esta consciência, temos a confirmação de que a dedicação e o empenho da EQEJB estão valendo a pena, pois assim, o PCMTC atinge uma de suas finalidades, de “mostrar a cara do Curiaú” para as pessoas de fora do quilombo.

3.3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO SARAU CURIAÚ MOSTRA TUA CARA 2022

Com base no que presenciei durante o meu percurso investigativo na escola, pela ótica de pesquisadora, pude realizar algumas considerações sobre o que vi, vivenciei, experienciei e participei.

Ao partir para a análise do projeto escrito, o qual é distribuído aos profissionais da educação a cada edição, observei a falta de autores negros (as), especialmente afroamapaenses, para justificar as escolhas e guiar o desenvolvimento das atividades. Sendo preciso chamar para este momento o conjunto de legislações que orientam a implementação da educação escolar quilombola e a aplicação da Lei n. 10.639/03.

A falta de vivência no quilombo por parte de alguns professores é um problema sério a ser sanado, implica diretamente nas ações do projeto em tela, pois se este professorado não tem contato com a comunidade para além dos muros da escola, fica o questionamento, como ele (a) vai relacionar esta cultura ao seu componente curricular? Concordo com a premissa de Sandra Petit (2020) ao afirmar que é preciso procurar ter a tradição e os princípios da filosofia africana como guia para um currículo afrorreferenciado.

Logo, constatei que os docentes de Artes, Literatura, História, Geografia e Ensino Religioso tem buscado relacionar a cultura do Quilombo do Cria-ú aos conteúdos didáticos de suas disciplinas, apesar de esbarrarem nas “faltas”, de recurso financeiro e de suporte tecnológico digital, esses investimentos contribuiriam para mais ações diversificadas no currículo à luz da Resolução n. 08/2012.

Reforço a necessidade de momentos formativos para os professores da EQE José Bonifácio, sobre a educação escolar quilombola, educação para as relações étnico-raciais, a cultura afrodescendente, tecnologias educacionais para que eles possam traçar novas práticas pedagógicas e ampliar o leque sobre a temática racial. Mas antes de tudo, fazer um levantamento para saber das suas carências curriculares.

Entendo que dialogar sobre as tecnologias educacionais no campo da educação quilombola é muito importante, tendo como fio condutor as tecnologias africanas propostas por Henrique Cunha Júnior (2010), até chegar nas tecnologias educacionais dos dias de hoje, embora a escola não disponha de internet e laboratório de informática não pode-se negar este conhecimento aos estudantes e professores.

Para o bom andamento das atividades considero relevante estabelecer um diálogo entre os professores e a equipe de projetos para designar equipes de trabalho para arrumar os espaços do evento, percebi que somente as "meninas" do projeto realizam a organização da quadra poliesportiva. Um trabalho exaustivo, considerando o carregamento de cadeiras, mesas, materiais decorativos e que esta mesma equipe terá que comandar o cerimonial da culminância do projeto.

Os demais professores organizam apenas os seus espaços de exposição e para isso chegam algumas horas antes do início da culminância. Outra atitude indicada, é um momento de escuta com os moradores da comunidade, envolvendo pais, responsáveis e estudantes sobre as ações do projeto. De forma a avaliar a atuação da escola, se há apontamentos para melhor execução e também acatar possíveis temas geradores a serem desenvolvidos nas edições do PCMTC.

Vejo que precisa ser implementada atitudes para salvaguardar a memória do projeto, os registros fotográficos, vídeos, *folder* de divulgação, convites, feituras dos professores e estudantes, ofícios, cadernos de planejamento, cerimonial, atividades desenvolvidas pelos professores e os trabalhos dos estudantes, são documentos que contam a história do PCMTC. Embora o *facebook* da escola esteja sendo utilizado para esta finalidade, o ideal seria a escola organizar por meio físico através de um portfólio estes materiais.

Com base nos aspectos expostos, podemos inferir que o Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* tem uma importância inquestionável para a valorização da cultura negra e da identidade criauense, assumindo um papel político e social importantíssimo no combate ao racismo e a discriminação racial. Desde crianças, os meninos e meninas são estimulados a valorizar a cultura do Quilombo do Cria-ú e ter orgulho da sua cor, do seu cabelo e de sua ancestralidade.

Assim, observando a insuficiência curricular no que tange ao uso das tecnologias educacionais nos componentes curriculares evidenciados ao longo da dissertação e compreendendo as tecnologias africanas como elementos importantes na sobrevivência da diáspora africana, na sessão a seguir proponho a título de colaboração práticas pedagógicas

utilizando a metodologia ativa da gamificação para implementar a tecnologia a fim de contribuir com a prática dos professores.

4 "O HOJE PEDE VALORIZAÇÃO DO ESSENCIAL": A GAMIFICAÇÃO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

> O fluxo tecnológico não para de se expandir em velocidades recordes. É para essa nova sociedade, com suas mudanças frequentes, suas cada vez mais novas tecnologias, suas novas profissões e práticas profissionais, que devemos pensar na formação desse também novo professor, para que ele saiba atuar com o máximo de qualidade, em qualquer tempo e lugar. (KENSKI, 2013, p. 95).

À luz da pesquisadora Vani Kenski, dialogaremos nesta seção sobre as tecnologias africanas que contribuíram para a organização da sociedade e no modo de sobrevivência das culturas africanas através do aquilombamento, no intuito de situar que a tecnologia educacional é apenas um "braço" desse universo tecnológico.

Em seguida, vamos compreender que a oralidade é uma das tecnologias mais antigas de salvaguarda de conhecimento utilizada pelos negros quando lhes era negado o direito à escolarização. Até chegar na compreensão da gamificação como proposta para contribuir na prática pedagógica dos professores entendendo a necessidade itinerários formativos e que os estudantes quilombolas não podem ficar isolados e alheios desse processo tecnológico.

A história das tecnologias se confunde com a história do homem e da ciência. Contudo, embora o termo *tecnologia* não seja algo fácil de definir, é preciso compreender, mesmo que de forma breve, o seu significado e sua representação no campo educacional. Veraszto *et. al* (2009) revelam que a dificuldade em conceituar tecnologia, diz respeito ao fato de que o termo, no decorrer da história é interpretado de diversas formas, baseado em teorias divergentes.

Entretanto, considera-se, que o termo tecnologia advém "de uma junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que é saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer".[18] Para os autores, ainda, nos primórdios, "o potencial tecnológico do homem estava presente, contudo, ainda faltava um lampejo do intelecto para que mudanças significativas começassem a ser empreendidas" (VERASZTO *et. al*, 2009, p. 22).

Essas mudanças vieram com o progresso intelectual do homem aliado à capacidade de transformação, modificando, assim, o meio social por meio dos primeiros "instrumentos tecnológicos", como por exemplo, a descoberta do osso retirado de esqueleto e a pedra lascada, ambos utilizados como instrumentos cortantes. Desse modo, Veraszto *et. al* (2009, p. 23-24) apontam que "é com o homem que as técnicas iniciam seu desenvolvimento, porque,

[18] Veraszto *et. al* (2009, p. 21).

este torna-se um prodigioso inventor de novos mecanismos, muito diferente daquilo que é concebido pela natureza". Esse processo de desenvolvimento do homem e das tecnologias inventadas e utilizadas por ele, além de outras invenções e descobertas relevantes, trouxeram resultados significativos para a humanidade, uma vez que o homem foi capaz de provocar transformações únicas e de grandes proporções para o progresso e desenvolvimento social.

Com isso, os autores supracitados, revelam que a tecnologia já existia muito antes de estudos e conhecimentos cientificamente organizados, isto é, a tecnologia efetivamente, foi capaz de criar/inventar ferramentas eficientes e complexas, mas que não tiveram o auxílio da ciência (VERASZTO, 2009). Certamente, a ciência contribui muito com o desenvolvimento da tecnologia, entretanto, é preciso frisar que esse processo iniciou bem antes das pesquisas científicas, assim, faz-se necessário, conforme os autores, "lembrar que a nossa história tecnológica começou junto com o primeiro homem quando ele descobriu que era possível modificar a natureza para melhorar as condições de vida de seu grupo". [19]

Entretanto, esse processo vai além da invenção dessas ferramentas tecnológicas, uma vez que a diversidade tecnológica da atualidade tem permitido que a sociedade se desenvolvesse na construção de produtos e instrumentos tecnológicos que façam com que as culturas, os modos de vidas, as tradições e costumes de povos sejam conhecidos e compartilhados não somente em nível local, bem como em um universo mais amplo.

Esse processo de compartilhamento de culturas perpassa pela questão da diversidade étnico-racial que precisa ser abordada nas instituições de educação formal e não formal, e nesse aspecto, considera-se o uso das tecnologias africanas. Nessa direção, Cunha Jr. (2010, p. 17), menciona que "os africanos ocuparam muitos dos campos da produção, como fonte de conhecimento da base técnica e tecnológica". Contudo, o autor analisa que "constar e relacionar os africanos e afrodescendentes na produção do conhecimento técnico e tecnológico do Brasil ainda é uma tarefa de garimpagem" [20], nesse sentido, o autor, revela também, que:

> Tem-se muito a fazer ainda para termos uma boa história da tecnologia no Brasil e da presença africana nesta. Entretanto, todo passo realizado revela a presença de conhecimentos africanos e da intervenção direta de africanos e afrodescendentes (CUNHA JR., 2010, p. 35-36).

[19] Veraszto *et. al* (2009, p. 26).
[20] Cunha Jr. (2010, p. 35-36).

A despeito de a presença negra e todos os conhecimentos tecnológicos ou outros saberes desenvolvidos na área da arquitetura, artes, agricultura, produção têxtil, grafia etc., terem sido de relevância significativa para a sociedade brasileira, os negros e suas obras e feitos continuam sendo considerados insignificantes para aqueles que buscam silenciar a cultura negra. Os conhecimentos /advindos forçosamente da África e aplicados no Brasil, não repercutiram positivamente no nosso meio social, pois a cultura branca europeia é supervalorizada enquanto as demais invisibilizadas. Nesse ponto, as tecnologias africanas têm papel importante, considerando que os estudos sobre a Cultura Negra devem ser ampliados alcançando o maior número possível de alunos, professores, instituições de ensino e outros segmentos da sociedade civil, para que haja, assim, possibilidades de reflexões e mudanças no tratamento e no modo como a população negra é vista. Para Cunha Jr. (2010, p. 43):

> Quantas coisas, assuntos, temas, valores, informações, estão submersas, invisibilizadas, subalternizadas, e como se afirma o nosso desafio docente de (re) descobrir e inventar novas e impensáveis e impensadas práticas docentes que incluam, no cotidiano com a dignidade merecida, o patrimônio da humanidade de matriz africana.

Esse patrimônio de matriz africana, o qual o autor se refere, pode ser visibilizado e valorizado nos currículos escolares por meio das tecnologias africanas. Estas, por sua vez, podem trazer novas perspectivas sobre a construção histórica do Brasil, em que os negros e outros povos foram excluídos dos segmentos sociais relevantes. Esse processo de subalternização do povo negro, de silenciamento e exclusão, podem ser desestruturados, como aponta Cunha Jr. (2010, p. 43), por meio do "contato consciente e visibilizado com as Tecnologias Africanas tecidas no Brasil [mostrando-nos] um novo universo de possibilidades e caminhos reflexivos e práticos no cotidiano escolar".

Ademais, as discussões e a imersão na história da diáspora africana, dos aspectos que envolvem a construção do pensamento racial brasileiro, da cultura, dos quilombos, das tradições e outros elementos que compõem esse contexto, podem construir uma nova ótica e romper com os processos discriminatórios direcionados aos povos negros, além de promover práticas pedagógicas antirracistas. A cultura africana e afro-brasileira é parte relevante no processo histórico brasileiro, e é preciso que essa parte da história seja conhecida e reconhecida positivamente nos espaços escolares. Para isso, as legislações educacionais sejam efetivamente instituídas e implementadas, de forma que não haja mais espaço para o preconceito e a discriminação racial.

Outra questão relevante a ser discutida, é o fato de a cultura ser considerada na atualidade "territórios de disputas simbólicas". Essas disputas, "insurgem na fronteira que separa hegemonias e subalternidades [...]" (SOUTO, 2020, p. 136), tendo em conta que a hegemonia oxigena as insurgências contra as subalternidades. Estas por sua vez, sofrem com "os efeitos de um passado colonial recente [que] ainda perduram e se desdobram ao mesmo tempo em que coexistem com formas emergentes de existir no mundo[21]", como indica a autora. As subalternidades referenciadas às populações negras buscam o enfrentamento e a reivindicação do lugar que deve ocupar na sociedade por considerar que todas as culturas, as identidades e os saberes possam ter a mesma oportunidade e visibilidade na contemporaneidade num processo de desmantelamento das estruturas que sedimentam as culturas hegemônicas. E qual o papel das tecnologias africanas nessa direção? Qual a função da educação escolar frente aos conflitos e disputas no campo de batalhas das culturas? Stéfane Souto (2021, p. 144) analisa essa questão do ponto de vista do aquilombamento em sua dimensão ancestral, social e cultural. A autora pondera que aquilombar-se constitui,

> Uma tecnologia ancestral de organização social e cultural própria das populações negras que vem garantindo a atualização dos seus mecanismos de resistência e inspirando a apropriação estratégica dos instrumentos culturais para imaginar um devir negro.

As tecnologias africanas significam, então, uma forma de tecer novas redes de dar visibilidade à cultura africana e afro-brasileira, e ao mesmo tempo, elas abrem espaços de debates e de constituição de práticas antirracistas como já mencionado no decorrer do texto. O aquilombar-se, é efetivamente despir-se de velhas teorias e/ou teorias equivocadas, dando lugar a pensamentos e ações de enfrentamento e resistência, rompendo, assim, com o quadro hegemônico que tenta se perpetuar, considerando que "o ato de se aquilombar [...] atravessa o tempo não apenas como memória, mas como metodologia de organização social" (SOUTO, 2021, p. 152). Contudo, faz-se necessário ressaltar, que pensar em tecnologias africanas não significa o uso de artefatos tecnológicos, Souto (2021, p. 153) aponta que "pesquisas recentes têm buscado expandir a noção de tecnologia de forma a considerar os valores culturais a ela inerentes", isto é, as tecnologias africanas estão atreladas a movimentos que buscam desconstruir formas negativas de representação simbólica do negro e de salvaguardar os saberes e conhecimentos ancestrais desses povos. A autora reafirma, então, que:

[21] Souto (2020, p.136).

> O aquilombamento se apresenta como uma tecnologia simbólica e ancestral, própria da organização das comunidades negras, pensada no contexto da subjugação social justificada pela diferença e separabilidade aplicadas a partir da raça, com o objetivo de criar possibilidades de existência alternativa às condições de opressão impostas no momento histórico e que compreende a fuga, a organização interna e o enfrentamento por meio da luta como mecanismos de resistência e sobrevivência (SOUTO, 2021, p. 154-155).

Essa questão da ancestralidade é discutida em "Vozes Ancestrais", por Valéria Carvalho e Verônica Carvalho (2022) quando mencionam a questão da miolagem atrelada à tecnologia social. As autoras afirmam que o termo *miolagem* vem do *conversar miolo de pote, miolar*, isto é, conversar sobre as coisas do cotidiano da vida social, familiar etc. Então, a miolagem, para as referidas autoras, é parte da oralidade ancestral de sua família quilombola, cuja comunidade partilha seus saberes, não apenas por fazê-lo, mas como forma de levante, no sentido de que a cultura negra quilombola seja respeitada, mas, sobretudo, que práticas discriminatórias sejam extintas, confrontadas, isso é se aquilombar. Nesse sentido, Carvalho & Carvalho (2022, p. 121) compartilham que "a nossa educação passa por isso, porque foi isso que nós escutamos do meu pai e da minha mãe, foi isso que nós escutamos: vocês não são melhores do que ninguém, mas, com certeza, vocês não são piores do que ninguém".

Esse processo de aquilombar através da miolagem atrelada as tecnologias africanas são mecanismos de fortalecimento e de compreensão dos modos sociais e culturais quilombolas, da diáspora negra, dos aspectos inerentes à construção da questão racial no Brasil que precisam ser conhecidas e referenciadas no ensino das escolas de educação básica, bem como nas universidades e outras instituições de formação social e intelectual, onde a diversidade de culturas e saberes coexiste (não harmonicamente como muitos imaginam), e que necessitam de visibilidade, reconhecimento e afirmação das diferenças, provocando, assim, novos olhares e práticas antirracistas.

Para tanto, é urgente que toda a comunidade educacional seja ferramenta de resistência diante a força dominante que busca separar/excluir culturas consideradas inferiores como a indígena e a negra. É preciso refletir sobre a construção de estruturas pulverizadas por uma produção anti-negro, cujo processo necessita ser desconstruído, buscando novas formas e trajetórias de reconhecimento da cultura negra e de combate a práticas discriminatórias.

Assim, a pesquisa abarca a singularidade do processo tecnológico e suas possibilidades de aplicação, podendo contribuir para a efetivação da Resolução n.08/2012 e da Lei 10.639/03 e somar na salvaguarda da memória histórica, do legado sociocultural e das riquezas patrimoniais da comunidade. A globalização da informação já alcança as terras

criauenses, para Souza *et al.* (2021. p. 49) a inserção das tecnologias digitais em territórios quilombolas,

> "[...] reforçam sua existência e resistência dando a voz para lutar contra os preconceitos e favorecer o desenvolvimento pessoal e da comunidade. Tais dificuldades ainda se refletem no futuro dessas comunidades através dos jovens que precisam estar dentro desses processos tecnológicos digitais".

Logo, a escola sendo um campo de desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e do pensamento crítico se faz um agente importante para consolidar os instrumentos tecnológicos "à voz" dos estudantes, por hora, parcialmente dissociada das práticas pedagógicas dos educadores da EQE José Bonifácio por falta da conexão de internet e do laboratório de informática.

Nessa tessitura, está posto o desafio aos educadores de adaptarem suas práticas pedagógicas à cultura digital conforme preconiza a BNCC (2018) e a Lei n. 14.533/23 – que cria a Política Nacional de Educação Digital (Pned). Ultrapassando os muros da escola os estudantes possuem contato com os recursos tecnológicos, estando inseridos no contexto dos "nativos digitais", termo cunhado pelo pesquisador Marc Prensky (2001) para se referir a geração nascida no contexto tecnológico das redes de computadores. Por tanto, se tratando da realidade pesquisada há o descompasso entre os recursos tecnológicos e sua aplicação na EQEJB, pois os estudantes levam os *smartphones* para a escola apenas para fazer registros fotográficos, quando o professor poderia estar aliando este recurso à práticas educacionais.

Uma das queixas do professorado é que a falta de conexão de internet dificulta o uso das tecnologias educacionais, por isso utilizam recursos tecnológicos que não precisam de internet para funcionar, a exemplo do projetor de mídia e a reprodução de vídeos. Quando vi que seria inviável implementar o *software* HagáQuê na prática dos educadores no início da pesquisa, pelo contexto pandêmico de COVID-19 e pela falta do laboratório de informática na escola, precisei refazer a rota de investigação e optei pela gamificação.

A escolha foi feita por ter tido contato com esta metodologia ativa durante o curso de Pós-graduação (*lato sensu*) em Informática na Educação no ano de 2019 e visualizei que seria uma estratégia interessante, viável e exequível para aliar no desenvolvimento da pesquisa. Até porque a sua aplicabilidade pode ser feita em ambientes *off-line* possibilitando a usabilidade desta metodologia ativa pelo professorado.

Para entender o conceito de gamificação precisamos compreender o termo metodologia ativa, de acordo com Bacich & Moran (2017, p.17) este fenômeno "se

caracteriza pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem" e a principal característica é tornar os discentes protagonistas de seu aprendizado, os comprometendo com a sua aprendizagem.

Portanto, os autores supracitados entendem que a gamificação trata-se de aulas com roteiros da linguagem dos jogos. Fardo (2013, p.64) afirma que a definição do termo "encontra-se um tanto nebulosa", por ser um conceito aplicável em muitas áreas, por esse motivo irei usar como ponto de partida a definição tecida pelo escritor Karl Kapp (2012, p.32) ao definir a gamificação através do "uso de mecânicas, estética e pensamentos dos games para envolver pessoas, motivar a ação, promover a aprendizagem e resolver problemas".

O uso da palavra gamificação foi inaugurado em 2002, pelo programador Nick Pelling ao afirmar que o uso de conceitos e ferramentas do mundo dos *games* poderiam ser aplicados ao mundo real para motivar os indivíduos a resolverem problemas. Adiciono um adendo de que a nomenclatura é a tradução de *gamification*, termo inglês e ganhou visibilidade no ano de 2010, após a designer de jogos Jane McGonigal afirmar que os jogos podem ajudar a resolver os problemas do mundo real se as pessoas utilizassem a mesma mecânica para solucionar problemas reais.

Neste compasso, o historiador Johan Huizinga (2000, p.151) ao propor o jogo como elemento da cultura chega à conclusão de que a "[...] estreita ligação entre o jogo e a cultura não era observada nem expressa, ao passo que a nós importa apenas mostrar que o puro e simples jogo constitui uma das principais bases da civilização", pois desde os primórdios, as civilizações já se organizavam de forma a jogar e competir, a exemplo do ato da pesca e da caça, para executá-lo tem toda uma sequência de preparação, indo desde a escolha do artefato utilizado para capturar a presa, passeando pela técnica, captura e preparo do animal, ficando claro a existência de um conjunto de regras.

Percebemos que a gamificação, surge então, da adaptação dos elementos dos jogos em diferentes ambientes para engajar e motivar os atores sociais a superar obstáculos. Nesta perspectiva, a professora Tizuko Kishimoto (1993, p. 15) através de seus estudos sobre o jogo na educação, aponta a tradição oral como responsável por transmitir os elementos dos jogos ao decorrer das gerações, pois

> Considerado como parte da cultura popular, o jogo tradicional guarda a produção cultural de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida, sobretudo, pela oralidade, não fica cristalizada. Está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo.

Assim, as pesquisadoras amapaenses Ângela do Céu Brito e Maria Carolina Marques (2021) afirmam quem no contexto da Amazônia Amapaense, a criança alimenta a sua criatividade e fantasia através do acesso à tradição oral, os seus saberes são tecidos a partir das interações com o outro e também com os jogos, pois

> No cotidiano, nas rotinas culturais, nos jogos e nas brincadeiras existe uma produção e compartilhamento de saberes que são intensificados, construídos e enriquecidos nos momentos e espaços em que as crianças estão atuando como protagonistas, na interação, brincar e socializar com os seus pares e com os adultos da sua convivência. (BRITO; MARQUES, 2021, p.86)

Historicamente, a gamificação, tem suas raízes fincadas nos jogos tradicionais de tabuleiro, trilhas e de rodas, repassados através da oralidade no decorrer das gerações mais recentemente adaptados ao contexto do virtual e do digital. Assim os jogos digitais possuem características próprias, para Prensky (2012, p.15) "são um subconjunto de diversão e de brincadeiras, mas com uma estruturação que contém um ou mais elementos, tais como: regras, metas ou objetivos, resultado e feedback conflito/ competição/ desafio/ oposição, interação, representação ou enredo".

Estes elementos são essenciais para desenvolver uma prática pedagógica gamificada e afrorreferenciada, não só estes, mas há muito outros que podem ser inseridos conforme a intenção do educador, seja para motivar ou engajar o estudante. Iremos eleger alguns desses elementos para implementar nas propostas pedagógicas, por isso vamos desvendá-las a seguir.

4.1 TECENDO PRÁTICAS GAMIFICADAS PARA UM CURRÍCULO AFRORREFERENCIADO

Diante da sociedade atual de base tecnológica que impulsiona mudanças nos processos educacionais ao decorrer do tempo, a gamificação surge nesse contexto como uma proposta pedagógica para colaborar com um currículo afrorreferenciado considerando as faces do Quilombo do Cria-ú e os aspectos da cultura digital da BNCC (2018) conforme explicitado no documento norteador:

> Cultura digital: envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da

> tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica. (BRASIL, 2018, p. 474)

Nesse sentido quando perguntei à coordenação pedagógica da EQE José Bonifácio o que estava sendo feito para a implementação da cultura digital na escola obtive o seguinte depoimento:

> ***Coordenação Pedagógica:*** *A questão digital é conforme a necessidade e o que a gente pode oferecer para os alunos, porque o professor, querendo ou não, se ele quer dá uma boa aula ele vai atrás das tecnologias, mas essa tecnologia tem que alcançar o aluno. Então nesse aspecto essa competência ela tá prejudicada devido ao suporte que a gente não tem. (Coordenação pedagógica, entrevista, 09/02/2021).*

Assim espera-se que as propostas a serem descritas possam ser um ponto de partida para práticas pedagógicas no bojo da cultura digital e para que os estudantes possam ter contato com um novo formato de aprendizagem sentindo-se motivados pelo uso da gamificação.

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) professam a reorganização dos currículos nas escolas quilombolas para que a realidade do estudante seja a premissa para uma educação equânime, considerando uma metodologia capaz de contemplar os aspectos digitais que o estudante conhece. Para Verônica Kenski (2013, p. 62) "a cultura contemporânea está ligada à ideia de interatividade, da interconexão e da inter-relação entre as pessoas, e entre essas e os mais diversos espaços virtuais de produção e disponibilização das informações".

Compreendo que as metodologias de aprendizagem se reinventam ao passo das transformações da sociedade influenciando no modo de pensar e aprender, a cinco anos atrás jamais imaginaríamos a facilidade de acesso à aulas remotas como temos hoje. À luz da BNCC (2018) os educandos estão ativamente incorporados a esta cultura, pelo acesso aos instrumentos tecnológicos, pois "há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação [...]". (BRASIL, 2018, p.61).

Assim, a gamificação é fruto destas transformações da contemporaneidade, observado que as crianças e jovens respondem aos estímulos dos jogos por envolver um conjunto de elementos engajadores e motivacionais para cumprir com o objetivo dos jogos digitais. De acordo com os estudos da pesquisadora Bianca Tolomei (2017, p.151) na perspectiva do uso

da gamificação na educação, estes elementos "estão relacionados a desejos e necessidades humanas como recompensas, status e desafios, entre outros."

De acordo com McGonigal (2011) há quatro características básicas dos jogos digitais implementáveis nas atividades gamificadas: meta, regras, sistema de *feedback* e participação voluntária. Por outro lado, as pesquisadoras Cristina Martins & Lúcia Maria Giraffa (2015) consideram: missão, enredo, níveis/desafios, objetivos específicos, recursos, colaboração, *help*, itens, desempenho, *xp*, pontuação e personagem como elementos primordiais a serem implementados em práticas pedagógicas gamificadas.

É importante frisar que alguns dos itens propostos pelas autoras supracitadas recebem nomes distintos, porém tem a mesma intenção, a exemplo da meta - missão, sistema de *feedback* – desempenho e regras - objetivos específicos. Por isso, elegi alguns elementos da mecânica dos jogos digitais para compor as propostas pedagógicas gamificadas, compreendo que ao decorrer da prática os professores podem ir implementando outras estratégias, porém no bojo de estratégias iniciais considero ancorar nos elementos mais comuns dos jogos digitais:

1. **Missão:** consiste na definição da tarefa, apontando para as tarefas que deverão ser realizadas para que a missão seja concluída. Aqui, será apresentada detalhadamente a atividade a ser realizada, é o espaço no qual o alunado poderá sanar todas as dúvidas.

2. **Regras:** conjunto de orientações a serem seguidas para que o jogador consiga realizar a missão com êxito. É importante orientar os estudantes seguirem as regras para que eles consigam alcançar a pontuação integralmente, caso contrário poderá ser sinalizado as penalidades ao não seguimento das regras.

3. **Sistema de *feedback*:** consiste no acompanhamento do jogador no percurso do jogo. Olhando para o contexto educacional, as orientações são dadas pelo professor para que o estudante siga na direção certa afim de concluir a missão.

4. **Pontuação:** é a recompensa pela realização da missão, é o resultado do desempenho do jogador durante o percurso do jogo. Assim, o professor poderá transformar essa pontuação como resultado da avaliação.

Dito isto, os professores assumem a função de "*designer"* do jogo, ao decorrer da trama poderão implementar uma ou mais estratégias conforme a necessidade da turma, pois o currículo é flexível. As propostas a seguir partem da necessidade dos estudantes da EQE José Bonifácio terem contato as tecnologias educacionais e com a cultura digital e do esforço coletivo para que os professores dos componentes curriculares Artes, Literatura, História,

Geografia e Ensino Religioso possam afrorreferenciar ainda mais suas práticas pedagógicas compreendendo a insuficiência dos conteúdos dos livros didáticos no que tange à educação escolar quilombola.

As propostas são subdividas em: componente curricular, ano, título da proposta pedagógica gamificada, habilidade pretendida conforme a BNCC (2018), orientações gerais, missão, regras, sistema de *feedback* e pontuação.

É importante ressaltar que os professores precisam remeter o seu vocabulário como se realmente estivessem em um jogo digital, utilizando expressões dos jogos, como por exemplo, jogar, enfatizando que trata-se de uma atividade gamificada, indicando a necessidade de cumprir cada etapa da atividade para realizar a missão, caso contrário não avançará de fase ou poderá não alcançar todos os pontos.

Assim, a prática pedagógica proposta, busca partir da utilização do Jornal do Quilombo de autoria do seu Sabá, mostrando aos estudantes a importância do periódico para manter informada a população do quilombo e também por levantar pontos de discussão. O jornal é uma tecnologia, um meio de informação entre os quilombolas e estabelece um marco diante tantas vozes/pensamentos negros silenciadas pelos ditos colonizadores ao impediram o contato com o mundo acadêmico-científico.

Ademais, o jornal é apontado pelas Orientações e Ações para a ERER (2006) sendo um instrumento para construir coletivamente e viabilizar o trato pedagógico das questões raciais no ambiente de sua escola. Corroborando para as iniciativas de valorização da identidade conforme a Resolução n. 08/2012 e o Parecer CNE/CP 003/2004.

Quadro 9 – Proposta pedagógica gamificada de Língua Portuguesa/Literatura

Componente curricular: Língua Portuguesa/Literatura	**Ano:** 6º ao 9º
Proposta pedagógica gamificada: Construindo um Jornal da EQE José Bonifácio	
Habilidade pretendida: "(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc." (BRASIL, 2018, p. 145).	
Orientações gerais: Os estudantes deverão fazer uma visita de campo ao escritor Sebastião Silva, editor-chefe do Jornal do Quilombo em busca de alguns exemplares de diferentes edições na inviabilidade de empréstimo/doação do jornal o grupo poderá pedir autorização para tirar foto com seus celulares; De posse do material, os estudantes retornarão para a sala de aula para dialogar com o docente e colegas sobre a estrutura e etapas de construção de um jornal; Haverá a divisão das equipes e sorteio das manchetes a serem desenvolvidos,	

conforme o Jornal do Quilombo: História, Anúncios, Denúncias, Comentário e Ponto de vista; Os estudantes deverão compor as manchetes com informações cedidas pelo círculo familiar e escolar, em seguida, reunir o material produzido para compor o Jornal da EQE José Bonifácio.
Missão: **1.** Participação da aula de campo (20 pontos); **2.** Participação da aula expositiva sobre a construção de um jornal (20 pontos); **3.** Buscar as informações para a manchete no âmbito escolar ou familiar (20 pontos); **4.** Apresentação oral das manchetes produzidas (40 pontos).
Regras: A atividade será em grupo; O professor deverá ser consultado sobre qualquer decisão/dúvida referente à escolha do assunto da manchete e todos os membros do grupo deverão participar da apresentação do jornal.
Sistema de *feedback*: O professor deverá acompanhar de perto todo o processo e apontar melhorias para a construção do Jornal da EQE José Bonifácio.
Pontuação: Após cada missão concluída os estudantes deverão ser informados da pontuação adquirida e ao final informados sobre o total de pontos do grupo.

Fonte: Neliane Freitas (2023)

A seguir, visualizaremos a proposta para o componente curricular de Artes, utilizando os ideogramas *adinkras* pois são uma tecnologia ancestral africana e expressam valores tradicionais e reflexões para a conduta humana. Elisa Nascimento (2008, p.31) diz que o significado de *adinkra* é "adeus" e "[...] tradicionalmente aparecem estampados com tinta vegetal em tecido de algodão que as pessoas usam em ocasiões fúnebres e homenagens. O adinkra constitui uma arte nacional de Gana. São mais de oitenta símbolos e cada um traz um contexto epistemológico simbólico". Portanto, são elementos oriundos da "mãe África", e constituem a cosmovisão africana de onde deve partir a aprendizagem dos estudantes quilombolas (PETIT, 2015, p. 20).

Corroborando para este entendimento, Piedade Videira (2013, p. 118) nos diz que:

> O ensinamento dentro e fora da escola deve ser baseado na participação efetiva, diálogo, histórias contadas, artes, danças, mitos e vivências cotidianas tendo o reforço constante sobre os valores civilizatórios africanos e afrodescendentes que estão agregados à cultura do Quilombo e se forem potencializados em sala de aula poderão ajudar a alicerçar a identidade étnica positiva do ser aquilombado.

Mergulhada na compreensão destas intelectuais, tracei a proposta pedagógica gamificada, respeitando os limites e potencialidades da EQE José Bonifácio:

Quadro 10 – Proposta pedagógica gamificada de Artes

Componente curricular: Arte	**Ano:** 6º ao 9º
Proposta pedagógica gamificada: *Adinkras*: (Re) produzindo tecnologias ancestrais africanas	
Habilidade pretendida: "(EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável." (BRASIL, 2018, p. 211).	

Orientações gerais: O docente deverá realizar uma aula expositiva sobre a origem e significado dos ideogramas *adinkras* relacionando com a oralidade e o sentimento de pertencimento*;* Em seguida, disponibilizar em material impresso alguns ideogramas, acompanhado do seu significado possibilitando uma reflexão aos estudantes; Após exposição, o docente pedirá aos estudantes para formarem duplas e escolherem um ideograma para reproduzir em folha A4; Concluída esta fase, o docente irá orientá-los a apresentarem suas produções indicando o motivo da escolha do ideograma e qual a relação do símbolo com a sua vivência no quilombo.
Missão: **1.** Participar da aula expositiva (25 pontos); **2.** Produção do ideograma *adinkra* (25 pontos); **3**. Apresentação oral do ideograma *adinkra* (50 pontos).
Regras: O estudante não poderá emprestar o desenho de outra dupla para apresentar.
Sistema de *feedback*: O docente anotará o nome das duplas no quadro seguido da pontuação alcançada em cada missão.
Pontuação: Os estudantes acompanharão a pontuação ao decorrer do processo.

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Para a proposição do componente curricular de Geografia, partir do pressuposto da valorização das paisagens que compõem o Quilombo do Cria-ú para que os estudantes possam compreender os diferentes aspectos que compõe a paisagem física e a importância de proteger a APA do Curiaú tratando-se de um território quilombola, duplamente protegido e localizado na Amazônia Amapaense. De acordo com a Resolução n. 08/2012 "§ 2º O Ensino Fundamental deve garantir aos estudantes quilombolas: I - a indissociabilidade das práticas educativas e das práticas do cuidar visando o pleno desenvolvimento da formação humana dos estudantes na especificidade dos seus diferentes ciclos da vida [...]" (BRASIL, 2012, p.8).

A proposta a seguir é uma oportunidade para reafirmar a terra, o território e chamar atenção para vários aspectos, especialmente para a dimensão da preservação destes ambientes para a (re) existência da vida humana e animal, neste compasso, Gonçalves (2022, p.151) assevera para a preservação dos saberes criados na relação entre as populações negras e as paisagens, dizendo:

> [...] O fato de elas terem ficado excluídas do processo de alfabetização formal não as impediu de elaborarem um conhecimento complexo da realidade em que vivem. Sua história de luta pela liberdade e de resistência se apresenta hoje com a perspectiva de existir positivamente pelos conhecimentos que elaboraram com a relação aos ecossistemas.

Assim, apresento a proposta pedagógica gamificada a seguir:

Quadro 11 – Proposta pedagógica gamificada de Geografia

Componente curricular: Geografia	**Ano:** 6º
Proposta pedagógica gamificada: As paisagens do meu quilombo	

Habilidade pretendida: "(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos". (BRASIL, 2018, p. 385).
Orientações gerais: O professor deverá realizar uma aula de campo no Quilombo do Criaú, levando os estudantes a identificarem os tipos de paisagens que compõem o território e fazer registro fotográfico das paisagens; Em sala de aula deverá rememorar com os estudantes a visita e pedir que estes façam desenhos dos lugares que mais lhe chamaram atenção; Em seguida o professor irá falar o nome de uma paisagem e os estudantes que a desenharam deverão ir até a frente e falar sobre suas emoções e o que aprenderam sobre a paisagem.
Missão: **1.** Participação da aula de campo (20 pontos); **2.** Fazer o desenho da paisagem (30 pontos); **3.** Apresentação oral do desenho (50 pontos).
Regras: O estudante não poderá emprestar o desenho do colega para apresentar.
Sistema de *feedback*: Após as apresentações de cada bloco de paisagem o professor deverá realizar suas considerações sobre o tema.
Pontuação: Após cada missão concluída os estudantes deverão ser informados da pontuação adquirida e ao final informados da pontuação geral.

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Considero enfatizar que ao fazer o exercício de garimpagem nas habilidades do componente curricular História na BNCC (2018) pude perceber a superficialidade no tratamento da valorização da História e Cultura afro-brasileira, e quando aparece, a história do negro tem como ponto de partida o período da escravidão. O relevante conteúdo foi reduzido a duas notas de rodapé dentro da BNCC, no campo da história.

Dessa forma, percebo que o desenvolvimento de práticas de valorização da cultura e identidade negra, implementação e efetivação da educação para as relações étnico-raciais ainda está sob responsabilidade das legislações antirracismo.

Dito isto, compreendo que as práticas pedagógicas da disciplina de História devem ser basilares para a descolonização do currículo e das narrativas afrodiaspóricas. Portanto, a proposta a seguir também parte do pressuposto da interdisciplinaridade, pois a primeira missão pode ser realizada em conjunto com a proposta mencionada na disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, ambas utilizam o Jornal do Quilombo como pano de fundo.

O Parecer CNE/CP 003/2004 apresenta ações para mudança de posturas e de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em relação a população negra, apresentando estratégias curriculares com a "inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola [...]" (BRASIL, 2004, p. 18).

Assim, a proposta pedagógica gamificada abaixo, busca aliar a memória histórica criauense presente no Jornal do Quilombo com a produção de histórias em quadrinhos para salvaguardar os saberes dos mais velhos da comunidade, compreendo que é preciso preencher

essa lacuna da ausência de personagens negros nos quadrinhos e da apresentação estereotipada do negro nos livros didáticos (SILVA, 2011).

Quadro 12 – Proposta pedagógica gamificada de História

Componente curricular: História	**Ano:** 6º
Proposta pedagógica gamificada: Desvendando as histórias do meu quilombo.	
Habilidade pretendida: "(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.". (BRASIL, 2018, p. 421).	
Orientações gerais: O educador deverá realizar uma visita de campo ao escritor Sebastião da Silva afim de levar os estudantes a conhecerem o processo criativo do jornal do quilombo através da manchete "histórias"; Orientar os estudantes a dialogar com seus parentes mais velhos avós, pais, tios (as), primos (as) a respeito de alguma história do quilombo e levar essa história escrita para entregar ao educador; Em seguida, o educador pedirá aos estudantes que construam uma história em quadrinhos utilizando por base a história entregue;	
Missão: **1.** Participação da visita de campo (20 pontos); **2.** Entrega da história escrita (20 pontos); **3**. Elaboração da História em Quadrinhos (30 pontos); **4.** Apresentação oral do processo criativo e da construção da HQ (30 pontos).	
Regras: A atividade deverá ser realizada individualmente.	
Sistema de *feedback*: O educador deverá realizar suas considerações após cada missão alcançada, indicando os acertos e apontando melhorias.	
Pontuação: Após cada missão concluída os estudantes deverão ser informados da pontuação adquirida e ao final informados da pontuação geral.	

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Diferentemente das habilidades do componente curricular de História, o Ensino Religioso é um campo importante a ser explorado no tocante a BNCC (2018) do ponto de vista da valorização das tradições religiosas, dos saberes ancestrais, da oralidade, valorização dos saberes ancestrais e a respeito do racismo religioso que perdura e segue violentando crianças, jovens e docentes praticantes de religiões de matriz africana, que são vítimas preferenciais do neopentecostalismo.

Por todos esses aspectos, escolhi propor uma prática pedagógica gamificada a partir dos elementos que compõem a festividade do santo padroeiro do Quilombo do Cria-ú: São Joaquim.O diálogo com as pessoas que fazem parte dos rituais religiosos é importante para que haja a compreensão do sentimento que permeia o envolvimento das atividades dos festejos, para Cícera Nunes (2011, p.45)

> É através da ancestralidade que os negros encontram-se com uma história que vem sendo incorporada ao longo das gerações; vivencia-se momentos de encontro com a

> própria cultura. As práticas rituais são formas utilizadas pela população negra para expressar a relação de pertencimento com seu grupo étnico.

Portanto, entendo que é importante esse contato com as pessoas que fazem parte da organização dos rituais religiosos, para aprofundar o conhecimento e valorizar a identidade quilombola, entendendo que a festividade faz parte da cultura criauense. Glória Moura (2012, p133) aponta para as festas santorais como um elemento do currículo invisível e as "festas em quilombos contemporâneos revelam significado e os induzem a refletir sobre sua responsabilidade na manutenção da identidade étnica, preservando tradições antepassadas africanas, dinamizando-as, elevando o status comunitário".

Quanto antes o contato com as pessoas que participam ativamente dos rituais das festas religiosas ocorrer, mais cedo haverá a compreensão da salvaguarda e continuidade destas celebrações.

Quadro 13 – Proposta pedagógica gamificada de Ensino Religioso

Componente curricular: Ensino Religioso	**Ano:** 8º
Proposta pedagógica gamificada: Compreendendo as práticas religiosas da festividade de São Joaquim	
Habilidade pretendida: "(EF08ER02) Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus princípios éticos.". (BRASIL, 2018, p. 457).	
Orientações gerais: O docente deverá dividir a turma em grupos e sorteando temas de pesquisa relacionados às práticas religiosas da festa do padroeiro: Os foliões de São Joaquim, a liturgia dos festejos, a levantação e derrubada do mastro, os promesseiros, os padrinhos da bandeira, entre outros; Indicar aos estudantes que estes deverão procurar as pessoas que fazem parte destes rituais a fim de compreender as singularidades e importância destes momentos; Orientá-los a fazer um caderno de memórias das visitas, contendo registros fotográficos da pesquisa de campo e todo material relevante; Após a conclusão da pesquisa o caderno de memórias deverá ser socializado entre todos.	
Missão: **1.** Participação da aula expositiva (10 pontos); **2.** Pesquisa de campo (30 pontos); **3.** Construção do caderno de memórias (30 pontos); Socialização da pesquisa (30 pontos).	
Regras: Todos os integrantes do grupo deverão participar de cada missão, caso contrário haverá influencia na pontuação do grupo; no dia da socialização, todos os componentes do grupo deverão participar.	
Sistema de *feedback*: O docente deverá realizar suas considerações após cada missão alcançada, indicando os acertos e apontando melhorias.	
Pontuação: Após cada missão concluída os estudantes deverão ser informados da pontuação adquirida e ao final informados da pontuação geral.	

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Ressalto que estas propostas pedagógicas gamificadas foram costuradas a partir de minha observação no campo de pesquisa, compreendendo as limitações do âmbito educacional da EQE José Bonifácio. Por todos esses aspectos apresentados, compreendo que

a gamificação não irá resolver todas as insuficiências curriculares, metodológicas e tecnológicas, mas se utilizada de forma correta poderá contribuir para uma aprendizagem significativa exercendo o protagonismo dos estudantes. Há um longo rio a ser navegado para que seja implementada a cultura digital na EQEJB, pois é necessário investimento financeiro na aquisição de materiais e recursos, laboratório de informática, internet e formação inicial e continuada para os docentes que lá atuam, mas tudo isso depende das ações do estado em promover tais benesses. Pois, os avanços que a escola tem feito em termos de efetivação das leis antirracismo partiu de motivações intrínsecas e da mobilização dos criauenses.

Marcelo Fardo (2013) considera o uso da gamificação por utilizar uma linguagem na qual os estudantes já estão familiarizados e considera as habilidades trazidas pelos estudantes através do contato com os jogos digitais fora do contexto escolar. Em contrapartida Moura (2012, p. 163) deduz: "um currículo que responda às especificidades, exige que os professores recebam capacitação para lidar com questões educacionais acima do "professor-bancário" de Paulo Freire, que persegue instruções de manuais", assim os professores atuantes em escolas quilombolas de reinventar suas práticas pedagógicas.

À luz do design Tiago Eugenio (2020, p. 61) "os professores são os profissionais que mais criam sistemas básicos de gamificação. O que falta é uma aproximação maior com a linguagem dos *games",* por vezes lhes falta um entendimento e uma formação continuada sobre a temática. Com base nos panoramas apresentados, as propostas pedagógicas gamificadas podem abrir caminhos para novos repertórios didáticos dos professores da EQE José Bonifácio e contribuir para a aprendizagem significativa dos estudantes.

4.2 RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

Tomando por base o percurso investigativo, no qual fui guiada por literaturas negras, vozes quilombolas criauenses, pelos funcionários da EQE José Bonifácio e pelas legislações antirracismo, principalmente a Resolução n. 08/2012 e a Lei n. 10.639/03, desenvolvi um recurso didático-pedagógico para auxiliar o processo educacional dos professores quanto ao Projeto Curiaú Mostra Tua Cara e mostrar a cara do Quilombo do Cria-ú para àqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer a história do projeto em tela.

Considerando as fragilidades didático-pedagógicas da BNCC (2018) e do Referencial Curricular Amapaense quando à efetivação da educação escolar quilombola, dos pressupostos norteadores da pesquisa que tratam da descolonização do currículo, da pretagogia, do

currículo afrorreferenciado e à luz da Ações e Orientações para a ERER, Parecer CNE/CP 003/2004, da Resolução n.08/2012, Lei n. 10.639/03 e de autores como Piedade Videira (2013), Nilma Gomes (2012) e Elivaldo Custódio & Eugénia Foster (2019) que coadunam para a elaboração de materiais didáticos específicos com vistas a contemplar a vivência do estudante quilombola e de apoio didático aos professores, proponho uma cartilha para colaborar na formação inicial dos professores que chegam à EQEJB para que saibam do se trata o PCMTC.

Após ouvir os relatos da equipe de projetos sobre a dificuldade de efetivar as ações do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara por conta de alguns colegas professores não entenderem o projeto, seja por falta de vivência na comunidade ou por não buscarem conhecerem a singularidade do PCMTC para a identidade dos estudantes quilombolas.

Como pesquisadora, movida pelo interesse de contribuir significativamente com o Quilombo do Cria-ú através da pesquisa, avistei uma oportunidade de proporcionar um retorno acadêmico-científico para os atores sociais participantes da pesquisa e para todos àqueles interessados na educação para as relações étnico-raciais em especial na educação escolar quilombola e o uso da tecnologia ativa.

Diante desses aspectos, Elivaldo Custódio & Eugénia Foster (2019, p. 219) aludem sobre a elaboração de recursos pedagógicos para os professores atuantes nas escolas quilombolas, dizendo:

> Pensar num material didático de EEQ para subsidiar os professores em sala de aula torna-se um desafio, pois, é necessário refletir que muitas vezes o docente desconhece ou nunca ouviu falar sobre essa temática, ou seja, há de se pensar que além de se realizar um produto pedagógico para aluno, torna-se fundamental elaborar um direcionado ao professor como forma de suprir a deficiência da formação inicial ou continuada sobre a EEQ no Brasil. A elaboração de uma proposta de material didático de EEQ não significa romper com os conhecimentos educacionais tradicionais, mas buscar incorporar a esses conhecimentos a dinâmica do cotidiano, o jogo simbólico da vida, o crescimento e aprimoramento que permeiam as comunidades quilombolas marcados na dimensão do desafio, da luta e do enfrentamento das dificuldades que se materializam em distintos graus nessas comunidades

Porquanto, o objetivo da cartilha é apresentar as singularidades da identidade criauense na perspectiva das ações do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara e somar na salvaguarda da memória histórica, do legado sociocultural e das riquezas patrimoniais da comunidade.

Figura 67 – Capa da cartilha “Curiaú, mostra a tua cara”

Fonte: Neliane Freitas (2023)

Para que os estudantes nunca se esqueçam da importância do projeto para a celebração da cultura negra, da memória individual e coletiva e para que os profissionais da educação da EQE José Bonifácio continuem na trilha da descolonização do currículo. Assim, apresento no apêndice desta dissertação a cartilha completa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao realizar esta travessia acadêmico-cientifica, navegando pelos rios do conhecimento, aporto a outra margem com uma bagagem repleta de experiências que ressignificaram a minha visão de mundo e o modo de interpretar as coisas, as pessoas e os acontecimentos da vida. Durante a minha trajetória acadêmica, feita longe de casa, tive a oportunidade de conhecer vários lugares, ter contato com outras culturas, hábitos e costumes, mas nunca esqueço de onde vim e da minha origem ribeirinha.

O meu desejo de menina sempre foi estudar, por mais que isso significasse muitas despedidas, inclusive a mais dolorosa delas, aceitar morar longe da minha família. Mas o tempo vai passando e a gente aprende a conviver com a saudade. É que no caminho encontrei muitas pessoas que me fortaleceram e pude seguir no meu propósito, durante a graduação tive o primeiro contato com mundo da pesquisa acadêmica, viajei, conheci pessoas, lugares e percebi que a educação pode transformar sonhos em realidade.

Ao conseguir ocupar uma cadeira no PPGED/Unifap, pude realizar um sonho antigo de contribuir na salvaguarda dos saberes ancestrais do Quilombo do Cria-ú, me colocando sempre como "aprendente" da realidade pesquisada, pois não tenho a intenção de esgotar a temática até porque é impossível por se tratar de um campo muito rico, mas acredito que a minha pesquisa abrirá muitas outras portas para as discussões de cunho étnico-racial, da educação escolar quilombola, das cosmovisões africanas, da identidade quilombola e da educação quilombola.

Assim pude aprender a fazer pesquisa cientifica com o olhar sensível e ouvidos sempre atentos às narrativas dos moradores do Cria-ú, dos profissionais da educação da EQE José Bonifácio e ex-professores, todos estes atores sociais são peças fundamentais para compreender a dimensão do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara e todos os elementos culturais, religiosos, geográficos e históricos do território criauense.

Pude compreender que no Quilombo do Cria-ú se define o Batuque, o Marabaixo, as festividades de santos do catolicismo de pretos da Amazônia e as relações sociais criadas nesses espaços, todos esses elementos fazem parte da identidade, da "cara" do Cria-ú. Aprendi também que essas riquezas patrimoniais e culturais são uma forma de resistência diante as tentativas de apagamento histórico do negro, dialogar sobre a cultura do quilombo é um ato político, de enfrentamentos diante os racismos, a discriminação racial e o preconceito anti os negros e a cultura negra.

A minha estadia no campo de pesquisa foi imprescindível para que as categorias de análise fossem definidas, observando a singularidade da pesquisa, a fé das pessoas nos santos venerados no quilombo à importância destas trajetórias para o currículo afrorreferenciado.

Ao mesmo tempo pude perceber os privilégios que tive ao ter acesso a uma educação de qualidade sem interrupções, ao contrário de muitos jovens e adultos da comunidade que deixam e deixaram de estudar por não terem acesso ao mínimo: transporte público que atenda a demanda do quilombo. Assim, pude repensar conceitos pré estabelecidos, do tipo: a educação é para todos, mas não lhes é dado condições igualmente de acesso e percebo assim uma sociedade ainda com traços muitos fortes da colonialidade e da cultura hegemônica.

O Projeto Curiaú Mostra Tua Cara tem um valor social, político e cultural grandioso para a EQE José Bonifácio constituindo-se como uma prática pedagógica para promover o currículo afrorreferenciado ao proporcionar um elo entre os saberes ancestrais e a identidade do quilombo do Cria-ú. Além de estabelecer um canal de diálogo com os saberes da comunidade ao chamar os moradores mais velhos para participar das ações do projeto através das oficinas e entrevistas produzidas pelos professores, na culminância estas pessoas são homenageadas, mostrando o respeito aos seus saberes que são repassados através da tradição oral

Chamo a atenção para importância da manutenção da memória individual e coletiva para que os costumes da comunidade sejam mantidos, apesar que a globalização da informação já é uma realidade no território. Por isso a escola deve promover ações de valorização da cultura da comunidade e indicar práticas pedagógicas que aliem o contexto de base tecnológica à educação quilombola. Apresentei as propostas pedagógicas gamificadas, afirmando que a vivência dos estudantes deve ser um fio condutor para a educação escolar quilombola e efetivação das leis antirracismo.

Ressalto o esforço de pesquisa em elaborar a linha do tempo do PCMTC, foi um trabalho de "formiguinha" analisando cada oficio, caderno de planejamento e programações para conseguir montar o percurso histórico do projeto. Enfatizo que esta dissertação é um esforço coletivo, foi construída por muitas mãos e narrativas embricadas em um único objetivo: contar a história do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara e apresentar os principais aspectos que compõem o Quilombo do Cria-ú a partir das memórias dos moradores da comunidade, outrossim, dialogar sobre as práticas educacionais da EQE José Bonifácio refletindo sobre a prática pedagógica dos professores dos componentes curriculares Artes, Geografia, História, Ensino Religioso e Literatura.

Chego até aqui muito grata a tudo e a todos que embarcam comigo neste percurso, o meu desejo é que a minha pesquisa possa motivar os criauenses a escreverem sobre sua própria história e cada vez mais consigam ultrapassar os limites do Quilombo para galgar o caminho do conhecimento, apesar de todos os entraves que ainda persistem no sistema educacional quanto ao acesso à uma educação de qualidade e me despeço por hora, utilizando-me das palavras do querido "seu Carolina", quanto me disse que "um povo sem cultura, não é nada", por isso, deixo aqui o meu esforço acadêmico-cientifico em contribuir para a valorização e salvaguarda da cultura do Quilombo do Cria-ú.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. Branco em terra de negro. In: Barreto, Maria Aparecida. **Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores**. Vitória, ES: EDUFES, 2013.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as novas etnias**. - Manaus: UEA Edições, 2011.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora:** uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. – Belém: Secult/PA, 2019. 196 p.

AMAPÁ. Conselho Estadual de Educação do Amapá. **Resolução CEE/ Nº 025/2016** - Estabelece normas para criação e funcionamento das instituições de educação escolar quilombola, no âmbito da educação básica do estado do Amapá. Macapá-AP, 2016.

AMAPÁ. Governo do Estado do Amapá. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Amapaense:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Macapá-AP, 2019.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos: geografia africana, cartografia étnica, territórios tradicionais**. Mapas Editora & Consultoria, 2009.

ARCHANJO, Elaine Cristina Oliveira Farias; COSTA, Renilda Aparecida da. **Festa de Santo no Quilombo:** (re)afirmação da identidade étnica na comunidade quilombola de Boa Vista (Oriximiná/Pará). In: III Seminário Internacional em Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia - Manaus, 2018.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: Raça: **Perspectivas Antropológicas**. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BACICH, Lilian; MORAN, José. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre, RS: Penso Editora. 2018.

BENTES, Sabrina Natali Silva. "Cada senhora dez dedos, cada dedo é uma memória": uma narrativa das histórias e memórias de mulheres marabaixeiras e a cidade de Macapá - AP. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, *[S. l.]*, v. 4, n. 8, 2021. 2020?Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/14480. Acesso em: 12 jul. 2023..

BRASIL. Ministério da Cultura e da Educação. Lei n. 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 003/2004. De 10 de março de 2004, Diário Oficial da União Brasília, DF de 19 de maio de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, DF: SECAD, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, 11 de março de 2008.

BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Resolução nº 8, de 20 de novembro 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica /** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos. **"Se eu não fizer o bem, o mal não faço!":** as práticas culturais/religiosas afroindígenas do quilombo do cria-ú e o currículo de ensino religioso da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio. Orientadora: Piedade Lino Videira. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Pós-Graduação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.

BRITO, Angela do Céu Ubaiara; MARQUES, Maria Carolina Henrique. CULTURAS INFANTIS NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: O BRINCAR DAS CRIANÇAS E OS SABERES CULTURAIS. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 68, p. 82-93, 2021.

BRITO, Roseany. M. (org.) **Curiaú, Mostra Tua Cara-2021**. Macapá: Editora Cromoset, 2021.

CARTH, John. L. A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-Raciais. 2019. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

CARVALHO, Valéria; CARVALHO Verônica. Vozes ancestrais. In: Krenak, Ailton; Piúba, Fabiano (orgs.) **Desnaturada:** cultura e natureza. – Fortaleza: Secult/Ce,2022.

BRITO, Daguinete Maria Chaves; BASTOS, Ananda Brito; BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito. Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú em Macapá/Ap: Territórios de Resistência e a Legalização de Áreas. **Geo UERJ**, n. 40, 2022. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/64988/41186. Acesso em: 18 ago. 2023.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; PADINHA, Maria do Socorro Ribeiro. Coordenadoras e práticas pedagógicas: legislação educacional, formação crítica e relações raciais. **Linhas Críticas**, p. 229-250, 2013.

CORDEIRO, Albert. Alan. de S. Interculturalidade e Cultura Popular: debatendo a folclorização dentro da educação escolar. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, *[S. l.]*, v. 31, n. 67, p. 308–324, 2023. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n67.p308-324. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/13929. Acesso em: 20 set. 2023.

CORENZA, Janaína de Azevedo. **Formação inicial de professores:** conversas sobre relações raciais e educação. -1. ed. – Curitiba: Appris, 2018.

COSTA, Tiago Geisler Moreira. **A comunidade de Queimadas frente à expansão minerária no Alto Jequitinhonha:** a defesa de um território. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais). Universidade de Brasília. Brasília. 2017.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira.** - Rio de Janeiro:

CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, H. A. História dos afrodescendentes:. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 232, p. 99-113, 1 jan. 2022.

CUSTÓDIO, Elivaldo. S. Educação escolar quilombola no estado do Amapá: das intenções ao retrato da realidade. **Educação**, *[S. l.]*, v. 44, p. e15/ 1–21, 2019. DOI: 10.5902/1984644430826. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/30826. Acesso em: 22 set. 2023.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Educação escolar quilombola no Brasil: uma análise sobre os materiais didáticos produzidos pelos sistemas estaduais de ensino. **Educar em Revista**, v. 35, p. 193-211, 2019.

EUGENIO, Tiago. **Aula em jogo:** descomplicando a gamificação para educadores. São Paulo, SP: Évora, 2020.

FARDO, M. L. (2013). A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. **Revista Renote:** Novas Tecnologias da Educação, Caxias do Sul, v. 12, p.1-9, jul. 2013. ISSN 1679-1916 (versão on-line).

FERNANDES, Saulo. L.; GALINDO, Dolores. C. G.; VALENCIA, Liliana. P. **Identidade Quilombola**: Atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de Alagoas. Psicologia em Estudo, v.25, n. Psicol. Estud., 2020 25, p. e45031, 2020.

FERREIRA, Suiane. C.; SILVA, B. C. A.; COSTA, Nadja. C. J. **A experiência da gamificação como estratégia para uma educação afrocentrada**. p.14. v.2 2021.

FOSTER, Eugénia da Luz Silva. **Garimpando pistas para desmontar racismos e potencializar movimentos instituintes na escola**. -1. Ed. - Curitiba: Appris, 2015. 251p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Considerações sobre a pesquisa científica:** em busca de caminhos para a pesquisa científica. Intertemas, Presidente Prudente, v. 5, p. 61-81, nov. 2001.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da Escola**, *[S. l.]*, v. 2, n. 2/3, 2012a. DOI: 10.22420/rde.v2i2/3.127. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/127. Acesso em: 26 set. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, 2012b. Disponível em: https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.htm. Acesso em: 28 jul. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, p. 75-85, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** Uma breve discussão, 2017. Disponível em: https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/. Acesso em: 29 jul. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. – 3. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2022.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. De Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: proeve eener bepaling van het spel-element der cultuur**. Amsterdam University Press, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Quilombolas:** Primeiros resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IPHAN. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf

KAPP, Karl. **The Gamification of Learning and Instruction:** Game-based Methods and Strategies for Training and Education. Pfeiffer, 2012

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 30-73. (Coleção questões da nossa época; v. 2).

LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

MACHADO, Adilbênia Freire. ODUS: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. 2019.

MACHADO, A. F.; PETIT, S. H. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, *[S. l.]*, v. 10, n. 1, p. e020079, 2020. DOI: 10.24065/22 37-9460.2020v10n1ID882. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/ index.php/revistaexitus/article/view/882. Acesso em: 08 mar. 2023

MAFRA, José Ricardo e S.. **A pesquisa sobre mídias e tecnologias em educação na Amazônia:** um panorama de estudos atuais e perspectivas futuras. **Revista Exitus**, *[S. l.]*, v. 10, n. 1, p. e020052, 2020. DOI: 10.24065/2237-460.2020v10n1ID1223. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br /portaldeperiodicos/ index.php/revistaexitus/article/view/1223. Acesso em: 31 jul. 2021.

MARTINS, C.; GIRAFFA, L. M. M. Possibilidades de ressignificações nas práticas pedagógicas emergentes da gamificação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 5–26, 2018. DOI: 10.20396/etd.v20i1.8645976. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8645976. Acesso em: 17 out. 2023.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. [2. ed]. –[Reimpr.]. Rio de Janeiro: EPU., 2022.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro.São Paulo: Editora Ática, 1988.

MOURA, Glória. O direito à diferença. **MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. SECAD/MEC, Brasília**, p. 69-82, 2005.

MOURA, Maria da Glória. **Festas dos quilombos /** Glória Moura; Lamberto Scipioni, fotos. _ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986. 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. Coleção Cultura Negra e Identidades. 4. ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz do. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. - 2ª ed. - Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Palmares/ OR Editor Produtor, 2002. 362 p.

NASCIMENTO, Elisa, N. (org.). **A matriz africana no mundo**. Coleção Sankofa – Matrizes Africana da Cultura Brasileira. vol, 1.São Paulo-SP: Selo Negro, 2008.

NÓVOA, António. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NUNES, Georgina Helena Lima. Educação quilombola. In: **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília: SECAD, 2006. p. 139-161.

NUNES, Cícera. A cultura de base africana e sua relação com a educação escolar. **Rev Metaf Educ**, v. 1, n. 10, p. 39-50, 2011.

NUNES, Cícera. Dança, Africanidade e Educação. In: Oliveira, Alexsandra. **Educação e Africanidade**: propostas para a formação de professores sobre a Lei nº 10.639/03. Curitiba: CRV, 2016. 31-39

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos:** identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 268p. (introdução. p. 13-42)

OLIVEIRA, Edna; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte. **QUESTÕES SÓCIO-HISTÓRICAS ACERCA DO TERMO TUCUJU..** In: Anais do VIII Simelp - VIII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - Edição Especial Híbrida Angola-África. Anais...São Paulo(SP) Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/simelp2022/533063-QUESTOES-SOCIO-HISTORICAS-ACERCA-DO-TERMO-TUCUJU. Acesso em: 13 de jul. de 2023.

PETIT, Sandra, H. **Pretagogia:** Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/2003. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Quilombola Estadual José Bonifácio.** Curiaú-AP, 2017.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. **Cadernos de Nosso Tempo**, v. 2, n. 2, p. 189-220, 1954.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

SANTOS, Marlene. P.; CUNHA JÚNIOR, Henrique (org.). **Quilombo rural, Quilombo semiurbano e Quilombo urbano:** conceitos e definições para educação quilombola. Fazer educativo, vol. 15. Fortaleza-CE: INESP, 2018.

SILVA, Sebastião M. **Curiaú:** sua vida, sua história. Macapá: Valcan, 2000.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?**. Edufba, 2011.

SILVA, Sebastião M. **Curiaú:** suas mudanças e seus desafios. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. 158p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

SILVA, Delma Josefa da. **Cartilha Educação Quilombola**: um direito a ser efetivado, 2007. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/dht/cartilha_cclf_educ_quilombola_direito_a ser_efetivado.pdf >. Acesso em: 27 jul. 2023.

SOUTO, Stéfane Silva. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, v. 4, n. 4, 2020.

SOUTO, Stéfane Silva. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Políticas Culturais em Revista**, *[S. l.]*, v. 14, n. 2, p. 142–159, 2021. DOI: 10.9771/pcr.v14i2.44151. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/44151. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA, José Henrique Santos et al. Os instrumentos tecnológicos digitais e sua contribuição para o desenvolvimento da juventude da comunidade quilombola de Lagoinha. **Revista Semiárido De Visu**, v. 9, n. 1, p. 36-52, 2021.

TOLOMEI, Bianca Vargas. A gamificação como estratégia de engajamento e motivação na educação. **EAD em foco**, v. 7, n. 2, 2017.

VERASZTO, Estéfano Vizconde et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma. com**, n. 8, p. 19-46, 2009.

VIEIRA, Lílian C. F. (org.). Educação e espiritualidade: um diálogo com a cosmovisão africana. **Fazer educativo**, vol. 15. Fortaleza-CE: INESP, 2018.

VIEIRA, Enilton Ferreira. **Lei n. 12.711/2012**: trajetória histórica, limites da ação afirmativa e aplicabilidade na Universidade Federal do Amapá–UNIFAP (2013 a 2020). Orientadora: Piedade Lino Videira. 2022. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Pós-Graduação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022. 2020?

VIDEIRA, Piedade. Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente:** significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: UFC, 2009.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas:** a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **O Marabaixo do Amapá:** encontro de saberes, histórias e memórias afroamapaenses. Revista Palmares cultura-afro-brasileira. Brasília: ed. 08 - nov.2014.

VIDEIRA, Piedade Lino; DO ESPIRÍTO SANTO, Raylana. Projeto Curiaú Mostra tua Cara: Educação Quilombola no combate ao racismo na Escola Estadual José Bonifácio, localizada no Quilombo do Cria-ú em Macapá. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 3, 2017.

YIN, Robert. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016, 313 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Resolução n. 510/2016 CNS/CONEP)

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **"É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A GAMIFICAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO**, sob a responsabilidade da pesquisadora Neliane Alves de Freitas, a qual pretende colaborar com os professores de História, Artes, Literatura, Geografia e Ensino religioso da EEQJB na aproximação da realidade da comunidade ao currículo da escola, reconhecendo o território como parte do processo educacional do educando através do PCMT e utilizando a Gamificação para desenvolver práticas pedagógicas alinhadas a descolonização do currículo e à Cultura Digital.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de aplicação de questionário e oficinas pedagógicas. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de um estudo sobre as práticas educacionais da escola inserida na comunidade, ajudando na publicização da efetividade ou não das práticas da Educação Escolar Quilombola para o meio acadêmico-científico, tendo como referência a comunidade quilombola do Cria-ú.

Os riscos da sua participação nesta pesquisa são, possibilidade de constrangimento ao responder ao roteiro da entrevista, desconforto ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo ou durante as oficinas. Em atenção aos riscos da Pandemia de Covid-19 serão tomadas todas as medidas de segurança necessárias como o distanciamento de 1,5 (um metro e meio) entre os indivíduos e os demais protocolos sanitários conforme o Decreto Estadual n. 2498/2021, em virtude de as informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o (a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Os benefícios da pesquisa são, refletir positivamente sobre a importância do Quilombo do Cria-ú para a preservação dos saberes culturais do negro no Amapá, dar visibilidade à singularidade humana, sociocultural e racial dos sujeitos colaboradores da pesquisa, conhecer

sobre a história que constitui a sua base identitária e proteger os saberes que herdaram de seus antepassados para que continuem sendo repassados às gerações futuras.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do n. de telefone (96) 98136-1217 ou do e-mail: neliane.alves.95@gmail.com. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____(nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "**É UMA QUESTÃO DE PELE, É UMA QUESTÃO DE COR, CURIAÚ MOSTRA TUA CARA!": A GAMIFICAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO CURIAÚ MOSTRA TUA CARA DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO"** Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Macapá, _____ de _____ de 2022.

_____

Pesquisadora – Neliane Alves de Freitas
Universidade Federal do Amapá/ Unifap
Cel.: (96) 98136-1217
E-mail:neliane.alves.95@gmail.com

_____

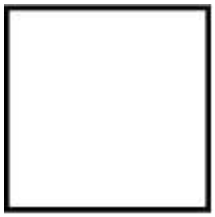
Orientadora - Profa. Dra. Piedade Lino Videira
Universidade Federal do Amapá/Unifap
Cel.: (96) 981321637
E-mail:piedadevideira@bol.com.br

_____

Assinatura do (a) sujeito (a) da pesquisa

Caso o sujeito esteja impossibilitado de assinar:

Eu _____, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na integra para o (a) sujeito _____, o (a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.



Polegar direito (caso não assine).

Testemunha n°1:_____.

Testemunha n°2 _____.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES COLABORADORES DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA

Nome:_____ Data de nasc. _____

E-mail:_____ Telefone: ( )_____

Cor/raça:_____ Cargo que ocupa:_____

Período de atuação na educação:_____ Atuação na escola:_____

Reside na Comunidade do Cria-ú? Se sim, há quanto tempo? _____

1. Você dispõe de computador na sua casa?
Sim ( ) Não ( )

2. Você dispõe de internet na sua casa? Especifique o tipo (Wi-fi / Dados Móveis)

Sim ( ) Não ( ) Tipo:_____

3. De 0 a 10 atribua uma nota para o seu domínio com ferramentas/ dispositivos tecnológicos e diga o motivo da nota.

_____
_____
_____

4. Quais as ferramentas tecnológicas que você dispõe para preparar sua aula e/ou material didático?

_____
_____

5. Você apresenta aos seus alunos (as) aplicativos/softwares que possam ser úteis para fixar conteúdo da componente curricular?

_____
_____

6. Você faz uso das Metodologias Ativas (Gamificação, Sala de Aula Invertida, Ensino Maker, entre outros) na sua prática pedagógica? Quais?

_____
_____

7.Você fez mudanças ou adaptações em suas metodologias e conteúdo para inserir a história local e as vivências dos estudantes quilombolas?

Sim ( ) Não ( )

Responda quais e justifique sua resposta:

_____
_____

_____

8. Na escola está sendo aplicada a Lei n. 10.639/03 referente a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira? Se sim, de que forma?

_____
_____
_____

9. Em sua opinião, como o ensino da componente curricular que você ministra tem contribuído para efetivar a obrigatoriedade destas leis (10.639/03 e a Resolução n.8/2012)?

_____
_____
_____

10. Qual a importância do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara para a sua prática pedagógica?

_____
_____
_____

11. Quais são as capacitações que a escola oferta para os professores acerca da Educação para as Relações Étnico-Raciais, com ênfase na Educação Escolar Quilombola?

_____
_____
_____

12. Indique os dias da semana e horários que você tem horário de aula vago na escola:

_____
_____
_____

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA DA EQEJB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA DA ESCOLA QUILOMBOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO (EQEJB)

Dados de Identificação

1. Nome completo:_____
2. E-mail:_____
3. Data de nascimento:____/____/_____4. Qual a sua cor/raça? _____
4. FormaçãoProfissional:_____
5. Há quanto tempo você atua na Educação? _____
7. Há quanto tempo você atua na escola como diretora? _____
8. Você reside no Quilombo do Cria-ú? Se SIM, há quanto tempo? _____

Questões da Pesquisa

1. De que forma está sendo realizada as aulas e quais os obstáculos encontrados nesse processo?

2. A escola fornece suporte tecnológico para os educandos realizarem as aulas?

3. Quais as principais dificuldades relatadas pelos professores sobre esse novo formato de aula?

4. O que a escola tem feito para alinhar-se à competência 5 da Nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC que dispõe da Cultura Digital?

5. Quais são as dificuldades enfrentadas pela escola para implementar a Lei 10.639 de 2003?

6. O que tem sido feito para superar as dificuldades de implementação da Lei 10.639 de 2003?

7. Os moradores mais antigos da comunidade, como o “Seu Sabá” participam da vida escolar de alguma forma?

8. Durante a sua atuação na Escola, foi realizado algum projeto sobre a proteção dos saberes tradicionais utilizando tecnologias educacionais?

9. Na sua opinião, qual a maior dificuldade para implementar as tecnologias educacionais de fato na Escola José Bonifácio?

10. Quanto aos pesquisadores que já realizaram suas pesquisas na Escola, houve um retorno educacional das mesmas para a comunidade escolar?

11. Qual é a relação existente entre escola e comunidade?

APÊNDICE D – APRESENTAÇÃO DO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO - CARTILHA

Curiaú, Mostra a Tua Cara

Autoria e Realização
Neliane Alves de Freitas

Orientação
Profa. Dra. Piedade Lino Videira

Ilustração
Ana Laís Alves de Freitas

Edição
1ª Edição

Macapá -AP
Jan/2024

APRESENTAÇÃO

O Quilombo do Cria-ú guarda a memória dos ancestrais negros amapaenses, sendo o Marabaixo, o Batuque e as Festas Santorais elementos culturais constituintes da identidade criauense.

De acordo com os estudos de Piedade Videira (2013), o termo Cria-ú foi escolhido para batizar o território quilombola, assim feito pelos primeiros moradores da comunidade para referir-se a um lugar bom para criar bois.

Portanto, objetivo desta cartilha é apresentar as singularidades da identidade criauense na perspectiva das ações do Projeto *Curiaú Mostra Tua Cara* e somar na salvaguarda da memória histórica, do legado sociocultural e das riquezas patrimoniais da comunidade.

Para que os estudantes vejam a importância do projeto para a celebração da cultura negra, da memória individual e coletiva e para que os profissionais da educação da EQE José Bonifácio continuem na trilha da descolonização do currículo.

01

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

O Projeto Curiaú Mostra Tua Cara tem um valor social, político e cultural grandioso para a EQE José Bonifácio constituindo-se como uma prática pedagógica para promover o currículo afrorreferenciado ao proporcionar um elo entre os saberes ancestrais e a identidade do quilombo do Cria-ú.

Além de estabelecer um canal de diálogo com os saberes da comunidade ao chamar os moradores mais velhos para participar das ações do projeto através das oficinas e entrevistas produzidas pelos professores, na culminância, estas pessoas são homenageadas, mostrando o respeito aos seus saberes que são repassados através da tradição oral.

02

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

A EQE José Bonifácio realiza, desde o ano 2000, projetos voltados para a valorização do Quilombo e tudo começou na Educação Infantil e depois alcançou o Ensino Fundamental; no entanto, as atividades eram realizadas de maneira pontual, alusivas ao mês de novembro no qual se comemora o Dia da Consciência Negra.

Somente no ano de 2003, estas atividades ganharam uma nova roupagem e recebeu o nome de Projeto Questão de Pele.

03

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Origem

O marco para a criação do Projeto ocorreu no mês de março do ano 2003, no Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, quando as professoras Elienan Lobo e Josicléia Gomes, ministravam o conteúdo de aula com as crianças do 3º período da Educação Infantil, a faixa etária dos estudantes era de seis anos de idade.

Havia 3 personagens ilustrados: o negro, o branco e o indígena e todas as crianças pintaram o personagem branco, indicando que não se identificavam como negras.

04

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Alguns Relatos

Profa. Elienan Lobo: *Foi durante uma atividade normal de pintura. A turma era cheia, eu tinha uns trinta alunos e já tinha pedido para dividir a turma. As crianças eram todas negras e moravam no quilombo. Quando recolhemos a atividade mostramos para a professora Irene pra ela vê porque não era normal, depois ela foi lá na sala conversar com eles e daí ela surgiu com a ideia de fazer a diferença através do projeto para que eles se valorizassem. Eu percebia que as crianças tinham uma baixa autoestima. (Entrevista, 21/12/2022).*

05

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Alguns Relatos

Profa. Irene Bonfim: Quando chegou no mês de novembro, ia ter o Festival na UNA aí eu disse vamos fazer o seguinte: vamos atrás de pessoas que independente da classe são negras e a gente aproveita e faz um trabalho na UNA pra levar eles.

Aí as pessoas da comunidade que nem eles conheciam foram convidadas, D. Rossilda que era parteira, Seu Coruja, Seu Sebastião. Aí aqui é que praticamente ele surge, mas ainda não surge com o nome de Curiaú Mostra tua Cara, aí eu fui atrás de umas pessoas que eram muito bem quistas na comunidade e faziam trabalhos, aí foi convidada a Professora Ozelina, a Lourdes, a Tavares, a Piedade, o mestre Pavão, Prof. Manoel Azevedo (Maneca), a deputada Cristina Almeida, eu contactei com essas pessoas para que eles fossem padrinhos dessas crianças e eles iam fazem um desfile com elas.(Entrevista, 29/11/2022).

06

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

O desfile foi o marco inicial para o desenvolvimento de atividades de valorização da identidade negra quilombola, além de reafirmar que o lugar de negro é onde ele quiser estar. A programação deste dia foi prenhe de ações para valorizar a identidade negra quilombola, houve também um desfile de princesas negras, uma adaptação dos livros de contos de fada e filme infantis, a exemplo da "Preta de Neve" ao invés da "Branca de Neve". A comunidade criauense foi prestigiar seus laços de parentesco no dia do evento, o qual ocorreu no fim de tarde nas dependências da UNA.

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

O Projeto Curiaú Mostra Tua Cara foi se fortalecendo e ganhando notoriedade na sociedade justamente por contribuir para a (re) afirmação do negro em todos os âmbitos.

Nos anos seguintes, continuou-se trabalhando na escola a temática racial no bojo mais aproximado à cultura negra e ao reconhecimento de suas identidades, utilizando a cultura do Quilombo para a escolha dos temas que seriam trabalhados.

08

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

A partir dos dados obtidos em ofícios, registros fotográficos e cadernos de planejamento, elaboramos uma linha do tempo do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara com os temas geradores trabalhados anualmente.

Ressaltamos que as informações doravante 2009 foram fornecidas pela atual equipe de coordenação dos projetos da EQE José Bonifácio.

09

Projeto Curiaú Mostra Tua Cara

A partir dos dados obtidos em ofícios, registros fotográficos e cadernos de planejamento, elaboramos uma linha do tempo do Projeto Curiaú Mostra Tua Cara com os temas geradores trabalhados anualmente.

Ressaltamos que as informações doravante 2009 foram fornecidas pela atual equipe de coordenação dos projetos da EQE José Bonifácio.

10

Linha do Tempo (2000 – 2023)

- 2000 - Projeto Folclore – FEST FOLK
- 2001 -Projeto Folclore – FEST FOLK
- 2002- Projeto Folclore – FEST FOLK
- 2003 - Projeto Questão de Pele
- 2004 - Projeto Conhecendo o Curiaú
- 2005 - Projeto de cultura FEST FOLK
- 2006 - Projeto de cultura FEST FOLK
- 2007 -Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Conhecendo o Curiaú e sua História
- 2008 - Projeto Curiaú Mostra Tua Cara: Reconhecimento e Valorização de sua identidade cultural como afrodescendente

11

Linha do Tempo (2000 – 2023)

- **2009 – PCMTC: É mais que questão de pele, é cultura!**
- **2010 – Projeto Curiaú Mostra Tua Cara - tema gerador não localizado**
- **2011- Projeto Curiaú Mostra Tua Cara - tema gerador não localizado**
- **2012 – PCMTC: Famílias tradicionais do Cria-ú**
- **2013 – PCMTC: Orixás, Santos e Encantados: a riqueza do sincretismo religioso africano**
- **2014 – PCMTC: Reconhecimento da comunidade do Cria-ú**
- **2015 – PCMTC: A diversidade da APA do Cria-ú**
- **2016 - PCMTC: Diversidade cultural através do esporte**
- **2017- PCMTC: Países lusófonos do continente africano**

12

Linha do Tempo (2000 – 2023)

- 2018 – PCMTC: Da África ao Brasil, o Cria-ú da miscigenação: saberes, lutas e ancestralidade
- 2019 – PCMTC: "Bença mãe, bença pai": resgatando a história e memória dos nossos ancestrais quilombolas
- 2020 – PCMTC: Marcas de um passado: #TBT
- 2021 – PCMTC: Dentro de uma riqueza cultural, o hoje pede valorização do essencial, minha vida minha história na Comunidade Quilombola diante a Pandemia
- 2022 – PCMTC: Identidade, representatividade negra literária e artística nas mídias sociais, lutas e conquistas: "meu lugar é onde quiser estar"
- 2023 – PCMTC: Celebrando a diversidade: 20 anos da Lei 10.639/03 e 14 anos da Lei 11.645/08, avanços, desafios e perspectivas

13

GUARDIÕES DA MEMÓRIA CRIAUENSE

As ações do PCMTC contribuem para a valorização da memória coletiva e individual, para a descolonização do currículo e no conhecimento, respeito, valorização e promoção das raízes e heranças culturais locais da história do Cria-ú no aspecto cultural.

Os moradores da comunidade são oportunizados de acessar suas memórias infantis, juvenis, na condição de adultos e ansiãos fazendo esse exercício através da oralidade, envolvendo o passado e o presente no mesmo intervalo de tempo.

14

Dona Esmeraldina

Esmeraldina dos Santos, é filha de Maximiano dos Santos (tio Bolão) e Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha).

É escritora, contadora de histórias, dançadeira de Marabaixo e mestranda (PPGED/Unifap), escreve para o público infanto-juvenil, entre suas obras destacam-se: “Tamanduá (2023)”, “O sonho de uma menina (2021)”, “O encanto do boto (2021)” e “Relato de viagem (2014).”

Busca ensinar para as crianças sobre a cultura criauense, pois adiante serão responsáveis por puxar as rodas de Marabaixo e do Batuque.

15

O Marabaixo e o Batuque

Tia Chiquinha ultrapassou os limites do Quilombo do Cria-ú e levou para os “quatro cantos” do Brasil e para Caiena, na Guiana Francesa, a cultura afroamapaense através do grupo de dança Raízes do Bolão, tornando-se uma importante referência da cultura do Amapá na arte da dança e da música.

Por isso, ela é lembrada por todos pelo seu amor às suas raízes quilombolas e a luta pela preservação cultural africana, fundou o Centro Cultural Raízes do Bolão onde fica a Igreja de Santo Expedito e a Maloca da Tia Chiquinha.

16

Seu Carolina ou Garoto

Joaquim Araújo da Paixão, é padrinho da bandeira do padroeiro do Quilombo do Cria-ú, São Joaquim. Legado deixado pelo seu pai Francisco Marinho da Paixão, mais conhecido por "Chico Marinho".

Já esteve à frente da Associação dos Moradores da comunidade e é atuante em reinvindicações por melhores condições de vida para os criauenses.

17

Festividade do Glorioso São Joaquim

A Festividade mais falada entre os criauenses acontece no mês de agosto, é a do padroeiro do Quilombo do Cria-ú: São Joaquim. Consiste na celebração secular que acontece no Cria-ú de Fora na Igreja de São Joaquim, fundada no ano de 1956.

A festa ocorre no período de 09 a 18 de agosto, fazem parte desse momento celebrativo: ladainhas cantadas em latim, pagadores de promessas, missas, folias e muita dança embalada pelo som dos tambores e pandeiros que fazem acontecer o Batuque.

18

Seu Sabá

Sebastião Menezes da Silva, é criauense, agricultor e escritor.

É empenhado na salvaguarda da história e da memória da comunidade através do Jornal do Quilombo e de seus livros “Curiaú: suas mudanças e seus desafios (2022)”, “Curiaú: a marca de uma geração (2015)” e “Curiaú: a Resistência de um Povo (2004).”

A singularidade de sua escrita busca manter as expressões e termos específicos da comunidade para que os moradores mais antigos possam compreender os textos.

19

Portanto, o território quilombola é percebido a partir das práticas culturais com espaços vivos no qual se definem meios identitários a partir da cultura negra, da memória coletiva e individual, da pluralidade e singularidade das paragens, constitui-se como o lugar que abriga, protege e guarda as raízes profundas que estabelecem os elos e vínculos intergeracionais comunitários os quais são imprescindíveis para que haja a manutenção dos saberes ancestrais.

20

Mensagem Final

Chego até aqui muito grata a tudo e a todos que embarcam comigo neste percurso, desejo que a minha pesquisa possa motivar os criauenses a cada vez mais ultrapassar os limites do Quilombo para galgar o caminho do conhecimento, apesar de todos os entraves que ainda persistem no sistema educacional quanto ao acesso à uma educação de qualidade.

Me despeço por hora, utilizando-me das palavras do querido “seu Carolina”,quanto disse que “um povo sem cultura, não é nada.”

21

Quem somos nós?

Neliane Alves de Freitas

Ribeirinha criada na Amazônia Paraense.

Mestra em Educação (PPGED/UNIFAP);
Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (Ifap) e Licenciada em Informática (Ifap).

Piedade Lino Videira

Mulher Negra, dançadeira de Batuque e Marabaixo.

Doutora e Pós - Doutora em Educação Brasileira (FACED/UFC) e graduada em Educação Artística (UNIFAP). Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Educação para as Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola e Escolar (GEPEI).

Ana Laís Alves de Freitas

Cursa o 7 º ano (Anos Finais do Ensino Fundamental).

Dedica-se a arte de desenhar e do estudo de Língua Inglesa.

22

Para mim a cultura local deveria funcionar como "primeiro passo", espécie de "ponto de partida" para o reencontro dos educandos com sua ancestralidade negra e os processos históricos de seus antepassados ao compreenderem a cultura como teia de significados que o ser humano constrói a partir de referenciais históricos e sociológicos.

-Piedade Videira-

ANEXOS - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A UTILIZAÇÃO DO SOFTWARE HAGÁQUÊ COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO PARA AIMPLEMENTAÇÃO DA LEI N. 10.639/03 E DA RESOLUÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA N. 08/2012 NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ BONIFÁCIO

Pesquisador: Piedade Lino Videira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51219321.8.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇOES_BASICAS_DO_PROJETO_1791035.pdf	23/10/2021 16:32:40		Aceito
Outros	Termo_de_anuencia.pdf	23/10/2021 16:31:45	NELIANE ALVES DE FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	tcle.pdf	23/10/2021 16:31:22	NELIANE ALVES DE FREITAS	Aceito
Ausência	tcle.pdf	23/10/2021 16:31:22	NELIANE ALVES DE FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	23/10/2021 16:26:47	NELIANE ALVES DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	23/08/2021 12:18:48	NELIANE ALVES DE FREITAS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

MACAPÁ, 23 de Novembro de 2021

Assinado por:

Francisco Fábio Oliveira de Sousa(Coordenador(a)